

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO DO MUNDO

JAMES PATTERSON

RO

5!

LEIRO

decidir

prime

em hospital.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



5^o CAVALEIRO



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

JAMES PATTERSON

E MAXINE PAETRO

5^o CAVALEIRO



Título original: The 5th Horseman
Copyright © 2006 por James Patterson
Copyright da tradução © 2011 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company, New York, New York, USA.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução
Marcelo Mendes

preparo de originais
Felipe Harrison

revisão
Luis Américo Costa e Taís Monteiro

diagramação
Abreu's System

capa
Rodrigo Rodrigues

imagem de capa
Edward Rosenberger / Getty Images

geração de epub
Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P597q

Patterson, James,
1947-

5^o cavaleiro
[recurso
eletrônico] /

James
Petterson e
Maxine Paetro
[tradução de
Marcelo
Mendes]; São
Paulo:

Arqueiro, 2012.

recurso digital

Tradução de:

The 5th horseman

Formato:

ePub

Requisitos

do sistema:

Multiplataforma

Modo de

acesso: World

Wide Web

ISBN 978-
85-8041-050-1
(recurso
eletrônico)

1. História
de suspense. 2.
Ficção
americana. 3.
Livros
eletrônicos. I.
Paetro, Maxine.
II. Moraes,
Fabiano. III.
Título. IV.
Título: Quinto
cavalheiro.

12-0825

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PRÓLOGO

NA CALADA DA NOITE

capítulo 1

ACHUVA CASTIGAVA AS JANELAS QUANDO começou a ronda da madrugada no Hospital Municipal de São Francisco. Na UTI, Jessica Falk dormia profundamente no seu leito, como se boiasse num tranquilo lago de analgésicos.

Ela estava tendo um dos sonhos mais lindos da sua vida.

Jessica e seu precioso tesouro, a pequena Claudia, de três anos, nadavam nos fundos da casa da avó da menina. Usando apenas uma boia rosa-shocking em cada braço, Claudia brincava na piscina, seu cabelo molhado brilhando ao sol.

– Seu mestre mandou: beijo de borboleta, Claudia!

– Assim, mamãe?

Mãe e filha riam sem parar, dando cambalhotas na água e gritando de felicidade, quando, sem nenhum aviso, Jessica sentiu uma dor insuportável no peito.

Ela acordou com um grito e se sentou rapidamente, levando as duas mãos ao coração.

O que está acontecendo? Que dor é essa?

Então se deu conta de que estava internada – e que mais uma vez passava mal. Lembrou-se de como tinha chegado até ali, da sirene da ambulância, do médico dizendo que tudo estava sob controle, que ela não precisava se preocupar.

Relaxando o corpo sobre o colchão, quase desmaiando, procurou pela campainha para chamar a enfermeira. Em encontrá-la, deixou que ela escorregasse de seus dedos, batendo contra a lateral da cama com um barulho metálico.

Meu Deus, não consigo respirar. O que está acontecendo? Estou sufocando. Que horrível! Estou passando mal.

Jogando a cabeça de um lado para outro, Jessica corria os olhos pelo quarto quando percebeu um vulto na sombra.

Um rosto conhecido.

– Graças a Deus! – Seu tom de voz era ofegante. – Por favor, me ajude! É meu coração!

Jessica esticou os braços, fechando os dedos sobre o nada, mas o vulto não se moveu.

– Por favor! – implorou ela.

O vulto não se mexia, não tomava nenhuma providência para ajudá-la. Que diabos está acontecendo? Aqui é um hospital. A pessoa escondida nas sombras trabalha aqui.

Minúsculos pontos pretos foram surgindo diante dos olhos de Jessica enquanto uma dor lancinante roubava o ar dos seus pulmões. Em poucos segundos, tudo o que ela conseguia enxergar era uma nesga de luz.

– Por favor, me ajude. Acho que estou...

– Sim – disse o vulto na sombra –, você está morrendo, Jessica. É bonito ver sua passagem.

capítulo 2

AS MÃOS DE JESSICA SE debateram sobre o lençol, em desespero. Em seguida ficaram quietas. Ela havia acabado de morrer.

O Notívago deu três passos à frente e curvou o tronco sobre o leito. A pele da morta em pouco tempo ganharia uma coloração azulada, pegajosa ao toque, e suas pupilas estavam imóveis. Pulso zero. Nenhum sinal vital. Onde ela estaria agora? No céu? No inferno? Ou em lugar nenhum?

O vulto endireitou a campainha, esticou o lençol sobre a cama e realinhou o cabelo louro do cadáver, não se esquecendo da barra da camisola. Depois tirou um lenço do bolso e secou a saliva que escorria da boca da mulher.

Dedos ágeis ergueram o porta-retratos ao lado do telefone na mesinha de cabeceira. Aquela mãe que segurava a filhinha no colo era uma bela mulher... Claudia. Era esse o nome da menina, certo?

O Notívago colocou o porta-retratos de volta na mesa, fechou os olhos da morta e pôs sobre cada pálpebra um pequeno disco dourado, menor que uma moeda de 10 centavos. Os dois traziam gravados na superfície um caduceu, símbolo da medicina em que duas serpentes se entrelaçam num bastão com duas asas.

Um adeus foi sussurrado em meio ao ruído dos carros que, na rua, cinco andares abaixo, cruzavam o asfalto molhado.

– Boa noite, princesa.

PARTE 1

PREMEDITAÇÃO

capítulo 3

EU EXAMINAVA UMA PILHA DE pastas com 18 casos de homicídio ainda não resolvidos quando atendi a ligação de Yuki Castellano, minha amiga advogada.

– Mamãe quer nos levar para almoçar no Café Armani – disse a mais nova integrante do Clube das Mulheres contra o Crime. – Você precisa conhecê-la, Lindsay. Ela é capaz de encantar uma serpente até o animal entregar a própria pele. Mas no bom sentido, claro.

Vejam... o que fazer? Café frio com salada de atum na minha mesa ou um delicioso almoço mediterrâneo, com direito a salada fresca e lasquinhas de parmesão, uma taça de vinho e a companhia de Yuki e sua mãe encantadora de serpentes?

Arrumei as pastas, disse à nossa assistente, Brenda, que voltaria em poucas horas e saí sabendo que não precisaria retornar antes das três, horário de uma reunião com toda a equipe.

Aquele dia ensolarado de setembro encerrava uma longa temporada de chuva e com certeza seria um dos últimos dias de glória antes que o outono, frio e úmido, tomasse conta de São Francisco.

Era maravilhoso estar ao ar livre.

Eu me encontrei com Yuki e a mãe dela, Keiko, na sofisticada região comercial da Union Square e dali a pouco estávamos conversando sem parar, seguindo pela Maiden Lane rumo à Grant Avenue.

– Vocês, moças, modernas demais – disse Keiko, graciosa como um passarinho, miúda, bem-vestida e bem-penteada, com duas sacolas de butikues penduradas em cada braço. – Homem não gosta mulher independente – ela falou, tropeçando no idioma.

– Mamããã – resmungou Yuki. – Dá um tempo, vai! Estamos no século XXI. E este país se chama Estados Unidos!

– Veja você, Lindsay – prosseguiu Keiko, dando as costas para a filha e apertando meu braço. – Uma mulher com pistola!

Yuki e eu caímos na gargalhada, rindo tão alto que mal ouvimos a senhora de olhos puxados se explicar:

– Que homem querer mulher com arma na bolsa?

Diante do sinal fechado para pedestres, aproveitei para secar os olhos, àquela altura encharcados de tanto que eu ria.

– Mas eu tenho namorado – comentei.

– Se tem! – exclamou Yuki, entregando o jogo: – Joe é um italianão boa-pinta, igual ao papai. E tem um cargo importante no governo. Segurança Interna.

– Ele faz namorada Lindsay rir? – perguntou Keiko, ignorando completamente as credenciais de Joe.

– Ahã. Tem vezes que a gente se acaba de rir.

– Trata namorada bem?

– Muuuuito bem – respondi, rindo.

Keiko assentiu, dizendo:

– Conheço esse sorriso. Lindsay encontrou um homem desrespeitoso.

Mais uma vez Yuki e eu caímos na gargalhada e, a julgar pelo brilho nos olhos dela, Keiko estava adorando o papel de mãe interrogadora.

– Quando você ganha aliança desse Joe?

Eu fiquei vermelha. Keiko havia enfiado o dedo na ferida. Um dedo com a unha perfeitamente pintada, aliás. Joe morava em Washington, do outro lado do país. Na realidade, eu não fazia ideia de para onde estava indo nosso relacionamento.

– Ainda não estamos no estágio da aliança – respondi.

– Você ama esse Joe?

– Muito – admiti.

– E Joe ama Lindsay?

A mãe de Yuki ainda me avaliava com um olhar maroto quando de repente as feições de seu rosto se enrijeceram como pedra. Os olhos cheios de vida se reviraram e os joelhos cederam.

Ainda tentei socorrê-la, mas não houve tempo.

Keiko despencou na calçada com um gemido que fez meu coração gelar. Eu não acreditava no que estava acontecendo. Será que ela estava sofrendo um AVC?

Yuki deu um grito e depois se abaixou ao lado da mãe, segurando o rosto dela e berrando:

– Mamãe! Mamãe, acorda!

– Yuki, deixe comigo! Keiko. Keiko, está me ouvindo?

Meu coração pulava dentro do peito quando levei os dedos à carótida de Keiko e contei seus batimentos cardíacos com a ajuda do relógio.

Ela estava respirando, mas a pulsação era tão fraca que eu mal conseguia senti-la.

Peguei meu celular e liguei para a Central.

– Tenente Boxer, matrícula 2.721 – fui logo dizendo. – Preciso de uma ambulância na esquina da Maiden com a Grant. Rápido!

OHOSPITAL MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO é enorme, praticamente uma cidade. Construído pela prefeitura, foi privatizado há alguns anos, mas ainda recebe uma grande quantidade de moradores de rua e pacientes transferidos de outros hospitais, atendendo mais de 100 mil pessoas por ano.

Keiko Castellano estava num dos leitos isolados por cortinas que ocupavam a grande e movimentada emergência. Na sala de espera, eu sofria ao lado da minha amiga, temendo que o pior acontecesse.

Não havia como não me lembrar da última vez em que eu estivera num hospital: as mãos fantasmagóricas dos médicos examinando meu corpo, os batimentos indecisos do meu coração, o medo de não conseguir sobreviver.

Naquela noite fatídica, embora meu turno já tivesse terminado, eu havia saído para uma ronda sem imaginar que ela pudesse acabar em tragédia. Eu e o inspetor Warren Jacobi, amigo e ex-parceiro, fomos baleados numa rua deserta. Jacobi ficou inconsciente, caído no chão, e eu ainda encontrei forças para atirar de volta.

E minha mira foi boa, talvez até demais.

Pode ser um triste sinal dos tempos o fato de a opinião pública sempre tomar o partido dos civis baleados por policiais, e nunca dos policiais baleados por civis. Acabei processada pela família das supostas “vítimas” e por muito pouco não perdi tudo o que tinha.

Eu mal conhecia Yuki Castellano naquela época.

Mas ela foi a advogada brilhante, determinada e talentosa que veio em meu socorro num momento tão difícil. Acabou conquistando minha eterna gratidão.

Com o rosto transtornado e atropelando as palavras com a voz embargada, ela agora dizia:

– Não faz sentido, Lindsay. Você viu. Mamãe estava ótima. Só tem 55 anos, caramba! É forte como um touro! Que diabos está acontecendo? Por que eles não dizem nada? Por que não deixam que eu entre, só para ver como ela está?

Eu não tinha respostas, mas, assim como Yuki, já estava perdendo a paciência. Onde havia se metido a porcaria do médico? Aquilo era um absurdo. Algo simplesmente inaceitável. Por que ele demorava tanto?

Eu cogitava me levantar para tomar alguma providência quando um médico entrou na sala de espera. Correu os olhos pelo lugar e então chamou o nome de Yuki.

NO BOLSO DO JALECO, O crachá informava: “Dr. Dennis Garza – Diretor da Emergência”.

Não pude deixar de notar que ele era um homem bonito: 40 e poucos anos, mais de um metro e oitenta, ombros largos, em boa forma. A ascendência hispânica ficava evidente nos olhos escuros e no cabelo preto que lhe cobria a testa.

No entanto, o que mais me impressionava eram a tensão do corpo dele, a postura rígida e a impaciência com que o médico mexia na corrente do Rolex, como se dissesse: Sou um homem importante e ocupado. Vou ser breve. Não sei bem o motivo, mas não gostei dele.

– Sou o Dr. Garza – apresentou-se a Yuki. – Sua mãe provavelmente sofreu um insulto neurológico. É o que chamamos de AIT, ataque isquêmico transitório, ou um pequeno AVC. Em termos simples, trata-se de uma diminuição na irrigação e na oxigenação do cérebro. É possível que ela também tenha tido um pouco de angina, a dor causada pela obstrução das artérias coronárias.

– Isso é sério? Ela ainda está sentindo dor? Quando vou poder falar com ela?

Yuki encheu o médico de perguntas até ele erguer o indicador para pedir a palavra.

– Ela está um pouco confusa. A maioria das pessoas se recupera em 30 minutos, mas outras, e talvez seja o caso da sua mãe, precisam de 24 horas. Ela está sob observação. Visitas são terminantemente proibidas. Vamos ver como ela passa a noite, está bem?

– Mas ela vai ficar boa, não vai? Não vai? – insistiu Yuki.

– Srta. Castellano – respondeu o médico –, tente se acalmar. Assim que tiver mais notícias, eu a procuro.

A porta da emergência se fechou atrás do médico antipático e Yuki deixou o corpo cair sobre a cadeira, dobrou o tronco e escondeu o rosto entre as mãos, chorando. Eu jamais tinha visto minha amiga chorar e era angustiante não poder fazer nada para aliviar sua dor.

Já havia feito tudo ao meu alcance.

Então passei o braço pelos ombros dela e disse:

– Está tudo bem, querida. Sua mãe está sendo bem cuidada. Logo, logo ela vai ficar boa.

Apesar da minha tentativa de consolá-la, Yuki não conseguia segurar o choro. Parecia frágil e assustada, quase uma garotinha.

capítulo 6

ASALA DE ESPERA NÃO TINHA janelas. Os ponteiros do relógio acima da máquina de café seguiam seu curso, deixando a tarde para trás, ganhando a noite, atravessando a madrugada. O Dr. Garza ainda não havia aparecido, tampouco mandara notícias.

Durante aquelas intermináveis 18 horas, Yuki e eu nos revezamos pegando café, indo ao banheiro, caminhando pela sala, lendo revistas, com apenas um sanduíche no estômago, comprado numa máquina no corredor. No restante do tempo ficamos sentadas e em silêncio, ouvindo a respiração uma da outra sob a luz fria das lâmpadas fluorescentes.

Por volta das três da madrugada, Yuki dormiu com a cabeça no meu ombro, mas acordou 20 minutos depois, assustada.

– Alguma novidade? – perguntou.

– Não, amiga. Tente dormir mais um pouco.

Mas ela não me deu ouvidos.

Sentadas lado a lado naquele lugar gelado e inóspito, observávamos os rostos que aos poucos iam mudando à nossa volta: o casal de mãos dadas com um olhar vazio, o pai e a mãe com os filhos dormindo no colo, um senhor solitário.

Quando a porta da emergência se abria, todos os rostos se voltavam na direção dela.

Às vezes um médico entrava.

Às vezes ouvíamos gemidos e choros.

Faltava pouco para as seis da manhã quando uma jovem residente de olhos cansados e jaleco sujo de sangue saiu da emergência e chamou o nome de Yuki.

– Como ela está? – perguntou minha amiga, levantando-se de um pulo.

– Mais lúcida agora, portanto está melhor – respondeu a moça. – Ela vai ficar internada por uns dias e fazer alguns exames, mas você poderá vê-la assim que a transferirmos para o quarto.

Yuki agradeceu à residente e mostrou um sorriso bastante razoável diante das circunstâncias.

– Graças a Deus, Lindsay, mamãe vai ficar boa! – desabafou, mais animada. – Nem sei como lhe agradecer por ter ficado comigo a noite toda. – Segurou minha mão e, com os olhos marejados, emendou: – Nem sei o que teria feito sem sua ajuda. Você foi minha salvação.

Apertei-a num abraço, dizendo:

– Yuki, nós somos amigas. Você sabe que pode contar comigo para qualquer coisa, não sabe? Qualquer coisa! Ligue mais tarde para dar notícias, está bem?

– O pior já passou – disse ela. – Você não precisa se preocupar mais com a gente, Lindsay. Muito obrigada. Obrigada mesmo!

Olhei para trás depois de sair para a rua pelas portas automáticas do hospital.

Yuki estava lá dentro, sorrindo para mim e acenando um adeus.

capítulo 7

HAVIA UM TÁXI LIVRE NA porta do hospital. Milagre. Desabei no banco de trás sentindo-me um traste, com o corpo totalmente moído. Passar a noite em claro é coisa para jovens, não para mulheres – digamos – um pouco mais maduras.

Por sorte o motorista não puxou conversa enquanto rumávamos para Potrero Hill com o dia amanhecendo do lado de fora.

Em poucos minutos eu abria a porta do meu simpático sobrado vitoriano de fachada azul, de três andares, que divido com outros dois inquilinos. Saltando os degraus aos pares, subi a escada até o segundo pavimento.

Martha, minha adorável border collie, me esperava na porta como se eu tivesse ficado fora por um ano. Eu sabia que ela havia comido e passeado com a “babá” (Karen deixara a conta na mesa da cozinha), porém Martha estava com saudades de mim, e eu, dela.

– A mãe de Yuki está no hospital – disse à minha fiel amiga, pouco me lixando para quem acha loucura conversar com animais. Abracei-a e ela me deu um de seus beijos molhados, me seguindo até o quarto.

Minha vontade era me jogar na cama e me entregar a um bom sono de oito horas, mas acabei optando por vestir uma roupa esportiva amarrotada da Universidade de Santa Clara e levei Sua Majestade a Cadela para um passeio na rua, apesar da neblina espessa que ainda cobria a baía.

Às oito em ponto eu estava no trabalho, olhando através das vidraças do meu cubículo para a área ocupada pelo Departamento de Homicídios, que àquela hora passava pela mudança de turno.

A pilha de pastas à minha frente havia crescido e o botão na secretária eletrônica piscava furiosamente. Eu me preparava para arregaçar as mangas quando uma sombra se projetou sobre a mesa e a garrafa térmica de café.

Um homem enorme com uma calvície em estágio avançado estava à minha porta. Aquele rosto feio era um velho conhecido meu.

O inspetor Warren Jacobi aparentava o desgaste de um policial que havia ultrapassado a barreira dos 50 anos. Os poucos cabelos que ainda restavam na cabeça do meu ex-parceiro estavam brancos e seus olhos, com as pálpebras caídas, ficaram ainda mais sérios depois das balas que o atingiram na Larkin Street.

– Você está com cara de quem dormiu no banco da praça, Boxer.

– Obrigada, meu amor.

– Espero que tenha se divertido.

– Muito. E aí, Jacobi, quais são as novidades?

– Há 20 minutos, um corpo foi encontrado num Cadillac no estacionamento do Opera Plaza – disse. – Uma mulher. Muito bonita, segundo disseram.

O ESTACIONAMENTO DO OPERA PLAZA É uma enorme caverna junto ao prédio que abriga cinemas, escritórios e lojas numa parte movimentada da cidade.

Jacobi parou nosso carro à frente das viaturas que bloqueavam a rampa de acesso à garagem na Golden Gate Avenue. Ninguém entrava nem saía. Os curiosos se aglomeravam na calçada.

– Fico impressionado com esse pessoal – comentou Jacobi. – Eles sentem o cheiro de presunto de longe. Sabem quando o chumbo é grosso.

Abrindo caminho através da pequena multidão, ouvi as reclamações dos clientes do estacionamento: “É você que está no comando?”, “Ei, preciso do meu carro. Tenho uma reunião daqui a cinco minutos!”

Passei por baixo da fita amarela da polícia e me posicionei na base da rampa, fazendo bom uso do meu metro e cinquenta e cinco de altura. Disse meu nome e fui tratando de pedir desculpas pelo incômodo.

– Por favor, tenham um pouco de paciência. Lamento informar, mas o estacionamento está interditado em razão de um crime ocorrido no recinto. Espero tanto quanto vocês que tudo se resolva o mais rapidamente possível.

Esquivei-me de algumas perguntas e virei o rosto quando alguém me chamou. Era o inspetor Rich Conklin, novo parceiro de Jacobi, que vinha descendo a rampa ao nosso encontro.

Eu gostei de Conklin assim que o conheci, alguns anos antes, quando ele era um dedicado policial de rua. Após várias detenções bem-sucedidas e algumas medalhas por bravura, ele foi promovido ao Departamento de Homicídios com apenas 29 anos.

Conklin chamou bastante atenção das mulheres quando trocou o uniforme pelo distintivo dourado de inspetor. Com um metro e oitenta e cinco de altura, músculos bem distribuídos, olhos escuros e cabelo castanho-claro, ele tinha o aspecto saudável de um jogador de beisebol ou de um fuzileiro naval.

Não que eu prestasse atenção nessas coisas.

– O que temos aí? – perguntei a ele.

Encarando-me de modo sério e respeitoso, Conklin respondeu:

– A vítima é uma mulher branca, tenente. Vinte e um, 22 anos. As marcas no pescoço sugerem estrangulamento.

– Alguma testemunha?

– Infelizmente, não. Aquele sujeito ali trabalhou a noite inteira – disse Conklin, apontando para o cabeludo de aspecto desleixado que era responsável pelo estacionamento –, mas não viu nada de anormal, como era de esperar. O nome dele é Angel Cortez. Falava com a namorada pelo telefone quando uma cliente desceu a rampa aos berros. O nome dela é... – ele consultou suas anotações – Angela Spinogatti. Deixou o carro ontem à noite

e quando veio buscar hoje de manhã viu o corpo no Cadillac.

– Você pesquisou a placa do carro? – perguntou Jacobi.

Conklin fez que sim com a cabeça, virando uma página no bloquinho de anotações.

– O veículo está em nome de Lawrence Guttman, dentista. Sem antecedentes criminais. Estamos tentando localizá-lo.

Agradei a Conklin, mas pedi a ele que achasse o tíquete de estacionamento do Cadillac e as gravações do circuito interno.

Em seguida subi a rampa com Jacobi.

Apesar da noite maldormida, eu começava a sentir uma leve descarga de adrenalina no sangue, imaginando a cena do crime, cogitando por que diabos uma mulher tão jovem havia sido estrangulada naquele lugar.

Era possível ouvir passos no alto da rampa. Muitos passos. Minha equipe estava em ação.

Uma dúzia de oficiais da Polícia de São Francisco andava de um lado para outro naquela espiral de concreto, vasculhando as latas de lixo, anotando as placas, procurando por qualquer coisa que nos ajudasse antes que o lugar fosse reaberto.

Assim que dobramos a curva que levava ao quarto andar, Jacobi e eu vimos o Cadillac, um modelo preto antigo mas bem conservado, sem nenhum arranhão. Estava parado de frente para outro estacionamento, o do Civic Center, na McAllister.

– De zero a 100 em menos de cinco segundos – piscou Jacobi, cantando razoavelmente bem a musiquinha da Cadillac.

– Dá um tempo, parceiro – respondi, rindo.

Charlie Clapper, chefe da equipe de perícia, levantou a cabeça com a habitual cara fechada e colocou a câmera fotográfica sobre o capô do Honda que estava ao lado do Cadillac. Ele usava um blazer de lã cinza que combinava com seus cabelos grisalhos.

– Lindsay e Jacobi, bom dia aos dois. Mais um presunto para vocês.

Calcei as luvas de borracha e me aproximei do carro. Vi que o porta-malas estava trancado. A vítima ocupava o banco do passageiro, com as mãos cruzadas no colo e os olhos claros arregalados numa expressão de ansiedade.

Como se esperasse pela chegada de alguém.

– Caramba! – disse Jacobi em tom de indignação. – Jovem, linda e bem-arrumada. É revoltante!

– NÃO ENCONTREI NENHUMA BOLSA – comentou Clapper. – Deixei as roupas intactas para o exame do legista. Só peças de grife. Devia ser rica. O que você acha?

Senti um misto de tristeza e revolta ao ver a expressão sonhadora no rosto da vítima.

A pele era muito clara, coberta por uma leve camada de base e com um pouquinho de blush nas faces. O cabelo tinha um corte da moda e mechas com luzes, e as unhas haviam sido feitas recentemente.

Tudo naquela mulher cheirava a privilégio e dinheiro. Era como se ela estivesse desfilar na passarela da vida quando algum psicopata lhe roubara tudo de uma vez.

Pressionei as costas da mão contra uma das faces dela. A pele estava quente, o que significava que a jovem ainda vivia na noite anterior.

– Não foram os Três Patetas que fizeram isso – observou Jacobi, e eu assenti com a cabeça.

Nos meus primeiros dias no Departamento de Homicídios aprendi que havia dois tipos de crime: um cujas provas eram desorganizadas, isto é, respingos de sangue, objetos quebrados, cartuchos de bala espalhados e corpos pelo chão.

E o outro era exatamente como aquele. Organizado. Planejado. Uma nítida evidência de premeditação.

As roupas da vítima estavam em perfeito estado, nada fora do lugar, nenhum botão faltando. E o cinto de segurança ainda se encontrava afivelado, prendendo-a pelo tronco na diagonal.

Será que o assassino tinha alguma ligação afetiva com ela?

Também era possível que aquilo tudo não passasse de um tipo de recado para quem encontrasse o corpo.

– A porta do passageiro foi aberta com uma lâmina de metal – informou Clapper. – Todas as superfícies foram limpas depois. Nenhuma impressão digital foi encontrada dentro ou fora do carro. E vejam aquilo ali.

Ele se referia a uma câmera no alto de um pilar de concreto. Ela estava virada para a rampa do estacionamento, na direção oposta ao Cadillac. Depois ele indicou uma segunda câmera, que apontava para a rampa que subia para o quinto andar.

– Infelizmente essas câmeras não viram nada – disse Clapper. – O carro está num ponto cego.

É por esse e outros motivos que gosto de Charlie. Ele sabe o que está fazendo, mostra o que está vendo, mas não tenta assumir o controle da cena do crime. Deixa que nós também façamos nosso trabalho.

Apontei minha lanterna para o interior do veículo, anotando mentalmente os detalhes relevantes.

A vítima parecia ter levado uma vida saudável, pesava cerca de 50 quilos e tinha

aproximadamente um metro e cinquenta e cinco de altura. Nenhuma aliança na mão direita ou na esquerda. Estava usando um colar de contas de cristal pendurado um pouco abaixo da marca de estrangulamento. A marca era superficial e irregular, como se tivesse sido feita com algo flexível.

Não encontrei nenhum corte ou hematoma que pudesse sugerir um gesto de defesa, tampouco outros sinais de violência além do estrangulamento. Eu não sabia como nem por que aquela garota havia sido morta, mas meus olhos e minha intuição me diziam que ela não tinha morrido naquele carro. Era possível que tivesse sido levada para ali e colocada naquela pose como um recado para alguém. Dificilmente o assassino se dera a tanto trabalho por minha causa. Pelo menos era isso que eu esperava.

– JÁ TIROU SUAS FOTOS? – perguntei a Clapper.

Não havia muito espaço para trabalhar e eu queria examinar a vítima mais de perto.

– O suficiente para minha coleção – respondeu ele. – Essa garota é muito fotogênica.

Ele guardou a câmera digital na caixa de equipamentos.

Entre no carro e olhei com cuidado as etiquetas das roupas da vítima: o casaco rosa-claro e o tubinho preto de festa.

– O casaco é Armani – falei para Jacobi. – E o vestido é um modelito Carolina Herrera. Estamos falando de umas seis mil pratas, meu amigo, sem contar os sapatos.

Desde *Sex and the City*, Manolo Blahnik era considerado o sapato, por isso logo reconheci os da vítima: uma clássica sandalhinha da marca.

– Essa menina cheira a dinheiro – disse Jacobi.

– Você tem bom nariz, companheiro.

O perfume que a vítima usava tinha um cheiro almiscarado que lembrava orquídeas ou uma flor parecida. No entanto, eu estava segura de que não o conhecia. Talvez se tratasse de uma marca exclusiva e cara.

Eu estava concentrada no perfume quando Conklin surgiu na rampa ao lado de um homem branco e baixote, com seus 40 e poucos anos. Os cabelos eram curtos e espetados, e os olhos, dois pontinhos pretos que não paravam quietos.

– Sou o Dr. Lawrence Guttman – rosnou para Jacobi. – E obrigado pela pergunta: esse carro é meu. O que vocês estão fazendo com ele?

Jacobi mostrou ao homem seu distintivo e disse:

– Por favor, me acompanhe até o meu carro, Dr. Guttman. Vamos para a delegacia. O inspetor Conklin e eu temos algumas perguntas a fazer, mas estou certo de que tudo será esclarecido rapidinho.

Foi então que Guttman viu a mulher no banco do passageiro de seu Cadillac. Imediatamente ele voltou os olhos para Jacobi.

– Meu Deus! Quem é essa mulher? Ela está morta! O q-q-que vocês estão pensando? Que eu matei alguém e deixei o corpo no meu carro? Vocês não podem... Estão malucos? Quero falar com meu advogado.

As palavras de Guttman foram abafadas pelo barulho de um motor que vinha em nossa direção. Os pneus de uma van preta cantavam ao subir a rampa em espiral do estacionamento.

O veículo parou a cinco metros de onde estávamos e as portas se abriram.

Uma mulher saltou do banco do motorista.

Claire Washburn, uma negra forte de 40 e poucos anos, marcava presença com a dignidade de uma boa profissional e a segurança de uma mulher querida por todos.

A legista tinha chegado.

CLAIRE É LEGISTA-CHEFE DE SÃO Francisco, uma excelente patologista, dona de uma intuição impressionante, violoncelista razoável, mãe de dois meninos de um casamento de 20 anos e, para resumir, minha melhor amiga.

Eu a conheci 14 anos antes, diante de um cadáver, e desde então passamos mais tempo juntas do que muitos casais.

E nossa amizade fica cada dia mais forte.

Demos um abraço apertado ali mesmo no estacionamento, sentindo o afeto que uma tinha pela outra. Em seguida, Claire plantou as mãos na cintura avantajada e passou os olhos pela cena.

– Então, Lindsay – falou –, qual é a boa de hoje?

– Por enquanto só o corpo de uma mulher. Acho que foi morta por um psicopata perfeccionista. Parece que não há um fio de cabelo fora do lugar, Claire. Mas isso é você quem vai dizer...

– Vamos lá.

A legista se aproximou do carro e em poucos segundos estava tirando fotos, registrando a vítima de todos os ângulos possíveis. Em seguida cobriu as mãos e os pés do cadáver com sacos de papel que foram fechados com fita adesiva.

– Lindsay, venha dar uma olhada nisto aqui.

Eu me espremi no espaço que havia entre Claire e a porta e observei minha amiga erguer o lábio superior da vítima e baixar o inferior, enquanto apontava a lanterna para os ferimentos dentro da boca.

– Está vendo isto aqui? – perguntou a legista. – Por acaso ela foi entubada?

– Não. Ninguém encostou um dedo nela. Estávamos esperando você chegar.

– Então o trauma foi causado por outro procedimento. Veja só a língua. Parece uma laceração.

Em seguida apontou a lanterna para os arranhões no pescoço da vítima.

– Essa marca é bem estranha.

– Também achei. Não detectei hemorragia petequial nos olhos – falei, caprichando no jargão. – Esquisito, não é? Caso ela tenha sido mesmo estrangulada...

– Tudo isso é muito esquisito, amiga. As roupas estão impecáveis, o que é raro nesse tipo de ocorrência.

– Algum palpite para a causa da morte? Dá para saber quando ela morreu?

– Por volta da meia-noite, eu acho. Veja que só agora o corpo está ficando rígido. Fora isso, não posso dizer mais nada. Vou poder lhe dar mais detalhes depois de examiná-la na minha mesa.

Claire saiu do Cadillac e foi falar com seu assistente.

– Muito bem, Bobby. Vamos tirar a coitada do carro. Mas com cuidado, por favor.

Caminhei até a beira do quarto andar e por alguns segundos fiquei observando os prédios e o trânsito na Golden Gate Avenue. Um pouco mais calma, liguei para Jacobi do celular.

– Liberei o Guttman – informou ele. – O homem estava chegando de Nova York. Deixou o carro aí antes de viajar.

– Algum álibi?

– Álibi confirmado. Alguém colocou essa garota no Cadillac dele. E como estão as coisas?

Claire e Bobby haviam enrolado o corpo em dois lençóis e agora o guardavam no saco mortuário. Ouvir o zíper fechar era tão angustiante quanto o ruído áspero de giz no quadro-negro e, por mais que eu tivesse visto aquele procedimento dezenas de vezes, ele ainda me causava imenso desconforto.

Eu mesma notei a tristeza em minha voz quando disse:

– Já estamos empacotando tudo.

FALTAVA POUCO PARA AS SEIS da tarde, 10 horas depois de o corpo da Garota do Cadillac ter sido encontrado. Tínhamos o costume de dar nomes a casos em aberto. Todos os oficiais do departamento já se referiam àquele como o da “Garota do Cadillac”. A pilha de papéis na minha mesa era a lista dos 762 carros que haviam circulado pelo estacionamento do Opera Plaza na noite anterior.

Passamos o dia pesquisando placas e números de registro na base de dados e, até aquele momento, nada tinha chamado nossa atenção. Também não tivemos sucesso com as digitais da vítima. Ela nunca havia sido presa, nunca servira nas forças armadas nem trabalhara em qualquer repartição pública.

Meia hora antes, tínhamos distribuído para a imprensa uma foto da vítima e, se não houvesse qualquer acontecimento extraordinário, a imagem seria publicada em todos os jornais no dia seguinte.

Tirei o elástico do meu rabo de cavalo, sacudi os cabelos e suspirei com tanta força que os papéis à minha frente por pouco não voaram longe. Em seguida liguei para Claire, que ainda trabalhava lá embaixo no necrotério. Perguntei se minha amiga estava com fome.

– A gente se vê daqui a 10 minutinhos na rua – respondeu ela.

Encontrei Claire em sua vaga privativa na McAllister. Ela destrancou o carro e eu abri a porta do passageiro, descobrindo um monte de tralhas sobre o banco: equipamentos de legista, botas de pescaria, capacete, mapa da Califórnia e uma velha câmera fotográfica 35mm.

Levei um tempo passando os objetos para o banco de trás e então entrei, já sentindo os efeitos do cansaço do dia. Claire me olhou de cima a baixo e começou a rir.

– Desculpe, Borboleta, mas não entendi a piada – falei.

– Conheço esse olhar de cachorro pidão! Mas pode economizar saliva, querida. Sei o que você quer. Está tudo aqui comigo.

Claire abanou alguns papéis no ar, guardando-os na bolsa de couro.

Muita gente acha que o apelido da minha amiga se deve ao fato de ela, assim como o lutador Muhammad Ali, ser capaz de “flutuar como uma borboleta e picar como uma abelha”. Mas a explicação não é bem essa. A legista-chefe de São Francisco tem uma borboleta tatuada logo abaixo da cintura.

Agora era eu quem a encarava, dizendo:

– Não veeeejo a hora de ouvir seu veredicto.

Claire enfim cedeu.

– Foi homicídio, não há dúvida. A lividez da pele não era de alguém que tenha morrido sentado. Ela foi colocada ali. Também encontrei hematomas no alto dos braços, do peito e da caixa torácica.

– E então? Do que ela morreu, e como?

– Eu diria que ela foi asfixiada – respondeu Claire.

Ela então me contou alguns casos terríveis. Como o de mães que asfixiam seus filhos recém-nascidos. Elas colocam a criança entre o colchão e o estrado e depois deitam em cima.

Quando o peito não se expande, é impossível respirar.

As marcas do trauma são quase imperceptíveis.

Afiveleri o cinto de segurança e Claire deu ré no carro. O destino era nosso bar favorito, o Susie's.

– Essa jovem deve ter sofrido muito, Lindsay – prosseguiu ela. – Na minha opinião, aconteceu o seguinte: alguém sentou no peito dela enquanto outra pessoa a sufocava com um saco plástico na cabeça, apertando forte no pescoço. Daí a marca de estrangulamento. Talvez tenham tapado o nariz e a boca também.

– Então foram dois assassinos?

– Se você quer saber... não vejo outra explicação possível.

AO VOLANTE DE SUA PICAPE, Claire enfrentava o trânsito pesado do centro. Ficamos em silêncio por um bom tempo, pensando nos momentos de angústia pelos quais a jovem deve ter passado segundos antes de morrer. As imagens corriam pela minha mente enquanto eu tentava reunir as peças do enigma.

– Dois assassinos – falei finalmente. – Trabalhando em conjunto. Colocaram a vítima no carro depois do crime. Por que fariam isso? Qual recado queriam dar?

– Sei lá – respondeu Claire – É muita frieza, não é?

– E loucura também.

– Por falar nisso, uma mancha de sêmen foi encontrada na bainha do vestido.

– Mas ela foi estuprada?

– Não encontrei na vagina as marcas características de estupro. – Claire refletiu um instante. – Mas ainda não dá para afirmar. Temos de esperar o resultado dos exames.

No cruzamento com a ferrovia, paramos para dar passagem ao trem que apitava sobre os trilhos. A noite caía sobre São Francisco e as pessoas voltavam do trabalho para casa.

Minha cabeça estava a mil com a quantidade de perguntas ainda sem resposta. Quem seria aquela jovem? Como ela e os assassinos se conheceram? Quem eram os dois criminosos?

O assassinato seria um acerto de contas?

Ou a jovem foi vítima do acaso e das circunstâncias?

Nessa última hipótese, valia a pena procurar um assassino que fizesse de seus crimes um ritual, que seguisse sempre o mesmo padrão.

Alguém que com certeza voltaria a agir.

Claire dobrou à esquerda no cruzamento seguinte e encontrou uma vaga entre dois carros na Bryant, bem em frente do Susie's.

Desligou o carro e se virou para mim.

– Tem mais.

– Por favor, Borboleta, não me faça implorar! – brinqueei.

Claire riu, talvez porque estivesse criando coragem para me falar o que eu tanto queria saber.

– Os sapatos – falou. – São tamanho 36.

– Não pode ser. Naquele corpinho tão miúdo?

– Isso mesmo. Mas você tem razão de estranhar, Lindsay. Aquela garota devia calçar 33. Na verdade, os sapatos não eram dela. E as solas nunca pisaram no chão.

– Hum... se os sapatos não eram dela, é possível que as roupas não fossem também.

– É o que eu acho, amiga. Não sei o que isso significa, mas aquelas roupas eram novinhas. Nenhuma marca de suor ou sujeira. Alguém vestiu aquela garota depois de ela ser morta. Por sinal, com muito bom gosto.

AINDA ERA CEDO QUANDO CLAIRE e eu entramos no Susie's, o animado bar caribenho onde encontro minhas amigas quase todas as semanas. A banda de reggae ainda não havia começado a tocar, o que era bom, pois quando Cindy acenou para nós, já sentada à "nossa mesa" nos fundos do salão, pude ver em seu rosto que ela tinha algo importante a dizer.

E palavras são seu forte. Cindy é repórter policial do San Francisco Chronicle. Nós nos conhecemos quatro anos antes, quando eu trabalhava num caso que envolvia casais assassinados em plena lua de mel. Ela conseguia, com muita lábia, furar o isolamento da polícia nas cenas dos crimes. No início, a ousadia e a insistência de Cindy me deixavam irritada, mas aprendi a respeitar essas características quando, algum tempo depois, ela me ajudou a mandar um assassino para a prisão perpétua. Em pouco tempo nos tornamos grandes amigas. Hoje eu faria tudo por ela. Bem, quase tudo – afinal, Cindy é jornalista.

Claire e eu nos acomodamos no banco ao redor da mesa. Cindy vestia blazer preto, suéter vermelho e calça jeans. Parecia uma menininha com seus cabelos louros e cacheados, e ficava ainda mais charmosa em razão dos dentes ligeiramente sobrepostos.

Chamei nossa garçonete, Loretta, pedi uma jarra de margarita e desliguei o celular. Só então falei para Cindy:

– Aposto que você tem uma bomba para nos contar!

– Uau, acertou na mosca! – disse ela, sorrindo. Pôs sua taça na mesa, lambeu o sal dos lábios e emendou: – Estou atrás de uma história. E você disse bem: é uma bomba! Por enquanto não posso revelar nada.

– Ah, não! Pode soltar essa língua! – reclamou Claire. – É você que está na berlinda, amor.

Cindy riu e disse:

– Outro dia ouvi a conversa entre dois advogados num elevador. Na mesma hora levantei minhas orelhas. Depois fui investigar o que eles tinham dito.

– Adoro essas pessoas com a língua solta – falei, servindo a mim e a Claire a margarita que tinha acabado de chegar. Em seguida completei a taça de Cindy.

– Eu também, são minhas favoritas – disse ela, debruçando-se na mesa. – Pois bem, o furo é o seguinte: uma ação está sendo movida contra um grande hospital daqui de São Francisco. Nos últimos anos, alguns pacientes atendidos pela emergência morreram dias depois porque receberam a medicação errada. Bem, isso foi o que ouvi entre o térreo e o quarto andar do prédio do Tribunal de Justiça.

Olhei para Cindy por sobre minha taça, já sentindo no peito uma grande desconfiança. Rezava para que aquela sensação desaparecesse com o final da história.

– Uma advogada bastante conhecida, uma tal de Maureen O'Mara, é quem está processando o hospital em nome das famílias – falou Cindy.

– Qual é o hospital? – perguntei. – Você pode dizer?

– Claro, Lindsay. É o Hospital Municipal.

– Essa não... – disse Claire.

Um tanto apavorada, expliquei a minhas amigas:

– Passei a noite de ontem com Yuki no Municipal. A mãe dela deu entrada na emergência à tarde.

– Espere aí – falou Cindy. – Não vamos viajar na maionese. Aquele hospital é gigantesco. E é apenas um médico que está sob suspeita, um tal de Dr. Garza. Ao que parece, a maioria dos pacientes mortos deu entrada no plantão dele.

– Santo Deus! – exclamei, com minhas bochechas já ardendo. – É ele mesmo. Conheci o sujeito. Foi ele quem internou a mãe de Yuki!

Nesse instante senti alguém se aproximar por trás e tapar meus olhos com as mãos.

– Estão falando de mim? – perguntou Yuki, sentando ao lado de Cindy. – Então, o que foi que eu perdi?

– Cindy está escrevendo uma matéria. Ela contava os detalhes – falei.

– Sobre um assunto que você precisa saber – completou Claire.

OS OLHOS DE YUKI ERAM dois pontos de interrogação, mas Cindy agora estava reticente.

– Pode confiar em mim – disse Yuki, séria. – Sei o que significa a palavra “confidencial”.

– Não é nada disso – rebateu Cindy.

Loretta veio à mesa, cumprimentou Yuki e serviu uma travessa de costeletas de porco ao molho jamaicano. Depois de alguns goles de margarita, Cindy repetiu para Yuki o que tinha acabado de nos contar sobre a ação de Maureen O’Mara contra o Hospital Municipal.

– Para falar a verdade, estou sabendo desse caso – disse Yuki ao fim da história. – Faz um ano que a Dra. O’Mara está à frente dele.

– Jura? – falou Cindy, incrédula. – E como você sabe?

– Uma amiga minha trabalha no escritório dela – explicou Yuki. – Ela anda virando as noites em função desse caso. São várias especialidades médicas para estudar. Vai ser um julgamento bonito de ver – observou ela. – A Dra. O’Mara dificilmente perde. Mas desta vez a briga vai ser feia.

– Qualquer advogado perde um dia – falou Claire.

– Eu sei, mas Maureen O’Mara só aceita um caso quando sabe que pode ganhar.

Talvez ela não estivesse ligando uma coisa a outra, então tive de dizer:

– Yuki, você não fica preocupada que sua mãe esteja internada justamente lá?

– Bobagem. O fato de Maureen O’Mara estar à frente da acusação não significa que o hospital seja culpado. É o princípio básico da advocacia: todo mundo pode processar alguém por algum motivo. Sério, meninas, vocês estão preocupadas à toa. – Yuki falava a mil por hora, metralhando as palavras como sempre. – Há alguns anos tirei o apêndice no Municipal. Fui operada por um médico excelente. Tratamento de primeira.

– E sua mãe, como ela está? – perguntou Claire.

– Está ótima – respondeu Yuki, sorrindo. – Sabem como eu sei? Ela tentou me empurrar para cima de um cardiologista. Um quarentão careca com bafo de cachorro.

Caímos na risada e Yuki começou a imitar a mãe. Era tão perfeita que parecia que Keiko estava à mesa também.

– Falei para ela: “Mãe, ele não é para mim.” E ela: “Yuki... Aparência é nada. Dr. Pierce é homem direito. Homem bom. Aparência é para revista.” Então eu disse: “Mãe, que história é essa? O papai era a cara do Frank Sinatra!”

– E aí, vai sair com ele? – perguntou Cindy, provocando mais risadas.

Yuki balançou a cabeça, dizendo:

– Deus me livre!

O falatório em nossa mesa era tão alto que a banda de reggae foi obrigada a tocar mais alto. Vinte minutos depois, Yuki pediu licença e foi embora, dizendo que iria ver a mãe antes do fim do horário de visitas. Mas nosso animado encontro não havia apagado dos olhinhos dela um brilho de preocupação.

MAUREEN O'MARA SENTIA A CABEÇA latejar. Como seria possível? Sem perceber, ela estava bastante ansiosa. Empurrou a gigantesca porta de aço e vidro e entrou no Tribunal de Justiça.

Quem diria!

O dia D havia chegado.

Passou pelo detector de metais enquanto sua “pasta da sorte”, uma Louis Vuitton de 700 dólares, era examinada pelo raio X. Em seguida, o segurança a cumprimentou com a cabeça, devolveu-lhe a pasta e disse, sorrindo:

– Boa sorte, Dra. O'Mara.

– Obrigada, Kevin.

Ela cruzou os dedos para o guarda e dirigiu-se aos elevadores através da multidão que circulava pelo saguão. Ao longo do trajeto, lembrou-se dos sócios do escritório que desde o início acharam “loucura” reunir 20 queixas isoladas num único processo contra um hospital enorme e que contava com uma respeitada banca de advogados. Mas ela não poderia ter recusado. O caso era muito interessante.

Os primeiros clientes a procuraram e ela percebeu um padrão nas mortes. A notícia se espalhou rapidamente e em pouco tempo a advogada se tornara a tábua de salvação para quem tivesse alguma conta a acertar com o Hospital Municipal.

A dificuldade em montar aquele processo levou O'Mara a compará-lo ao pastoreio de um rebanho de búfalos selvagens montada numa motocicleta e fazendo malabarismo com três bolas de boliche.

Ela passara os 14 meses anteriores apurando os fatos, coletando milhares de depoimentos, arregimentando 76 testemunhas – entre médicos, funcionários e ex-funcionários do hospital, familiares das 20 vítimas e os próprios pacientes.

Maureen O'Mara tinha um motivo pessoal para tamanha obstinação, porém preferia que ninguém soubesse que aceitara aquele caso por altruísmo. Ela podia sentir a dor dos seus clientes, e isso bastava. Sua missão agora era convencer o júri.

Se a advogada tivesse sucesso, o hospital também sentiria dor, mas do único modo possível: desembolsando uma fortuna à qual seus clientes faziam jus.

MAUREEN O'MARA APERTO O PASSO e entrou num dos elevadores, assustando-se com o homem de terno escuro que entrou atrás dela, um segundo antes de as portas se fecharem.

Lawrence Kramer abriu um sorriso radiante e apertou o botão do quarto andar.

– Bom dia, doutora. Como está sendo seu dia?

– Melhor, impossível. E o seu?

– Perfeito. Acho que comi uns dois quilos de bacon com ovos no café da manhã – respondeu Kramer. – Uma refeição maravilhosa.

– Meio perigoso para o coração, não acha? – rebateu Maureen, encarando o principal advogado da defesa. – Se é que você tem coração, não é, Larry?

O homem jogou a cabeça para trás numa risada enquanto o elevador subia em direção à sala de audiências.

Meu Deus, nunca vi tantos dentes numa boca só. E todos clareados.

– Claro que tenho. Aliás, meu teste de esforço vai começar daqui a pouco. Graças a você, Maureen.

Aos 42 anos, Lawrence Kramer era um advogado talentoso: inteligente, esperto e boa-pinta. Além disso, vinha rapidamente ganhando a atenção da mídia.

Maureen já o vira diversas vezes em programas de entrevistas. Num deles, ele falava sobre um famoso jogador de basquete que estava sendo processado por estupro. O advogado se saiu muito bem ao responder às perguntas difíceis do jornalista. Mas aquilo não surpreendera Maureen: Kramer não era um profissional despreparado.

E agora ele defendia o Hospital Municipal de São Francisco numa ação que poderia colocar o estabelecimento sob intervenção ou até fechá-lo. No entanto, Kramer achava mais importante estar defendendo o hospital contra ela, Maureen.

O elevador parou no segundo andar e três pessoas entraram na pequena cabine forrada de mogno, obrigando a advogada a se espremer contra Kramer. Uma estranha proximidade com o homem que em poucos minutos tentaria reduzi-la a pó.

Maureen teve um momento de dúvida. Questionou-se sobre se tinha cacife para estar ali. Afinal, nunca havia trabalhado num caso tão complexo.

Com um solavanco, o elevador parou no quarto andar e ela saiu um passo à frente de Kramer. Podia sentir a presença do adversário às suas costas, como se uma carga de alta tensão irradiasse do corpo dele.

Olhando para a frente, os advogados seguiram lado a lado através do amplo corredor de mármore, com os passos ecoando à sua volta. Maureen estava perdida nos próprios pensamentos. Embora Kramer fosse 10 anos mais velho, ela não o via como um oponente imbatível. A advogada também estudara em Harvard e gostava de um bom júri. E tinha a seu favor algo que faltava a ele: a razão. A razão estava do lado dela.

Aquela certeza teve o efeito de uma ducha refrescante, preparando-a para o julgamento mais importante de sua carreira: um julgamento que talvez também a levasse aos programas de entrevistas.

Ela chegou à porta da sala alguns segundos antes de seu adversário, encontrando o recinto completamente lotado. No fim do corredor, sentado à mesa à direita, Bobby Perlstein, seu sócio e segundo advogado naquele caso, revia suas anotações. A assistente Karen Palmer organizava a papelada a ser apresentada na sessão. Os dois se viraram ao vê-la chegar e abriram um sorriso nervoso.

Maureen sorriu de volta. Ao passar pelas dezenas de clientes, cumprimentou-os ora com um sorriso, ora com um aceno de mão.

A razão está do meu lado.

Ela mal podia esperar pelo início do julgamento.

Estava pronta. E aquele seria seu dia.

NAQUELA MANHÃ DE SEGUNDA-FEIRA, YUKI dava entrada numa petição no térreo do Tribunal quando lembrou que bem ali, naquele mesmo prédio, estava prestes a começar o julgamento do processo que Maureen O'Mara movia contra o Hospital Municipal.

Como advogada, ela precisava ver aquilo de perto.

Conferiu as horas no relógio, contornou a multidão que se aglomerava diante dos elevadores e tomou as escadas rumo ao quarto andar. Yuki estava ofegante quando entrou na enorme sala com as paredes forradas de carvalho.

O juiz Bevins ocupava seu lugar na tribuna. O magistrado tinha 70 e poucos anos, prendia os cabelos brancos num rabo de cavalo e era considerado um profissional sensato, ainda que idiossincrático e imprevisível.

Enquanto se acomodava junto da porta, Yuki percebeu um homem moreno sentado do outro lado do corredor. Vestido de calça cáqui, blazer, camisa rosa e gravata listrada, ele mexia nervosamente na corrente do relógio. Não o reconheceu de imediato, mas em poucos minutos ligou o nome àquele rosto de belos traços: Dennis Garza, o médico de plantão na tarde em que a mãe dela dera entrada na emergência.

Claro. Ele vai depor neste julgamento.

A atenção de Yuki foi desviada quando um burburinho tomou conta da sala: Maureen O'Mara tinha acabado de se levantar para dar início à sua exposição. Alta e de porte atlético, a advogada usava um terninho Armani cinza com sapatos pretos de salto baixo. Tinha feições fortes e uma extraordinária cabeleira ruiva que ia até os ombros e balançava sempre que ela girava a cabeça – como acabara de fazer.

A bela advogada agora encarava os jurados. Cumprimentou todos eles, apresentou-se e ergueu a primeira foto que estava na mesa à sua frente:

– Por gentileza, olhem bem para este rosto. Esta é a adorável Amanda Clemmons – disse ela, mostrando a foto de uma loura de sardas que aparentava ter 35 anos. – No último mês de maio, Amanda jogava basquete com os três filhos no quintal de casa. Seu marido e pai das crianças, Simon Clemmons, havia morrido num acidente de carro apenas seis meses antes. Amanda não era muito boa no basquete – observou a advogada –, mas esta jovem viúva tinha consciência de que precisava ser pai e mãe de Adam, John e Chris. E vinha se saindo muito bem nesse papel.

Após uma pausa de efeito, ela prosseguiu:

– Tentem imaginar esta corajosa mulher em seu uniforme de basquete, driblando os três filhos e se preparando para arremessar a bola na cesta. John Clemmons me contou que a mãe se divertia muito quando torceu o pé. Em 15 minutos a ambulância chegou e Amanda foi levada para a emergência do hospital, onde, depois de uma radiografia, constatou-se que ela havia quebrado a perna esquerda. O incidente deveria ter sido apenas um incômodo passageiro. Amanda era jovem e forte, não se deixava abater por qualquer

coisa. Mas ela foi atendida no Hospital Municipal de São Francisco. Esse foi o começo do fim de sua vida.

Mais uma pausa de efeito e depois:

– Por favor, senhoras e senhores, olhem bem para esta foto de Amanda Clemmons. É a mesma que a família distribuiu no velório dela.

AREVOLTA DE MAUREEN O'MARA IA aumentando à medida que ela contava a história de Amanda. Não chegou a conhecê-la pessoalmente, mas tinha a sensação de que aquela jovem mãe poderia ter feito parte de seu círculo de amizades: um grupo pequeno em razão do excesso de trabalho.

Era assim que a advogada se sentia em relação às vítimas cuja causa ela agora defendia. Conhecia o passado de cada uma delas, os parentes, o nome dos filhos e dos cônjuges. E sabia exatamente como elas haviam morrido no Hospital Municipal.

Entregou a foto de Amanda Clemmons para sua assistente e mais uma vez se virou para os jurados, percebendo que os tinha conquistado. Via que eles mal podiam esperar pela continuação de sua história.

– Na tarde em que quebrou a perna – prosseguiu –, Amanda Clemmons foi levada para a emergência do Hospital Municipal e lá foi engessada. Um procedimento simples. Em seguida foi transferida para o quarto onde deveria passar a noite. Mas em algum momento da madrugada recebeu uma dose letal de Cytoxan, droga usada em quimioterapia, no lugar do analgésico que lhe daria uma noite tranquila de sono. E morreu logo depois, sentindo uma dor terrível. Uma morte absurda, senhoras e senhores! E as perguntas que devemos nos fazer são: como foi possível acontecer uma coisa dessas com Amanda Clemmons? Por que a vida desta mulher foi ceifada de forma tão prematura?

A advogada lançou as perguntas no ar e fez uma breve pausa. E então:

– Ao longo deste julgamento contarei em detalhes o que aconteceu a ela e a outras 19 pessoas que tiveram mortes semelhantes, decorrentes da administração de drogas letais. Mas desde já vou dizer o porquê de tantas mortes. Todas elas podem ser atribuídas à ganância desenfreada de um hospital. Essas pessoas morreram porque, sem nenhum remorso ou escrúpulo, o Hospital Municipal de São Francisco privilegiou as finanças em detrimento da medicina.

Maureen correu os olhos por cada um dos jurados e disse:

– Nos próximos dias os senhores ficarão cientes de coisas terríveis sobre aquele hospital. Coisas como a negligência em procedimentos básicos, o pagamento de salários irrisórios a funcionários sem qualificação, obrigados a cumprir jornadas desumanas. Tudo com um único objetivo: fazer do Municipal o hospital mais lucrativo desta cidade. E posso garantir que os 20 pacientes mortos que hoje represento são apenas a ponta desse escandaloso iceberg que...

Kramer se levantou num pulo.

– Protesto, meritíssimo! As observações da acusação são tendenciosas e absolutamente inverídicas.

– Protesto deferido. Não me provoque, Dra. O'Mara – disse o juiz, balançando a cabeça.

– Da próxima vez será punida!

– Sinto muito, meritíssimo – desculpou-se Maureen. – Terei mais cuidado.

Mas ela estava satisfeita, pois havia dito o que queria, e Kramer não poderia fazer nada para apagar da mente dos jurados o recado que ela tinha dado.

O Municipal é um lugar perigoso, extremamente perigoso.

– Estou aqui em prol dos meus clientes – disse Maureen, rígida como uma pedra diante do banco dos jurados, com as mãos cruzadas à frente –, os mortos e seus familiares. Todos foram vítimas da imperícia médica resultante da ganância e negligência do Hospital Municipal. – Ela se virou para o público. – Por favor, levantem a mão aqueles que já perderam algum ente querido naquele hospital.

Dezenas de mãos se levantaram e a comoção foi generalizada.

– Precisamos da ajuda dos senhores para garantir que esses supostos “acidentes”, que tiraram a vida de tantas pessoas, jamais voltem a acontecer.

ASSIM QUE A ORDEM FOI restabelecida pelo juiz, Yuki lentamente desviou o olhar para o Dr. Garza, esperando ver no rosto dele alguma expressão de revolta com as acusações feitas contra o hospital. No entanto, o médico exibia um sorriso discreto e sua expressão era gélida.

Yuki ficou aterrorizada, sentindo uma dor no peito que dificultava sua respiração. Ela havia cometido um grande erro.

Que não seja tarde demais, pelo amor de Deus!

Saiu para o corredor, tirou o celular da bolsa e ligou para o hospital. Ao ouvir a gravação que parecia não ter fim, foi digitando a sequência de números, cada vez mais aflita.

Qual era mesmo o quarto da sua mãe? Quatrocentos e vinte e um ou trinta e um? Não conseguia se lembrar. Ao apertar a tecla zero, teve de ouvir uma versão sem graça de “Garota de Ipanema” enquanto esperava pela telefonista.

Precisava falar com sua mãe.

Ouvir a voz dela.

– Eu queria falar com Keiko Castellano – disse à telefonista. – Ela está internada aí. Por favor, transfira a ligação para o quarto 421 ou 431.

O toque de chamada foi interrompido quando Keiko atendeu com a alegria de costume.

O barulho no corredor agora era alto, pois o julgamento havia sido interrompido para um intervalo. Yuki precisou tapar um dos ouvidos enquanto apertava o celular contra o outro. Continuou falando com a mãe, ou melhor, discutindo, mas logo elas fizeram as pazes, como sempre acontecia.

– Estou bem, Yuki. Não precisa se preocupar – disse Keiko.

– Tudo bem, mãe. Eu ligo mais tarde.

Assim que desligou, Yuki ouviu alguém chamar seu nome.

Olhou para trás e avistou Cindy, esbaforida, tentando chegar até ela através da multidão.

– Yuki – disse a jornalista, ofegante. – Você estava lá dentro? Viu a exposição de Maureen? Como advogada, qual é sua opinião?

– Bem – respondeu Yuki, ainda preocupada com a mãe –, os advogados sempre dizem que você ganha ou perde uma causa na exposição inicial.

– Espere aí... – pediu Cindy, anotando em seu bloco. – Isso é ótimo. Vou começar minha matéria com essa frase. Pode continuar.

– Na verdade, a exposição da Dra. O’Mara foi brilhante. Ela acabou com aquele hospital e os jurados não vão se esquecer disso. Aliás, nem eu. O Municipal contrata profissionais sem a qualificação adequada e as pessoas estão morrendo por esse motivo. Eles são negligentes. Prescrevem a medicação errada. Fiquei tão impressionada que liguei na mesma hora para mamãe, dizendo que queria transferi-la para outro lugar.

– E você vai fazer isso?

– Eu tentei, mas ela é teimosa e nem quis saber. “Yuki... quer me dar ataque do coração, quer? Gosto daqui, do médico e do quarto. Traz para mamãe os rolinhos de cabelo. E a camisola rosa com dragão também.” – Yuki riu e balançou a cabeça, dizendo: – Juro por Deus, para ela é como se aquilo fosse um spa. Quase perguntei: “Não quer que eu leve o bronzeador também?” Eu não quis apavorá-la só por causa das coisas que a Dra. O’Mara falou, mas quando aquelas pessoas todas levantaram a mão... senti um frio na espinha!

– E se você a transferisse sem dizer nada? – perguntou Cindy.

– Eu até pensei nisso, mas... e se eu fizesse isso e ela tivesse... sei lá... um ataque cardíaco?

Cindy concordou com a cabeça e disse:

– Quando ela vai ter alta?

– Quinta-feira de manhã, segundo o Dr. Pierce. Depois da ressonância magnética. “Dr. Pierce, muito bom. Dr. Pierce, homem honesto!”

– Dr. Pierce, o seu futuro marido?

– Esse mesmo.

– Você está bem, Yuki?

– Estou. Só que mais tarde vou dar uma passadinha no hospital. Ficar um pouco com ela.

– Não vai ver o resto do julgamento?

– Preciso voltar ao escritório – respondeu Yuki, ao mesmo tempo que mudava de ideia:

– Puxa... não posso perder a exposição inicial de Larry Kramer, posso?

– Venha, vamos sentar juntas – falou Cindy.

CINDY FICOU FASCINADA AO VER Larry Kramer ir até o centro da sala com seus ombros largos e seus dois metros de altura embrulhados num elegante terno cinza. Os cabelos castanhos estavam penteados para trás, acentuando o maxilar saliente que dava ao homem o aspecto de um marinheiro de rosto erguido contra o vento.

Deve ser desses que nunca olham para trás, pensou a jornalista.

O advogado cumprimentou os presentes, caminhou em direção aos jurados, abriu um sorriso simpático e lhes agradeceu por estarem ali, cumprindo com seu dever cívico.

– Em uma coisa a Dra. O'Mara tem razão – disse ele, com as duas mãos plantadas no parapeito à sua frente. – O que está por trás deste caso é realmente a ganância. A ganância dos clientes dela! Inocentes morreram, o que por si só é uma tragédia, não há como negar. Mas hoje os familiares das vítimas estão aqui com uma única coisa em mente: eles querem se dar bem! Querem enriquecer com a morte de seus entes queridos! Não tenho dúvida: eles estão aqui pelo dinheiro!

Kramer se inclinou na direção dos jurados e correu os olhos por cada um deles, dizendo:

– Para a maioria das pessoas isso pode parecer um ato de mercenários cínicos ou vingativos. Mas a culpa não é exclusivamente dos litigantes.

Ele se afastou dos jurados e voltou para o centro da sala, aparentemente perdido nos próprios pensamentos, até se virar de novo e dizer:

– Conheço muito bem a dor de uma perda. Meu pai e meu filho morreram num hospital. Meu filhinho me deixou com apenas três dias de vida. Uma dádiva que foi roubada de mim e de minha mulher. Meu pai era meu melhor amigo, a pessoa que mais desejava meu sucesso. Não há dia em que não pense neles, em que não sinta a falta dos dois.

Kramer suspirou e começou a andar devagar, hipnoticamente, diante do banco dos jurados.

– Suponho que todos os senhores já tenham perdido alguém. Com certeza sabem que é natural culpar terceiros. No início sofremos bastante, ficamos com raiva, mas depois essa raiva dá lugar à lembrança dos bons momentos que vivemos ao lado dos entes queridos. Aceitamos o fato de que o amor não é onipotente, de que a vida às vezes é injusta, de que Deus tem seus mistérios. Mas de algum modo seguimos em frente. Seguimos em frente! Mas os senhores querem saber por que os litigantes não estão fazendo isso? – perguntou ele, novamente se apoiando no parapeito para encarar os jurados. – Porque minha adversária os estimulou a seguir esse caminho torto. Por causa de uma mulher chamada Maureen O'Mara. – Ele apontou acintosamente para a advogada de acusação. – Por causa dela essas pessoas passaram a ver suas tragédias pessoais como uma oportunidade de enriquecimento.

Kramer deu um risinho recordando-se de algo engraçado e falou:

– Todos se lembram de Tom Cruise em Jerry McGuire, que não parava de repetir:

“Mostre-me o dinheiro!” É isso que está por trás deste processo. Por esse motivo tantas pessoas levantaram a mão.

CINDY LEVOU A MÃO À boca, perplexa com o ataque pessoal de Kramer a O'Mara. E aquilo era apenas o começo.

A advogada se levantou bruscamente, dizendo:

– Protesto! Meritíssimo, as observações da defesa são descabidas e pessoalmente ofensivas. Solicito que sejam retiradas dos autos.

– Deferido. Srta. Campbell, por favor, apague as últimas afirmativas do Dr. Kramer – ordenou o juiz à escritã, e se virou para Kramer: – Quanto ao senhor, o que vale para um também vale para o...

– Meritíssimo?

– Não abuse da retórica, Dr. Kramer! Ou será punido também. Agora continue.

– Perfeitamente, meritíssimo – disse o advogado.

Ele se dirigiu aos jurados, reprimindo um sorriso:

– Senhoras e senhores, ao longo deste julgamento diversas provas serão apresentadas no sentido de atestar que o Hospital Municipal de São Francisco é uma instituição responsável e digna de nosso respeito. Que possui protocolos de segurança farmacêutica muito acima dos padrões do setor e que os segue rigorosamente. Mas isso não significa que o hospital seja perfeito. Seres humanos cometem erros. Mas “erros” são uma coisa. “Negligência” é outra bem diferente.

Kramer fez uma pausa para que suas palavras fossem absorvidas e aproveitou o longo silêncio para mais uma vez correr os olhos pelos jurados, deixando claro que se dirigia pessoalmente a cada um deles.

– Receio que este julgamento tenha uma grande carga emocional, uma vez que seres humanos perderam a vida. Mas o próprio juiz confirmará que a defesa não pode encobrir os fatos tentando apelar para a emoção dos senhores. Sugiro que os avaliem com objetividade. Essa é a nobre tarefa que a justiça colocou em suas mãos. Os fatos, senhoras e senhores. Os fatos irão convencê-los de que meu cliente, o Hospital Municipal, é uma instituição idônea que desconhece a negligência e há muito tempo vem prestando inestimáveis serviços à nossa São Francisco.

A cabeça de Cindy já pensava nas repercussões do primeiro dia de julgamento enquanto Kramer agradecia ao júri e voltava à sua mesa. A jornalista imaginava a manchete – HOSPITAL MUNICIPAL PROCESSADO POR NEGLIGÊNCIA – com as fotos das vítimas logo abaixo e o texto ocupando a página três.

Julgamentos como aquele eram um prato cheio para livros e filmes. Vinte pessoas haviam morrido. E, a despeito da culpa ou inocência do hospital, as pessoas ficariam impressionadas com as provas apresentadas, levando a questão para o lado pessoal, imaginando-se no lugar das vítimas.

Quanto aos pacientes internados, estes ficariam apavorados.

Ela própria estava horrorizada.

HAVIA QUATRO DIAS QUE ENCONTRÁRAMOS a Garota do Cadillac no estacionamento do Opera Plaza. Eu tinha acabado de chegar de uma reunião com meu chefe, Anthony Tracchio, na qual fora informada de que haveria um remanejamento de pessoal. Eu iria perder alguns dos meus oficiais do Departamento de Homicídios. Meu chefe não tinha pedido minha opinião: ele simplesmente comunicara sua decisão.

Pendurei minha jaqueta atrás da porta, com a imagem de Tracchio usando os dedos gordos para explicar seus motivos ainda na cabeça: "Cortes no orçamento. Excesso de horas extras. É uma situação temporária, Boxer."

Uma situação temporária que me deixava desguarnecida e furiosa.

Sem falar na enxaqueca que já começava a se manifestar.

– Preciso de uma boa notícia – falei para Jacobi assim que ele jogou o enorme traseiro no sofá da minha sala. Conklin entrou logo atrás, mas com a elegância de um jaguar, cruzando os braços e se encostando à porta. Era difícil não olhar.

– Não se anime muito – resmungou Jacobi.

– Deixei o ânimo em casa hoje, Warren. Pode soltar a bomba.

– Enviamos um comunicado a todas as delegacias com as informações sobre a Garota do Cadillac. – Jacobi interrompeu seu raciocínio e começou a tossir. Ele ainda sentia os efeitos da bala que recentemente havia perfurado seu pulmão direito. – Altura, peso, idade aproximada, cor dos olhos e dos cabelos, jeito de se vestir... o de praxe – ele enfim conseguiu dizer.

– Algumas nos responderam... – completou Conklin, com otimismo no olhar.

– E? – perguntei.

– Nada de mais. Mas a boa notícia é que a perícia encontrou uma impressão digital num dos sapatos da vítima.

Endireitei-me na cadeira.

– Uma impressão parcial – corrigiu Jacobi –, mas já é alguma coisa. O problema é que não sabemos se isso vai nos levar a algum lugar.

– Então, qual é o próximo passo?

– Lindsay – disse Conklin –, andei pensando numa coisa. Aquela garota tinha um corte de cabelo bacana. Deve ter custado uns 300 dólares.

– Mais ou menos isso – concordei, espantada. Como ele saberia uma coisa daquelas?

– Vamos visitar os salões de beleza mais badalados da cidade. Talvez alguém reconheça a vítima. Se você não tiver nada contra, claro.

– Deixe-me ver a foto.

Conklin me entregou a imagem e examinei o rosto angelical da jovem, os cabelos que se espalhavam sobre o leito de metal do necrotério. Um lençol a cobria até o pescoço.

Meu Deus. Quem seria ela? Por que ninguém dera por sua falta? E por que, depois de

quatro dias, ainda não tínhamos qualquer pista?

Assim que os dois inspetores deixaram meu cubículo, chamei Brenda através das vidraças. Ela veio em seguida, sentou-se numa cadeira e abriu seu bloco de anotações.

Comecei a ditar um memorando para minha equipe sobre a reunião com Tracchio, mas tinha dificuldade para me concentrar.

Precisava fazer alguma coisa. Algo realmente útil. Minha vontade era ir para a rua com Jacobi e Conklin, mostrar a foto da Garota do Cadillac nos "salões badalados da cidade", vasculhar os bairros mais ricos em busca de pistas.

Queria gastar a sola dos sapatos naquele caso.

Fazer algo que me desse a sensação de estar cumprindo minha missão, e não ficar ali, ditando memorandos inúteis.

NAQUELA MESMA NOITE, POR VOLTA das sete e meia, Claire ligou:

– Lindsay, venha aqui. Tenho uma coisa para lhe mostrar.

Larguei na mesa o jornal com a matéria de Cindy sobre o julgamento, tranquei a sala e descii para o necrotério na esperança de uma grande revelação.

Ou de qualquer coisa.

Ao chegar ao local, encontrei Evelina Ferguson, assistente de Claire, fechando o gavetão com um cadáver. Um homem morto a tiros.

Claire estava lavando as mãos na pia.

– Trinta segundos, Lindsay – disse ela.

– Eu dou um minuto... – falei, rindo.

Olhando ao redor, vi as fotos da Garota do Cadillac presas à parede com tachinhas.

– A que conclusão chegou quanto ao perfume da vítima? – perguntei a Claire.

– Engraçado. Esse perfume só podia ser sentido na região da genitália – respondeu ela.

Em seguida fechou a torneira, secou as mãos e tirou duas garrafinhas de água do frigobar sob a mesa. Abriu-as, entregou-me uma delas e disse: – Em geral eu nem colocaria isso no meu relatório. Mas essa garota não passou perfume em nenhum outro lugar. Nem entre os seios, nem nos pulsos, nem atrás das orelhas.

Brindamos com as garrafinhas e demos um gole demorado.

– Achei isso estranho – prosseguiu Claire –, então mandei uma amostra do perfume para o laboratório. Eles devolveram na mesma hora, dizendo que não era possível identificá-lo. Eles não têm o equipamento adequado. E estão sem tempo.

– Sem tempo para desvendar um crime... – resmunguei.

– As coisas são sempre assim – disse Claire, organizando seus papéis sobre a mesa. – Mas recebi os resultados do exame de estupro. Espere um minuto. Estão bem aqui. – Com os olhos brilhando, pegou um envelope pardo, retirou uma folha e a estendeu na mesa, segurando-a com o indicador. – A mancha no vestido era de sêmen, o mesmo encontrado nas duas amostras retiradas do corpo dela.

Claire correu o dedo pelos resultados do exame de toxicologia até encontrar o item alcoolemia.

– Era isto que eu queria lhe mostrar. Havia álcool no sangue dela. Aqui, 1,3g/l.

– Então ela estava bêbada.

– Estava, mas não é tudo. Veja isto aqui. Também havia benzodiazepina no organismo dela. É muito raro alguém misturar álcool com Valium, então pedi ao laboratório que repetisse o exame. Eles acharam Rohypnol.

– Essa não! O famoso “Boa noite, Cinderela”.

– Exato. Aquela garota não sabia onde estava nem quem ela era. Também não fazia ideia do que estava acontecendo nem se estava acontecendo alguma coisa.

Apesar da descoberta, eu ainda não conseguia juntar as peças do quebra-cabeça. A Garota do Cadillac tinha sido dopada, violentada e assassinada com uma meticulosidade impressionante.

Claire se virou para as fotos na parede.

– Por isso não encontramos nenhuma marca vaginal, nenhum hematoma que sugerisse algum tipo de reação. Aquela garota não podia fazer nada, Lindsay. Ela nem sequer teve a oportunidade de se defender.

À NOITE, AO DIRIGIR DE VOLTA para casa, tentei deixar de lado minha condição de policial. Precisava ver o mundo pelos olhos da Garota do Cadillac caso quisesse entender o que havia acontecido com ela. Mas era terrível me imaginar tão vulnerável ao capricho de homens violentos.

Dois deles, dois animais.

Peguei meu celular e liguei para Jacobi antes que fosse muito tarde. Ele atendeu ao primeiro toque e eu o coloquei a par das descobertas de Claire.

– Minha tese é a seguinte: ela está num quarto com dois caras – falei, parando num sinal vermelho. – Eles começam a se assanhar e ela resiste, dá um passa-fora neles. Então um dos caras coloca um remédio na bebida dela.

– É – concordou Jacobi. – E ela fica tão chapada que nem consegue se mover. Talvez perca a consciência. Eles então tiram a roupa dela, jogam perfume no corpo e se revezam em cima da infeliz.

– Talvez tenham medo de que ela se lembre da agressão – falei, meu raciocínio em perfeita sintonia com o de meu ex-parceiro. – Eles não são burros. Pelo contrário, é provável que sejam muito inteligentes. Querem matá-la sem deixar nenhum rastro. Um deles senta no tronco da moça e o outro, apenas por garantia, a sufoca com um saco plástico. Um serviço rápido e limpo.

– É, deve ter sido isso, Boxer. E talvez tenham repetido a dose com ela morta – sugeri Jacobi. – Achavam que um pouquinho de necrofilia não faria mal a ninguém. Depois o quê? Vestem a garota numa roupa de cinco mil pratas e a levam para um passeio? Abandonam a jovem no Cadillac do dentista?

– Isso é o mais estranho. Ainda não entendo essa história das roupas. O grande mistério está aí.

– Claire recebeu os resultados do DNA?

– Ainda não. Sabe, se essa garota fosse a mulher do prefeito, a esta altura já saberíamos alguma coisa. Mas como ninguém deu queixa do desaparecimento...

– Uma garota tão bonita... – disse Jacobi, com a tristeza em sua voz traindo uma ponta de solidão. – Alguém deveria estar sentindo falta dela.

ENTREI EM CASA E FUI recebida pelos beijos molhados de Martha.

– Ei, Boo! Como vai minha amigona?

Por mais que ela rebolesse e latisse de felicidade com minha chegada, consegui apertá-la num abraço demorado. E, ainda que eu estivesse exausta, correr com minha cadela era o grande estímulo que eu tinha para manter a forma.

Coloquei a coleira nela e em poucos minutos estávamos atravessando a escuridão da Missouri Street. Contornamos a praça, descemos a colina e voltamos pelo mesmo caminho, com a endorfina levantando meu astral e me deixando um pouco mais otimista com o caso da Garota do Cadillac.

O DNA do criminoso estava sendo analisado no laboratório.

Minha equipe batia de porta em porta com a foto da vítima em punho.

Havia uma luz no fim do túnel.

Àquela altura alguém já devia ter dado pela falta dela e cedo ou tarde ligaria para a polícia. Ou uma testemunha surgiria depois de ver o retrato da vítima no Chronicle ou na nossa página na internet.

Assim que tivéssemos um nome, as coisas ficariam mais fáceis. Não precisaríamos mais chamá-la de a Garota do Cadillac.

Em trinta minutos eu estava de volta em casa. Com uma lata de cerveja gelada e um sanduíche de queijo suíço, joguei-me no sofá diante da televisão e fui me inteirando das últimas notícias na CNN e na FOX. Em seguida fui para debaixo do chuveiro.

Eu regulava a temperatura da água quando o telefone tocou.

Era só o que faltava. O que deve ser? Mais um assassinato? Uma novidade no caso? Isso seria bem melhor.

O identificador de chamadas mostrava o nome dele.

– E aí? – falei, fazendo o possível para soar natural enquanto meu coração pulava no peito.

– Puxa, como você é linda.

– Meu telefone não tem câmera, Joe.

– Mas eu sei como você é, Lindsay.

Respondi com uma boa risada.

– Humm... Uma risada de quem está nuazinha... – disse meu namorado.

Joe não tinha poderes paranormais: simplesmente podia ouvir o chuveiro aberto. Fechei a água e vesti um roupão.

– Você é muito esperto.

Àquela altura eu o imaginava nu também.

– Escute, peladona. Se os boatos se confirmarem, estarei em São Francisco este fim de semana. Dois dias inteirinhos.

– Ótimo, porque estou morrendo de saudades – falei, agora com a voz um tanto embargada. – Faz tempo que a gente não se vê.

Continuamos trocando confidências e, depois de um tempo, eu estava ofegante e com a pele úmida. Minutos depois, ao desligarmos, havíamos traçado um plano para nosso fim de semana de prazer.

Tirei o roupão, entrei no chuveiro e, com a água quente nas minhas costas, comecei a cantar, adorando ouvir minha voz ecoar nos azulejos de meu pequeno estúdio de som.

Aplausos, minha gente, para a pop star Lindsay Boxer!

Pela primeira vez em vários dias eu conseguia tirar o trabalho da cabeça.

Sentia-me leve e feliz – pelo menos por enquanto.

Achava-me linda.

E muito em breve estaria com meu amor.

COMO ERA DE ESPERAR, ANTHONY Tracchio ficou surpreso quando bati em sua porta entreaberta. Quase todas as paredes de sua sala eram forradas de madeira escura, com exceção da que ficava atrás da sua mesa, que era inteiramente coberta por uma foto da Golden Gate.

– Boxer – disse meu chefe, e então abriu um sorriso. – Por favor, entre.

Eu havia elaborado meu discurso na noite anterior, chegando ao ponto de ensaiá-lo pela manhã, com a primeira frase já na ponta da língua.

– Chefe, estou com um problema – comecei.

– Puxe uma cadeira. Vamos conversar.

Obedeci à sua ordem, mas assim que ficamos cara a cara meu discurso foi por água abaixo, levando todas as firulas e rodeios. De maneira que despejei o que tinha para falar numa única tacada.

– Não gosto de ser chefe, chefe. Quero voltar para a rua.

O sorriso imediatamente desapareceu do rosto dele.

– Do que você está falando, tenente? Não estou entendendo.

– Todos os dias eu acordo me sentindo mal, Tony. Não gosto de supervisionar um monte de gente, de ficar fechada entre quatro paredes – expliquei. – Gosto de investigar, ir para a rua. E você sabe que é na rua que eu rendo mais.

Por um segundo achei que ele nem sequer me ouvia. Seu rosto era um bloco de pedra. No que estaria pensando? Em todos os criminosos que haviam sido presos sob meu comando? Eu esperava que sim. Pouco depois ele deu um soco na mesa com tanta força que, com o susto, arrastei a cadeira para trás.

Ele soltou o verbo, cuspidando entre as palavras:

– Não sei o que você andou fumando, Boxer, mas esse cargo é seu! Você... não, não diga nada! Sabe quantas pessoas queriam seu lugar? Quantos homens do departamento ficaram ressentidos por causa disso? Você foi promovida porque tem liderança, Boxer! É a comandante da tropa! Faça seu trabalho e fim de papo!

– Mas, chefe...

– Que foi? Seja breve, pois estou ocupado!

– Sou muito melhor na rua. Soluciono casos e meu histórico prova isso. Acho que estou perdendo tempo atrás de uma mesa. E esses caras que tanto queriam ser tenentes... bem, por que você não promove um deles? Será melhor para todo mundo se meu cargo for preenchido por alguém que esteja a fim dele de verdade.

– Muito bem. Já que você começou com isso, tenho umas coisinhas a lhe dizer também.

– Tracchio abriu uma gaveta, tirou um charuto e soprou uma baforada de fumaça azul depois de acendê-lo. Esperei calada até que ele continuasse: – Você ainda tem muito que fazer aqui dentro, Boxer. Não sei se você sabe, mas o índice de casos solucionados pela

Polícia de São Francisco é o pior de todo o país. Você precisa aprender a gerenciar melhor. Ajudar outros policiais com sua experiência. Ajudar a Polícia de São Francisco a melhorar sua imagem. Ser um exemplo de competência. Precisa nos ajudar a recrutar e treinar. Até agora você não fez nada disso, Boxer, e... ainda não terminei! Há pouco tempo você foi baleado e quase morreu. Pensamos que tínhamos perdido você para sempre. Você nem estava de plantão naquela noite. Aí o Jacobi liga, pedindo ajuda numa ronda, e você diz: "Vamos lá!"

Ele ficou de pé, contornou sua cadeira e plantou as mãos no espaldar. Estava vermelho de tão irritado.

– Quer saber? Nem sei do que você tanto reclama! Seu trabalho é moleza perto do meu. Que tal passar uns dias no meu lugar?

Eu o encarava feito uma pateta enquanto ele usava os dedos roliços para enumerar os departamentos sob seu comando:

– Homicídios, Roubos e Furtos, Narcóticos, Crime Organizado... tudo isso é responsabilidade minha. Sem falar no prefeito e no governador, que estão sempre no meu pé. E se você acha que isso é pouco, é moleza...

– Claro que não, chefe. Mas justamente o que estou tentando...

– Olhe, faça a todos nós um grande favor e pare de choramingar, tenente. Pedido negado! E não falemos mais disso!

Feito uma criança que acaba de levar uma bronca, levantei-me da cadeira e saí da sala de Tracchio. A humilhação e a raiva eram o suficiente para que eu pedisse demissão, mas eu não chegaria àquele ponto. Ele tinha razão em tudo o que havia dito. Embora eu também tivesse.

Recrutar e treinar?

Aprender a gerenciar?

Nada daquilo tinha a ver com os motivos que me levaram a ser policial.

O que eu mais queria era voltar para as ruas de São Francisco.

CINDY THOMAS ESTAVA SENTADA NUM dos bancos do fundo da sala 4A do Tribunal de Justiça, espremida entre um repórter do San Diego Union-Tribune e um correspondente do Los Angeles Times. Sentia-se empolgada, concentrada e muito enciumada. Afinal, aquela era sua cidade, sua história.

Ela digitava algo no laptop que esquentava seu colo enquanto a primeira testemunha de Maureen O'Mara fazia seu juramento.

– Bom dia, Sr. Friedlander – disse a advogada. Seu cabelo vermelho brilhava contra o azul-marinho do blazer de lã, sob o qual ela usava uma blusa branca de colarinho. Era possível ver um relógio dourado no pulso da mão esquerda, que não tinha qualquer sinal de aliança. – Espero que não se incomode com a pergunta, mas quantos anos o senhor tem?

– Quarenta e quatro.

Cindy ficou surpresa. O rosto enrugado e os cabelos grisalhos davam a Stephen Friedlander o aspecto de um homem bem mais velho, próximo dos 60.

– O senhor pode nos contar sobre a noite de 25 de julho? – pediu Maureen.

– Claro – respondeu Friedlander, limpando a garganta. – Meu filho, Josh, teve uma crise de epilepsia.

– Quantos anos ele tinha?

– Dezessete. Faria 18 este mês.

– Quando chegou ao hospital, o senhor pôde ver seu filho?

– Sim. Ele ainda estava na emergência. O Dr. Dennis Garza me levou até ele.

– Josh estava consciente?

– Não – sussurrou Friedlander, balançando a cabeça.

Maureen pediu que ele falasse mais alto para que a escritã ouvisse.

– Não, Josh não estava consciente – repetiu o homem, agora em voz alta. – Mas o Dr. Garza tinha examinado meu filho. Falou que Josh poderia ir para casa em dois dias, que ele estaria pronto para outra.

– O senhor voltou a ver seu filho depois da visita à emergência? – perguntou a advogada.

– Sim, no dia seguinte – respondeu Friedlander, abrindo um sorriso flácido para dizer: – Josh e a namorada estavam conversando com um garoto no leito vizinho, contando piadas, e fiquei impressionado porque meu filho estava muito bem. O nome do outro menino era David Lewis.

Maureen sorriu também, mas se recompôs para perguntar:

– E como estava Josh quando o senhor foi vê-lo na manhã seguinte?

– Na manhã seguinte fui levado para ver o corpo do meu filho – respondeu Friedlander com a voz embargada, apoiando as mãos no parapeito do banco de testemunhas, fazendo com que os pés da cadeira arranhassem o chão. Em seguida passou os olhos tristes pelo

júri até encarar o juiz com o rosto molhado de lágrimas. – Ele morreu assim, de uma hora para outra. O corpo estava frio. Meu garoto estava morto.

Maureen tocou-o no ombro para acalmá-lo. Um gesto comovente, mas que parecia verdadeiro.

– O senhor gostaria de um tempinho para se recompor? – perguntou a advogada, entregando-lhe uma caixa de lenços de papel.

– Estou bem – respondeu Friedlander. Limpou a garganta novamente, enxugou os olhos e bebeu um copo d’água. – Obrigado, estou bem.

Maureen assentiu com a cabeça e depois prosseguiu:

– Alguém lhe deu uma explicação sobre a morte repentina de Josh?

– Disseram que a glicose tinha despencado, e eu quis saber por quê. O Dr. Garza comentou que estava... perplexo. – Ao citar a palavra, Friedlander precisou morder os lábios para conter o choro e manter a voz firme. – Pois eu também fiquei perplexo. Josh estava bem na véspera. Tinha feito duas refeições, ido ao banheiro sozinho. Mas depois, inesperadamente, no leito de um hospital, ele entrou em coma e morreu! É inexplicável.

– O hospital realizou uma autópsia no corpo? – perguntou a advogada.

– Exigi que fizesse – respondeu Friedlander. – Aquilo era muito estranho...

– Protesto, meritíssimo! – berrou Kramer de sua mesa. – Todos nós entendemos o drama da testemunha, mas que ele se atenha a responder o que foi perguntado.

O juiz assentiu e disse:

– Sr. Friedlander, por favor, apenas relate o que aconteceu.

– Desculpe, meritíssimo.

Maureen encorajou-o com um sorriso, depois perguntou:

– Sr. Friedlander, alguém lhe entregou o resultado dessa autópsia?

– Depois de um tempo, sim.

– E o que foi que lhe disseram?

Friedlander não se conteve e, vermelho de raiva, explodiu:

– Disseram que o sangue de Josh estava saturado de insulina! Afirmaram que a insulina foi injetada no soro dele durante a noite. Aplicada por engano. E foi por isso que meu filho morreu. Por engano do hospital!

Maureen olhou rapidamente para os rostos atônitos dos jurados antes de dizer:

– Sinto muito, Sr. Friedlander, mas preciso perguntar: como foi que o senhor se sentiu quando soube desse engano?

– Como eu me senti? Foi como se alguém tivesse arrancado meu coração do peito e...

– Eu compreendo. Muito obrigada, Sr. Friedlander.

– Josh era nosso único filho. Jamais poderíamos imaginar que ele iria embora deste mundo primeiro do que nós. É uma dor que não termina nunca.

– Obrigada, Sr. Friedlander. Sinto muito por fazê-lo reviver isso. Mas seu depoimento foi muito importante – agradeceu a advogada, acenando com a cabeça para o juiz.

Friedlander tirou vários lenços da caixa à sua frente e os levou ao rosto, sacudindo o corpo num acesso de choro.

LAWRENCE KRAMER SE LEVANTOU E abotoou lentamente o paletó, dando à testemunha alguns minutos para se recompor. Bastaria neutralizar o dramático depoimento de Stephen Friedlander, sem contrariar os jurados, e, se possível, transformá-lo numa testemunha da defesa.

Aproximou-se do banco e o cumprimentou de modo afável, como se o conhecesse, como se fosse amigo da família.

– Sr. Friedlander, em primeiro lugar gostaria de apresentar minhas condolências pela trágica perda de seu filho.

– Obrigado.

– Gostaria também de esclarecer algumas coisas, mas prometo ser o mais breve possível. Pois bem. O senhor mencionou que conheceu David Lewis, o rapaz que estava ao lado do leito de Josh quando o senhor foi visitá-lo no dia 26 de julho.

– Sim. Só o vi daquela vez. Era um garoto bem simpático.

– Sabia que David era diabético?

– Acho que sim. Eu sabia.

– Sr. Friedlander, o senhor se lembra do número do leito que seu filho ocupava?

Friedlander se recostou na cadeira e respondeu:

– O número? Não sei do que o senhor está falando.

– Bem, o hospital se refere ao leito mais próximo da janela como “leito um”, e ao mais próximo da porta como “leito dois”. Em qual deles estava Josh, o senhor se lembra?

– Não faço a menor ideia – respondeu ele com certa rispidez, já começando a se irritar.

– Os leitos são numerados porque os medicamentos são distribuídos pela enfermagem de acordo com os números do quarto e do leito – explicou Kramer. – Aliás, o senhor se lembra de ter pedido um leito com televisão para Josh?

– Não, não pedi. Ele ficaria internado apenas um dia. Mas aonde o senhor quer chegar com isso?

O advogado deu de ombros como se estivesse pedindo desculpas e então disse:

– Ocorre que David Lewis recebeu alta logo depois do almoço, naquele mesmo dia em que vocês se conheceram no hospital. Seu filho faleceu no leito dois naquela noite. Josh estava no leito de David quando morreu, Sr. Friedlander.

– O que o senhor está querendo dizer? – rebateu Friedlander, as sobrancelhas nas alturas, a boca retorcida de indignação. – Que diabos está sugerindo?

– Vejamos a coisa por outro lado... – disse Kramer, usando a entonação e a linguagem corporal para mostrar aos jurados que estava apenas fazendo seu trabalho e não desejava nenhum mal àquele homem. – O senhor sabe por que seu filho foi encontrado no leito número dois?

– Não faço a menor ideia.

– Bem, foi por causa da TV. Josh se levantou da cama junto da janela e foi com o soro para a cama ao lado para que pudesse assistir aos canais de filmes. Vejamos... – Kramer consultou suas anotações. – Ele comprou um filme na HBO.

– Desconheço essa informação.

– Imagino que sim – disse Kramer, compassivo e paternal, pensando, ou melhor, sabendo que a testemunha não fazia a menor ideia do que havia acontecido com seu filho, do real motivo de sua morte. – Sr. Friedlander, é preciso que o senhor entenda. Josh realmente recebeu a insulina de David Lewis por engano. A documentação da alta de Lewis ainda não havia chegado ao posto de enfermagem. Num hospital tão grande como o Municipal, não é difícil que algo assim aconteça. Sejam justos: esse equívoco da enfermeira não seria compreensível? David e Josh tinham aproximadamente a mesma idade. A enfermeira levou a insulina para o paciente que dormia no leito número dois e a injetou no soro junto do leito. Se Josh não tivesse trocado de cama...

Kramer virou o rosto quando alguém nas tribunas deixou escapar um grito de angústia:

– Nãããã! – Era uma mulher de meia-idade, cujas roupas escuras pareciam sobrar no corpo frágil. Ela cobria o rosto com as mãos.

Do banco de testemunhas, Friedlander estendeu o braço na direção dela, berrando:

– Eleanor! Eleanor, não dê ouvidos a ele! É tudo mentira! Joshie não teve culpa de nada...

Lawrence Kramer ignorou o burburinho que tomou conta da sala, as batidas do martelo do juiz. Apenas baixou a cabeça e, sensibilizado, disse:

– Nós sentimos muito, Sr. Friedlander. Sentimos muitíssimo pela sua perda.

PASSAVA UM POUCO DAS OITO quando, ofegante, iniciei o último trecho de minha corrida noturna, a ladeira que me levaria de volta para casa.

Eu corria com a mente dominada pelas questões do trabalho, repassando os casos em aberto, vendo os policiais entrarem e saírem da minha sala o dia todo, dando conselhos, distribuindo ordens, providenciando mandados, conciliando questões e odiando o estresse de toda aquela atividade.

Geralmente o ruído de meus tênis no asfalto produzia um efeito relaxante aos meus ouvidos. Mas não naquela noite. E a culpa era de Anthony Tracchio, meu chefe. Sua lição de moral – ou o que tivesse sido aquilo – havia me tirado do sério.

Ao correr contra o vento frio, eu avaliava todas as minhas decisões no caso da Garota do Cadillac. Eu tinha medo de desapontar todos à minha volta, a começar por mim mesma.

Martha nem sequer imaginava os problemas pelos quais eu passava. Corria alegremente logo adiante, vez por outra se virando para latir na minha direção, como é da natureza dos border collies.

– Pare com isso, Boo! – falei, o que de nada adiantou, pois minha cadela insistia em pastorear sua ovelha retardatária.

Em 20 minutos eu estava em casa, de banho tomado e cheirando a xampu de camomila. Vesti meu pijama favorito de flanela azul, coloquei um CD para tocar e abri uma cerveja, dando um longo trago na garrafa gelada. Delícia!

Minha refeição favorita estava pronta no forno e eu começava a me sentir uma pessoa quase normal quando a campainha tocou.

Droga!

– Quem éééé? – berrei no interfone.

Uma voz conhecida gritou de volta:

– Lindsayyyy, sou eeeeu. Posso subir?

Abri o portão eletrônico para Yuki e, enquanto ela subia, coloquei dois pratos e duas tulipas de cerveja na mesa. No minuto seguinte ela entrou no apartamento, bufando e arfando como uma pequena tempestade.

– Uau, adorei – fui logo dizendo, referindo-me à mecha prateada em seus cabelos, que dias antes ainda era vermelha.

– Agora são dois votos a favor – disse Yuki, jogando-se numa poltrona. – Mamãe falou: “Com esse cabelo você fica igualzinha aeromoça.” O único sonho que ela não realizou na vida! – Ela riu e emendou: – Humm, que cheirinho bom é esse?

– Picadinho de mignon à la Lindsay. Nem adianta resistir. Tem bastante para duas.

– Resistir, eu? Por que você acha que eu apareci justamente agora?

Rimos e brindamos com a cerveja, dizendo juntas:

– À nossa!

Em seguida servi o jantar. Pensei em contar sobre meus últimos aborrecimentos, mas a vida estava boa demais naquele momento. Durante a sobremesa (um delicioso sorvete de chocolate chip), Yuki me colocou a par do estado de sua mãe.

– Os médicos estavam preocupados porque ela ainda é muito jovem para ter sofrido um ataque isquêmico. Mas fizeram uma série de exames que não deram nada e ela já saiu da UTI.

– Quando ela volta para casa?

– Amanhã de manhã. Assim que o “santo” Dr. Pierce assinar a alta. Depois vou levá-la para um cruzeiro de uma semana num desses navios enormes. Eu sei, eu sei. É meio brega, né? – Yuki gesticulava o tempo todo enquanto falava. – Mas um hotel flutuante com um cassino e um spa é tudo o que o médico recomendou. E, para falar a verdade, também preciso de um descanso.

– Puxa, estou morrendo de inveja – falei, baixando a colher e sorrindo para minha amiga. E estava mesmo.

Fiquei me imaginando a bordo de um navio em alto-mar, com uma pilha de livros para ler, uma espreguiçadeira e as ondas embalando meu sono durante a noite... E Joe a meu lado, claro.

Nenhuma reunião. Nenhum caso a solucionar. Nenhum estresse.

– Sorte sua – falei. – E da sua mãe também.

YUKI VOLTAVA PARA CASA PELA Rua 18 quando, pouco antes de entrar na rodovia I-280, ouviu o telefone tocar nas profundezas da bolsa, que estava no assoalho do banco do carona.

– Droga! Logo agora?

Já na rodovia, manteve-se na pista da direita e, segurando o volante com a mão esquerda, baixou o tronco para pegar a bolsa.

Uma picape enorme começou a buzinar enquanto ela retirava suas coisas da bolsa igualmente enorme: carteira, revistas, kit de maquiagem...

– Desculpe, desculpe – sussurrou, conseguindo finalmente atender o celular.

– Mamãe?

– Srta. Castellano?

Yuki não reconheceu a voz masculina. Segurando o volante com o cotovelo, subiu as janelas do carro e desligou o rádio para ouvir melhor.

– Sim, é ela.

– Andrew Pierce.

Yuki precisou de alguns segundos para ligar o nome à pessoa: Dr. Andrew Pierce. Sentiu um frio na espinha. Ele nunca havia ligado antes, por que estaria telefonando agora?

A ligação estava ruim por causa do tráfego na rodovia e Yuki precisou apertar ainda mais o aparelho contra o ouvido.

– Sua mãe está com um probleminha, Yuki. Estou a caminho do hospital.

– Como assim? O que houve? O senhor disse que ela estava bem! – Yuki mantinha os olhos grudados à frente, mas não via nada.

– Ela teve mais um AVC – informou o médico.

– Um AVC? Não estou entendendo...

– Mas ela é uma mulher forte. Você pode me encontrar no hospital?

– Claro, claro. Em 10 minutos estarei lá.

– Ótimo. Sua mãe está na UTI do terceiro andar. É uma guerreira, e isso é bom.

Yuki arremessou o celular para o banco de trás. As palavras do médico não saíram da sua cabeça.

Um AVC?

Quatro horas antes sua mãe estava tomando sorvete: engraçada e tagarela como sempre. Ela parecia ótima!

Atenta ao trânsito, Yuki percebeu que havia perdido a saída para o hospital.

– Droga!

Aflita, pisou fundo no acelerador e pegou a saída seguinte, a última possível, seguindo pela Berry Street até furar um sinal amarelo para entrar na Terceira Avenida.

Com o coração a mil, apontou seu pequeno carro na direção norte, rumo à Market

Street. A rota seria mais longa e demorada, com mais veículos, semáforos e pedestres, mas não havia outra opção.

Relembrou a rápida conversa com o médico, cogitando se ouvira direito. “Mas ela é uma mulher forte”, ele havia dito.

As lágrimas começaram a brotar nos olhos de Yuki. Keiko era uma mulher forte. Sempre fora. Era uma guerreira. Mesmo que ficasse com sequelas, nada a deteria.

Yuki secou os olhos com as costas da mão. Novamente pisou fundo no acelerador, imaginando todos os cruzamentos e semáforos no caminho até o Hospital Municipal.

Espera por mim, mãe. Estou chegando.

DESESPERADA, YUKI SAIU DO ELEVADOR no terceiro andar e, seguindo as setas, dobrou corredores e atravessou alas até encontrar a sala de espera da UTI.

– Preciso falar com o Dr. Pierce – disse ela no balcão da enfermagem.

– Seu nome?

Yuki informou seu nome completo e esperou. Em poucos minutos o médico veio a seu encontro, o rosto fechado de preocupação, e a conduziu até duas cadeiras.

– Não tenho muito que dizer por enquanto. O mais provável é que placas tenham se desprendido da parede arterial e formado um coágulo no cérebro. Ela está recebendo um anticoagulante.

– Diga logo, doutor. Quais são as chances dela?

– Logo vamos saber – respondeu o médico. – Sei que é difícil para você.

– Preciso ver minha mãe, Dr. Pierce. Por favor – suplicou Yuki, apertando o braço do médico. – Por favor!

– Trinta segundos. É só o que posso fazer.

Yuki seguiu atrás dele até encontrar a mãe num leito isolado por cortinas. Fios e tubos de soro ligavam Keiko às máquinas que estavam ao seu redor como um grupo de amigas preocupadas.

– Ela está inconsciente – comentou Pierce. – Mas não está sofrendo.

Como o senhor pode saber uma coisa dessas?, era o que Yuki queria berrar para o médico.

– Ela pode me ouvir? – perguntou ela, um pouco mais calma.

– Acredito que não, Yuki. Mas fique à vontade.

Debruçando-se na cama, Yuki falou ao ouvido da mãe:

– Mamãe, sou eu. Estou aqui. Seja forte! Eu te amo muito.

Em seguida ouviu o médico falando com ela, como se estivesse a quilômetros de distância:

– Yuki? Você vai ficar esperando lá fora? Caso precise ir embora, posso ligar para seu celular.

– Não vou a lugar nenhum. Nada vai me tirar daquela sala de espera.

Sem olhar por onde andava, Yuki saiu da UTI e se jogou numa das cadeiras ao lado da porta.

Ficou parada ali, encarando o vazio à sua frente, em desespero, mas com uma só certeza.

Minha mãe vai sobreviver.

KEIKO CASTELLANO NUNCA TIVERA TANTO medo na vida. Ela sentiu a picada de uma agulha nas costas da mão. Em seguida ouviu uma sequência de bipes e um zumbido de máquina.

Teve um momento de lucidez. Ela estava no hospital. Tivera um problema qualquer, algo muito sério. Uma pressão na cabeça embaralhava seus pensamentos.

Lembrou-se da própria infância, do Festival de Dontaku, das ruas abarrotadas de pessoas vestidas em cores vivas, algumas tocando tambor. Milhares de lanternas de papel flutuavam na água. Pipas com caudas de fita vermelha dançavam em meio aos fogos de artifício que coloriam o céu.

Ela sentiu a pressão aumentar na cabeça. Uma espécie de tempestade escura, fria e aterrorizante. O barulho era ensurdecedor, abafava os outros ruídos do ambiente.

Seria a morte chegando?

Ela não queria ir.

Keiko era embalada pela escuridão quando de repente escutou a voz de Yuki, ao mesmo tempo próxima e distante.

Sua filha estava falando com ela. Bem a seu lado.

– Mamãe, sou eu. Estou aqui. Seja forte! Eu te amo muito.

Tentou responder: “Itsumademo ai shiteru, Yuki.” Vou te amar para sempre, minha filha. Mas havia um tubo grosso dentro da sua boca, impedindo-a de falar.

Aquela altura sentiu a escuridão aumentar.

Mas lutou contra ela. Precisava enfrentar a tempestade.

Alguém estava a seu lado no quarto. Alguém para ajudar?

Uma explosão de dor tomou conta da sua cabeça.

Ela não podia enxergar nem ouvir nada. Tentou gritar, mas nem uma palavra sequer saía da sua boca.

Então percebeu o que estava acontecendo: estava sendo assassinada. Mas os pensamentos foram se apagando aos poucos, vencidos pelo torpor.

Keiko não sentiu o frio metálico dos pequenos discos que foram colocados sobre suas pálpebras: primeiro numa e depois na outra.

Não ouviu as palavras sussurradas em seu ouvido:

– Essas moedas são para sua passagem, Keiko. Boa noite, princesa.

PARTE 2

MORTES POR TODA PARTE

YUKI ACORDOU NO ESCURO, O coração em disparada. Imediatamente, e com uma clareza inesperada, tudo veio à sua cabeça: o Dr. Pierce prestando condolências na sala de espera do hospital, Lindsay levando-a de volta para casa e a colocando na cama, ficando a seu lado até o sono chegar.

Ainda assim, nada fazia sentido.

Na véspera sua mãe estava ótima. E agora estava morta.

Pegou o relógio: seis e quinze da manhã.

Ligou para o Hospital Municipal e enfrentou a interminável gravação até falar com uma telefonista, que a transferiu para a UTI.

– Pode vir quando quiser, Srta. Castellano – disse a enfermeira. – Mas sua mãe não está mais aqui. Desceu para o subsolo.

Yuki sentou na cama, enfurecida.

– Como assim, desceu para o subsolo?

– Sinto muito. O que eu quis dizer é que não mantemos na UTI os pacientes falecidos.

– Vocês mandaram minha mãe para o necrotério do hospital? Cambada de insensíveis!

Ela bateu o telefone e logo voltou a pegá-lo para chamar um táxi. Não estava em condições de dirigir. Rapidamente vestiu uma calça jeans, uma blusa e uma jaqueta de couro. Em seguida calçou os tênis e desceu até a rua.

Ao longo do trajeto de sete quarteirões tentou assimilar o que ainda parecia inacreditável. Sua mãe estava morta. Não havia mais uma Keiko em sua vida.

Já no hospital, atravessou o movimentado saguão, tomou a escada para a UTI e se dirigiu ao posto das enfermeiras, que continuavam conversando como se Yuki não estivesse ali. Olhando para as duas mulheres com raiva, pegou um prontuário e o bateu com força no balcão. Só então as enfermeiras se viraram para ela.

– Sou Yuki Castellano – falou a uma delas, cujo uniforme estava sujo de farelos de pão. – Minha mãe estava aqui ontem à noite. Preciso saber o que aconteceu.

– Qual é o nome da sua mãe?

– Keiko Castellano. O Dr. Pierce era o médico dela.

– Posso ver sua autorização? – disse a moça.

– Como é que é?

– Só podemos dar informações caso sua mãe tenha deixado uma autorização. É a lei.

– Do você está falando? – berrou Yuki. – Ficou maluca?

O que a lei tinha a ver com os direitos dos pacientes? Sua mãe acabara de morrer. Era mais que seu direito saber o que havia acontecido. Tentando controlar a voz, Yuki disse:

– O Dr. Garza está? Posso falar com ele?

– Posso ligar, mas ele também não poderá lhe dar nenhuma informação, Srta. Castellano. A lei é igual para todos.

– Dane-se! – rebateu Yuki. – Quero falar com o Dr. Garza agora!

– Calma, calma – disse a enfermeira, fitando Yuki com seus olhos enormes e inexpressivos e deixando claro quem estava no comando. – Vou ver se ele não foi embora.

ODR. GARZA ESTAVA EM SEU consultório quando Yuki bateu na porta entreaberta. Por um segundo ficou na dúvida se fazia a coisa certa, uma vez que o médico a encarava com o rosto sério, visivelmente irritado com aquela invasão.

Idiota, pensou Yuki, ao mesmo tempo que entrava e se acomodava na cadeira diante do homem. Foi direto ao ponto:

– O que aconteceu com ela?

Mexendo na corrente do relógio, Garza respondeu:

– Acho que o Dr. Pierce já lhe disse, Srta. Castellano. Sua mãe teve um AVC. Sabe o que é isso, não? Um trombo, ou um coágulo sanguíneo, foi para o cérebro dela, impedindo a circulação. Aplicamos anticoagulantes, mas não conseguimos salvá-la.

Em seguida colocou as mãos sobre a mesa como se dissesse: “Assunto encerrado.”

– Sei muito bem o que é um AVC, Dr. Garza. Só não entendo como ela podia estar tão bem na hora do jantar e morta à meia-noite. Ela estava num hospital! E vocês não fizeram nada para salvá-la. Tem alguma coisa errada aí, doutor.

– Não é necessário erguer a voz, Srta. Castellano – disse Garza. – O problema é que o corpo humano não é uma máquina. E médicos não realizam milagres. Pode acreditar: fizemos o possível. – Cobrindo as mãos de Yuki com as suas, emendou: – É difícil, eu sei. Sinto muito.

Yuki se surpreendeu com o gesto do médico, que era íntimo demais. Automaticamente recolheu as mãos e Garza fez o mesmo.

– Por falar nisso – prosseguiu ele, retornando à frieza anterior –, procure a enfermeira Nuñez antes de ir embora. O corpo da sua mãe precisa ser transferido para uma funerária em 24 horas. Infelizmente não podemos mantê-lo aqui por mais tempo.

Yuki levantou-se bruscamente, derrubando a cadeira às suas costas.

– Essa história não acabou – falou. – Sou advogada e não vou deixar barato. Não vou descansar até saber o que aconteceu com minha mãe. Ninguém vai transferi-la antes que eu permita, fui clara? Como médico, Dr. Garza, o senhor tem a sensibilidade de um tijolo.

Em seguida Yuki se virou para sair, mas tropeçou na cadeira e precisou se apoiar na parede, batendo a mão no interruptor e apagando a luz enquanto tentava se equilibrar. Só então atravessou a porta e saiu sem dizer nada, deixando o médico no breu do consultório.

Um pouco tonta, atravessou o corredor, desceu as escadas e por fim saiu à rua.

O ar estava pesado e úmido. Com medo de sofrer um desmaio, Yuki sentou à sombra de um grande plátano e ficou ali, vendo as pessoas se dirigirem ao trabalho como se aquele fosse um dia normal.

Lembrou-se da última vez em que vira a mãe do jeito que ela sempre tinha sido: engraçada e cheia de vida. Keiko tomava sorvete na cama do hospital, dando seus conselhos inusitados e anacrônicos.

Lembrou-se principalmente de quanto elas riam juntas.

E agora tudo havia chegado ao fim.

Um fim que não era para ser.

– Mãe – dizia ela agora para si mesma –, quase caí no chão ao sair daquele consultório, mas pelo menos deixei o idiota no escuro!

Então riu, pensando em quanto a mãe teria gostado de presenciar aquela cena.

Yuki, cadê os modos que lhe ensinei?

Mas a dor logo voltou a afiar suas garras.

Yuki encolheu as pernas e as abraçou contra o peito. Encostada à solidez do velho plátano, deixou a cabeça cair sobre os joelhos e chorou como uma criança. Uma criança que jamais seria a mesma.

ERA MUITO CEDO PARA AQUELA confusão. Não passava das sete da manhã quando estacionei diante da bela casa na Chestnut Street. Um enorme pinheiro projetava a sombra da sua copa no gramado entre a casa e a garagem, já ocupado por alguns policiais.

Desci do carro, abotoei o blazer cáqui em razão do frio e atravessei o gramado verde e bem cuidado.

À porta da casa, Jacobi e Conklin falavam com um casal que devia ter 70 e poucos anos, marido e mulher vestidos em roupões de banho listrados e idênticos, ambos de chinelos. Com o rosto assustado e os cabelos ainda por pentear, os dois davam a impressão de que haviam acabado de levar um choque.

Resmungavam para Jacobi:

– Como vocês sabem que não precisamos de proteção policial? Por acaso têm bola de cristal?

Jacobi olhou para mim com sua expressão de aborrecimento e depois apresentou o Sr. e a Sra. Cronin.

– Bom dia – falei, apertando as mãos de ambos. – Sei que é uma grande chateação, mas vamos fazer o possível para não incomodá-los além do necessário.

– Os peritos estão a caminho – informou Conklin. – Posso fazer o interrogatório, tenente. – Ele pedia permissão ao mesmo tempo que se encarregava do trabalho.

– É todo seu, inspetor. Vá em frente.

Pedi licença ao casal e fui andando com Jacobi na direção do Jaguar conversível azul-marinho estacionado com a capota arriada diante da casa. Um belo carro, o que só piorava as coisas.

Eu sabia o que esperar desde o momento em que recebera a ligação de Jacobi, 20 minutos antes. Ainda assim, ao ver o rosto da vítima, senti o coração gelar.

Tal como a Garota do Cadillac, era uma jovem de uns 20 anos, branca e de porte miúdo. Os cabelos louros, muito bonitos, caíam, ondulados, até os ombros. Os olhos azuis estavam arregalados, como se pudessem enxergar a rua à sua frente. Ela também havia sido posicionada de modo a dar a impressão de que ainda estava viva.

– Meu Deus, Jacobi – falei. – Mais uma. Só pode ser...

– Ontem à noite estava fazendo uns 10 graus – disse ele. – O corpo está gelado. E as roupas... só de boutique, igual às da outra.

– Da cabeça aos pés.

A vítima usava uma blusa azul com uma echarpe e uma saia tulipa xadrez em tons de azul e cinza. As botas eram Jimmy Choo, com um zíper na parte de trás. Um policial precisaria economizar o salário de três meses para comprar aquelas roupas.

Mas havia algo de errado nas joias da vítima. O bracelete e os brincos tinham o brilho de pedras falsas. Que diabos significaria aquilo? Ergui a cabeça quando ouvi as sirenes. Os

paramédicos e os peritos estacionavam seus veículos atrás das viaturas.

Conklin atravessou o gramado em direção à ambulância. Ouvi-o dizer ao motorista:

– Ela já era, companheiro. Infelizmente vocês perderam a viagem.

Enquanto o veículo dava ré, Charlie Clapper saiu da van da perícia com sua caixa de equipamentos e sua câmera em punho. Veio ao nosso encontro, dizendo:

– Novo dia, novo presunto. – E pediu que nos afastássemos.

Jacobi e eu ficamos a alguns metros do Jaguar enquanto ele batia suas fotos.

Eu já sabia o que Clapper iria encontrar: marca de estrangulamento no pescoço, nenhum sinal de bolsa ou documento de identidade. Em resumo: o maldito carro não nos daria nenhuma pista.

– Está sentindo? – perguntou Jacobi, farejando o ar.

Um perfume discreto àquela distância, mas uma fragrância que eu havia sentido antes: uma nota almiscarada que me lembrava orquídeas.

– O mesmo da Garota do Cadillac – falei para meu ex-parceiro. – Olhe, uma vez, tudo bem! Mas duas? Uma garota com a mesma aparência e abandonada num carro? Esse pessoal está se divertindo, Jacobi. Estão gostando da brincadeira.

Sem ter mais nada a dizer, ficamos observando a equipe de Clapper examinar o Jaguar em busca de impressões digitais. Jacobi e eu pensávamos nas mesmas perguntas.

Quem seriam aquelas duas garotas? E quem seriam os dois loucos que as mataram? Qual o motivo dos crimes? Qual o significado de as vítimas estarem naquela pose e tão bem-vestidas?

– É muito sangue-frio... – disse Jacobi assim que os legistas chegaram. – Colocar as vítimas dessa maneira! Eles não estão apenas se divertindo, Boxer. Estão desafiando alguém. E precisamos descobrir quem é.

JÁ DE VOLTA À DELEGACIA, atendi o telefone assim que vi o nome de Claire no visor.

– Tenho uns resultados preliminares sobre a Garota do Jaguar.

– Quer que eu desça?

– Não. Eu subo. É bom mudar de ares um pouquinho. Daqui a pouco estou aí.

O cheirinho de orégano e calabresa chegou antes de Claire, que agora entrava em minha sala com uma caixa de pizza e duas latas de Coca Zero.

– O almoço chegou – ela foi logo dizendo. – A comida mais perfeita na face da Terra.

Pizza!

Retirei a pilha de pastas da cadeira, transferi a papelada da mesa para o peitoril da janela e saquei meus melhores guardanapos de papel e pratos de plástico.

– Tomei as escadas – disse Claire, jogando-se na cadeira para cortar a pizza.

– Tomou, é? Então devolva, porque vamos precisar delas.

– Como eu estava dizendo antes da sua piadinha infame – prosseguiu minha amiga, rindo –, subi pelas escadas. Três andares inteiros. Devo ter queimado o quê? Umas 100 calorias?

– Por aí. O equivalente a um quarto de fatia da comida mais perfeita na face da Terra.

– Deixa para lá – devolveu ela, ainda rindo enquanto colocava uma fatia fumegante em meu prato. – Não sou eu quem vai declarar guerra à comida. A comida não é o inimigo.

– Uma trégua para a pizza! – falei.

– À trégua! – disse Claire, brindando com a lata de refrigerante.

– E que venha o queijo! – emendei. – Muito queijo!

Juntei-me à gargalhada gostosa de Claire, que era música para meus ouvidos. Sempre que a barra começava a pesar um pouco no trabalho, ela e eu apelávamos para o humor, o que muitas vezes ajudava. Em 10 minutos devoramos aquela pizza deliciosa, e Claire enfim contou as novidades sobre a mais recente vítima.

– Ao levar em conta o tempo que passou exposta ao frio da noite, eu diria que a Garota do Jaguar morreu por volta da meia-noite – disse ela, arremessando a lata vazia no cesto de lixo. – As roupas eram lindas, mas de tamanho inadequado. Justas em cima e grandes no quadril. Dessa vez, no entanto, as botas eram do tamanho certo.

– E nunca haviam sido usadas antes, correto?

– Novinhas em folha. E aquele perfume estranho foi passado apenas na vulva, exatamente como no caso da Garota do Cadillac.

– Quando você vai começar a autópsia?

– Assim que voltar lá para baixo.

– Quer companhia?

Liguei para a secretária de Tracchio e avisei que faltaria à nossa reunião de equipe. Um ato de rebeldia? Com certeza. Depois passei pela mesa de Jacobi na sala dos inspetores e

o convidei ao necrotério. Correndo escada abaixo, coloquei-o a par das últimas novidades.

SEMPRE ACHEI A REALIDADE NUA e crua do necrotério uma agressão aos olhos e aos nervos: a luz forte sobre os cadáveres, os lençóis cobrindo as vísceras abertas, o cheiro forte dos desinfetantes, os rostos sem vida.

De algum modo, as circunstâncias não ofuscavam por completo a beleza da Garota do Jaguar. Na verdade, ela parecia ainda mais jovem e graciosa do que quando vestida com as roupas de grife. A mancha roxa ao redor do pescoço e os pequenos pontos azulados dos hematomas nos braços pareciam um insulto à pele perfeita.

Fiquei olhando enquanto minha amiga vestia a armadura de seu ofício: jaleco, touca, luvas e avental de plástico.

– Tudo aponta para uma morte suave – disse Claire. – Nenhuma facada, nenhum ferimento à bala.

Em seguida posicionou o bisturi para fazer a profunda incisão em forma de Y que correria dos ombros ao esterno e depois desceria até o púbis da jovem. Colocou a máscara e começou a falar enquanto dissecava a musculatura do pescoço. Puxou uma camada de pele com a ajuda de um fórceps e mostrou a mim e a Jacobi a mancha marrom, no formato de uma impressão digital.

– A pobrezinha foi asfixiada por dois malucos. Assim como na Garota do Cadillac, não houve hemorragia petequial. O que significa que alguém a imobilizou pressionando o polegar no pescoço, bem aqui. Devia ser muito forte. Outra pessoa a asfixiou. Esta marca enrugadinha aqui, que se repete em pequenos padrões, é consistente com a borda enrolada de um saco plástico. É provável que o troglodita tenha colocado a mão sobre o nariz e a boca da vítima, para liquidar a fatura.

Eu não conseguia parar de olhar para a jovem e imaginar a morte tão estúpida que ela havia tido.

– Estou começando a achar que se trata de alguma fantasia sexual – falei. – Os tarados drogam as garotas, estupram-nas em seguida e as vestem do jeito que querem, fazendo tudo o que dá na telha.

– Não há nenhum sinal de que esta garota tenha resistido – comentou Claire. – Portanto, até que os exames toxicológicos fiquem prontos, vou supor que ela realmente foi drogada.

– Covardes, filhos da mãe! – esbravejou Jacobi.

– Tenham fé, meus amigos – disse Claire. – Vou ligar para o laboratório e pedir um favorzinho. De repente consigo que eles apressem o exame de DNA.

Ao me aproximar da mesa, mais uma vez examinei o rosto inerte da vítima. Por fim fechei seus olhos azuis e vidrados.

– Vamos pegar esses canalhas – falei a ela.

CLAIRE ACOMPANHOU LINDSAY E JACOBI até a porta, lamentando-se por ainda não ter nada de concreto para lhes oferecer e desejando que em breve, para o bem de todos, o nome da jovem fosse descoberto.

Ligou para o laboratório e, como prometido, pediu pressa no exame de DNA. Recebeu como resposta o costureiro “Claro, Dra. Washburn, vamos fazer o possível”, mas percebeu o recado nas entrelinhas: “Você tem noção de quanto tempo leva um exame desses? Sabe quantos casos estão na frente?”

– Pode acreditar – disse ela ao supervisor. – É urgente. Muito urgente. Prioridade máxima.

– Pode deixar, doutora. Já entendi.

Claire fechava a gaveta da Garota do Jaguar quando seu celular tocou. O número de Yuki piscava no visor.

– Yuki, minha querida... e aí, como você está? – perguntou. – Quer que eu passe para buscá-la ou prefere ir no seu carro? O Edmund quer muito conhecê-la. É ele quem vai cozinhar. Risoto de funghi.

– Claire, desculpe... é que... ainda prefiro ficar sozinha.

Claire esperou um segundo a título de respeito e depois disse:

– Claro, querida. Eu entendo.

– Mas preciso pedir um favor – disse Yuki, exalando um suspiro sonoro.

– O que você quiser.

– Gostaria que você fizesse a autópsia da minha mãe.

Claire ouviu com atenção enquanto Yuki lhe contava sobre a conversa com Garza, dizendo que não estava nem um pouco satisfeita com a explicação que o médico dera para a morte de Keiko.

Claire também teve vontade de suspirar, mas se conteve. Não queria faltar ao respeito com a amiga.

– Tem certeza de que quer isso mesmo, meu amor? Vai segurar a onda caso eu descubra alguma coisa?

– Juro que sim. Preciso saber se a morte da mamãe poderia ter sido evitada. Realmente preciso saber o que aconteceu com ela.

– Entendo. Vou tomar as providências necessárias para que ela seja transferida amanhã de manhã.

– Você é um anjo – disse Yuki, com a voz embargada pelas lágrimas.

– Não se preocupe, minha linda. Sua mãe é da família, está bem?

NA TARDE SEGUINTE, NA COZINHA de sua mãe, Yuki comia uma torrada sobre a pia, mastigando devagar, ainda pensando no absurdo da situação. Passara a noite em claro, telefonando para as amigas de Keiko, revendo fotos e álbuns de família, perdendo-se nas lembranças. Mas agora se esforçava para permanecer no presente, perguntando-se quando Claire ligaria de volta e o que ela teria a dizer.

Quando enfim ouviu o telefone tocar, por pouco não saltou sobre ele.

– Então, meu amor, como você está? – perguntou Claire.

– Estou melhor – mentiu Yuki. Na verdade, ela se sentia um pouco tonta, tamanha era a ansiedade para saber o veredicto da amiga sobre a morte de Keiko. Não se contendo, perguntou: – Descobriu alguma coisa?

– Descobri, sim. Em primeiro lugar, Garza estava certo quando disse que sua mãe teve um AVC. Mas o que ele não disse foi que se passaram no mínimo três horas até que alguém percebesse o estado dela. Os médicos deveriam ter feito uma ressonância para determinar a gravidade do quadro – prosseguiu Claire. – Em vez disso, entupiram-na de estreptoquinase, que é um anticoagulante.

– O Dr. Garza realmente disse alguma coisa sobre um anticoagulante.

– Sei... Bem, a estreptoquinase não é uma droga moderna, mas funciona quando usada de modo certo. O que não aconteceu. Sua mãe estava tendo uma hemorragia e não havia para onde esse sangue ir. Foi isso que a matou, Yuki. Eu sinto muito. Realmente sinto, meu amor.

Yuki recebeu a notícia como um soco no estômago.

Santo Deus, Keiko ficara sofrendo durante horas e ninguém sequer tinha notado.

Que diabos estava acontecendo naquele hospital?

Afinal de contas, por que a mãe dela tivera aquele AVC?

– Yuki? Yuki? Você ainda está aí?

– Estou.

Yuki terminou a conversa com Claire e desligou. Correu até o banheiro e vomitou no vaso. Então tirou a roupa, entrou no chuveiro da mãe, abriu a água quente e por um bom tempo ficou ali, chorando com a cabeça encostada à parede. Precisava decidir o que iria fazer em seguida.

Em meia hora, vestida com as roupas da mãe (calça preta com cintura de elástico e um top de veludo vermelho), pegou o carro e estacionou diante do número 800 da Bryant Street.

Determinada, entrou no prédio cinza e deu seu nome ao segurança. Tinha uma missão a cumprir. Estava decidida e nada conseguiria detê-la. Tomou o elevador e saiu no terceiro andar, onde ficava o Departamento de Homicídios da Polícia de São Francisco.

Lindsay já se encontrava à espera dela. Abraçando a amiga, levou-a até sua sala. Yuki

sentou-se numa das cadeiras. Estava visivelmente tensa: rosto rígido e garganta apertada. Lindsay a observava com preocupação. Yuki reconhecia a grande amiga que tinha. Preferia não ter de fazer aquilo com ela, mas precisava.

– Quero registrar uma queixa contra o Hospital Municipal – disse. – Alguém naquele maldito hospital matou minha mãe.

COLMA, NA CALIFÓRNIA, É CONHECIDA como a Cidade dos Mortos. Localizada menos de 10 quilômetros ao sul de São Francisco, é o cemitério da grande metrópole. Com mais de um milhão de pessoas sepultadas em seus belos gramados, é a única cidade nos Estados Unidos onde o número de mortos é maior do que o de vivos, numa proporção superior a 12 por um.

Mamãe estava ali, no cemitério Jardim dos Ciprestes, e em breve a mãe de Yuki estaria também. Naquele sábado, cerca de 70 pessoas se agrupavam sob o toldo branco ao lado da sepultura de Keiko. Uma brisa suave balançava a lona, fazendo espiralar a fumaça dos bastões de incenso ao lado do retrato de Bruno e Keiko Castellano, pais da minha amiga.

Yuki estava abraçada a um senhor japonês que vestia um terno preto amarrotado. Era Jack, irmão gêmeo de Keiko. Emocionado, ele proferiu algumas palavras em seu inglês hesitante:

– Minha irmã, pessoa muito preciosa. Obrigado por trazer... honra para família.

Yuki deu um beijo no tio e, exibindo um sorriso no rosto cansado, começou seu discurso:

– Mamãe gostava de dizer que, quando veio para São Francisco, reconheceu de imediato os pontos turísticos da cidade: a ponte, as lojas da Union Square, Chinatown... não necessariamente nessa ordem.

As pessoas riram com ternura e Yuki prosseguiu:

– Eu sempre ia às compras com ela depois da escola e a gente ficava horas olhando as roupas. Ela dizia: “Yuki, você precisa aprender ser moça fina.” Acho que nunca aprendi. – Ela sorriu. – Eu gostava de ouvir música alto, de usar saias curtas. Eu sei, mamãe, até esta que estou usando hoje é curta demais para a senhora. Ela queria que eu me casasse com um advogado, em vez de me tornar uma. Minha vida não é a que mamãe sonhou para mim, mas ela sempre esteve a meu lado com seu amor e seu apoio. Fomos e seremos sempre melhores amigas. Difícil imaginar como será meu mundo sem ela. Mamãe, vou amá-la para sempre, e para sempre vou sentir saudades...

Yuki baixou a cabeça, os lábios trêmulos. Em seguida, ela e Jack se aproximaram do caixão de Keiko. Apertando uma pulseira de contas entre as palmas das mãos, Yuki ergueu-as diante do rosto e começou a orar em japonês com o tio. Parentes e amigos logo engrossaram o coro.

Por fim, minha amiga curvou o tronco numa reverência à mãe.

Comovida com o sofrimento de Yuki e vendo as lágrimas que corriam pelo rosto dela, apertei as mãos de Cindy e Claire, que estavam ao meu lado.

– É muita tristeza para um só dia – sentenciou Claire.

PARA ENCONTRAR O TÚMULO DE mamãe, precisei caminhar 10 minutos com um mapa na mão, ora indo para o leste, ora para o sul, passando por leões esculpidos e mausoléus de mármore, até achar a modesta lápide de granito que tinha o peso de chumbo em meu coração.

As letras gravadas haviam escurecido com o limo de quase 15 anos, mas ainda era possível ler com clareza: Helen Boxer, esposa de Martin e mãe dedicada de Lindsay e Catherine. 1939-1989.

Lembrei-me de um episódio de minha infância: mamãe com os cabelos dourados presos num coque preparando nosso café antes de ir para o trabalho. Ela sempre queimava os dedos ao tirar o pão da torradeira. Resmungava “uuui, uuui, uuui” baixinho para nos fazer rir.

Nos dias de semana só a víamos à noite. Quando chegávamos da escola, a casa estava vazia. Eu corria para a cozinha e preparava macarrão para o jantar. Várias vezes eu acordava no meio da noite com mamãe gritando com papai para que fechasse a matraca a fim de não acordar “as meninas”.

Também me recordo de nossa vida depois que papai nos abandonou. Por um breve período mamãe se viu livre do pulso de ferro com que ele nos controlava: cortou os cabelos, começou a fazer aulas de canto e teve sete anos do que chamava de “liberdade para respirar”. Até ser levada por um câncer de mama fulminante.

Lembrei-me do dia em que ela foi enterrada. Contudo, não tive a mesma desenvoltura de Yuki diante do caixão da mãe. Consumida pela raiva, fiquei o tempo todo muda, virando o rosto para não ter de encarar meu pai.

Agora, sentada de pernas cruzadas sobre o túmulo de mamãe, olhando para um avião que sobrevoava as colinas ao sul de São Francisco, minha vontade era que ela pudesse ver que suas filhas estavam bem. Que Cat era uma mulher forte com duas filhinhas lindas e inteligentes, e que minha irmã e eu voltáramos a ser amigas.

Queria dizer a ela que a carreira de policial tinha dado um sentido à minha vida. Nem sempre eu havia sido uma mulher segura de minhas escolhas, mas hoje penso que mamãe teria orgulho da pessoa em que me transformei.

Passando a mão pela borda da lápide, disse algo que raramente admitia para mim mesma:

– Mãe, sinto muito sua falta. Queria que a senhora estivesse aqui. Queria ter sido uma filha mais carinhosa quando você estava viva.

MEUS PENSAMENTOS OSCILAVAM ENTRE O amor e a morte enquanto eu voltava de Colma para São Francisco. As imagens das pessoas que eu amava e que haviam morrido surgiam na minha mente.

As luzes já estavam acesas na Bay Bridge quando enfim entrei na cidade e fui atravessando as ruas estreitas que subiam até Potrero Hill.

Estacionei o Explorer na primeira vaga que encontrei e fui caminhando pela calçada, pensando nas pequenas tarefas e nos pequenos prazeres que me aguardavam em casa, pronta para dar o dia por encerrado.

Estava com as chaves na mão para abrir a porta quando ouvi o inconfundível latido de Martha... na rua!

Não podia ser. Aquilo não fazia sentido.

Pensei que estivesse ouvindo coisas.

Talvez ela tivesse fugido pela porta enquanto eu saía para o enterro de manhã.

Aflita, comecei a correr os olhos pela rua.

Foi quando vi minha melhor amiga na janela do sedã preto que parava atrás do meu carro.

Que alívio. Uma alma caridosa a encontrara em algum lugar e agora a trazia de volta.

Mas, quando me abaixei para agradecer ao motorista através da janela, quase tive um enfarte.

Como eu poderia ter esquecido?

Era Joe.

JOE SAIU DO CARRO COM várias sacolas de mercado. Ainda assim eu o cobri de beijos, enquanto Martha pulava em minhas pernas.

– Quando você chegou? – perguntei.

– Às dez da manhã. Como planejado.

– Puxa!

– Tive um dia ótimo. Vi um pouquinho de futebol. Tirei uma soneca com Martha. Levei nossa amiga aqui para fazer compras comigo.

– Caramba, Joe!

– Você esqueceu que eu vinha, não esqueceu?

– Puxa, eu sinto muito...

– Ih, essa desculpa não cola – brincou Joe.

– Posso explicar.

– Então capriche. Se está achando que vai me enrolar, pode ir tirando o cavalinho da chuva.

Rindo, passei o braço pela cintura dele e subimos juntos as escadas.

– Vou pagar pelos meus pecados – falei.

– Pode apostar – retrucou ele, já me apertando entre os braços.

Na cozinha, deixou as compras na bancada e guardou o sorvete no congelador. Em seguida se acomodou num dos bancos, cruzou os braços e olhou para mim como se dissesse: “Estou esperando.”

– A mãe de Yuki foi enterrada hoje. Lá em Colma.

– Puxa. Sinto muito, Lindsay.

– Joe, foi tudo tão rápido... Yuki e Keiko iam viajar num cruzeiro na semana que vem!

Joe abriu os braços na minha direção e eu me joguei neles. Comecei a falar da bonita relação que Yuki tinha com a mãe, da possibilidade de um erro por parte do hospital.

Senti um aperto na garganta quando falei da minha própria mãe, sobre a visita que fizera ao túmulo dela naquela tarde. Na tentativa de mudar de astral, apertei os braços com mais força em torno da cintura de Joe.

– Mas eu estava morrendo de saudades.

– Estava mesmo? Quanto? – perguntou ele, ameaçando-me com o olhar.

Para dar uma boa medida da saudade que estava sentindo, abri os braços o máximo possível, mas Joe me puxou novamente para um abraço forte e um beijo de cinema.

Ficamos grudados por um longo tempo. Eu passava a mão pelos cabelos dele, apertando seu rosto contra o meu, sentindo a força daqueles braços que me agarravam. Como era boa aquela sensação!

Com as mãos em meu bumbum, Joe foi me empurrando até o quarto, com aquele corpo enorme pressionado contra o meu, sem nenhum espaço entre nós.

Lentamente ele me colocou na cama, deitou-se a meu lado e tirou os cabelos do meu rosto, dizendo:

– Minha saudade era maior ainda.

– Impossível. – Peguei a mão dele e a coloquei sobre meu coração. – Está sentindo isso?

– Você sabe que eu te amo, não sabe?

– Também te amo muito, Joe.

Joe abriu o zíper da minha saia, desabotoou minha blusa, retirou a presilha dos meus cabelos e me despiu sem nenhuma pressa. Àquela altura eu já estava ofegante.

Abracei um travesseiro contra o peito enquanto ele arremessava nossas roupas até a cadeira mais próxima. Eu não aguentava mais quando finalmente ele puxou as cobertas da cama, jogou o travesseiro longe e se deitou a meu lado, roçando-me com o corpo nu.

Enlaçando seu pescoço com os braços, senti os lábios que me beijavam. Aos poucos, eu ia me perdendo no gosto daquela boca, no cheiro daquele corpo.

Subitamente o mundo se reduziu ao calor daquele instante.

JOE E EU ENFRENTÁVAMOS O vento do convés enquanto a balsa atravessava a baía na volta de Sausalito para São Francisco. Ele estava pensativo e eu me perguntava por quê.

Eu me lembrei do nosso preguiçoso despertar às 11 horas daquela manhã, com um céu muito azul. Fizemos a viagem de ida no deque superior, ficando o tempo todo de mãos dadas. Almoçamos num charmoso restaurante com vista para o mar.

Era como se tivéssemos sido transportados para a costa da Itália, comendo uma deliciosa massa à beira do Mediterrâneo.

Apertei o braço dele.

Aqueles seis meses de namoro estavam sendo espetaculares. Compensávamos a distância com milhares de telefonemas e e-mails. Uma ou duas vezes por mês, desfrutávamos um fim de semana como aquele.

E depois nos separávamos, o que me parecia uma tremenda crueldade.

Em meia hora eu estaria de volta em casa e Joe embarcaria num jato da Força Aérea rumo a Washington.

– Ei, Joe, você está aí? Até parece que já está do outro lado do país.

Passando o braço pelos meus ombros, ele me puxou para junto de si. Procurei aproveitar aqueles últimos momentos a seu lado, observando as gaivotas rodopiando acima da balsa, a água respingando no convés, sentindo os braços de Joe junto a meu corpo.

– Não sei se vou aguentar – disse ele. – Essa história de transar 11 vezes em 24 horas... Afinal de contas, já estou com 45 anos.

Joguei a cabeça para trás numa sonora risada.

– Exercícios aeróbicos fazem bem à saúde – falei.

– Você está achando graça, não é? Mas é minha virilidade que está em jogo.

Abracei-o com força e fiquei na ponta dos pés para beijar seu pescoço. Uma, duas, três vezes.

– Não vem que não tem, loura. Meu gás acabou.

– Falando sério, Joe. Você está bem?

– Falando sério? Minha cabeça está cheia de problemas. Só não sei como lidar com eles.

– Por que você não se abre comigo? De repente eu posso ajudar.

Joe virou os olhos azuis para mim enquanto a balsa se aproximava do porto.

– Temos de passar mais tempo juntos, Lindsay. Esses fins de semana são ótimos, mas...

– Eu sei, eu sei...

Ele hesitou um pouco antes de dizer:

– Já pensou na possibilidade de se mudar para Washington?

Não consegui disfarçar o susto. Já previa que cedo ou tarde teríamos de conversar sobre o rumo de nossa relação. Mas não naquele dia, não ali.

Como eu poderia viver em Washington?

Joe percebeu que eu havia levado um susto.

– Espere um pouco. Podemos ver a coisa por outro ângulo.

Então começou a falar algo que eu já sabia: que Los Angeles era a porta de entrada dos cargueiros vindos de Hong Kong, um dos maiores portos do mundo. Em seguida explicou o ponto de vista do Departamento de Segurança Interna.

– Há um temor de que terroristas consigam embarcar um artefato nuclear num desses contêineres que vêm de Hong Kong. E as chances de detectarmos uma coisa dessas por enquanto são praticamente nulas. Não há nenhuma operação em andamento. É aí que eu entro. Posso fazer um importante trabalho em Washington no sentido de implantar a segurança do porto.

Os motores da balsa rugiram quando a gigantesca carcaça de madeira atracou no píer. Num momento fomos atropelados pelos passageiros que se acotovelavam para descer do deque, empurrando-nos escada abaixo, separando-nos um do outro. Era impossível conversar naquelas condições.

O sedã de Joe já nos esperava à entrada do porto. Ele abriu a porta para que eu entrasse e pediu ao motorista que nos levasse até o estacionamento onde eu havia deixado meu carro.

– Sei que você tem muito em que pensar – disse ele.

– Joe, eu adoraria falar mais sobre isso. Sempre fico arrasada quando você vai embora.

– Eu também, Lindsay. Mas a gente vai dar um jeito.

O sedã parou diante do estacionamento e nós dois descemos. Encostada no meu velho Explorer, senti meus olhos se encherem de lágrimas quando nos despedimos.

Demos um último abraço, um último beijo.

Aquele havia sido mais um dia inesquecível para guardar em nosso álbum de recordações. Eu ainda sentia a pressão dos lábios dele. Minha pele, arranhada pela barba por fazer, já sentia falta de suas mãos carinhosas.

Era como se ele estivesse bem ali a meu lado.

Mas Joe havia ido embora.

PARTE 3

GAROTAS, CARROS E PERGUNTAS

APÓS ALMOÇAR COM CINDY, VOLTEI para o trabalho e, a caminho da minha sala, percebi dezenas de olhares me acompanhando. Uma semana havia se passado desde que a foto da Garota do Cadillac fora publicada no Chronicle. E em breve a imagem da Garota do Jaguar também ganharia a primeira página. Era nisso que eu pensava.

Ainda esperávamos que alguém nos desse alguma pista. Onde estariam as malditas pistas? Por que havia tão poucas provas? Que diabos não estávamos percebendo?

Pendurei minha jaqueta e acenei através das vidraças para que Jacobi e Conklin viessem até meu cubículo. Conklin se jogou na cadeira, quase sem espaço para suas pernas compridas. Como de costume, Jacobi sentou na quina da mesa.

Informei que havia mandado a foto da Garota do Jaguar para a imprensa, perguntando em seguida se eles tinham alguma novidade.

– Meu parceiro tem uma coisinha para você, Boxer.

Jacobi não é de muitos sorrisos, mas achei ter visto seus olhos de pedra se iluminarem.

– É verdade – disse Conklin, endireitando-se na cadeira. – Uma novidade mais ou menos boa.

– Qualquer novidade é boa nesse caso.

– Chegaram os resultados do DNA da Garota do Cadillac.

– Ótimo. E aí?

– Tiro na água – respondeu Conklin.

Meu otimismo foi pelo ralo.

No jargão da polícia, “tiro na água” é uma pista que não leva a nada ou a muito pouco. No caso em questão, nosso banco de dados tinha um perfil compatível com a amostra de DNA encontrada no Cadillac, mas a identidade da pessoa era desconhecida.

Conklin abriu uma folha na minha mesa e a virou para que eu pudesse ler. Em seguida foi explicando linha por linha, com toda a paciência do mundo, como eu fazia com meus chefes quando achava que eles não tinham capacidade para compreender.

– Esta é a amostra de uma jovem branca morta em Los Angeles dois anos atrás – disse ele. – Tinha 20 e poucos anos. Estuprada, estrangulada e encontrada num terreno baldio. Não havia nenhum documento com a vítima, que nunca foi identificada. A Polícia de Los Angeles acredita que ela não morava na cidade.

– Ela vestia roupas de grife?

– Negativo. Estava com uma camiseta de poliéster puxada até o pescoço. Não foi à toa que não encontramos nada antes – disse Conklin. – Modus operandi totalmente diferente do caso das jovens do Cadillac e do Jaguar. Não usava marcas famosas nem foi deixada dentro de um carro. Mas uma coisa é certa: o cara que a estuprou foi o mesmo que violentou a Garota do Cadillac.

– Talvez a jovem de Los Angeles tenha sido a primeira vítima do nosso criminoso –

acrescentou Jacobi. – E desde então ele vem aperfeiçoando sua técnica.

– Ou talvez tenha arrumado um comparsa – falei, arriscando outra hipótese. – Alguém com muito mais imaginação.

LEO HARRIS TRANCAVA A CAIXA registradora de sua loja quando ouviu o sininho da porta.

– Já fechamos – disse ele, sem se virar. – Volte amanhã, por favor.

No entanto, ele ouviu passos se aproximando do balcão.

– Estamos fechados, eu já disse.

– Preciso de um cigarro – insistiu o rapaz, falando baixo e enrolando um pouco a língua.
– Tem Marlboro?

– Veja no mercado do outro lado da rua – respondeu Harris, um senhor negro de 65 anos. – Na esquina da Hyde. Dá para ver da porta.

Assim que trancou a gaveta da caixa, ele ergueu os olhos opacos para o recém-chegado, enxergando apenas o vulto do rapaz e esperando que ele fosse embora.

– Bota a grana no balcão, vovô. Encosta na parede e levanta os braços. Talvez eu não faça nada contigo.

Harris agora prestava atenção a todos os ruídos: a respiração ofegante do jovem, o zumbido do letreiro na vitrine, o bonde que passava pelo cruzamento da Union com a Hyde. Ele disse:

– Tudo bem, tudo bem. Me deixe abrir a caixa. Tem 100 pratas debaixo da gaveta. Pode levar um pacote inteiro de cigarros se quiser, mas por favor...

– Afasta a mão desse botão! – berrou o rapaz.

– Só estou abrindo a caixa.

Harris acionava o alarme sob o balcão quando ouviu o tilintar da coleira de Serena, que descia do apartamento do dono da loja para vigiar o estabelecimento. Droga, ele pensou, já ouvindo a cadela rosnar. Em seguida ouviu o jovem engatilhar sua arma, dizendo:

– Some daqui, vira-lata!

Seguiu-se um disparo.

– Serena! – berrou Harris.

Um segundo disparo, semelhante a uma explosão, fez tremer a pequena loja.

Harris levou a mão ao peito e desabou, derrubando os pacotes de cigarro do balcão, ouvindo a fuga do assaltante, a porta que batia, os sininhos que tocavam. Logo pensou na companheira de 12 anos, a pobre Serena, que ganhava em meio aos estilhaços de vidro.

– Por favor, alguém ajude! Fomos baleados!

QUANDO RECUPEROU OS SENTIDOS, LEO Harris estava de lado no chão, com o rosto virado para a parede. Sentiu o focinho de Serena em sua nuca, o hálito quente no pescoço. Em seguida ouviu uma voz masculina:

– Sr. Harris, o senhor está bem? Está me ouvindo? Sou Larry Petroff, da polícia.

– Minha cadela. Acho que Serena foi baleada.

– Ela está aqui. Acho que levou um tiro na barriga e veio se arrastando até o senhor. Calma, garota, não vou machucá-la. Diga a ela que está tudo bem, Sr. Harris.

– Quietinha, Serena. Isso aí, garota.

– A ambulância está a caminho, Sr. Harris. Eu e meu parceiro vamos levar sua cadela para o veterinário. Ela vai ficar boa, não se preocupe.

Leo Harris novamente perdeu a consciência. Acordou poucos minutos depois, a caminho da ambulância. Ouviu alguém falar pelo rádio:

– Emergência. Aqui é o paramédico Colomello. Temos um homem de mais de 60 anos com um ferimento à bala no lado direito do tórax. Pressão arterial: 14 por 10. Pulso: 150. O pulmão direito está comprometido. O coração parece bem. Nenhuma outra lesão visível. Chegaremos aí em alguns minutos. Ele já está no soro.

– Imagine só – disse Larry Petroff a seu parceiro. – Só mesmo um desalmado para atirar num homem cego.

– Parcialmente cego – corrigiu Leo Harris, já dentro da ambulância. – É muito diferente.

– Foi sem querer, Sr. Harris. Mas fique tranquilo. Os médicos já estão à sua espera no Municipal. O senhor chegará lá em três minutos. Serena vai ficar bem. Vocês dois tiveram muita sorte.

– É, hoje foi meu grande dia de sorte – resmungou Leo Harris.

AENFERMEIRA NODDIE WILKINS ESTAVA FURIOSA. Ainda que fosse de carro, chegaria com meia hora de atraso a seu encontro com Rudolph. Aquele emprego era uma droga. Ela não tinha tempo para nada. Além disso, a porcaria do hospital vinha cortando os benefícios dos funcionários.

Ela usou o quadril para abrir a porta do quarto 228, com o cuidado de não deixar a bandeja cair. A única luz no cômodo era a do aparelho de televisão.

– E aí, meu amigo? – disse a enfermeira, percebendo a gritaria no jogo de futebol americano na TV.

Em seguida colocou a bandeja na mesinha lateral, procurando se manter fora do alcance de seu paciente. Precisava ficar esperta, ou o Sr. Harris, parcialmente cego ou não, usaria o braço para apalpá-la. Ele tinha 65 anos e se recuperava de um ferimento à bala, porém não estava morto. Ainda assim era um homem simpático, um senhor que tinha verdadeira adoração por sua cadela, Serena.

– Trouxe seu jantar, Sr. Harris, e seus dois sorvetes. Mas antes vamos dar uma olhada nessa pressão.

Ainda de costas para ele, Noddie foi buscar o aparelho de pressão no armário do quarto, preparando-se para ouvir o habitual “Coração, dá uma ajeitadinha neste travesseiro aqui, dá?”. Só então ela olhou de relance para o paciente.

E sentiu o estômago despencar de uma altura de 15 andares. Algo estava errado.

– Sr. Harris! Sr. Harris! – berrou a enfermeira, correndo para junto da cama.

Sacudiu o homem pelos braços e a cabeça dele virou para o lado, fazendo com que as moedas caíssem dos olhos para os lençóis. Uma delas foi ao chão e correu para longe, até parar com uma das faces para cima.

Meu Deus!

As malditas moedas novamente.

E dessa vez sobre os olhos do simpático Sr. Harris.

PELA TERCEIRA MANHÃ SEGUIDAYuki estava diante do Tribunal de Justiça, localizado no Civic Center de São Francisco. Aquilo já estava virando uma obsessão.

Mostrou a identidade ao segurança e tomou o elevador rumo à sala 4A.

Estava de licença do trabalho, o que lhe dava duas opções: ir diariamente ao tribunal ou ficar em casa remoendo sua tristeza e revolta. A única coisa que a fez sair da cama aquela manhã foi o desejo de ver Maureen O'Mara colocar o Hospital Municipal contra a parede.

A sessão já havia começado quando ela entrou na sala lotada. Avistou um lugar vago no meio de uma das fileiras e foi se espremendo entre joelhos e pés, pedindo desculpas aos demais espectadores, até conseguir se acomodar.

Com absoluta atenção, acompanhou o depoimento de cada homem e mulher que havia perdido algum familiar no hospital, os comoventes relatos daqueles que nunca mais teriam a companhia de um filho, um cônjuge ou um pai. Culpa da mais absoluta negligência médica.

Yuki, que ainda estava muito abalada pela recente perda, se esforçava para não chorar junto com as testemunhas. E conseguiu. Bastou se concentrar na acusação de O'Mara com o espírito crítico de advogada.

Os pacientes que tinham dado entrada na emergência foram transferidos para a UTI e se recuperaram. Mas alguma coisa aconteceu e eles morreram depois.

Do mesmo modo que sua mãe.

Ah, se fosse possível voltar no tempo e tirar Keiko daquele inferno!

Yuki ouviu Lawrence Kramer dispensar do banco de testemunhas uma mãe que se debulhava em lágrimas.

– Sem mais perguntas, meritíssimo – disse o advogado de defesa.

Ao ver a mulher naquele estado, Yuki levou um lenço aos olhos e os enxugou. Respirava fundo quando Maureen O'Mara convocou a testemunha seguinte.

– Dr. Lee Chen, dirija-se ao banco, por favor.

YUKI SE INCLINOU PARA A frente, examinando a nova testemunha da acusação, o Dr. Chen, que falava com a desenvoltura de uma pessoa articulada, mas que não podia parecer articulado demais.

O médico sério e com óculos de armação preta apresentara suas credenciais – formado na Universidade de Berkeley, com 12 anos na emergência do Hospital Municipal de São Francisco – e agora contava sobre uma mulher de 30 anos, Jessica Falk, que chegara de ambulância numa de suas noites de plantão.

– A Sra. Falk estava nadando na piscina quando sentiu uma tonteira. Apresentava sintomas de arritmia cardíaca quando chegou ao hospital. Fizemos a desfibrilação até estabilizá-la. Ela estava bem – Chen disse aos jurados. – Depois foi transferida para a UTI.

– Por favor, continue, Dr. Chen – pediu O’Mara.

– Eu conhecia a Sra. Falk muito bem. Nossas filhinhas frequentam a mesma creche. Por isso acompanhei de perto o caso dela. Passei para vê-la umas seis horas depois da transferência, pouco antes do término de meu plantão. Conversamos um pouco e Jessica estava bem. Sentia saudades da filha. Mas na manhã seguinte, ao ler seu prontuário, reparei que ela havia tido uma nova arritmia, provavelmente em decorrência de algum distúrbio circulatório, e que havia morrido.

– Doutor, o senhor estranhou isso?

– Achei estranho para uma mulher da idade de Jessica e com as condições físicas dela.

– Então fez o quê?

– Solicitei uma autópsia e uma avaliação do conselho médico do hospital.

– E quais foram os resultados da autópsia?

– Jessica Falk recebeu epinefrina. E a substância não havia sido receitada.

– Que efeito a epinefrina pode ter sobre um paciente com problemas cardíacos?

– O pior possível! A epinefrina é um sintético da adrenalina. Jessica deveria ter recebido lidocaína, que é um antiarrítmico. Isso teria normalizado os batimentos dela. Administrar epinefrina nesse caso foi como ter prescrito cocaína. Um procedimento letal para um cardiopata!

– Trata-se, portanto, de um erro muito grave, correto? O que aconteceu quando o conselho médico analisou o caso da Sra. Falk?

– Na verdade, nenhuma providência foi tomada – respondeu o médico, com uma ponta de indignação.

– Nenhuma providência?

– Bem, nada que dissesse respeito a Jessica Falk. Fui dispensado duas semanas depois.

– Porque colocou a boca no trombone?

– Protesto! – berrou Kramer, colocando-se de pé. – A acusação está sugestionando os jurados!

– Posso reformular a pergunta, meritíssimo. Dr. Chen, por que o senhor foi demitido depois de 12 anos de serviço?

– Segundo me disseram, “por questões orçamentárias”.

O’Mara baixou a cabeça, deixando as palavras do médico causarem efeito. Em seguida ergueu os olhos para os jurados.

– Só mais uma pergunta, Dr. Chen: quem foi o médico que recebeu a Sra. Falk na emergência?

– O Dr. Dennis Garza.

– Sabe dizer se foi ele quem cuidou da Sra. Falk após a transferência para a UTI?

– O prontuário estava assinado por ele.

– Obrigada, doutor. Por enquanto é só.

ENQUANTO KRAMER SE DIRIGIA AO banco de testemunhas para interrogar o médico, Yuki correu os olhos pela sala até encontrar o Dr. Garza três filas à sua frente, junto ao corredor. Canalha!

Ele havia se levantado e agora passava a mão pelos cabelos muito pretos enquanto atravessava o corredor rumo à saída. Yuki sentiu o rosto arder.

Aonde esse cafajeste pensa que vai? Volte aqui, Garza. Você precisa ouvir isso!

Ela também se levantou, desculpou-se e foi saindo, novamente atropelando joelhos e pés.

– Desculpe, desculpe, desculpe.

Quando chegou ao corredor, percebeu que Garza já havia saído da sala e partiu atrás dele.

Ao ver as portas do elevador se fechando, correu e apertou o botão a tempo de reabrir, mas a cabine estava vazia.

Desceu ao saguão e avistou as costas do paletó azul-marinho do médico, que caminhava rumo às portas do prédio.

Yuki correu atrás dele, com os saltos fazendo barulho ao bater no chão. Ela se perguntava o que diria quando o alcançasse.

Aquilo era contra sua natureza, ela pensou enquanto empurrava a pesada porta de metal e saía à claridade da manhã. Raramente Yuki agia com tanta impulsividade.

Era organizada e disciplinada.

Mas naquele momento não podia se conter. A obsessão havia assumido as rédeas como se ela, Yuki, estivesse num filme de Hitchcock. Olhando a seu redor, viu Garza caminhando pela McAllister, a cabeça erguida, abrindo caminho através da multidão de pedestres.

Partiu no encalço dele, às vezes apertando o passo, e quase o alcançava quando berrou:

– Garza!

O médico parou e se virou para trás, estreitando os olhos contra o sol.

Yuki se adiantou, dizendo:

– Sou Yuki Castellano.

– Sim, eu sei quem você é. Só não sei por que está me perseguindo.

– Pedi a uma médica-legista que fizesse a autópsia em minha mãe – disse ela.

Garza fez um esforço para disfarçar o susto.

– Espero que isso a tenha feito se sentir melhor. Fez?

– Muito melhor, doutor. Porque agora sei que não estava maluca. Mas estou furiosa.

Minha mãe morreu porque o senhor fez besteira. De novo!

Garza a encarou com uma acintosa expressão de indiferença.

– Eu fiz besteira? Tem certeza disso?

– Não se faça de desentendido!

– Certamente a legista me encaminhará o relatório dela. Talvez eu até leia.

Em seguida Garza virou as costas e caminhou para o Mercedes preto estacionado junto à calçada. Já ia entrando no carro quando, subitamente, se reergueu para dizer:

– Ei, mocinha, por que você não me processa? Seja original. Junte-se aos bons!

ÀS SEIS E QUINZE DAQUELE noite, eu e Claire já ocupávamos nossa mesa no Susie's. Pedimos um balde com seis cervejas e esperávamos a chegada de Yuki e Cindy enquanto a banda de calipso afinava seus instrumentos. Depois do brinde habitual, começamos a despejar nossos problemas do dia a dia.

– Conhece Bob Watson? – perguntou Claire.

– Bob, seu assistente?

– Esse mesmo. Meu querido e dedicado assistente. Pois é. Vai se mudar para Boston e agora vou ter de engolir uma sobrinha do prefeito, uma garota de 22 anos.

– O quê? Eles contrataram uma sobrinha do prefeito?

– E a empurraram pela minha goela abaixo. A princesinha se chama Bunny – reclamou Claire. – Mal consegue levantar um copo de café, muito menos um cadáver de 70 quilos. Sem a menor cerimônia, a pirralha troca meu CD de música clássica por um de hip-hop! Ela diz: “Dra. Washburn, a gente precisa da música certa.” E eu respondo: “Claro, Bunny, nossos mortos adoooooram hip-hop.”

Engasguei com a cerveja, de tanto rir, e foi então que Cindy chegou, sentando a nosso lado.

– Olá, meninas!

– Você, que é jornalista, deve saber: cadê a Yuki? – perguntou Claire.

– Acabei de deixá-la em casa. Pediu desculpas e mandou beijos.

– Ela ainda está mal?

– Muito – respondeu Cindy. – Mas está obcecada por aquele julgamento. Mais do que eu, a propósito.

Loretta chegou com os cardápios e uma cesta de nachos. Em seguida Cindy nos contou sobre os últimos acontecimentos no tribunal.

– O nome do Dr. Dennis Garza veio à tona outra vez hoje. Uma menina de 10 anos perdeu a mãe por conta de uma superdosagem de remédio. Foi Garza quem fez a entrada da mulher na emergência. E foi o agente funerário quem saiu com o corpo. A gente fica ouvindo essas histórias – prosseguiu Cindy, lambuzando-se com o queijo derretido – e depois reza para que alguém seja punido por esse absurdo. Quer saber? Hospital só em último caso, quando não tem outro jeito. Morre muito mais gente vítima de erros médicos do que de câncer de mama, aids ou acidentes de carro.

– Mentira!

– Lindsay, os erros médicos estão entre as 10 principais causas de óbito do país. E andei fazendo uma pesquisa sobre Garza. Em termos estatísticos, ele tem feito a sua parte.

– Desembucha, vai – disse Claire.

– Em todos os lugares por onde ele passou: Cleveland, Raleigh, Albany, São Francisco...

os índices de mortalidade dos hospitais sempre subiram depois que ele chegou.

– Mas isso é um escândalo de proporções nacionais! – comentou Claire, batendo o copo na mesa. – Esses médicos de araque ficam zanzando pelo país, fazendo das suas, e os hospitais simplesmente cruzam os braços, por medo de serem processados.

Cindy assentiu e disse:

– É assim que esses “anjos da morte” fazem dezenas de vítimas, às vezes centenas, antes de serem pegos. Quando chegam a ser pegos!

– Não é à toa que Yuki está tão obcecada por esse Garza – falei. – Está convencida de que foi ele quem matou Keiko.

– Uma coisa é certa – retrucou Cindy. – Alguém naquele hospital é responsável pelo que aconteceu com Keiko. Que devia estar em casa a esta hora. Tomando seu chá. Dizendo à filha o que vestir para fisgar um marido.

OCONGESTIONAMENTO DA MANHÃ HAVIA CONSUMIDO 15 preciosos minutos de seu dia e agora Cindy estava atrasada. Ela entrou na sala do tribunal, acenou para Yuki, sentada na primeira fileira, e depois foi se espremendo entre os colegas até encontrar um lugar na área reservada à imprensa.

Naquele momento O'Mara e Kramer trocavam farpas a meia voz diante do juiz Bevins, que em poucos minutos, cansado do que estava ouvindo, disse:

– Não vejo nenhum problema, Sr. Kramer. – O magistrado sacudiu o rabo de cavalo, ajeitou os óculos e emendou: – Agora voltem ao trabalho. Não temos tempo a perder.

Enquanto Kramer voltava para sua mesa, O'Mara aproximou-se do púlpito e, jogando para trás a cabeleira ruiva no que talvez fosse um sinal de vitória, convocou mais uma testemunha para depor.

Seguiu-se um burburinho quando uma bela mulher de cabelos curtos e claros, de seus 40 anos, começou a fazer o juramento. Usava um terninho verde-oliva de grife que, em conjunto com a camisa branca, denotava autoconfiança e um estilo bastante incomum.

– O que está acontecendo? – sussurrou Cindy para o repórter a seu lado, que era praticamente uma cópia de Clark Kent: 30 e poucos anos, cabelos escuros e óculos pretos. Lindo de morrer, mas com um jeitinho de nerd.

Antes de responder, ele se apresentou:

– Whit Ewing, Chicago Tribune.

– Perdão. Cindy Thomas.

– Do San Francisco Chronicle?

– Isso.

– Tenho lido suas matérias. Muito boas, por sinal.

– Obrigada, Whit. Então, qual é o motivo do frisson?

– O'Mara convocou uma testemunha da defesa como parte da sua argumentação probatória. Uma jogada inteligente. Afinal, Kramer não pode contrainterpelar uma testemunha sua...

– Então ela pode fazer ou dizer o que quiser até que ele convoque essa mesma testemunha para depor.

– Exatamente.

– Valeu, Whit. Eu lhe devo uma!

– Vou cobrar – devolveu o repórter, com um sorriso nos lábios.

Uma martelada do juiz pôs fim ao falatório.

– Por gentileza, diga-nos seu nome – pediu O'Mara.

– Sonja Engstrom.

– Dra. Engstrom, qual é seu cargo no Hospital Municipal?

– Diretora da Farmácia.

– Lá vamos nós – Whit Ewing cochichou para Cindy. – O pavio foi aceso.

SONJA ENGSTROM FEZ UM BREVE resumo de sua formação e carreira, dizendo que trabalhava no Municipal havia sete anos e era responsável pelo sistema de distribuição dos medicamentos. Parecia uma mulher orgulhosa do que fazia.

O'Mara perguntou:

– A doutora poderia, por gentileza, explicar aos jurados o que é exatamente esse sistema com o qual trabalha?

– Claro. É uma rede informatizada que controla a distribuição dos medicamentos.

– O que pode dizer sobre a confiabilidade dele?

– Eu diria que é 99% à prova de erros.

– A senhora pode nos dar detalhes do seu funcionamento?

Cindy digitou tudo em seu laptop. Com o exame do paciente em mãos, o médico digitava o diagnóstico no computador e recebia uma seleção com os medicamentos disponíveis, a partir da qual ele escolhia o mais adequado. Depois, as enfermeiras digitavam o nome do paciente e informavam o código para ter acesso ao sistema.

– Uma senha, correto? Todos têm sua própria senha? – perguntou a advogada.

– Exatamente.

– Por favor, continue.

– Uma vez digitada a senha, um farmacêutico do hospital analisa e autoriza o pedido para o paciente. Isso faz com que a máquina libere o medicamento.

– Algo parecido com essas máquinas operadas por moedas, que vendem doces e refrigerantes, certo?

– Certo – disse a testemunha, aparentemente satisfeita consigo mesma e com O'Mara por ter entendido tudo sem problemas. – A enfermeira retira os remédios de um compartimento e dá ao paciente.

– Um sistema “à prova de erros”?

– Praticamente. O programa não pode ser alterado e as senhas criam um registro no sistema, que pode ser consultado depois.

– Entendo – disse a advogada. Voltou para sua mesa, examinou algumas anotações e virou-se novamente para a testemunha.

– É possível que um funcionário alimente os compartimentos da máquina com remédios errados?

– Suponho que...

– Por favor, é possível ou não?

– Sim, é possível.

– Também é possível que alguém fique com o medicamento depois de retirá-lo da máquina? Digamos, para consumo próprio?

– Sim.

– E, se um médico se equivocar no diagnóstico, o paciente receberá medicação inadequada, não receberá?

A testemunha piscava freneticamente. Talvez estivesse confusa, pensou Cindy, mas sobretudo constrangida. O que teria acontecido com os 99% de confiabilidade?

– Sim, mas...

– Obrigada – interrompeu O’Mara. – Pois bem, a doutora confirma que o número de óbitos relacionados com erros de medicação triplicou desde que o hospital foi privatizado, três anos atrás?

– Por acaso a senhora acha que isso não me preocupa? – rebateu Sonja, com a voz alterada. – Fiz o que pude para encontrar uma explicação!

– Por favor, Dra. Engstrom, limite-se a responder o que foi perguntado. A senhora é a diretora desse departamento. Faz parte do conselho do hospital. É ou não é verdade que o número de óbitos por erro de medicação triplicou nos últimos três anos?

– Sim, mas... É, é verdade.

– A senhora contesta o fato de que os parentes de meus clientes morreram porque foram mal medicados?

– Não, não há como contestar – respondeu Sonja num tom inaudível.

– Portanto, é irrelevante se esses óbitos se devem à sua máquina de cuspir remédios ou a erros humanos – prosseguiu O’Mara. – De um jeito ou de outro, eles se devem à negligência do seu departamento e do hospital, certo?

– Protesto! – gritou Kramer. – A acusação está tentando induzir a testemunha!

Cindy sentiu os pelos dos braços se arrepiarem. Ao lado dela, Whit Ewing assobiou baixinho.

– Deferido – sentenciou o juiz Bevins.

– Perfeitamente – disse Maureen O’Mara. E virou os olhos para os jurados, concluindo: – Sem mais perguntas, meritíssimo.

ALGUÉM TINHA DITO QUE ERA um belo dia de outono, mas eu não poderia confirmar. Comia um sanduíche em minha sala, que tinha vista para um beco escuro, quando o inspetor Conklin bateu à porta.

– Entre – falei.

Conklin estava com uma camisa de manga comprida e seus olhos escuros brilhavam por algum motivo. Fiquei curiosa para saber do que se tratava.

– Lindsay, tem uma pessoa ali na copa. Acho que você deveria ir falar com ela. E agora mesmo, se possível.

– Mas o que houve?

– Venha comigo, tenente. – Conklin foi saindo da sala, andando a passos largos corredor afora.

– Conklin?

Larguei o relatório que estava lendo e segui atrás dele até a saleta atulhada que abrigava nosso micro-ondas e uma velha geladeira.

Jacobi se apertava contra a mesa, do outro lado da qual se achava uma jovem bonita, de 20 e poucos anos, usando uma blusa azul de tecido sintético e uma calça stretch. Os cabelos pretos da moça desciam pelas costas numa trança comprida. Ela virou os olhos vermelhos e borrados de rímel para mim.

Tinha acabado de chorar.

Jacobi exibia uma expressão risonha, com os olhos visivelmente felizes.

– Tenente – disse ele. – Esta é Barbara Jane Ross. Estava jogando jornais no lixo quando encontrou isto. – Colocou sobre o centro da mesa um recorte com a foto da Garota do Jaguar, a loura bonita que havíamos encontrado na Chestnut Street.

Desde a publicação das fotos da vítima no Chronicle, os telefones da delegacia não paravam de tocar, porém sempre com pistas falsas. Mas, pelo olhar de Jacobi, eu sabia que Barbara Jane Ross tinha algo importante a dizer.

Apertei a mão dela, que estava gelada.

– Posso ver isso? – falei, referindo-me à foto que ela trazia na outra mão.

– Claro.

Barbara Jane entregou-me a foto, na qual ela aparecia ao lado da Garota do Jaguar numa praia. Ambas usavam chapéus de abas largas e biquínis minúsculos, além de estarem com tranças idênticas. Sorriam de orelha a orelha.

– A gente dividia um quarto na faculdade – falou, com os olhos novamente úmidos. – Mal acredito que isso tenha acontecido, que Sandy esteja morta.

PASSEI A BARBARA JANE UMA caixa de lenços de papel e, enquanto ela assoava o nariz, olhei para Jacobi e depois para Conklin. Caramba, uma pista sobre a Garota do Jaguar. Não era sem tempo.

– Barbara, qual é o sobrenome da sua amiga?

– Wegner. Mas Sandy usava outros nomes também. Não me lembro de todos.

– Era atriz?

– Não. Acompanhante.

Fiquei chocada. Sandy Wegner era uma garota de programa. Nesse caso, como explicar que suas impressões digitais não estivessem em nenhum banco de dados?

– Você também é acompanhante? – perguntou Conklin.

– Claro que não! Sou professora. Aqui mesmo na cidade.

Jacobi colocou pó na cafeteira e Barbara foi contando sobre a época em que ela e Sandy dividiam um quarto na Universidade da Califórnia em Santa Barbara.

– Sandy andava meio dura, precisando de dinheiro, então topou fazer uns “bicos” como acompanhante. Muitas meninas fazem – disse Barbara. – A universidade é cara e o dinheiro nunca é suficiente. Sandy não fazia isso sempre, mas, quando fazia, dizia que não era tão ruim assim, que até se divertia. Não era a única, aliás.

– Ela chegou a comentar que algum cliente estava pegando pesado? – perguntei. – Alguém mais ciumento? Ou até violento?

– Não, nunca – respondeu Barbara. – Ela teria me contado. A gente falava sobre tudo, inclusive sobre esses bicos.

– Sandy tinha namorado? Alguém que pudesse ter descoberto sobre esses tais... bicos?

– Não, ninguém especial. Caso contrário, teria parado com essa história. Sandy não era uma vagabunda. Sei o que vocês devem estar pensando, mas... juro por Deus, ela não era uma vagabunda! Puxa, os pais dela não sabem de nada. Moram em Portland.

– Sabe o nome deles? Por acaso tem o telefone?

Barbara vasculhou sua bolsa e encontrou o celular.

– Olha – falou –, acabei de lembrar para quem ela trabalhava. O tal serviço de acompanhantes. Acho que se chamava Five Stars.

– Obrigada, Barbara. Você nos prestou uma grande ajuda. Pode ficar mais um pouquinho, não pode? O inspetor Conklin ainda tem umas perguntinhas a fazer.

Levantei-me para sair e Conklin ocupou minha cadeira. Vi Barbara Jane Ross olhar nos olhos dele e sorrir.

OPRÉDIO DE TRÊS ANDARES E fachada bege ficava na California Street, nos confins do distrito financeiro.

Mostrei meu distintivo ao porteiro e ele chamou pelo interfone:

– Dois policiais estão aqui para vê-la, Sra. Selzer.

Uma voz feminina gritou pelo alto-falante do aparelho:

– Não estou em casa. Não vi nada e não conheço ninguém. Sou uma ermitã. E não me meto na vida alheia!

– Uma comediante – disse Jacobi ao porteiro, rindo. – Vamos subir.

Uma mulher baixinha e franzina já esperava à porta quando chegamos. Com certeza não passava de um metro e cinquenta. Estava usando um suéter de seda preta com gola em V e calça de cetim. Os lábios eram pintados com um batom clarinho e os cabelos, brilhantes, estavam presos com um pente de casco de tartaruga.

Julguei que ela tivesse uns 35 anos, mas as ruguinhas nos olhos sugeriam que era um pouco mais velha do que aparentava ou que tivera uma vida dura. Provavelmente as duas coisas.

– Senhores, sou responsável por um serviço de apresentações. Meus papéis estão em ordem – ela foi logo dizendo, sem se dar ao trabalho de nos cumprimentar.

– Será que podemos entrar? – sugeriu Jacobi, mostrando seu distintivo. – Tem uma corrente de vento aqui no corredor.

A pequena mulher deu um longo suspiro, mas recuou para que entrássemos. Um vestíbulo espelhado levava a uma sala de paredes e móveis em variados tons de cinza, decorada com diversas fotos em preto e branco. Junto da janela havia uma mesa de trabalho laqueada de preto e uma cadeira giratória vermelha. Foi para lá que ela nos conduziu.

– Sou a tenente Boxer e esse é o inspetor Jacobi. Somos do Departamento de Homicídios. – Coloquei sobre a mesa as fotos de Sandy Wegner e da Garota do Cadillac. A imagem mostrava dois rostos pálidos com lençóis puxados até as marcas de estrangulamento. – Reconhece essas mulheres?

Selzer respirou fundo e depois fincou o dedo sobre a foto de Sandy.

– Esta é Sandra Wegner, mais conhecida como Tanya. A outra eu não conheço. Você está dizendo que ela está morta?

– O que a senhora pode nos contar sobre Sandy?

– Só nos vimos uma vez. Depois disso, falamos pelo telefone. Ótimo senso de humor e um corpo lindo. Poderia trabalhar todas as noites, se quisesse. Mas vocês não estão achando que tenho alguma coisa a ver com isso, estão?

– Por acaso Sandy estava trabalhando na noite de 15 de setembro? – perguntei.

Selzer se acomodou na cadeira giratória, digitou algo no computador e apoiou o queixo

entre as mãos enquanto as informações apareciam na tela.

– Naquela noite ela saiu com o Sr. Alex Logan... agora eu me lembro. Ele ligou do Hotel Triton. Disse que ia dormir na cidade e queria uma lourinha para acompanhá-lo a uma peça. Henrique V. Nem sei por que me lembro disso.

– Esse Logan era um cliente regular?

– Não. Nunca tinha ligado antes.

– Você mandou uma garota se encontrar com um homem que você nunca viu na vida? – interveio Jacobi com a devida dureza.

Selzer ficou assustada.

– Verifiquei o cartão de crédito dele – respondeu. – Nenhum problema. Liguei para o hotel onde estava hospedado. Tudo batia.

– Voltou a falar com ele depois? – perguntei.

– Não. Mas os clientes de fora raramente ligam para dar algum feedback.

– Quanto o Sr. Logan pagou pelo encontro com Sandy?

– O valor de tabela. Mil dólares por noite. Descontei minha parte e deposei o restante na conta de Sandy. Se ele deu alguma gorjeta, não fiquei sabendo.

– Sandy estava sendo molestada ou perseguida por alguém? Por acaso mencionou algum problema dessa natureza? – perguntou Jacobi. – Por favor, Sra. Selzer, colabore.

– Acho que não. Sandy não era uma garota fechada, teria me contado alguma coisa. Liguei para ela no dia seguinte, mas, como ela nunca mais deu notícias, achei que tinha me abandonado. Fiquei puta da vida. Tive de cancelar todos os compromissos já marcados. Mas não sou nenhuma megera. Minhas moças podem ciscar no terreiro que bem quiserem.

Jacobi fulminou-a com o olhar, indignado com a escolha das palavras.

– Selzer, quem está ficando puto aqui sou eu – falou.

– Olha, estou mal com essa história toda. Juro. Vocês estão pensando que fiz alguma besteira, não estão? Mas não sei o que eu poderia ter feito.

A mulher retirou o pente da cabeça e balançou os cabelos muito brilhantes, usando a velha arma da sedução para defender a consciência pesada.

Mas Jacobi não deixou barato.

– Você não fez uma simples besteira – falou, ríspido. – Mandou uma garota se encontrar com um assassino!

Selzer levou as mãos ao rosto, porém não disse uma única palavra.

– Me dê todas as informações que tiver sobre esse Logan – falou Jacobi.

Ela anotou alguns números numa folha e a entregou ao inspetor. Por sua vez, Jacobi passou seu cartão de visita, dizendo:

– Caso ele volte a ligar, marque um encontro com alguma garota e me ligue em seguida. Fui claro? A qualquer hora do dia ou da noite. Meu número de celular está no verso do cartão.

Já estávamos à porta, prestes a sair, quando Selzer berrou da sala:

– Esperem. Sinto muito pela Sandy. Quero deixar isso bem claro. Espero que vocês peguem o assassino, seja lá quem for!

– Eu sei – respondeu Jacobi. – Vamos fazer o possível para aliviar sua consciência.

FOI CONKLIN QUEM ABRIU A porta quando chegamos ao apartamento de Sandy Wegner. Charlie Clapper saía do banheiro, guardando em sacos plásticos o que havia encontrado ali dentro: escova de cabelo, escova de dentes e alguns comprimidos.

– Não parece a cena de um crime, tenente – disse ele. – As duas fechaduras da porta estavam trancadas. Nenhum sinal de luta.

– O que mais?

– Ela jantou apenas um iogurte. Deixou sobre a cama algumas roupas, que talvez tenha experimentado antes de sair. Há uma toalha usada no banheiro. As roupas são boas, mas nada de absurdamente caro. A secretária eletrônica estava piscando. Duas mensagens: da mãe e da bibliotecária, dizendo que ela estava com um livro atrasado. Apertei a tecla de rediscagem. Sua última chamada foi para um serviço de previsão do tempo. Provavelmente ligou antes de sair naquela noite.

– Bom trabalho – falei para Conklin. E me virei para um técnico da perícia: – Então, como vão as coisas?

– Já tiramos nossas fotos, tenente.

Passei os olhos pelo apartamento de Sandy Wegner. Um lugar escuro, como minha sala na delegacia, com todos os cômodos virados para um beco.

A decoração era sóbria. Um vaso com flores mortas estava no parapeito da janela. As prateleiras abrigavam romances, biografias e livros didáticos de matemática, física e história da arte.

O quarto da vítima era pequeno, uns 10 metros quadrados, pintado num tom suave de lavanda. Aquarelas de pássaros assinadas pela própria Sandy decoravam a parede da cama. Sempre gostei de toques pessoais.

Ao abrir as portas de sanfona do armário, percebi que ela era cuidadosa com suas roupas. Camisetas muito bem passadas pendiam de cabides acolchoados. Vestidos, terninhos e calças jeans estavam embalados em sacos plásticos de uma lavanderia. Os sapatos se enfileiravam limpíssimos e com os saltos em perfeito estado. Tudo era de muito bom gosto, mas sem grandes luxos. Nada que lembrasse as roupas caras que ela usava quando seu corpo foi encontrado.

Jacobi examinava as gavetas da cômoda, abrindo e fechando cada uma delas com força. A certa altura me chamou para ver algo. A gaveta de lingerie. Fui olhar o que havia ali dentro. Sutiãs de renda, calcinhas fio dental, calcinhas transparentes de cores vivas e um vibrador.

Talvez fossem instrumentos de seu ofício.

Ou apenas as roupas íntimas de alguém com uma vida sexual, digamos, apimentada.

Vasculhamos os quatro cômodos do apartamento sem encontrar nada que nos chamasse atenção: uma agenda, um diário e nenhum medicamento mais forte que um Tylenol.

Tudo levava a crer que os bicos de Sandy não passavam disso. Nada que tivesse relevância em seu modo de vida.

Pedi a Conklin que voltasse à delegacia e pesquisasse o nome de Alex Logan nos bancos de dados. Em seguida, Jacobi e eu lacramos o apartamento e descemos à rua.

O céu estava escuro às seis e quarenta e cinco da noite. O sol vinha se pondo cedo naqueles dias, deixando em seu lugar um céu cinzento e triste. Ou talvez fossem meus olhos.

– Os criminosos seguem um padrão – falei para Jacobi enquanto ele dava partida no carro. – Se Sandy era uma acompanhante, o mais provável é que a Garota do Cadillac também fosse. Isso significa que o DNA encontrado na...

– Exatamente o que eu estava pensando – disse Jacobi, saindo pela Columbus. – O esperma sobrevive no corpo por 72 horas. Pode ser do assassino dela, de um cliente ou até mesmo de um namorado.

– Tanto faz – falei. – A Promotoria vai alegar que isso não prova nada.

MAS TALVEZ ESTIVÉSSEMOS PERTO DE uma prova.

O Hotel Triton estava movimentado naquela noite, embora o vaivém de hóspedes fosse constante. Localizado na Union Square, a poucos passos da parada de bonde e vizinho a Chinatown, o estabelecimento tinha uma decoração à la Cirque du Soleil, e não era dos mais caros do bairro.

Jacobi furou a fila da recepção, mostrou o distintivo ao recepcionista e rispidamente pediu para falar com o gerente.

– Rápido, rápido. Estou com pressa.

Da sala dos fundos saiu um homem corpulento, de seus 40 e poucos anos. O crachá na lapela informava: “Jon Anderson – Gerente”. Ele nos cumprimentou com a cabeça e perguntou se havia algum problema.

– Um problemaço – respondi. – Estamos investigando um homicídio. Precisamos ver os registros do dia 15 de setembro e qualquer informação que tiverem sobre um hóspede chamado Alex Logan.

– Também queremos ver as gravações da nossa amiga ali – acrescentou Jacobi, apontando para a câmera atrás do balcão. – Bem como as do corredor do andar em que Logan ficou hospedado na noite de 15 de setembro.

O gerente fechou a cara e perguntou:

– Os senhores têm um mandado?

– Será mesmo que precisamos de um mandado? Ou o senhor prefere que eu interdite o hotel para fazer uma busca completa?

Sem perder muito tempo, ele respondeu:

– As gravações são apagadas a cada 48 horas. De modo que não temos as imagens do dia 15 de setembro. Mas todo esse pessoal – ele apontou para os cinco jovens que trabalhavam na recepção – estava de serviço naquela noite. Vou buscar os registros. Estão vendo como sou bonzinho?

Um recepcionista magricela chamado Gary Metz tinha feito o registro de Alex Logan, que ficou hospedado no quarto 2.021.

– Acho que me lembro desse Sr. Logan – contou Metz. Tamborilando os dedos sobre o balcão, ele correu os olhos pelo saguão e voltou a me encarar. – Estava com outro homem.

Parei de respirar por alguns segundos, na esperança de que finalmente tivéssemos chegado a algum lugar.

– Se não me engano, era mais ou menos da minha altura: nem muito alto nem muito baixo. Talvez fosse chinês.

– Alex Logan parecia... chinês?

– Acho que sim. Meio chinês, eu diria. O outro era um armário: um metro e noventa,

mais de 100 quilos e cabelos claros. Foi ele quem pediu um quarto para fumantes. Os dois pareciam héteros, se querem saber.

– E por que você acha isso? – perguntei.

– Pediram um quarto com uma cama king size. Mas se eles fossem gays de verdade estariam mais bem-vestidos. O corte de cabelo do grandalhão era torto, como se ele mesmo tivesse aparado.

– Lembra se tinham bagagem?

– O grandalhão tinha uma mala grande com rodinhas. Notei porque era de couro. Parecia coisa fina, de grife...

– Obrigada pela ajuda, Sr. Metz – agradei, fazendo o possível para não transparecer meu entusiasmo. – Agora precisamos dar uma olhada no quarto.

O QUARTO 2.021 FICAVA A DUAS portas do elevador e tinha uma decoração tão extravagante quanto a do saguão: a cabeceira era forrada com tecido xadrez, uma cadeira de três pernas estava junto à porta do banheiro e o tapete azul-marinho era estampado com estrelinhas. Os hóspedes atuais haviam descido, deixando as malas abertas e os objetos pessoais na bancada do banheiro. Uma garrafinha de uísque estava aberta na mesinha de cabeceira.

Tentei imaginar o assassinato. O chinês abre a porta. Sandy diz boa-noite e joga o casaco na cadeira. Ele, o chinês, batiza o drinque dela com Rohypnol e o outro, o grandalhão, sai do banheiro para terminar o serviço.

Tive a sensação de que o crime estava acontecendo ali a meu redor. Sandy Wegner, inconsciente ao ser estuprada, sendo morta por dois psicopatas. Horrorizada, passei os olhos pelo quarto à procura de algo de estranho. No entanto, vários hóspedes haviam passado por ali desde a morte de Sandy.

- Detesto quartos de hotel – falei para Jacobi.
- O tapete deve ter um milhão de pelos pubianos.
- Muito obrigada por me lembrar disso, Jacobi.
- E isso só dificulta o trabalho da perícia.

O gerente surgiu à porta, dizendo que havia transferido os atuais hóspedes para um quarto melhor e que o 2.021 estaria à nossa disposição pelo tempo necessário. Agradei e disse que não iríamos demorar, mas que a equipe da perícia chegaria em poucos minutos. Virando-me para Jacobi, falei:

- Talvez eles encontrem uma impressão digital. Ou, melhor ainda, um fio de cabelo com raiz.
- Não custa nada ter esperança – disse ele, dando de ombros.
- Não custa nada torcer.

AVITRINE DO WONG FAT, RESTAURANTE chinês vizinho ao Triton, era decorada com patos pendurados pelo pescoço.

– Gostei deste lugar – falei.

O interior era muito claro, com as luzes fluorescentes refletindo no piso e nas mesas de fórmica. Cartazes vermelhos colados à parede informavam o cardápio em mandarim.

Era um bom refúgio contra a escuridão e o frio da rua. O chá estava quente e a sopa apimentada, ótima.

Enquanto esperávamos pelos pratos principais, Jacobi desdobrou o relatório das despesas de Alex Logan no hotel.

– Aqui está o telefonema para o Five Stars – disse ele. – Quatro minutos e meio de duração. Logan e seu comparsa limparam o frigobar. Champanhe, castanhas... e batatas Pringle's, eca! Às nove horas pediram... aqui só está escrito pay-per-view. O que você acha que foi? Futebol ou filme pornô?

– Acho que essa gente planejou tudo muito bem. Reservaram um quarto de hotel, chamaram a garota de programa, estupraram a moça e a mataram num lugar repleto de pistas falsas, como você mesmo observou. Depois levaram o corpo para o chuveiro, lavaram o cabelo e limparam todas as fibras.

– Não se esqueça do perfume.

– Verdade. Jogaram perfume nas partes baixas da garota, vestiram-na, pentearam os cabelos e fizeram a maquiagem de boneca.

– Usaram uma mala grande para subir com as roupas e depois descer com o corpo – disse Jacobi. – O grandalhão era forte o bastante para levar a mala até o carro sem dar bandeira.

– Por fim abandonaram a jovem num lugar onde seria facilmente encontrada.

Eu me perguntava como eles teriam conseguido as roupas de grife quando o celular tocou.

Era Conklin.

– Pesquisei as bases de dados com o nome de Logan, tenente. E liguei para a central do cartão de crédito dele. Você nem imagina. Alex Logan é uma mulher. Puxei as informações da carteira de motorista dela: loura, estatura baixa e 23 anos. Acho que descobrimos quem é a Garota do Cadillac.

– Que mais você conseguiu?

– Fui até o prédio dela, tenente. Um prédio bacana na Jones. Segundo o porteiro, faz tempo que ela não aparece. Também liguei para a central do American Express. O cartão dela ainda está ativo. Uma única despesa nos últimos 10 dias. Hotel Triton, 15 de setembro.

– Vou ligar para a Promotoria. Pedir um mandado de busca para a gente entrar no

apartamento dela. Aliás, Richie...

– Sim, tenente.

– Mandou bem. Você vai longe, rapaz!

Desliguei e virei para Jacobi, que me encarava com o garfo a meio caminho da boca.

– Que foi, tenente?

– Conklin descobriu tudo – falei. – Os assassinos usaram o cartão de crédito da Garota do Cadillac para pagar por Sandy Wegner e pelo hotel. Alex Logan é a Garota do Cadillac.

NA MANHÃ SEGUINTE, EU OLHAVA através da vidraça do meu cubículo para a sala da minha equipe, segura de que em breve daríamos um grande salto no caso das jovens mortas do Cadillac e do Jaguar.

As vítimas agora tinham nome e, com essa informação, eram enormes as chances de que as vidas de Alex Logan e Sandy Wegner se cruzassem numa pista que nos levaria aos criminosos.

Jacobi e Conklin estavam pendurados ao telefone, tentando falar com os pais das moças, quando um reflexo iluminou a mesa de Brenda.

Era Claire quem havia chegado com uma garota a tiracolo. Bateu na divisória e eu acenei para que ela entrasse.

– Lindsay, esta é Bunny Ellis.

– Muito prazer e bem-vinda.

A nova assistente de Claire tinha olhos verdes ligeiramente estrábicos e um sorriso de comercial de pasta de dentes, apesar do espaço entre os incisivos. Na verdade, as pequenas imperfeições davam a ela um charme especial.

– Bunny estava me ajudando a preparar os corpos de Alex Logan e Sandra Wegner para que as famílias pudessem buscá-los – disse Claire. – Conte à tenente o que você me falou, Bunny.

– Eu estava tãããã fascinação com esses crimes, sabe? Tão jovens, as duas, e mortas assim, de uma maneira tão brutal...

– O resumo, coração...

– Desculpe. É sobre o perfume delas, tenente Boxer. Notei assim que os corpos chegaram, mas não sabia que era importante.

– Por favor, continue – falei, lembrando-me do perfume que os assassinos haviam borrifado nas genitálias das moças.

– Meu marido me deu esse mesmo perfume de aniversário – disse Bunny. – Blue Dreams. É vendido com exclusividade por uma boutique da Union Square.

Olhei para Claire e depois novamente para Bunny.

– Não é vendido em nenhum outro lugar?

Ela balançou a cabeça com determinação.

– Não, só nessa boutique.

Senti uma descarga de adrenalina, uma ponta de esperança. Alguém havia adquirido um perfume caro, uma compra que talvez nos levasse a um número de cartão de crédito, a um nome ou a um retrato falado.

– Bunny, viu os dois inspetores que estão na outra sala?

– O senhor grisalho e o inspetor Conklin?

Eu nem precisei olhar. Bunny acabara de ser contratada, mas já era capaz de identificar

Conklin em meio a uma multidão.

Fiz que sim com a cabeça e disse:

– Vá lá e se apresente a eles. Conte sobre o Blue Dreams. Os dois vão ficar satisfeitos.

POUCO DEPOIS DE JACOBI E Conklin saírem para sua missão na loja da Union Square, Brenda me chamou.

– Tenente, tem uma senhora no telefone dizendo que precisa de proteção. Insiste em falar com o chefe do departamento.

– Qual é o nome dela?

– Anita Haggerty. Está ligando do Hospital Municipal. Disse que está internada lá.

– Transfira a ligação para cá.

– Tenente Baxter? – disse a mulher, quase num sussurro.

– Boxer – corriji. – Em que posso ajudá-la?

– Por acaso já sentiu medo a ponto de vomitar? Pois é assim que eu estou.

– Vamos com calma, Sra. Haggerty. Comece do início.

– Tudo bem, mas talvez eu precise desligar de repente.

Anotei o número do quarto em que ela estava e pedi que fosse direto ao ponto.

– Quatro anos atrás eu estava internada num hospital em Raleigh por causa de pedras nos rins. Dividia o quarto com uma mulher, Dottie Coombs, que tinha uma úlcera perfurada. Ela estava prestes a receber alta quando, de uma hora para outra, começou a ter convulsões e morreu. Bem na minha frente.

– Continue, Sra. Haggerty.

– Dottie não devia ter morrido. As enfermeiras fecharam as cortinas do meu leito, mas estavam muito assustadas, dizendo: “Como aconteceu uma coisa dessas?” Ouvi o médico dizer para elas algo que nunca vou esquecer. Ficou gravado na minha memória, sabe?

– Estou ouvindo.

– Ele disse: “Às vezes sopra um mau vento.”

– Na sua opinião, o que ele quis dizer com isso?

– Sei lá, tenente Baxter. Isso parece coisa de filme de terror. Só sei que minha amiga morreu e o médico dela teve essa reação estranha. E agora ele está aqui. Passou rapidamente no meu quarto e acho que me reconheceu. Minha cirurgia está marcada para amanhã. Hérnia de disco. – A mulher falava sem parar. – É uma cirurgia simples, mas só Deus sabe como estou. Morrendo de medo, apavorada!

Àquela altura eu já sabia qual seria a resposta que iria ouvir. Um suor frio brotava das minhas axilas. Apertando o telefone contra a orelha, perguntei:

– A senhora se lembra do nome desse médico?

– Jamais vou me esquecer – respondeu Haggerty. – O nome dele é Garza. Dr. Dennis Garza.

PARTE 4

A GAROTA DO SALÃO

ÀS VEZES SOPRA UM MAU VENTO.

A frase era sinistra, assim como o pavor da Sra. Haggerty. Lembrei-me do que Yuki dissera: “Alguém naquele maldito hospital matou minha mãe.”

Fui sozinha até o Municipal, dizendo a mim mesma que não estava a trabalho. Era apenas uma sondagem discreta. Uma visitinha de cortesia, por assim dizer.

O Hospital Municipal de São Francisco é uma fortaleza de proporções descomunais. Algumas árvores frondosas se enfileiram no espaço entre o muro baixo da calçada e a entrada do prédio.

Deixei o carro no estacionamento e fui até a recepção de piso de granito. Tomei o elevador, saí no terceiro andar e segui as setas até encontrar o quarto 311.

Já ia abrir a porta do quarto particular da Sra. Haggerty quando uma auxiliar de enfermagem apareceu com uma trouxa de lençóis sujos entre os braços. Esperei que ela passasse e só então entrei.

Pela voz ao telefone, eu havia imaginado a Sra. Haggerty como uma mulher miúda e de cabelos escuros tingidos de hena. Mas em nenhum momento tinha cogitado a possibilidade de encontrar seu leito vazio.

Fiquei ali, parada à porta, surpresa com o que não estava vendo. Então voltei ao corredor.

A auxiliar de enfermagem jogava os lençóis num carrinho de lona.

– Espere – falei, correndo até ela e a segurando pelo braço.

Ela se virou com uma expressão ríspida no olhar, talvez ríspida demais para uma funcionária de um hospital.

– Tire as mãos de mim. Por favor!

– Desculpe – falei, mostrando meu distintivo. – Tenente Lindsay Boxer, Polícia de São Francisco. Vim ver a Sra. Haggerty, do quarto 311.

– Tarde demais.

– Como assim? Acabei de falar com ela pelo telefone! Que foi que houve?

– Foi embora sem ter recebido alta. Eu mesma desci com ela numa cadeira de rodas e a coloquei num táxi. Posso ir agora?

Fiz que sim com a cabeça e agradei. A mulher seguiu adiante pelo corredor, deixando-me sozinha.

Eu já ia tomando o rumo do elevador quando uma enfermeira de jaleco azul acenou para mim de um dos quartos mais à frente. Era uma mulher negra de seus 25 anos, rosto redondo e cabelos vermelhos cacheados. O crachá pendurado ao pescoço por uma correntinha informava: “Noddie Wilkins – Enfermeira”.

– Você é da polícia? – perguntou, falando baixo, preocupada. – Preciso conversar com você. Contar o que eu sei. A polícia tem de saber o que está acontecendo aqui.

NODDIE WILKINS E EU ACHAMOS melhor conversar fora do hospital, então descemos até o estacionamento com dois copos de café comprados na lanchonete. Assim que chegamos ao meu carro, a enfermeira disse:

– Tem alguma coisa estranha acontecendo neste hospital. Semana passada, quase passei mal quando encontrei um dos meus pacientes morto. O Sr. Harris era cheio de energia. Estava prestes a receber alta. Mas um enfarte? Até onde eu sabia, não havia nada de errado com o coração dele.

– Ficou desconfiada?

– Não só por causa disso. Quando encontrei o Sr. Harris morto, havia duas moedas sobre os olhos dele.

Mal pude acreditar no que ouvi.

– Moedas? – perguntei. – Que tipo de moedas?

– Bem, pareciam moedas, mas eram dois botões, desses grandes de paletó. Tinham um desenho altinho... como é mesmo o nome?

– Um relevo?

– Isso. Um relevo com o símbolo da medicina: duas cobras enroscadas num bastão com asas.

– Um caduceu, é isso?

– Exatamente. Um caduceu.

Minha sensação era a de que eu havia caído num bueiro aberto e ainda não tinha chegado ao fundo.

Botões foram deixados nos olhos de um paciente morto. Seria a assinatura de um assassino?

– É horrível, não é? – disse Noddie, percebendo a expressão de choque em meu rosto. – Mas tem mais. – Ela fixava os olhos grandes e ovais nos meus como se precisasse desesperadamente desabafar. – Faz mais ou menos seis meses encontrei o primeiro paciente morto com essas moedas nos olhos. Achei que fosse alguma maluquice religiosa. Mas quando vi o Sr. Harris, sinceramente, fiquei apavorada! Depois fiquei enfurecida. Eu gostava do velho e ele gostava de mim também. Que diabos seriam aquelas duas moedas? Tinha alguma coisa de errado, tenente. Tipo muito errado.

– Por que não chamou a polícia? – perguntei à enfermeira, que parecia uma boa mulher, mas bastante humilde.

– Falei com minha supervisora e ela mandou que eu levasse o caso ao Sr. Whiteley, o diretor do hospital.

Meu coração pulava dentro do peito, meus ouvidos zuniam. Como era possível que o hospital tivesse mantido sob o tapete um fato tão bizarro e sinistro?

– Eu gostaria que você registrasse uma queixa – falei para Noddie, mas ela se afastou

de mim e se encostou na lateral do carro, dizendo:

– Me deixa fora dessa. Não posso registrar porcaria nenhuma. Preciso desse emprego. Tenho dois filhos para criar sozinha e...

– Já entendi. Vou ser o mais discreta possível. Mas e aí? Você falou com o diretor?

– Falei, mas ele foi muito seco – disse Noddie, balançando a cabeça ao relembrar a conversa. – Disse que as moedas eram uma piada de mau gosto de alguém e que se eu desse com a língua nos dentes o hospital ia se ferrar... e eles seriam obrigados a fazer mais cortes ainda. Encarei como uma ameaça. Então deixei para lá. Que mais eu podia fazer? Sei que outras pessoas encontraram essas moedas e também não falaram nada. Há meses isso vem acontecendo e ninguém faz droga nenhuma. Volta e meia aparece alguém morto com as moedas nos olhos.

– Quantas vezes isso aconteceu, Noddie? Quantas?

– Sei lá. Está vendo este braço arrepiado aqui? – disse ela, estendendo o braço. – Pois é. Estou quase pirando. Se for uma piada, como disse o Sr. Whiteley, não vi graça nenhuma. Porque não estou entendendo nada.

MÓVEIS ESTOFADOS EM COURO, TAPETES finos e revistas de negócios espalhadas na mesa de centro. Assim era a luxuosa antessala de Carl Whiteley, diretor do Hospital Municipal de São Francisco, por quem eu esperava com impaciência.

A secretária desligou o telefone e disse que ele poderia me receber. Ao entrar na sala, deparei com um senhor grisalho, com óculos de armação de metal sobre as bochechas rosadas, que me esperava de pé do outro lado de sua mesa. Parecia um político ou um Papai Noel com a barba bem aparada.

Apertei sua mão e mostrei meu distintivo, ciente de que estava ali sozinha, sem nenhum parceiro, mandado ou queixa formal, apenas com a imagem da mãe de Yuki na cabeça.

– Não estou entendendo, tenente – disse o homem, sentando-se enquanto eu me acomodava à sua frente. O sol invadia a sala pelas janelas, ofuscando minha visão. – Alguém registrou alguma queixa na polícia? Quem? Sobre o quê?

– Ficou surpreso? Agora sou eu quem não está entendendo. Seu hospital está sendo processado por negligência médica.

– Isso é uma grande bobagem, um grande circo. – Ele riu. – Isto aqui é um hospital, aliás um ótimo hospital, mas não fazemos milagres. Pacientes morrem. O problema é que vivemos numa época em que tudo é motivo de processo judicial.

– Mesmo assim, tenho algumas perguntas a fazer.

– Muito bem – disse Whiteley, recostando-se na cadeira e cruzando as mãos atrás da nuca. – Sou todo ouvidos.

– O que o senhor tem a dizer sobre as moedas que seus funcionários têm encontrado sobre as pálpebras dos pacientes mortos? Desde quando isso vem acontecendo?

– Moedas? – disse ele, reerguendo-se na cadeira com um olhar de condescendência. – A senhora quis dizer botões?

– Moedas, botões... tanto faz. No meu ramo chamamos isso de pistas.

– Pistas do quê, tenente? Este lugar está apinhado de médicos. Sabemos a causa da morte de todos os pacientes e nenhuma delas foi homicídio. Quer saber o que eu penso? Esses botões são uma brincadeira de mau gosto.

– Foi por isso que o senhor não informou a polícia?

– Polícia? Não há nada a informar. Alguns pacientes morrem. Que crime há nisso?

Whiteley se revelava um homem presunçoso e eu não estava gostando nem um pouco daquilo. Nem da cara de Papai Noel, nem dos risinhos irônicos. Muito menos das tentativas de me diminuir e se desviar das perguntas.

– Encobrir provas é ilegal, Sr. Whiteley. Ou o senhor me conta sobre esses botões ou terei de encerrar nosso papo e detê-lo por obstrução da justiça e interferência numa investigação policial.

– Me deter? Só um minutinho, tenente. Vou ligar para meu advogado.

– Como quiser – falei. – Mas pense bem. O senhor ainda goza de boa reputação. O que as pessoas vão pensar quando o virem sair algemado deste prédio e entrar numa viatura da polícia com as sirenes ligadas?

O homem levou a mão ao telefone e chegou a teclar alguns números antes de batê-lo novamente no gancho, irritado.

– Olhe, isso é ridículo – disse, fulminando-me com o olhar. – Não temos nada a esconder.

Em seguida abriu uma gaveta e retirou um envelope pardo com o logotipo do hospital no canto superior esquerdo. Jogou-o com displicência sobre a mesa, dizendo:

– Esses botões podem ser comprados em qualquer loja, tenente. Estou cooperando, o.k.? Essa história absurda não pode vir a público. Caso a senhora faça qualquer coisa que manche nossa reputação, não vou hesitar em tomar todas as ações jurídicas cabíveis contra a cidade e contra a senhora em particular. Por difamação!

– Se não há nenhuma relação entre os botões e a morte dos pacientes, o senhor não tem motivo algum para se preocupar.

Peguei o envelope e, com o pulso latejando, examinei seu conteúdo.

Pequenos discos metálicos brilhavam dentro dele.

Eram dezenas de botões, menores que uma moeda de 10 centavos, com uma pequena alça no verso e um caduceu em relevo na face dianteira. Eles chocalharam quando balancei o envelope. Talvez Whiteley estivesse certo. Eram botões comuns, desses encontrados em punhos de paletós. Não havia nada de especial neles.

Mas ambos sabíamos que cada par representava uma pessoa morta naquele hospital.

– Vou precisar de uma lista com todos os pacientes encontrados com os botões nos olhos – falei.

– Posso lhe enviar por fax – disse Whiteley.

– Muita gentileza sua – rebati, cruzando os braços. – Mas prefiro esperar.

VOLTEI PARA A DELEGACIA EM meio ao trânsito ligeiramente pesado da tarde, ainda furiosa com a arrogância de Whiteley e impressionada pela visão daqueles botões.

Que diabos significaria aquilo? Seria possível que alguém estivesse fazendo uma brincadeira, como dissera Whiteley? Ou o hospital estaria encobrendo um longo histórico de assassinatos em série?

A lista de pacientes mortos que eu tinha recebido do diretor jazia sobre o banco a meu lado. Aproveitando o sinal fechado no cruzamento da Califórnia com a Montgomery, acendi a luz do teto e abri a pasta. Uma lista de duas páginas trazia os nomes dos 32 pacientes encontrados mortos nos três últimos anos com botões nas pálpebras.

No topo de cada página se liam os cabeçalhos "Nome do paciente", "Médico responsável", "Data do óbito", "Causa da morte". Corri os olhos pelos nomes e virei a folha. Leo Harris era o último da lista, e logo acima dele vinha... Keiko Castellano.

Meu coração quase saiu pela boca quando vi o nome da mãe de Yuki, recriando mentalmente o rosto dela, imaginando-o com os botões sobre as pálpebras.

Fui despertada de meu pequeno transe quando os motoristas atrás de mim começaram a buzinar.

– Já vou! Já vou! – berrei, arrancando com o carro, que disparou quando pisei fundo no acelerador.

Tentei imaginar o que estava por vir.

Whiteley dissera que não queria ver a história dos botões nos jornais. Mas aquilo também não provava nada.

Tínhamos dezenas de homicídios por solucionar e uma escassez de inspetores para investigá-los. Seria preciso mais que um punhado de botões e uma lista de nomes para que eu levasse o caso a Tracchio ou à Promotoria.

Se eu quisesse encontrar as respostas, teria de agir por conta própria.

E pedir um grande favor a uma amiga.

APÓS O INTERVALO DO ALMOÇO, Yuki voltou para a sala. Naquele dia, Larry Kramer vinha fazendo a defesa do Hospital Municipal e, pela manhã, uma de suas testemunhas sofrera nas mãos de Maureen O'Mara durante a contrainterpeelação.

Tentando decifrar os rostos dos jurados, Yuki teve a impressão de que eles estavam satisfeitos com os depoimentos das testemunhas de Kramer, com os médicos e os diretores que vergonhosamente davam explicações sobre aquelas mortes absurdas.

Ela abriu seu bloco e releu as anotações que tinha feito durante o depoimento de Carl Whiteley naquela manhã. O diretor respondera sem maiores problemas – e até com humor – às perguntas inofensivas de Kramer.

O'Mara interrogara o diretor em seguida, repetindo as mesmas perguntas feitas às outras testemunhas, entre elas se era verdade que o número de óbitos relacionados a erros de medicação havia triplicado desde que o Municipal fora privatizado, três anos antes.

Whiteley confirmara a informação, mas, ao contrário de Sonja Engstrom, não tropeçara nas palavras. Minimizara a relevância daquelas mortes, despejando sobre a advogada as estatísticas nacionais, uma quantidade de números que confundiria a cabeça de qualquer jurado.

– A testemunha está dispensada, Sr. Kramer?

– Ainda não, meritíssimo.

Kramer ficou de pé e falou ao diretor, imóvel.

– Esse dado que o senhor citou, Sr. Whiteley, de que 50 mil a 100 mil pessoas morrem todos os anos vítimas de erros médicos nos Estados Unidos. Trata-se de uma informação bastante conhecida, correto?

– Correto – disse Whiteley. – Segundo o Departamento de Saúde e Serviços Humanos, sete mil pessoas morrem anualmente só por conta de erros de medicação.

Yuki anotou a informação em seu bloco. Os números eram assustadores, mas não importava o que Whiteley tinha a dizer. Aquele homem pensava apenas em dinheiro. E seu depoimento não passava de uma amostra do que vinha pela frente. Durante o intervalo, ela havia bisbilhotado os papéis na mesa da defesa e sabia quem estava escalado para depor.

Fazia uma semana que esperava pelo depoimento daquela testemunha.

Em poucos minutos, Kramer chamaria ao banco o Dr. Dennis Garza.

ENQUANTO GARZA FAZIA O JURAMENTO, Kramer examinava suas anotações, pensando: As testemunhas nem sempre são como você deseja.

Ao erguer o rosto, o advogado percebeu o médico elegante endireitar o blazer Armani e a camisa antes de ocupar o banco das testemunhas, sentando-se com as pernas cruzadas e o tronco ereto, completamente à vontade.

Dennis Garza lembrava um astro de Hollywood, e não um médico que passava 60 horas por semana dentro de um hospital, correndo de um lado para outro.

Mas aquela questão não era relevante. Kramer estava preocupado, pois sabia que o homem à sua frente era arrogante e vaidoso. Garza recusara qualquer tipo de orientação, alegando que seus 22 anos de medicina eram mais do que suficientes para responder às acusações feitas contra o hospital.

O advogado esperava que a testemunha estivesse certa. O depoimento de Garza seria fundamental para definir o rumo do processo.

Kramer abriu um sorriso tenso e cumprimentou o médico.

– Dr. Garza, o senhor está ciente das acusações feitas pelos querelantes?

– Estou. E aproveito a oportunidade para apresentar minhas condolências a todos os familiares.

– O senhor será interrogado especificamente sobre os pacientes que deram entrada durante seu plantão.

O advogado começou a fazer as perguntas e foi ficando tranquilo ao perceber a segurança com que Garza explicava cada uma daquelas mortes. O homem estava realmente inspirado.

– O senhor vê algum padrão nesses óbitos, Dr. Garza? Alguma semelhança entre eles?

– Vejo uma ausência de padrão – respondeu Garza, tirando os cabelos dos olhos. – Assim como vejo os erros lamentáveis que ocorrem diariamente em todos os hospitais deste país. Aliás, do mundo.

– Muito obrigado, Dr. Garza. A testemunha é sua – disse Kramer a O'Mara.

Maureen O'Mara se adiantou para o púlpito e, ao perceber a expressão no rosto dela, Kramer sentiu um arrepio na espinha, um balde de água fria no alívio resultante do depoimento de Garza. Ele conhecia a mulher. Já a enfrentara em outros julgamentos. Sabia que ela era firme, inteligente e muito bem preparada.

Mas, agora, algo no olhar da advogada o deixava ainda mais preocupado.

Ela parecia decidida.

YUKI SE INCLINOU PARA A frente assim que Maureen começou a interrogar o médico.

– Dr. Garza, Jessica Falk era sua paciente? Lembra-se dela?

– Sim, era minha paciente. E claro que me lembro.

– Meritíssimo, já foi provado que Jessica Falk deu entrada no Municipal em razão de uma arritmia cardíaca e que a morte dela se deu por um enfarte resultante da administração equivocada de epinefrina.

– Dr. Kramer? – perguntou o juiz.

– Tudo bem, meritíssimo.

– Prossiga, Dra. O'Mara.

Yuki sentia a tensão no ar e imaginava a ansiedade do viúvo de Jessica, o homem relativamente novo que ela via três bancos adiante.

– Dr. Garza, como foi que a Sra. Falk morreu?

– Como a senhora acabou de dizer, ela sofreu um enfarte.

– É verdade, doutor, mas eu gostaria que o senhor descrevesse esse fato com mais detalhes, a fim de que possamos entender melhor como foram os últimos momentos de vida da Sra. Falk.

Larry Kramer imediatamente se levantou.

– Protesto! Meritíssimo, minha colega está tentando sugestionar os jurados. Isso é inadmissível!

– Meritíssimo, perguntei apenas como a paciente morreu. É exatamente isso que estamos tentando determinar aqui, não é?

– Claro que é... Dr. Garza, por favor, responda à pergunta da advogada.

Yuki percebeu a expressão de surpresa no rosto do médico, algo inédito até então. Garza limpou a garganta antes de falar.

– Bem, ela entrou num quadro de taquicardia ventricular. Um batimento acelerado do coração.

– E isso poderia ter provocado dores e medo na paciente?

– Provavelmente... sim.

– O que mais, doutor?

– Ela tentaria segurar, agarrar qualquer coisa a seu alcance.

– Os lençóis da cama, por exemplo?

– Pode ser.

– Ela chamaria alguém?

– Meritíssimo! – interveio Kramer. – Em respeito aos familiares da Sra. Falk...

– Muito comovente, Dr. Kramer – debochou O'Mara –, que o senhor se preocupe com meus clientes justamente agora.

– Protesto indeferido. Dr. Garza, por favor, responda.

– É provável que ela tenha tentado chamar alguém. Não sei. Eu não estava lá.
– O que mais, Dr. Garza? Em termos puramente médicos.
– Ela entrou em fibrilação ventricular. Com a diminuição da irrigação do cérebro, é possível que tenha apresentado movimentos clônicos... algo parecido com uma pequena convulsão. A pele teria ficado úmida e pegajosa. Ela sentiria tonteiras e fraqueza antes de entrar em choque. O episódio todo duraria dois ou três minutos até ela perder a consciência.

– Doutor, o senhor conhece a expressão “horror psíquico”?

Kramer novamente ficou de pé e, em tom de profunda decepção, falou:

– Meritíssimo, eu protesto. A acusação está tentando inflamar o júri.

– Indeferido, Dr. Kramer. “Horror psíquico” é um termo perfeitamente admissível do ponto de vista forense. E o senhor sabe muito bem disso. Dr. Garza, por favor, responda!

– A senhora pode repetir a pergunta? – Garza pediu a Maureen.

Falando pausadamente, a advogada repetiu:

– Doutor, o senhor conhece a expressão “horror psíquico”?

– Sim, conheço.

– Pode nos dizer o que ela significa?

O médico se reacomodou no banco, aflito, e só então respondeu:

– É um termo usado para descrever os momentos que precedem a morte. A pessoa sabe que o fim está próximo, que não pode fazer nada para evitá-lo.

O’Mara cruzou as mãos atrás das costas e disse:

– Doutor, um exemplo de horror psíquico seria o que sentiu aquele jornalista americano antes de ser decapitado pelos terroristas, correto?

– Se a senhora está dizendo...

– O senhor não acha que, ao sentir o coração bater três vezes mais rápido, a Sra. Falk teria ficado apavorada? Que aqueles dois ou três minutos de pavor e dores terríveis não seriam também um exemplo de horror psíquico?

– É possível que sim.

– Dois ou três minutos de pavor e dores terríveis!

O’Mara fez uma pausa. Uma pausa relativamente longa e desconfortável.

Yuki achou que os ponteiros do relógio se moviam de forma mais lenta. Sabia o que a advogada estava fazendo: deixava que todos na sala percebessem o tempo que Jessica Falk tinha levado para morrer.

CINDY ESTAVA NA ÁREA RESERVADA à imprensa, com os dedos dançando sobre o teclado do laptop, anotando grande parte da interpeleção de O'Mara. Uma linha de raciocínio firme e inteligente. Uma das melhores que ela havia presenciado. A mulher é boa, não deixa nada a dever a Kramer.

– Doutor, o senhor nos disse que a morte de Jessica Falk foi acidental. Pois então diga: como foi que esse acidente ocorreu?

– Sinceramente, não sei como a epinefrina foi parar no soro dela. A substância não foi receitada, mas veja bem... – disse o médico, inclinando-se para a frente no banco, visivelmente irritado. – Médicos e enfermeiras são seres humanos. Erros acontecem. Pessoas morrem. Às vezes sopra um mau vento.

Um burburinho tomou conta da sala. Os dedos ágeis de Cindy pararam sobre o teclado. O que foi que ele acabara de dizer? Sopra um mau vento? Que diabos aquilo significava?

O tumulto foi diminuindo até ser substituído por um silêncio sepulcral. Ninguém tossia, cruzava as pernas ou amassava um inofensivo papel de bala.

Quase casualmente, O'Mara perguntou:

– Por acaso o senhor teve alguma coisa a ver com esse “mau vento”, doutor?

Lawrence Kramer imediatamente ficou de pé.

– Protesto! A acusação está constringendo a testemunha. Assim não é possível!

– Protesto indeferido. Sente-se, Dr. Kramer.

– Do que a senhora está me acusando? – perguntou Garza, levantando a voz.

– Quem faz as perguntas aqui sou eu, Dr. Garza – disse O'Mara tranquilamente. – Quatorze das 20 pessoas cujas famílias represento foram tratadas pelo senhor ou morreram no seu plantão...

– Como a senhora ousa... – rugiu Garza.

– Meritíssimo, por gentileza, instrua a testemunha a responder.

– Dr. Garza, responda ao que lhe foi perguntado.

– Vou repetir – disse O'Mara, calma. – O senhor teve alguma coisa a ver com a morte dessas pessoas?

Garza se levantou e cravou os olhos na advogada. Cindy achou que ele voaria no pescoço de O'Mara.

– Quem é a senhora para suspeitar da minha pessoa? A senhora sabe com quem está falando? Eu conheço muita gente nesta cidade – disse Garza, bufando, em voz alta.

– Como?

Os jurados arregalaram os olhos, perplexos, e a plateia começou a protestar. O juiz bateu seu martelo repetidas vezes.

– Obrigada – disse a advogada, com um sorriso discreto nos lábios. Ela não se conteve e olhou rapidamente para Kramer. – Sem mais perguntas para esta testemunha.

– A testemunha pode deixar o banco. O julgamento será retomado amanhã às nove horas – gritou o magistrado, batendo o martelo pela última vez.

Cindy salvou seu arquivo e guardou o laptop na bolsa. Ainda remoendo as declarações de Garza, juntou-se à multidão rumo ao corredor.

Às vezes sopra um mau vento.

A senhora sabe com quem está falando?

O médico tinha acabado de definir as manchetes do dia seguinte.

E elas repercutiriam em todo o país.

Yuki esperava por Cindy na saída, os olhos arregalados como se ela tivesse acabado de ganhar aquela causa.

– Cindy, você viu aquilo?

– Pois é, também fiquei perplexa. Quem o idiota pensa que é? Deus?

SENTI O CHEIRINHO DE FILÉ, cebola e banana frita assim que coloquei os pés no Susie's. Minhas amigas não paravam de falar quando cheguei à mesa.

– Passei por cima de Claire para me sentar ao lado dela e pedi uma cerveja.

– Que foi que eu perdi? – perguntei.

– Pena que você não estava naquele julgamento hoje, Lindsay – disse Yuki, empolgada. Era a primeira vez desde a morte da mãe que ela sorria. – Garza cavou a própria cova. E de um modo espetacular!

– Conte tudo nos mínimos detalhes!

Yuki provavelmente já havia bebido algumas cervejas, pois levou meu pedido ao pé da letra, encenando com vozes e gestos o interrogatório do Dr. Garza.

De vez em quando Cindy participava, falando ao mesmo tempo que Yuki, e logo ninguém entendia mais nada. Claire e eu ríamos, mas Cindy não se deixava intimidar:

– Não, pessoal, francamente... Tudo o que o cara precisava dizer era: “Nãããã, não tive nada a ver com a morte daquelas pessoas!”

– Mas em vez disso ele faz o quê? Usa a boa e velha “Você sabe com quem está falando?” – disse Yuki, dando um tapa na mesa. Apesar do tom indignado, ela estava feliz da vida. – Que anta, dar um tiro no pé dessa maneira!

– Quer saber? – falou Cindy. – Isso é culpa da consciência pesada dele. Quanto mais investigo o passado desse Garza, mais eu vejo o pilantra que ele é.

– Mais cerveja então! – berrei para Loretta, erguendo meu copo vazio. Loretta respondeu com uma piscadela e voltou em poucos minutos com a bebida e os cardápios.

– Por exemplo – prosseguiu Cindy –, ele deixou vários empregos sob circunstâncias estranhas. Pelo menos em uma ocasião ele foi processado por assédio sexual.

– Por que será que isso não me surpreende? – perguntou Yuki. – Um dom-juan de quinta, o desgraçado! Arrogante e metido. Aposto que fica o dia inteiro em frente do espelho.

Cindy balançou a cabeça, dizendo:

– E não é só isso! Vários “acidentes” aconteceram com os pacientes dele. Se não tivesse ouvido falar de casos semelhantes, eu nem acreditaria numa coisa dessas!

– Sabe, é isso que me dá nojo – comentou Claire. – A cada 10 casos de erro médico, apenas um é denunciado. Na maioria das vezes o erro não é fatal, então... tudo bem, o paciente volta para casa. Mas, mesmo quando o paciente morre em circunstâncias suspeitas, as pessoas acham que o médico é, sei lá, Deus. Acreditam em tudo o que ele diz. Já vi isso acontecer.

– Pois eu também era assim. Mas agora, não – disse Yuki, recolhendo o sorriso. – Não acho que Garza seja Deus. Pelo contrário, tenho certeza de que é o capeta.

DEITADA NA CAMA, YUKI OBSERVAVA no teto os desenhos formados pelas luzes dos faróis que atravessavam a janela.

Havia acordado tantas vezes durante a noite que estava em dúvida se tinha realmente dormido. Agora, faltando pouco para as seis da manhã, achava-se tão desperta quanto se tivesse ouvido um alarme de incêndio no quarto ao lado.

Jogou as cobertas longe e foi direto para o computador. Digitou seu nome de usuária, a senha e se conectou à internet. Encontrou o endereço que procurava em menos de um minuto. Ele morava a cinco quilômetros dali.

O capeta.

Após vestir sua capa de chuva sobre o pijama de cetim azul, Yuki desceu de elevador até a garagem do prédio, acomodou-se ao volante do carro e afivelou o cinto de segurança.

Estava empolgada e nervosa, como se fosse subir até o terraço de um arranha-céu e ficar parada na beira, admirando a paisagem sob uma tempestade, com o risco de cair lá embaixo. Assim que chegou à rua, pisou fundo no acelerador e desceu a ladeira da Jones Street.

Na Washington, freou para dar passagem ao bonde que chacoalhava nos trilhos. Ficou esperando, batendo as unhas no volante enquanto o bondinho se arrastava. Precisou de mais paciência ainda quando um ônibus escolar parou à sua frente para pegar um passageiro e partiu um longo minuto depois.

Só então ela engatou a primeira. Yuki se deu conta de que não sentia tamanha dor desde que perdera o pai, que ela tanto adorava. Sofrera muito na ocasião e nunca esqueceria o amor que tinha pelo velho. A morte de sua mãe, no entanto, era diferente. A ferida chegava ao fundo da alma, um sentimento de perda agravado pelas circunstâncias absurdas. Yuki tinha medo de jamais superar a morte de Keiko.

A neblina se dissipava quando ela dobrou na Filbert e deparou com a fileira de mansões. Passou os olhos pelos números nos portões até encontrar o 908 na metade da rua.

A casa era enorme, com três andares e a fachada pintada de amarelo-claro, com as bordas brancas. Yuki estacionou junto à calçada oposta e permaneceu no carro, vendo o dia amanhecer. Ficou ali por um bom tempo, talvez horas, achando que havia feito uma besteira.

Um mensageiro recolhia um pacote. Uma babá de ascendência latina empurrava um carrinho com gêmeos ao mesmo tempo que puxava um fox terrier pela coleira. Cenas banais do dia a dia que agora ela observava com olhos tristes.

A certa altura, a garagem da casa amarela se abriu e um Mercedes preto saiu de ré. Lá estava ele. O canalha, o safado. Yuki decidiu ir atrás do carro, numa decisão nitidamente instintiva.

Os dois veículos seguiram na direção sul, descendo pela Leavenworth, dobrando

esquinas, subindo e descendo ladeiras, até chegarem ao Municipal.

Ainda na cola do Mercedes, Yuki ligou a seta para entrar no estacionamento do hospital e só então percebeu a viatura da polícia no retrovisor. Diminuiu a velocidade e encostou o carro junto ao meio-fio, achando que havia ultrapassado o limite de velocidade.

Ficou parada, olhando fixamente para a frente, enquanto o carro da polícia passava reto. Com a mão trêmula, desligou o motor e esperou que o coração voltasse ao normal.

Burra, burra, burra!

O pijama estava encharcado de suor, com a manga de cetim escapando pelos punhos da capa de chuva. Meu Deus. Que iria dizer caso tivesse sido parada pelos guardas?

Que estava perseguindo um médico?

Pedestres atravessavam a rua à sua frente. Executivos com pastas e copos de café. Enfermeiras e médicos com os casacos abotoados sobre os jalecos.

Todos indo para o trabalho.

Yuki então se lembrou de como era sua vida duas semanas antes, do prédio em que ela trabalhava, do importante escritório do qual era sócia, da profissional determinada e dinâmica que fora um dia.

No entanto, por mais que adorasse sua profissão, não conseguia mais entrar naquele escritório. Não tinha cabeça para outra coisa a não ser pensar no monstro que havia matado sua mãe.

UM ENVELOPE PARDO CHAMAVA ATENÇÃO entre os vários em minha caixa de entrada. Puxei-o da pilha com cuidado e o abri com a faca que guardo na gaveta superior da mesa.

Li o documento e reli para ter certeza de que não havia me enganado. A análise do laboratório tinha encontrado cerca de cinco mil impressões digitais – entre parciais e borradas – nos botões estampados com o caduceu.

Aquele resultado nos levava de volta à estaca zero.

Levantei-me e fui até a mesa de Jacobi, que desembrulhava o almoço trazido de casa: sanduíche de ovo e salada de repolho.

– Está servida? – perguntou, erguendo uma das metades do sanduíche.

– Aceito.

Puxei uma cadeira e abri espaço na mesa para acomodar o prato.

Enquanto comíamos, coloquei Jacobi a par da queixa que Yuki havia registrado, convicta de que a mãe fora assassinada num dos hospitais mais respeitados da cidade. Contei também sobre a conversa que tivera com a enfermeira no Municipal e os botões de caduceu que recebera de Carl Whiteley durante nossa pequena discussão na sala dele.

Eu falava sem parar e Jacobi não parecia interessado em me interromper. Já explicava a ação movida por Maureen O'Mara quando ele abriu uma caixa de rosquinhas e colocou uma delas, de chocolate, sobre um guardanapo à minha frente.

– Então, Boxer, o que você está achando disso tudo? Está pensando como tenente ou como investigadora?

– O único relatório de autópsia é o de Keiko.

– E qual foi o veredicto de Claire?

– Inconclusivo, pelo menos até que novos fatos venham à tona.

– Mas... onde foi que perdi o fio da meada? O que Garza tem a ver com essa história toda? Vocês não vão com a cara dele, é isso?

– Na verdade ele tem uma cara muito bonita.

Contei a Jacobi que Keiko, assim como os demais pacientes na ação movida contra o Municipal, dera entrada pela emergência, território de Garza. Não deixei de mencionar que milhares de pacientes passaram pelo local, receberam alta e, até onde era possível saber, viveram felizes para sempre.

– Preciso encontrar alguma coisa na lista de médicos, enfermeiras e serventes do Municipal, algo que ponha fim ou comprove de uma vez por todas essa suspeita que não me deixa em paz.

– Então, o que você quer de mim, Boxer? – Jacobi juntou o lixo que tinha sobrado do nosso almoço e jogou na cesta.

– Preciso que você faça hora extra.

– Hoje?

– Não remunerada.

– Puxa, tenente... acabei de lembrar. Comprei ingressos para a ópera.

Dei uma piscadela para meu antigo parceiro, acompanhada por um sorriso irresistível.

Jacobi cedeu, sabendo que eu faria o mesmo por ele.

Enquanto o turno do dia dava lugar à turma da noite, Jacobi e eu começamos a pesquisar os nomes dos 600 funcionários do Hospital Municipal em nossa base de dados.

Encontramos vários médicos com históricos duvidosos, além de funcionários com ficha na polícia: violência doméstica, agressão, assalto à mão armada, posse de drogas.

Desdobrei a lista das “vítimas dos botões”. Li em voz alta para Jacobi:

– Todos os 32 pacientes passaram pela emergência e metade foi examinada por Garza. Brancos, negros e mestiços. A idade varia de 17 a 83 anos e o intervalo entre as mortes nesses últimos três anos não segue nenhum padrão.

– Então, tenente, o que você está dizendo é que não há um padrão entre as vítimas. Se esses “abotoados” foram mesmo assassinados... e esse é um grande “se”...

– Tem razão, amigo. Estou num beco sem saída. Só o que tenho nas mãos são esses botões esquisitos... o único vínculo entre os pacientes mortos.

Jacobi teve um acesso de tosse. Em seguida se levantou para vestir o paletó.

– Só estou dizendo o óbvio – afirmou. – Ninguém além de Yuki está falando em homicídio. Mas com base em quê? Na antipatia que ela tem pelo sujeito?

– Entendo o que você está dizendo, Warren. Mas botões nos olhos de pessoas mortas significam alguma coisa. Convença-me do contrário caso ache que estou ficando doida. Porque não consigo tirar essa história da cabeça.

AO VOLTAR PARA CASA NAQUELA noite, não parei de pensar na mente doentia que devia estar por trás daqueles botões, perguntando-me se Yuki e eu estávamos paranoicas ou se tínhamos razão: um assassino muito estranho vinha matando pacientes no Hospital Municipal.

E ninguém estava fazendo nada para detê-lo.

Cheguei em casa sem sequer me dar conta do trajeto percorrido. Tomei banho em tempo recorde e dali a pouco estava de volta ao meu carro, a caminho do hospital.

Ou da cena do crime, pensei.

Estacionei próximo à entrada da emergência e fui até a sala de espera, onde fiquei sentada durante um tempo, folheando uma revista velha, tentando passar despercebida em meio às pessoas.

Em seguida me levantei para um pequeno passeio.

O corredor era iluminado pelo branco mortiço das lâmpadas fluorescentes. Pacientes se arrastavam de lá para cá, alguns se apoiando em bengalas, outros puxando um suporte de soro. Médicos e enfermeiros se moviam com determinação, sem olhar para os lados.

Eu andava com as mãos nos bolsos e escondida sob o boné, rezando para que ninguém percebesse o volume da pistola sob minha jaqueta. Eu não fazia a menor ideia do que estava procurando.

Ao percorrer aqueles corredores infinitos, talvez eu pudesse notar algo que explicasse a bizarrice daquelas mortes e que finalmente provasse a teoria de um crime serial.

Por outro lado, não cabia a mim investigar o hospital. Eu era uma tenente da polícia, não uma detetive particular em missão secreta. Se Tracchio descobrisse que eu estava ali, as consequências seriam desastrosas.

Era nisso que eu pensava quando dobrei o corredor e bati de frente em um homem de jaleco branco e cabelos compridos, derrubando a prancheta que ele trazia na mão.

– Caramba!

– Desculpe – falei.

Imediatamente meu coração veio à boca. Eu pensava no Dr. Garza todos os dias, mas não o vira desde que tinha estado no hospital com Yuki para internar Keiko.

O médico pegou a prancheta no chão e fincou os olhos negros nos meus. A expressão era de desafio e minha vontade foi jogá-lo contra a parede e algemá-lo.

Você está preso por sua arrogância, por ter transformado a vida da minha amiga Yuki num inferno e por ser suspeito de dezenas de mortes. Está ciente dos seus direitos?

Em vez disso, enfiei as mãos nos bolsos da jaqueta e o encarei de volta.

– Sei quem você é – disse Garza. – Tenente da polícia. Amiga da Srta. Castellano. Ela anda meio nervosa, não acha? Acho que ainda não aceitou a morte da mãe.

– Minha amiga está muito bem – rebati. – Quanto ao senhor...

Ao notar que minha frase ficara pela metade, ele abriu um sorriso indecifrável, interrompido quando seu nome foi chamado pelos alto-falantes.

– Dr. Garza, compareça à emergência.

Saí da frente dele.

– Preciso trabalhar – disse o médico.

LAUREN MCKENNA RESPIROU FUNDO E bateu à porta. Nervosa por estar naquele corredor de hotel, suava frio e achava que tinha ficado louca ao se dispor a fazer aquilo. Completamente louca.

Ao olhar para os sapatos de couro falso de crocodilo, achou que combinavam com a saia de chiffon de seda e cogitou se ele perceberia. Mas em três segundos foi tomada pela dúvida e pensou que ainda era tempo de dar o fora.

Caso não gostasse dele, diria: “Desculpe, bati no quarto errado.”

Mas a porta se abriu.

O homem a recebeu com um sorriso. Era de ascendência oriental, 30 e poucos anos, e tinha os cabelos espetados com gel. Vestia-se com bom gosto (camisa de algodão azul, calças claras) e era bonito, o que deixou Lauren em dúvida: seria ela bonita também? Ele estendeu a mão e a cumprimentou.

– Sou Kenneth – falou com delicadeza. – Você é linda, Lauren. E tem muito bom gosto para se vestir. Superou minhas expectativas. Por favor, entre.

Lauren agradeceu e atravessou a porta do quarto luxuoso, sentindo o coração acelerado.

– Gostaria de ver seu rosto, você se importa? – pediu Kenneth, afastando a franja do rosto dela. – Pode me dar um sorriso? – emendou, sorrindo ele próprio.

Com a bolsa apertada ao peito, Lauren continuou séria. Olhou a seu redor, tentando perceber os detalhes do quarto. A televisão ligada, o champanhe num balde de gelo e aquele homem à sua frente: um desconhecido.

Onde estava com a cabeça ao pensar que seria capaz de fazer uma coisa daquelas?

– Só um sorriso, vai – insistiu Kenneth.

Ela cedeu e abriu um sorriso hesitante, tenso.

– Aparelho nos dentes? Quantos anos você tem, Lauren?

– Dezenove. Estou no segundo ano da faculdade.

– Não parece – comentou ele, sorrindo mais uma vez.

Lauren gostou dos dentes brancos e da pele macia. Kenneth não era velho. Mas a situação ali era outra, bem diferente de um encontro amoroso. Ela estava num quarto de hotel com um estranho que iria lhe pagar. Para fazer só Deus sabia o quê.

Ela se lembrou de todas as humilhações que havia sofrido na semana anterior: a ameaça de despejo por conta do aluguel atrasado, o cheque sem fundos passado à livraria do campus, o dinheiro pedido emprestado às amigas. Recordou-se também da colega de quarto dizendo: “Ligue para este número aqui. Margot tem um jeito fácil de ajudar você a colocar as finanças em dia.”

Um jeito fácil? Aquilo era uma loucura!

Mas agora Kenneth já a ajudava a tirar o casaco de pele. Ela dizia a si mesma, tentando relaxar: “Agente firme, menina! Tente se divertir. Pense na grana de que você tanto

precisa.”

Ao ver o homem passar os olhos por suas pernas compridas, pela blusa transparente e justa, pelas alças do sutiã que escapavam da gola, Lauren colocou as mãos nos quadris, arriscando uma pose de modelo. Nervosa, riu ao perceber que ele estava achando graça. Lembrando-se das garotas de programa dos filmes, falou:

– Você se importa se a gente acertar antes?

– De modo algum. – Kenneth tirou um maço de dinheiro do bolso traseiro e colocou 10 notas de 100, novinhas em folha, na mão de Lauren. – Pode contar, mas está tudo aí. Não se preocupe, sou um cara honesto.

Ela sorriu, com uma ponta de constrangimento, guardou o dinheiro na bolsa e a deixou ao lado da TV.

Em seguida sentou na poltrona oferecida por Kenneth, pegou a taça de champanhe e deu um pequeno gole, sentindo-se mais tranquila.

– Pode me fazer um favor? – pediu Kenneth. – Coloque os dois pés no chão e balance a cabeça um pouquinho, como se o vento estivesse soprando nos seus cabelos. Como as modelos fazem, sabe?

– Assim?

– Ótimo. Excelente. E tente relaxar, Lauren. Quero que você também se divirta.

Ela já se sentia mais relaxada naquela suíte luxuosa com cortinas de veludo. Através da janela, podia ver a Golden Gate iluminada ao fundo, como numa foto.

Kenneth era um homem gentil, tranquilo e tinha boas maneiras. Ele pegou a garrafa de champanhe e encheu novamente a taça dela.

– Vou lhe contar um segredo – disse Lauren. – Esta é minha primeira vez.

– Puxa, quanta honra. Estou vendo que você é uma mulher especial. Olhe, quero sua opinião sobre uma coisa. – Kenneth atravessou o quarto e voltou com os panfletos que havia tirado do bolso do blazer. – Estou pensando em trocar de carro. Qual destes você prefere? Porsche, BMW ou Mercedes?

Lauren avaliava os carros, procurando entrar no clima, quando ouviu a porta do quarto anexo se abrir.

Ficou assustada ao ver um homem muito grande, de cabelos alourados, andar até ela como se tivesse o direito de estar ali. Sem entender nada, olhou para Kenneth em busca de explicação.

– Eu já ia lhe contar – disse ele. – Esse é meu amigo Louis.

OS PANFLETOS CAÍRAM DAS MÃOS de Lauren, espalhando-se ao redor dos sapatos de couro falso. Ela sentiu o corpo inteiro gelar, o estômago dar um nó. Ao avaliar Louis – um homem musculoso que vestia calças cáqui e camisa polo rosa –, achou-o parecido com um atleta, porém um pouco velho demais.

O homem a encarava de modo ameaçador. Desviou o olhar por um instante e depois voltou a fitá-la.

– Olhe – disse Lauren, levantando-se bruscamente da poltrona, o que a deixou um pouco tonta. Em seguida calculou a distância até a porta. – Não tínhamos combinado um... uma... uma brincadeira a três. Não faço esse tipo de coisa.

– Não se preocupe – falou Kenneth, erguendo as mãos espalmadas. – Louis é um ótimo sujeito. Olhe, Lauren, você realmente não precisa se preocupar. Está tudo bem. Caso contrário a agência não teria mandado você.

– Não sei onde eu estava com a cabeça – disse ela, com os braços cruzados no peito. – Por favor, não me levem a mal. É que essa não é a minha. Eu não...

– Louis – falou Kenneth, virando-se para o homem. – Cumprimente a jovem, ande.

O grandalhão atravessou o quarto e estendeu a mão enorme com um olhar doce, tímido.

– Muito prazer, Lauren. Meu nome é Louis.

Lauren não esticou a mão. Assustada, continuou encarando o recém-chegado ao mesmo tempo que cogitava forçar um sorriso para dizer que precisava ir ao banheiro. Depois pegaria a bolsa disfarçadamente, deixaria o dinheiro recebido sobre a TV e fugiria.

– Louis, por que você não mostra a Lauren... você sabe o quê.

Lauren teve a impressão de que o tempo passou a correr mais devagar. Deu dois passos para trás, encontrou a cadeira e se apoiou nela enquanto o grandalhão abria a porta do armário. A porta do armário?

– Ele é muito bacana – disse Kenneth baixinho, para que o amigo não o escutasse. – Não fica com uma mulher desde que levou um fora da namorada ano passado. Um cara muito especial. Desses em quem a gente pode confiar de olhos fechados, sabe?

Louis tirou uma mala do armário e a abriu ao lado do sofá.

– Você veste 36, não é? – Kenneth sorriu para ela. – Pedi à agência que mandassem um manequim 36.

Lauren fez que sim num gesto automático.

– Hoje é aniversário do Louis – continuou Kenneth. – Eu não queria deixar meu amigo sozinho.

Lauren começou a traçar um perfil de Louis. Imaginou que ele fosse um homem sensível, mas não muito chegado em mulheres. Àquela altura ele retirava da mala um vestido longo, erguendo-o para que ela o visse.

– É para você, Lauren. Um presente. Não precisa devolver depois. Nem quero nada em

troca, juro.

Ela ficou apaixonada pelo vestido: gola canoa, renda azul-marinho retrabalhada com apliques, justo até os joelhos e rodado na bainha. Um Valentino. Custava uma fortuna. Um presente para ela?

– Conheço muita gente no mundo da moda – explicou Louis.

Lauren estava um pouco mais relaxada. Aqueles dois homens até que eram legais. Ela faria o que eles pedissem, pagaria suas contas e ainda ganharia um lindo vestido. Em poucos segundos seu rosto exibia um sorriso.

Kenneth erguia um colar, uma corrente de pequenos diamantes que refletiam a luz do quarto.

– Esta é a sua noite de sorte – disse ele.

Lauren tentou dar um passo à frente, para demonstrar que estava tudo bem, mas sua visão escureceu e o quarto começou a rodar. Os joelhos cederam e ela despencou.

Não consigo abrir os olhos! O que está acontecendo?

Sentiu os dois homens a carregarem para a cama... mãos tirando suas roupas... dedos baixando a calcinha... suas pernas erguidas sobre os ombros de alguém... solavancos... que diabos está acontecendo?

Lauren sentiu os pulmões esvaziando quando eles foram comprimidos por algo muito pesado. Era impossível respirar.

– Por favor! – ela conseguiu gritar. – Parem, por favor!

Em seguida ouviu uma risada.

Algo apertava seu pescoço. Ela tentou lutar, mas não conseguia se mexer.

Ao respirar, percebeu um saco plástico tapando seu nariz e através dele viu o rosto contorcido de Kenneth, os olhos antes tranquilos agora transtornados numa careta assustadora.

Por quê?

Por que estão fazendo isso comigo?

Eu não devia ter vindo aqui!

JAKE HADLEY CONFERIU NOVAMENTE AS horas, algo que vinha fazendo de minuto em minuto. Faltavam quinze para as nove. Desde as sete e meia daquela manhã de sábado ele esperava na fila com os filhos.

– Falta muito, pai? Vai demorar? – repetiam eles, às vezes pendurados às costas do pai, outras correndo em torno dele, imitando o ronco de um motor.

Esperavam por aquele momento desde o início do ano: a abertura do Salão Internacional do Automóvel.

Finalmente a fila começou a andar.

– Pai! Eles abriram, pai! Oba!

Sorrindo, Jake tirou os ingressos do bolso e os entregou ao bilheteiro.

– Divirtam-se – disse o rapaz, que usava a camiseta oficial do evento: listras vermelhas e pretas, logotipo no centro, com as letras inclinadas sugerindo um carro em alta velocidade. Jake pensava em comprar uma para cada filho.

– Obrigado, a ideia é essa – respondeu, segurando os gêmeos pelas mãos enquanto eles pulavam sem parar. Corria o risco de perder os dois de vista, tamanha era a agitação dos meninos.

Ao entrar no amplo espaço, sentiram a temperatura agradável do ar condicionado, a tranquilidade da música ambiente e, sobretudo, o cheiro agradável de carro novo.

Para onde ir primeiro?

Por toda parte, plataformas giratórias exibiam carros de última geração, cujas qualidades eram explicadas por garotas lindas, vestidas com saias justas e talvez curtas demais.

Luzes e música davam o tom do ambiente.

Um pouco mais adiante, atrás de uma mesa, jovens igualmente lindas e com crachá no peito distribuíam panfletos.

– Caso a gente se perca uns dos outros, o ponto de encontro é naquela mesa, entendido? – disse Jake aos garotos de seis anos, abaixando-se para encará-los. – Guardem bem esse lugar, porque é lá que eu vou procurar vocês.

– Está bem, está bem – disse Steven. – Tchau! – O menino se soltou e saiu correndo para o corredor principal, onde ficavam as montadoras europeias.

– Ele quer ver o estande da Ferrari – Michael explicou ao pai. – E o da Maserati também.

Jake riu e seguiu atrás de Steven com o menino. A multidão já tomava conta do lugar. Por um instante perdeu o filho de vista, mas logo o encontrou sobre um palco acarpetado em que vendedores retiravam a capa de um belíssimo Ferrari prateado. Por causa do barulho, precisou berrar:

– Steven! Desça daí! Ai não, filho!

O menino se virou na direção do pai, mas com uma expressão de susto ou pavor que

deixou Jake preocupado, ainda que o filho estivesse alguns metros à sua frente. Apertando a mão de Michael, disse:

– Venha, Steven, desça já daí...

– A moça no carro, pai. Tem alguma coisa de errado com a moça no carro.

Jake Hadley já ia dizendo que se tratava de um manequim, mas, ao se aproximar e examinar com os próprios olhos o interior do veículo, sentiu o coração disparar.

Os olhos da jovem tinham um aspecto vítreo e a cabeça estava caída de modo pouco natural. No pescoço era possível enxergar uma mancha larga e avermelhada. Ela usava um vestido de noite.

Que diabos é isso?

– Steven! – berrou ele para o filho, puxando-o pelo braço. – Falei para você descer daí.

Àquela altura várias pessoas tinham visto a garota morta de braços cruzados que parecia uma boneca de cera num carro de 200 mil dólares.

O responsável pelo estande acenava para que o público se afastasse. Pálido e de olhos arregalados, ele berrava:

– Para trás, para trás! Saiam daqui!

Os curiosos se aproximavam do Ferrari, depois recuavam, assustados. Gritos de pavor se misturavam à animada música do ambiente e os gêmeos logo começaram a chorar, jogando-se contra o pai, abraçando-o com força pela cintura.

Desesperado, Jake colocou-os no colo e correu até a saída.

Na roleta, falou sério com o bilheteiro, que parecia assustado:

– Há uma mulher morta aí dentro! É melhor chamarem a polícia!

PARTE 5

UM PASSEIO NO SHOPPING

OS VISITANTES DO SALÃO FORAM deixando o centro de convenções com a mesma fisionomia de horror dos motoristas que passam lentamente diante de um grave acidente na estrada.

Jacobi esperava por mim dentro do centro de convenções, na Howard Street.

– O dia promete – disse ele. – Está preparada?

– Nem me fale.

O inspetor foi contando as últimas novidades enquanto atravessávamos a multidão rumo aos fundos do local.

– Mulher, 18 a 20 anos, branca, loura, no máximo 45 quilos, marca de estrangulamento no pescoço e abandonada dentro de um Ferrari.

– Santo Deus. Essa gente é louca. Haja sangue-frio para fazer uma coisa dessas num lugar público. Olhe só quantas crianças tem por aqui!

– Eles estão nos provocando, Boxer – disse Jacobi. – Mostrando a língua para a gente e se mijando de tanto rir. Esse é meu palpito!

Ele apontou para os policiais e peritos que se espalhavam entre os estandes de carros europeus. Uma simples fita amarela isolava uma área cercada por uma divisória de fibra de vidro.

Fiquei estarelecida com a cena. A vítima havia sido vestida e penteada. Além disso, a maneira como estava acomodada dentro do Ferrari parecia compor um quadro de natureza-morta. O título seria: Mulher loura em carro prateado. Humor negro de péssimo gosto. Afinal, ali se encontrava mais uma jovem morta pelos caprichos de um maluco.

– Chame o gerente – pedi a Jacobi. – Vou fechar este lugar.

Liguei para Tracchio e lhe sugeri que enviasse para o centro de convenções todo o contingente de policiais e depois alertasse o prefeito. Em pouco tempo a Howard Street estaria apinhada de repórteres e equipes de televisão, com helicópteros sobrevoando o local.

Charlie Clapper interrompeu as fotos que tirava do Ferrari e me entregou um par de luvas de borracha.

– Estamos fazendo o possível, Lindsay, mas vou ter de levar este carro para o laboratório. Preciso fazer um exame mais detalhado.

– Algum documento encontrado com a vítima?

– Nem carteira, nem bolsa, nada.

Através da janela do motorista, toquei a face da garota morta com o dorso da mão. Ainda quente. A temperatura ambiente estava em torno dos 20 graus, com o ar seco.

Tive uma ideia. Se agíssemos rápido, talvez funcionasse.

– Charlie? Vamos fazer a vaporização aqui mesmo.

Os peritos já armavam a tenda para a vaporização de cianoacrilato sobre o carro e a

vítima quando um homem parrudo e furioso abriu caminho entre eles e se plantou à minha frente.

O crachá o identificava como “Patrick Leroy – Gerente Geral”, e ele berrava:

– Vocês não podem fechar o Salão! Ficaram doidos? – Ele cuspiu longe enquanto continuava com suas perguntas sem resposta: – Vocês têm ideia da grana que vou perder com isso? Da repercussão que vai ter na imprensa? Do que vai acontecer com minha empresa de eventos?

O homem não parava de berrar e cuspir.

– Uma pessoa foi morta, Sr. Leroy. Tenho que preservar a cena do crime, entende? Preciso pegar o assassino. Mas enquanto o senhor fica aí, esbravejando feito um idiota, as pessoas estão andando pelos corredores apagando as pistas nos carpetes. Quanto mais rápido seus seguranças nos ajudarem a esvaziar este lugar, quanto mais rápido responderem às nossas perguntas, mais cedo vamos deixar o senhor em paz.

– E quanto tempo isso vai levar? – perguntou ele, ofegante.

– O tempo que for preciso.

– Tenha paciência! Preciso dizer alguma coisa às pessoas!

Quase fiquei com pena do sujeito. Quase.

– Umas 12 horas, eu suponho – falei.

– Um dia inteiro? Vocês vão fechar o Salão em pleno sábado? Sabem o que isso significa? Milhões de dólares pelo ralo. Milhões – disse Leroy, tirando o celular do bolso. – Vocês só podem estar brincando.

– Tem uma mulher morta naquele Ferrari, Sr. Leroy – argumentei.

Em seguida, virei as costas para ouvir o que Jacobi tinha a dizer. Ele havia recolhido as fitas das câmeras de segurança, inclusive as que apontavam para as rampas de acesso ao centro de convenções.

De onde estávamos, víamos os policiais conduzindo o público até a saída. Ninguém estava muito satisfeito.

– Se não pegarmos esses psicopatas logo – disse Jacobi –, acho que vão me aposentar mais cedo. Sem festinha nem nada. E você, Boxer, pode ir se preparando para patrulhar as ruas.

– Sabe o que não sai da minha cabeça? – falei para meu velho parceiro. – Como foi que entraram aqui com essa moça?

EU NÃO PARAVA DE ESFREGAR os braços contra o frio polar do necrotério enquanto observava a mais recente vítima, que agora jazia nua sobre um leito de metal. Parecia tão inocente e vulnerável quanto uma criança adormecida.

Claire estava no último degrau de uma escadinha, fotografando a jovem do alto, enquanto alguns funcionários do necrotério bisbilhotavam a cena. Dali a pouco ela rugiu:

– Ei, vocês! Todos para fora! Menos você, Lindsay. Bunny, coloque uma etiqueta nos sapatos, guarde-os num saco plástico e depois mande tudo para o laboratório. Não se esqueça do colar. Está ali, na minha mesa.

Em seguida desceu da escada, ajustou a luz da sala e só então enxergamos quatro manchas discretas na face esquerda da morta.

Impressões digitais.

Eu não conseguia acreditar. Tínhamos finalmente uma pista concreta.

– São de uma criança de seis anos – disse Claire, jogando um balde de água fria nas minhas esperanças. – Do garoto que encontrou o cadáver.

– Droga – falei. – Mas e aquilo ali, o que é? – Baixei o tronco para ver melhor o que parecia um brilho na boca do cadáver. Uma pista? Um recado dos assassinos?

– É de partir o coração... – resmungou Claire. – Ela ainda usava aparelho nos dentes.

Ao ouvir aquilo, fiquei desolada. Uma vítima tão jovem.... jovem demais para morrer, sobretudo daquela maneira.

Por que você estava trabalhando, garota?

Após raspá-las com uma espátula, Claire aparou as unhas das mãos da moça e guardou as lascas num envelope, que lacrou e rubricou em seguida. Depois disse:

– Os resultados do exame toxicológico já chegaram, Lindsay. A mesma triste história. O nível de álcool no sangue estava em 1,1g/l e ela ingeriu Rohypnol. Igualzinho às outras.

– Então ela foi alcoolizada e depois dopada. Claro, eles não queriam correr o risco de uma reação! E a causa da morte, qual foi?

– A mesma das outras. Provavelmente foi asfixiada e estrangulada. Por volta da meia-noite. Com certeza foi homicídio.

– Os desgraçados seguem um padrão. Aposto que deram um banho nela para se livrar das pistas. Assim como fizeram com as outras duas.

– Acho que você vai gostar de ver isso aqui – disse Claire; depois, voltando-se para sua assistente: – Bunny, me ajude a virar o corpo.

Segurou o braço direito do cadáver e o puxou na sua direção, enquanto Bunny equilibrava o tronco.

– Veja. – Ela apontou para a mancha na parte de trás do joelho esquerdo.

Ao me aproximar, vi a impressão digital que a vaporização de cianoacrilato havia revelado com nitidez.

A vítima fora encontrada num vestido de renda azul que cobria suas pernas até os tornozelos. Portanto, aquela impressão não poderia ter sido deixada por um dos curiosos no Salão do Automóvel.

Olhei esperançosa para minha amiga Claire, que disse:

– O banho que deram nela... Esqueceram essa parte aí.

JACOBI ABRIU AS PORTAS DO necrotério e disse:

– Sei como eles entraram com a vítima no centro de convenções.

– Então desembuche – falei.

Em vez de se aproximar, ele foi direto para a sala de Claire e voltou com uma garrafa de água.

– Comi vários cachorros-quentes hoje – explicou, sorrindo.

– Fique à vontade, Jacobi – disse Claire. – Pegue o que quiser.

Jacobi acomodou-se num banco. Parecia exausto, mas por trás das pálpebras pesadas se via um brilho de empolgação.

– Escute essa, Boxer. Um caminhão estava indo para o Salão carregado de carpetes. Ao que parece, o motorista parou no meio do caminho para fazer xixi num daqueles muros da Folsom Street. Caminhões não podem parar ali, mas sempre param.

– Então foi um sequestro?

– Uma espécie de “carona”, digamos assim. O malandro chegou por trás do motorista e enfiou a arma nas costas dele. – Jacobi interrompeu o que estava dizendo e deu uma risada.

– Posso saber qual é a graça? – falei.

– Desculpe. Eu estava imaginando o sujeito com os documentos na mão quando senti o cano nas costas. Coisa de homem, Boxer, deixa para lá! Pois bem, o meliante tira o outro cara do caminhão, imobiliza os dois com uma arma de eletrochoque e, com a ajuda do comparsa, os leva para o baú do caminhão, amordaça ambos e prende seus braços e pernas com cordas.

– E aí eles conseguem um veículo que pode entrar no centro de convenções – concluí. – Você acha que a vítima entrou com eles no caminhão? Talvez escondida numa caixa?

– Acertou na mosca, tenente. Como sempre!

– A gente faz o que pode, Jacobi. Vá, continue!

– Então eles chegam ao local, descarregam a caixa na rampa de acesso e a põem num carrinho. Na primeira oportunidade colocam a moça no Ferrari, na posição em que foi encontrada.

– É provável que essa caixa seja na verdade uma mala – falei. – Uma bem grande. De couro e com rodinhas.

– É bem possível.

– Inacreditável! – exclamou Claire. – Eles tiveram a coragem de carregar um corpo sob as barbas de todo mundo e depois colocá-lo no Ferrari de um salão de automóveis!

– Se alguém viu, deve ter achado que era uma boneca, um manequim – acrescentou Jacobi. – Mas ninguém percebeu nada. Examinei todos os vídeos. O lugar estava uma bagunça ontem à noite. Havia empilhadeiras por toda parte. Carros sendo arrumados.

Funcionários montando os estandes.

– Os caminhoneiros sequestrados conseguem identificar os agressores?

– Estava escuro e eles foram pegos de surpresa. Além disso, os meliantes usavam máscaras.

Jacobi se aproximou do corpo da vítima.

– Estão sentindo? O mesmo cheiro de orquídeas.

– Blue Dreams. É o nome do perfume.

Nesse instante, um pensamento surgiu das profundezas da minha mente feito uma bolha que sobe à superfície de um lago. Era óbvio! Por que eu ainda não havia feito a associação?

– Eles pegaram tudo num mesmo lugar! – falei em voz alta.

– O que você disse?

– As roupas e os sapatos de grife. Os assassinos pegaram tudo das araras e prateleiras de uma mesma loja, sem saber o tamanho das moças. Por isso erraram o número de algumas peças.

– O perfume que passaram nelas – emendou Jacobi, percebendo aonde eu queria chegar – é uma edição limitada vendida em apenas um lugar.

– Ao qual nossos assassinos tinham fácil acesso – falei. – Eles pegaram tudo de uma mesma loja.

ERAM OITO HORAS DA MANHÃ de segunda-feira e eu dirigia um Lincoln novinho em folha enquanto Anthony Tracchio, meu chefe, estava sentado no banco do carona. De uniforme, os cabelos penteados com gel, ele não parava de suar.

Dezenas de viaturas seguiam em comboio pela montanha-russa formada pelas ruas de São Francisco. A viagem prometia.

– Estamos pisando nos calos de gente importante – disse Tracchio. – Importante demais para uma garota de programa morta.

– Devemos isso a ela – falei.

– Eu sei, Boxer. A todas elas.

Tracchio baixou as janelas, deixando entrar no carro o frio de 15 graus.

Meu chefe estava visivelmente tenso.

Além de ter assumido o posto de capitão sem ter sido investigador, herdara um departamento com o mais vergonhoso índice de casos resolvidos do país. Naquela situação, ele contava exclusivamente comigo. E eu não queria decepcioná-lo.

O Chronicle do dia anterior estava no banco de trás. A primeira página trazia a manchete CRIME NO SALÃO DO AUTOMÓVEL, seguida por um longo texto com a foto da vítima na página três, já devidamente apelidada de Garota do Salão.

Profundamente abatidos, os amigos da jovem haviam se apresentado e agora a Garota do Salão tinha um nome. Lauren McKenna era solteira, sem namorado, gostava de sapatos caros e, embora estivesse se prostituindo, estudava em Berkeley.

Tinha apenas 19 anos.

Sofrera uma morte estúpida e trágica. E os assassinos ainda estavam à solta. Com certeza prontos para agir de novo.

Tracchio tamborilava os dedos na porta do carro quando dobrei à direita na Union Square. Mentalmente repassei minha teoria. Se estivesse equivocada, era ele quem pagaria o pato.

No entanto, apesar da dúvida que ainda pairava no ar, as coisas pareciam fazer sentido. Os assassinos das três vítimas trabalhavam na boutique da Union Square.

UMA DE MINHAS LOJAS FAVORITAS, a sofisticada boutique ainda não estava aberta. Mas os funcionários se achavam reunidos junto ao balcão do térreo, esperando o relógio marcar nove horas e conversando entre si.

Peter Fox, diretor da loja, estava elegante com seu terno Ralph Lauren e sapatos italianos caríssimos. Parecia calmo, mas eu vi sua testa suada enquanto nos conduzia, a mim e a Tracchio, pelos corredores.

– Conferi pessoalmente as mercadorias que vocês listaram por fax – dizia ele. – De fato as peças foram roubadas, mas é difícil acreditar que algum funcionário nosso esteja envolvido nesses assassinatos.

As imponentes escadas rolantes que levavam aos outros andares da loja e desciam ao shopping center estavam paradas. Ao sentir o perfume do Blue Dreams no ar, dirigi-me a uma delas e subi seus degraus até chegar a um amplo salão com balcões e vitrines.

Apresentei-me aos funcionários e, assim que eles ficaram em silêncio, expliquei o motivo da nossa visita.

– Impressões digitais foram encontradas pela perícia nos sapatos das vítimas – falei – e queremos excluir da investigação quem mexeu nesses calçados por motivo profissional. Os que não se sentirem à vontade para fornecer suas digitais e uma amostra de saliva para exame de DNA, por favor se apresentem ao inspetor Jacobi. É o bonitão ali, de blazer marrom, junto do balcão de informações. Depois disso, vocês estão liberados.

Três filas compridas se formaram ao longo dos corredores de mármore. A equipe de Clapper colhia as amostras de saliva e direcionava os funcionários à mesa em que seriam feitas a conferência das identidades e a coleta das digitais.

Mollie Pierson, gerente de recursos humanos, estava a meu lado. Era uma mulher de cabelos brancos espetados e óculos verde-limão que emolduravam os olhos muito escuros. Ela corria a caneta pela lista de funcionários, riscando o nome dos que estavam presentes. A certa altura, resmungou:

– Acabei de vê-lo agora mesmo, sei que está aqui. – Então passou os olhos, nervosa, pelo salão e sua inquietude me incomodou.

– De quem você está falando? – perguntei.

– De Louis Bergin. Responsável pelo estoque. Não estou vendo o Louis...

– LOUIS ESTAVA NA MINHA FRENTE na fila – informou um magricela de cavanhaque que se achava próximo. – Disse que ia ao banheiro. – E apontou para o sanitário masculino, que ficava a uns cinco metros do elevador.

No painel acima do elevador, a seta luminosa apontava para baixo. A cabine foi descendo três andares até parar no pavimento que dava para a rua.

– Como é esse Louis? – perguntei, aflita.

– Um homem grande. Mais de um metro e oitenta. Louro.

Virei-me para Tracchio.

– Pode ir – disse ele. – Eu cuido das coisas por aqui.

Imediatamente despachei McNeil e Samuels para vasculhar o banheiro e mandei Lemke e Chi bloquearem todas as portas para a rua.

– Ninguém sai!

Em seguida, com Jacobi e Conklin às minhas costas, corri escada abaixo até a imensidão do shopping. No térreo, tive de parar por causa do grande número de pessoas que já circulava pelas lojas chiques: Prada, Chanel, Salvatore Ferragamo, Hermès, Tiffany.

Não sabia para onde olhar nem em que direção seguir. Não avistava nenhum homem com a descrição de Louis Bergin. Meu celular tocou e eu atendi. Era McNeil, dizendo:

– Ele não está no banheiro, chefe.

– Você e Samuels, vão para a Rua Cinco – falei.

– Lá está ele! – gritou Jacobi.

Na mesma hora eu o vi. Um pouco à frente, um homem de camisa branca, sem paletó, se afastava fumando um cigarro em meio à multidão. Tinha quase um metro e noventa, mais de 100 quilos e os cabelos eram louro-escuros.

Um grandalhão.

Saquei minha arma e berrei o nome dele através do corredor barulhento:

– Louis Bergin. Polícia. Fique onde está e ponha as mãos para o alto!

LOUIS BERGIN VIROU A CABEÇA em minha direção. Ele me encarou por um segundo, então berrei novamente:

– Bergin, parado aí! Não me obrigue a atirar!

Ele começou a correr.

Aquela altura a adrenalina voava pelas minhas veias. Acompanhada por Jacobi e Conklin, segui no encalço do grandalhão, desviando-me dos clientes e atravessando o corredor até a porta que dava na Market Street, por onde Bergin tinha escapado.

Ele não fugiria à toa. Talvez estivesse sendo procurado por outro motivo. Ou quem sabe era mesmo o assassino das três garotas. Eu não sabia para onde olhar. A rua estava congestionada de carros; pedestres andando lotavam ambas as calçadas.

Meu coração disparou quando o avistei a uns 30 metros de distância, correndo pela Market até dobrar à direita na Powell.

– Ali! – berrei para Jacobi e Conklin, mas sem tirar os olhos de Bergin, que abria caminho através da multidão.

Na Powell, a calçada era uma verdadeira pista de obstáculos, com pedestres, ambulantes e passageiros fazendo fila nos pontos do bonde.

Eu dava como certa a prisão de Bergin, já sentia a emoção de vê-lo imobilizado no chão, mas a certa altura ele atropelou uma barraca de objetos de cerâmica, derrubando canecas e pratos. Ele se levantou e seguiu pelo meio da rua. Acelerou o passo e aumentou ainda mais a distância que nos separava.

O proprietário da barraca, um sujeito muito magro e alto, juntou-se à perseguição, assim como uns garotos que folheavam revistas na banca da esquina. Erguendo meu distintivo, despejei minha fúria sobre eles:

– Saiam da rua! Vocês podem levar um tiro!

Jacobi ofegava às minhas costas. A ladeira era muito cansativa para ele, que acabou ficando para trás. Berrei para meu ex-parceiro:

– Warren, mande algumas viaturas para a Union Square!

Um pouco adiante, Conklin de repente parou, num claro sinal de que havíamos perdido Bergin. Corri os olhos pelo comércio da rua. Caso o grandalhão tivesse entrado num dos hotéis, restaurantes ou, na pior das hipóteses, descido para o metrô, dificilmente iríamos encontrá-lo.

Um vulto chamou minha atenção. Era Bergin, que corria na calçada oposta, paralelamente ao bonde, usando-o como escudo.

– Conklin!

– Estou vendo, Lindsay!

As passadas de Rich Conklin, que estava em ótima forma, não deixavam nada a dever às de Bergin. Ele agora atravessava a Powell, atrás do bonde, e gritava para os pedestres:

– Afastem-se! Saiam do caminho!

Eu estava próxima de Conklin quando ele conseguiu agarrar o balaústre do bonde e saltar para o estribo. Dali, no melhor estilo rúgbi, pulou sobre as costas de Bergin, derrubando-o na calçada.

O grandalhão tentava falar alguma coisa enquanto recuperava o fôlego. Em três segundos cheguei até eles. Eu estava esbaforida, com as pernas bambas e o coração acelerado. Apertando minha Glock com as duas mãos, mirei a cabeça de Bergin e disse:

– Fique onde está, seu desgraçado! Coloque as mãos à frente da cabeça!

OFEGANTE, CHAMEI A CENTRAL E informei nossa localização enquanto Conklin algemava as mãos de Louis Bergin para trás. As palmas e a face direita do homem estavam arranhadas e sangravam.

Mas ele não dizia nada. Muito menos tentava reagir.

Eu estava preocupada, pois a única acusação que pesava contra Bergin era interferência no trabalho da polícia, da qual ele se livraria com o pagamento de uma pequena fiança.

Se tivesse mil dólares no bolso, voltaria às ruas em menos de uma hora, embarcaria num avião qualquer e jamais o veríamos novamente. Conklin parecia ler meus pensamentos.

– Lindsay, você viu. Ele estava resistindo à prisão.

Resistindo à prisão? O homem estava deitado na calçada feito um peixe morto!

– Ele me atacou – insistiu Conklin, coçando o queixo. – Me pegou de jeito antes de ser imobilizado. Não dá para negar, Lindsay, esse gorila agrediu um policial!

– Se eu tivesse agredido – resmungou Bergin –, não teria sobrado um dente nessa sua boca mole!

– Quietos – disse Conklin calmamente. – Só fale quando eu mandar.

Logo percebi qual era a intenção dele: configurar um delito mais grave de modo que a fiança chegasse às alturas. Um golpe baixo, mas estávamos desesperados. Precisávamos de tempo para descobrir se Bergin havia matado as três garotas.

Conklin leu os direitos dele e o conduziu ao banco traseiro de uma viatura no exato momento em que Jacobi chegava, oferecendo-me uma carona até a delegacia.

No caminho de volta, falei a meu ex-parceiro que mal via a hora de interrogar Louis Bergin, de arrancar dele as respostas que vinha procurando, descobrir a identidade do comparsa e colocar a dupla atrás das grades.

– Tudo bem, Boxer? Você parece angustiada.

– É, estou mesmo – admiti. – Fico pensando... e se Louis Bergin não for o nosso homem? O que é que a gente faz depois? Porque eu não tenho a mínima ideia!

JACOBI E EU ESPERÁVAMOS IMPACIENTES na minha sala enquanto Bergin era submetido aos procedimentos de rotina: assinatura de papéis, fotos e coleta das impressões digitais, que seriam arquivadas na base de dados.

– Você e Conklin deviam interrogá-lo – sugeriu Jacobi.

– O caso é seu – falei. – Você interroga.

– Quero ver como Conklin se sai, Boxer. Vou ficar espiando do outro lado do espelho.

Louis Bergin, o brutamontes, estava à mesa de uma das salas de interrogatório. Conklin e eu nos sentamos diante dele. Rapidamente li as informações pessoais a seu respeito e falei:

– Diz aqui que você é um cidadão exemplar. Sempre trabalhou e tem a ficha limpa na polícia. Nossa conversa vai ser rápida.

– Ótimo – rebateu Bergin. – Porque, assim que sair daqui, vou meter um belo processo nas suas costas por abuso de autoridade. E nas suas também, por me derrubar na rua.

– Fica frio aí, Louis. Você anda assistindo muito a Law and Order. Agora tome isto aqui – disse Conklin, entregando a Bergin um lenço de papel. – Está com a cara horrível.

Lançando um olhar furioso para o inspetor, Bergin limpou o sangue do rosto e das mãos, amassou o lenço e o apertou entre os dedos. Conklin emendou:

– Então, Louis, eu e a tenente gostaríamos muito de saber: por que você correu da gente?

– Corro todo dia, imbecil. Para manter a forma.

– Estou tentando ajudar, cara. Dando a você o benefício da dúvida.

– Sei. Meu mais novo amigo de infância – retrucou Louis, dando um sorriso debochado.

– Pode acreditar – insistiu Conklin. – Talvez você tenha afanado algumas roupas para vender. Mas a gente não está nem aí para furtos e roubos, não é, tenente? Nossa praia são os homicídios.

– Bastava ter perguntado com educação, seu desgraçado, em vez de me trazer para cá sob a acusação esfarrapada de “resistência à prisão”.

Conklin ficou de pé, deixando claro o que pretendia fazer, e Bergin levantou as mãos para proteger o rosto. Mas o inspetor deu um safanão na nuca do homem, que balançou para a frente, soltando o lenço de papel.

– Mais respeito com os servidores públicos, meu camarada! – disse Conklin. – Sobretudo quando há uma senhora no recinto. – Em seguida, recolheu do chão o lenço e o guardou no bolso traseiro da calça.

– Mais uma dessas – disse Bergin, girando a cabeça enorme – e você vai se ferrar! Vocês não têm nada contra mim, então, das duas uma: ou me liberam ou providenciam um advogado. Não tenho mais nada a dizer!

Nesse momento, quando o clima na sala era tenso, meu celular tocou. Rapidamente

olhei para o visor. Joe.

– É o prefeito – menti. – Preciso atender. Desculpem.

Dando as costas para Conklin e Bergin, prossegui com minha farsa:

– Perfeitamente. Ele está sendo interrogado agora mesmo.

– Estou num avião, minha loura, indo para Hong Kong – disse Joe, percebendo a situação.
– Volto no próximo fim de semana. Acho que posso fazer uma pequena escala em São Francisco.

– Sim, senhor. É o que tudo indica.

– Então, acha que pode arrumar um tempinho para mim?

– Claro, claro.

– Não vá se esquecer de novo, ouviu bem?

– Perfeitamente, senhor prefeito. Dou minha palavra.

Olhei de relance para meu reflexo no espelho. Apesar da testa franzida, os cantos da boca insinuavam um sorriso.

– Eu te amo, Lindsay.

– Pois não, senhor. Dou notícias assim que puder.

Desliguei o telefone e, tentando apagar do rosto qualquer vestígio da alegria que aqueles 20 segundos haviam provocado em mim, voltei à realidade do interrogatório:

– Então, Louis, está orgulhoso? Você é a prioridade número um do prefeito.

– Muito orgulhoso – respondeu ele, irônico.

Louis estava certo. Não tínhamos nada contra ele. E, tão logo um advogado chegasse ali, estaríamos de volta à estaca zero, correndo atrás do próprio rabo.

Nesse instante alguém bateu de leve no vidro do espelho e eu fui até o corredor. Jacobi esperava por mim.

– Você ouviu? – fui logo dizendo. – Bergin quer um advogado.

– É, e ele vai mesmo precisar de um. Aliás, de um ótimo advogado – disse Jacobi. – As impressões dele bateram com as encontradas no joelho de Lauren McKenna. – E, com um brilho no olhar, emendou: – Isso vai detê-lo por um bom tempo.

Não havia como descrever minha felicidade, tamanha foi a satisfação com que recebi a notícia. Jacobi e eu nos abraçamos com vontade.

Pela fresta da porta, pedi a Conklin que viesse a nosso encontro.

– As impressões de Louis bateram com as encontradas na Garota do Salão. Agora é com você, meu amigo. Pode fazer as honras da casa.

Eu estava ao lado do inspetor quando ele disse:

– Louis Bergin, a acusação de resistência foi retirada. Mas você está preso pelo assassinato de Lauren McKenna.

TOQUEI RAPIDAMENTE A CORONHA DA minha arma para dar sorte e então entrei com Jacobi e Conklin no prédio de tijolos aparentes que ficava na Hyde Street, próximo à linha do bonde e a meio quarteirão da Nordstrom Plaza.

Um velhinho negro nos recebeu à portaria, dizendo que a jovem que dividia o apartamento com Louis estava em casa.

– É artista. Nunca sai durante o dia.

Tomamos o pequeno e barulhento elevador até o último andar e encontramos o apartamento 7F, que dava para a rua. Toquei a campainha e bati na porta.

– Abra. Polícia de São Francisco.

Ouvi passos apressados na sala, mas ninguém atendeu. Bati novamente, dessa vez com coronhadas que ecoaram pelo longo corredor. Mesmo assim, ninguém deu o ar da graça.

Girei a maçaneta. A porta estava trancada.

– Arrombe – falei para Conklin, já saindo do caminho.

Conklin jogou o corpo contra a madeira uma, duas, três vezes, até que a tranca por fim arrebentou o batente.

Jacobi entrou primeiro e eu atrás dele. A sala era pequena. Havia quadros de carros antigos sobre o sofá de couro marrom. Um envelope estava pregado num quadro de cortiça ao lado da janela, endereçado a Louis.

– Polícia! – berrei. – Saia com as mãos para o alto!

Guardei no bolso o mandado de busca e atravessei a penumbra do cômodo com minha arma à frente, sentindo o perfume, até que Jacobi disse:

– Orquídeas.

Atrás de nós, Conklin acendeu a luz.

Seguimos pelo pequeno corredor até o quarto. A porta estava fechada. Girei a maçaneta antiga, feita de vidro, e dei um leve empurrão, deixando que a porta se abrisse lentamente. Cheguei a estremecer com o que vi.

Uma linda jovem oriental se encolhia junto ao parapeito da janela.

Usava um penhoar branco, quase transparente, ainda mais claro com o sol que vinha de fora. As franjas e as pontas dos cabelos tremulavam com a brisa. Fiquei espantada com a expressão infantil daquele rosto, com o olhar ingênuo que se acentuava ainda mais com a bagunça do quarto.

– Sou a tenente Boxer – falei com delicadeza, baixando a arma, sentindo a presença de Jacobi e Conklin às minhas costas, rezando para que eles também tivessem entendido o que podia acontecer. – Como você se chama? Vamos, desça daí para que a gente possa conversar.

Os olhos da mulher brilharam com algum pensamento que a fez sorrir. De repente ela crispou os lábios pintados de um vermelho forte, dando a impressão de que ia jogar um

beijo. Em vez disso, falou:

– Vruuum, vruuum...

Foi tudo muito rápido.

Corri na direção dela, mas era tarde demais: a jovem já tinha pulado.

Por uma fração de segundo ainda enxerguei a silhueta no parapeito da janela, mas ela agora parecia despencar em câmera lenta, uma imagem que por muito tempo ficaria gravada na minha mente.

Jacobi e Conklin já estavam a meu lado quando o corpo bateu na calçada.

AS 24 HORAS ATRÁS DAS grades não fizeram bem a Louis Bergin. Suas roupas estavam amarrotadas e o rosto barbado dava a impressão de que ele passara a noite num beco qualquer.

No entanto, seus olhos estavam vermelhos de fúria. E agora ele tinha um advogado a seu lado. Oscar Montana era um jovem turco de traços finos, enviado pela defensoria pública. Eu o conhecia, gostava dele e achava que Bergin tivera sorte.

– O que está pensando sobre meu cliente? – perguntou Montana, jogando sua pasta sobre a mesa.

– Hoje pela manhã fizemos uma busca no apartamento do Sr. Bergin – respondeu Conklin. – Havia uma jovem muito bonita lá. Sua namorada, certo, Louis? Chamava-se Cherry Chu.

– Ela não fez nada – rugiu Louis, falando com a potência de um vulcão que mal conseguia conter sua fúria.

Conklin se aproximou, puxou uma cadeira e ficou a poucos centímetros do suspeito.

– Não fez, é? Bem, de qualquer modo vai continuar presa. Achamos que ela vai dar com a língua nos dentes. Na verdade, já deu.

– Ela nunca diria nada contra mim.

– Não precisou dizer nada. Ela está presa por defenestração – disse Conklin. – Sabe o que é isso, Louis?

– Inspetor – protestou Montana –, o senhor está sendo sádico!

Louis se espantou, dizendo:

– Vocês são do Departamento de Homicídios e estão acusando-a de crime sexual?

Conklin se encostou na cadeira.

– Defenestração é uma palavra de origem latina e quer dizer “janela afora”. É isso aí, Louis. Tentamos impedir, mas ela pulou. E agora está presa no necrotério. Sinto muito.

– Nããão! – gritou Louis. O homem dava a impressão de ter inflado. As veias pulavam do pescoço e os músculos, vermelhos, pareciam inchados. Em seguida, como Sansão diante das colunas do templo, ele colocou as mãos sobre a mesa e foi ficando de pé.

Mas Conklin o deteve a tempo, plantando suas mãos nos ombros do gigante.

– Sr. Montana – falei –, diga a seu cliente para se comportar. Caso contrário, terá de ser algemado.

– Louis, não caia na provocação. Apenas escute.

Além de escutar, eu também estava observando. Vendo a rapidez com que o inspetor pensava e agia. Conklin era um interrogador de primeira. E um policial corajoso.

– Descobrimos algo peculiar no necrotério – prosseguiu ele. – Para dizer a verdade, fiquei surpreso quando a médica-legista nos informou. Quero dizer... Cherry era linda, Louis. Chega a ser difícil de acreditar.

Observei o rosto de Louis quando Conklin colocou sobre a mesa duas carteiras de habilitação, uma ao lado da outra. As fotos permitiam uma perfeita comparação. Viam-se nitidamente os mesmos olhos, as mesmas maçãs do rosto, a mesma boca.

– Precisei ver as duas fotos juntas para acreditar – emendou Conklin. – Kenneth Guthrie e Cherry Chu são a mesma pessoa. Suponho que era Kenneth quem estava a seu lado quando vocês mataram aquelas moças, certo, Louis? E ela voltava a ser Cherry Chu no papel de sua namorada. Sua namorada! – repetiu ele, perplexo. – Meu camarada, sua namorada era um homem!

AOS POUCOS O ROSTO DE Louis foi mudando de cor: vermelho, rosa e finalmente branco. Ele tentou dizer alguma coisa e depois começou a bater a cabeça na mesa, parando apenas quando o advogado se levantou para segurá-lo.

Montana olhou para mim furioso.

– Aonde seu inspetor pretende chegar com tudo isso, tenente? Por acaso vocês têm alguma prova contra o Sr. Bergin? Porque, se não tiverem, com todo o respeito, deixem-no em paz! Voltaremos a nos ver no indiciamento do meu cliente.

– As impressões digitais de seu cliente foram encontradas no corpo de uma das vítimas – rebati. – E o DNA dele está sendo analisado agora mesmo.

– Ele forneceu uma amostra de DNA?

– Deixou uma amostra. E nós recolhemos. – Sentei-me ao lado de Louis e, dirigindo-me apenas a ele, falei: – Louis, preciso entender por que você e Cherry mataram aquelas garotas. O inspetor Conklin e eu... nós realmente gostaríamos de ouvir seu lado da história. Talvez haja algum tipo de atenuante...

– Atenuante é o que eu tenho entre as pernas! Quer ver?

– Humm... Bem, parece que você estava certo, Richie – falei para Conklin. – Louis realmente é misógino, mas tenho a impressão de que gosta sexualmente das mulheres. O que você acha?

– É aí que entra o Kenneth – disse Conklin, entrando no meu jogo. – Ele provavelmente contratava as moças. Não é isso, Louis? Você estuprava as garotas e depois os dois as matavam? E se divertiam muito, não é? Acho que os membros do júri não vão gostar nem um pouco disso. Você não acha, tenente?

– Não diga nada, Louis – falou Montana rapidamente. – Nem uma palavra.

– Acho que você vai nos contar tudo – falei para Louis. – Porque suas chances são maiores conosco do que diante de um júri. E também tem isto aqui.

Coloquei sobre a mesa um envelope branco com letras borradas endereçado a Louis. Ele conseguiu vê-lo, mas não alcançá-lo. Piscou os olhos ao reconhecer a letra.

– O destino da sua amiga Cherry não é nada perto do que o aguarda – falei. – Já pensou, Louis? Vinte anos de isolamento? Esperando sua vez de sentar na cadeira elétrica?

– Basta, tenente – disse Montana, fechando sua pasta com determinação. – O Sr. Bergin ainda não foi indiciado por nada, nem mesmo por atravessar a rua fora da faixa.

– Vamos pegar o Sr. Bergin por três homicídios – devolvi. – Mas posso oferecer isto aqui como colher de chá. – Aproximei o indicador do polegar, deixando um centímetro de distância entre um e outro.

– É mesmo? – debochou Montana. – Isso tudo?

– Dois anos atrás uma garota apareceu morta em Los Angeles, abandonada num terreno baldio. O DNA encontrado é o mesmo achado junto às vítimas de Louis. Se seu cliente nos

contar tudo sobre as três jovens e sobre essa garota de Los Angeles, podemos falar com a Promotoria. De repente conseguimos tirar a pena de morte da jogada.

– Voltaremos a nos falar em outra ocasião – retrucou Montana. – Louis, vamos embora.

– A promoção é por tempo limitado – falei, pousando a mão sobre o envelope.

– Posso ver a carta? – pediu Louis, acanhado.

Havia algum tempo que sua expressão era mais relaxada. Os olhos agora estavam marejados e o rosto, murcho de dor.

– Isto aqui é uma prova contra você. – Eu mirava seus olhos grandes e úmidos. – Mas posso ler algumas linhas.

Abri o envelope que encontrara no apartamento de Louis, pregado ao quadro de cortiça, e retirei cinco folhas, preenchidas por uma sinuosa caligrafia.

– Acho que ela ainda estava escrevendo quando chegamos lá – falei. – Veja, a assinatura está borrada. A tinta não havia secado.

Louis me encarava com os lábios entreabertos, respirando com dificuldade.

– Cherry diz aqui: “Desculpe, meu amor, mas não sei viver sem você. Você foi o único sonho da minha vida que se tornou realidade...” Bem, tudo isso é muito comovente. Estou quase chorando. – Em seguida dobrei as folhas e as guardei no envelope.

– Diga o que eu tenho de fazer – implorou Louis. – Faça o que vocês quiserem.

– Escute, Louis – disse Montana, apertando seu braço. – Não diga nada. Deixe que eu faça meu trabalho. A única testemunha que eles têm contra você está morta.

De repente Louis se levantou e sem querer deu uma cotovelada em Montana, derrubando o advogado no chão. Fiquei imediatamente de pé e berrei para que Louis se sentasse.

– Você não entende, sua tenente desgraçada? Não estou nem aí se vou morrer ou não! Minha vida acabou! Nunca mais vou ver minha Cherry! – Louis cravou os olhos vermelhos em mim, dizendo: – O que eu tenho de falar para que você me dê a droga dessa carta?

– Basta contar o que fez.

– Tudo bem. Eu conto.

Eu mal acreditei nas suas palavras. Ele ia abrir o jogo. Fiz o possível para manter uma expressão indiferente, embora comemorasse em silêncio. Fui até o corredor para garantir que a câmera ainda estava ligada. Quando voltei à sala, Conklin ajudava Montana a se levantar.

– Vou ligar para o promotor – falei para Louis. – Você pode ficar com uma cópia da carta. Depois que fizer sua confissão.

JACOBI ESTAVA MUITO FELIZ AO pensar na derrota de Louis Bergin. Orgulhava-se de fazer parte da equipe que colocara um fim em mais um psicopata. Isto é, em dois psicopatas.

Às oito da noite, ele ainda trabalhava, tentando prender mais um maluco. Talvez pior do que Louis Bergin e Kenneth Guthrie. Ao volante de seu Crown Vic, ele cruzava a Leavenworth na direção norte, seguindo a distância o Mercedes preto de Dennis Garza, dois carros à sua frente. Nuvens de vapor subiam do asfalto, apesar da chuva forte.

Na Clay, parou no sinal vermelho e, olhando para a traseira do Mercedes, pensou na vida confortável que o médico tinha. Por que ele colocaria tudo em risco para brincar de Deus num hospital?

Quando os faróis da pista contrária iluminaram o carro à sua frente, um Hyundai, Jacobi levou um susto ao reconhecer Yuki Castellano ao volante. O que ela estaria fazendo ali?

O sinal abriu e ele arrancou na cola dos dois veículos. Confirmou suas suspeitas tão logo percebeu que Yuki também seguia o Mercedes. Após considerar todas as opções, decidiu ligar a sirene e as luzes de teto de seu carro, que agora parecia um demônio saído do inferno.

À sua frente, a jovem advogada olhou pelo retrovisor e parou o Hyundai junto à calçada. Jacobi estacionou logo atrás, entrou em contato com a Central e pediu que outro carro seguisse o Mercedes. Informou o número da placa e desligou. Abotoando o blazer, saiu do Crown Vic.

À janela direita do Hyundai, inclinou-se e apontou sua lanterna para o rosto de Yuki.

– Documentos, por favor.

– Tudo bem, tudo bem. Estão aqui. Mas o que é que fiz de errado?

– Sua habilitação, por gentileza.

– Claro – disse Yuki, protegendo os olhos da luz da lanterna.

Em seguida abriu a bolsa e começou a retirar cartões de crédito, batom, escova, enquanto procurava o documento. Parecia nervosa. Por fim achou a habilitação.

Jacobi levou o documento até seu carro e consultou a base de dados da polícia. Em poucos minutos, debaixo de chuva, voltou ao Hyundai e pediu que Yuki descesse.

– O senhor quer que eu desça do carro?

– Isso mesmo. Desça e coloque as mãos sobre o teto. Se importa se eu der uma olhada no interior do veículo? Há alguma coisa que a senhorita queira me contar? Carrega alguma arma ou substância ilegal?

– Warren? É você? Sou eu, Yuki. Que história é essa?

– É o que eu queria saber!

Yuki estava encharcada, com os cabelos sobre os olhos, o que a deixava com o aspecto de um yorkshire molhado. Usava calça de moletom, camiseta fina e chinelos bordados

com contas. Batia os dentes de frio.

Jacobi mirou rapidamente a lanterna para o interior do Hyundai, depois disse:

– Tudo bem, pode entrar.

Esperou que ela afivelasse o cinto de segurança, devolveu-lhe a carteira de motorista e falou:

– Estou na sua cola faz um tempo, Yuki. Que diabos você estava fazendo?

– Você estava me seguindo?

– Por favor, responda à minha pergunta.

– Só estava dando um passeio, o.k.? – falou Yuki, com uma ponta de irritação.

– Não minta para mim. Você estava seguindo o Mercedes.

– Não... Tudo bem, estava, sim. Mas e daí? Eu só queria... eu só queria... deixa para lá!

– Pense bem no que acabou de dizer – falou Jacobi, engrossando a voz. Precisava assustá-la um pouco, mostrar a besteira que ela estava fazendo. – Se aquele sujeito for realmente louco, não acha que ele acaba com você? Pense bem, Yuki, pense!

Yuki fez beijo, mas não disse nada.

– Não estou lhe dando esta dura porque gosto. Você é uma pessoa bacana, Yuki, inteligente demais para fazer uma asneira dessas. Mas está procurando sarna para se coçar!

Yuki enxugou o rosto com as mãos e balançou a cabeça.

– Você não vai contar para a Lindsay, vai?

– Depende de você.

– Vou voltar para casa, Warren. Nem vou abastecer o carro. Está bem assim?

– Ótimo. Aliás, sua carteira está vencida. Dê um jeito nisso.

– Obrigada, Warren.

– Tudo bem. Vá pela sombra. E juízo!

Jacobi foi caminhando de volta para o carro, refletindo sobre o que acabara de acontecer. De repente pensou no jantar que o esperava no restaurante perto de casa e na soneca que tiraria depois. E, antes de mais nada, no jogo de futebol americano que passaria na TV.

Ele abria a porta do carro quando ouviu o rádio berrar seu código de identificação.

JACOBI ESTACIONOU ATRÁS DO FORD azul na esquina da Taylor com a Washington. Saiu novamente na chuva, foi até o carro da frente e trocou algumas palavras com Chi e Lemke.

Assim que os dois policiais partiram, atravessou a Washington e foi para baixo do toldo preto com letras douradas que diziam: Restaurante Coliseu.

Com certo esforço, galgou os degraus que levavam ao prédio de dois andares e, chegando ao vestibulo do restaurante, foi recebido pelo cheirinho de alho e orégano e sentiu o estômago roncar.

À sua direita, uma jovem se ofereceu para guardar o casaco dele, mas Jacobi agradeceu. Ficou ali, ensopado de chuva, observando o balcão em forma de L à sua frente e a escada à esquerda, o único acesso disponível aos clientes.

Em seguida subiu mais um lance de degraus acarpetados até o pequeno salão retangular que abrigava 10 mesas com vista para a rua, através de grandes janelas de vidro. Àquela hora, o restaurante estava lotado e os clientes sentiam o calor agradável da lareira que ficava no canto do recinto.

O médico ocupava uma mesa junto ao fogo, de costas para Jacobi, diante de uma mulher sorridente. Nas taças de ambos, um belo vinho tinto.

Jacobi passou por eles e atropelou de propósito a cadeira do médico, apreciando a careta enfezada do homem. Desculpou-se com veemência, como se realmente fosse essa sua intenção.

– O senhor me desculpe. Eu sinto muito. Desculpe.

Em seguida atravessou o salão, usou o banheiro e foi até o balcão.

Tomou uma cerveja de baixo teor alcoólico, pediu uma segunda e pagou a conta assim que viu o médico e sua acompanhante se levantarem da mesa. Adiantou-se escada abaixo e saiu à rua antes deles.

No carro, ligou o motor e rapidamente informou suas coordenadas à Central.

Em poucos minutos o Mercedes preto deixou o estacionamento na Taylor e Jacobi partiu atrás dele, dessa vez mais perto, seguro de que não seria reconhecido em razão da chuva – sem falar na louira, que estava quase sentada no colo de Garza, beijando-o atrás da orelha.

O médico entrou na Pacific, virou à direita duas quadras abaixo, na Leavenworth, e tomou a Filbert quatro esquinas depois, seguindo por ela até embicar o carro numa casa de fachada amarelo-clara. Abriu a garagem com o controle remoto e guardou o Mercedes.

Jacobi seguiu em frente, fez o retorno e voltou, estacionando diante da residência. Sentiu então a pontada na bexiga, que novamente estava cheia. Cogitava descer para se aliviar atrás de uma árvore quando viu as luzes se apagarem no primeiro andar da casa. Após 15 longos minutos, as luzes do andar de cima também se apagaram.

Jacobi ligou para Lindsay do celular e contou a ela que vinha seguindo Garza desde que o médico saíra do hospital. Isso mesmo, hora extra. Hora extra sem remuneração.

– O homem não furou um único sinal, Boxer – disse o inspetor. – Jantou com uma quarentona boa-pinta, uma loura cheia de curvas. Os dois ficaram o tempo todo de mãos dadas e, na volta para casa, só faltaram se pegar dentro do carro. Se o cara é culpado de alguma coisa, é de ter uma namorada.

EU ESTAVA NO HOSPITAL MUNICIPAL, andando pelos corredores próximos à UTI, quando Jacobi ligou para dizer que Garza tinha voltado para casa.

Deixei meu corpo cair numa das cadeiras da sala de espera e pensei na idiotice que fora despachar meu colega para uma missão inútil naquela noite chuvosa. Ainda assim, eu continuava com a sensação de que havia algo errado com aquele médico.

As imagens foram passando pela minha cabeça: a mãe de Yuki, suas pernas bambas, a queda na calçada, aquela senhora divertida e enérgica que deveria estar viva.

Pensei também nos botões sobre as pálpebras dela, assim como sobre as de 31 pacientes. Malditos botões. Que sentido aquilo poderia ter para o assassino se ninguém entendia o que ele estava fazendo?

Lembrei-me da arrogância do homem responsável pelo atendimento de muitos daqueles mortos. O médico que havia dito: “Às vezes sopra um mau vento.”

Pela centésima vez imaginei se Dennis Garza não seria um daqueles psicopatas que esporadicamente eram presos em algum estado do país.

Ajeitando-me na cadeira, derramei no chão o café que estava bebendo e, observando o líquido se espalhar ao redor dos meus tênis, pensei: Caramba, Lindsay! Se você não consegue tomar um café direito, como vai prender um assassino?

Sequei o chão com uma folha de jornal, joguei o copo no lixo e dei o dia por encerrado. Garza já estava em casa e, se eu ainda tivesse algum juízo, deveria fazer o mesmo.

Eu fechava o zíper da jaqueta quando o celular tocou de novo.

– Tenente? – sussurrou uma voz feminina. – Aqui é Noddie Wilkins, a enfermeira do Municipal. Você disse que eu podia ligar. É que... mais um paciente morreu. E foi encontrado com os botões nos olhos.

Ao ouvir aquelas palavras, fui tomada por uma sensação de desânimo.

– Quando? – perguntei.

– Agora.

– Qual era o nome do paciente?

– Anthony Ruffio. O corpo ainda está na UTI.

Comecei a correr na direção das escadas, pensando na lista de pacientes mortos com os botões sobre as pálpebras.

Mas agora era diferente.

Eu estava no hospital e, provavelmente, o assassino também.

VOEI ESCADA ACIMA, SALTANDO OS degraus que levavam até a UTI. O assassino talvez estivesse andando pelo hospital, e não haveria oportunidade melhor para colocar as mãos nele.

Na recepção da UTI, mostrei meu distintivo para a enfermeira-chefe e esperei que ela chamasse o plantonista da unidade pelo alto-falante. O Dr. Daniel Wassel apareceu dali a pouco. Era um homem magro, de 30 e poucos anos, com um nariz comprido e fino e olhos sonolentos.

Depois de me apresentar, disse que estava fazendo uma investigação e precisava de uma lista com todos os funcionários que estavam na UTI quando um paciente chamado Anthony Ruffio deu entrada após uma cirurgia.

Disse também que queria ver o corpo de Ruffio imediatamente.

O médico ficou assustado. Com os olhos já despertos, falou:

– Não estou entendendo, tenente. Que interesse a polícia pode ter na morte desse paciente?

– Por ora vamos dizer que se trata de uma morte suspeita.

– A senhora não poderia estar mais enganada – rebateu.

Em seguida abriu a porta de correr do cubículo escuro e acendeu a luz.

Meus olhos foram direto para o corpo.

Apreensiva, puxei o lençol até o pescoço do cadáver.

Ruffio parecia inconformado com a própria morte: a boca estava aberta e a pele, de tão branca, parecia translúcida. Em torno das narinas havia sangue seco e ainda era possível ver a marca do tubo de respiração nos cantos da boca.

Ao puxar o lençol até os pés do morto, vi a enorme cicatriz ainda recente da incisão cirúrgica, que descia do esterno até o umbigo.

Então cobri novamente o cadáver.

Ao virar para sair da sala, avistei o par de botões sobre uma mesinha lateral.

– Até segunda ordem – falei –, este quarto está interdito para todos os funcionários. Nossos peritos estão vindo para cá e, assim que terminarem seu trabalho, o corpo será removido para o Instituto Médico-Legal.

– Preciso avisar alguém da direção do hospital.

– Aconselho-o a fazer isso, doutor.

Dos bolsos da jaqueta, tirei um par de luvas de borracha, um saco plástico e então recolhi os botões antes que eles sumissem. Liguei para a perícia, localizei dois técnicos de plantão e eles disseram que chegariam em meia hora. Em seguida telefonei para Jacobi, tirando-o da cama.

Enquanto esperava pela chegada dos colegas, fui adiantando meu trabalho. Mostrei meu distintivo a qualquer funcionário que aparecia pela frente, interrogando médicos mal-

humorados, enfermeiras, assistentes e faxineiros, fazendo sempre as mesmas perguntas: "Onde você estava quando Anthony Ruffio deu entrada no hospital?" "O que você fazia quando ele morreu?"

Enquanto falava com cada um deles, tentava identificar um gesto ou tom de voz que traísse algum tipo de culpa. Algo que revelasse: "Sou o assassino."

Mas não detectei absolutamente nada.

ADRA. MARIE CALHOUN ERA A médica responsável pela emergência naquela noite. Tinha 30 e poucos anos, cabelos cacheados e as unhas das mãos roídas. Ao conversar comigo, ela ficava olhando para os lados, falando de modo sucinto e apressado. Parecia uma mulher hiperativa.

Conversávamos diante do balcão do posto de enfermagem. A Dra. Calhoun tentava explicar a morte de Anthony Ruffio.

– Ele tinha acabado de chegar de Genebra, fazendo escala em Nova York. Um voo muito longo para um homem que estava com a perna esquerda engessada. Ele teve uma crise aguda de falta de ar e assim que pousou em São Francisco foi trazido para cá.

– Você o atendeu quando ele deu entrada na emergência?

– Sim, sim. Fizemos uma tomografia dos pulmões. E descobrimos que ele tinha um enorme êmbolo pulmonar. Também realizamos um ultrassom da perna quebrada e encontramos mais um coágulo. Então aplicamos o anticoagulante heparina para dissolver os coágulos e depois o transferimos para a UTI, onde ele foi colocado num respirador. Após algumas horas, fiquei sabendo que ele estava vomitando e evacuando sangue, até que entrou em choque.

– E o que pode ter desencadeado isso?

– Naquele momento não era possível saber. Rapidamente ele foi levado para o centro cirúrgico e então descobrimos que ele estava com uma hemorragia interna séria, por conta de uma úlcera supurada no estômago. O sangue dele estava ralo demais em função da heparina.

A médica se calou e balançou a cabeça. Dava a impressão de que ainda não sabia exatamente o que havia acontecido com Anthony Ruffio. Em alguns segundos, disse:

– Foi o Dr. Bill Rosen quem o operou. Um cirurgião excelente. Fez o possível para estancar a hemorragia. Fizemos várias transfusões, mas o paciente estava perdendo sangue demais. Havia entrado num quadro agudo de insuficiência respiratória, e depois disso... a coisa desandou.

– Como assim?

– Ele perdeu os sinais vitais. Rosen conseguiu trazê-lo de volta, estabilizá-lo um pouco. Ruffio ficou uns 20 minutos na UTI, mas depois morreu.

Àquela altura, tive uma terrível sensação de déjà-vu. Keiko Castellano tinha recebido uma superdosagem do anticoagulante estreptoquinase. Por isso perdera a vida.

– Desculpe minha ignorância, doutora, mas com que frequência a heparina deixa o sangue “ralo demais”?

Ela arregalou os olhos escuros, que agora pareciam duas pedras de ônix.

– Que espécie de pergunta é essa?

– É possível que Ruffio tenha recebido uma superdosagem de heparina?

– Tudo é possível. Mas a causa da morte é óbvia, e é isso que vai constar do meu relatório – disse Calhoun, decidida. – O nível de álcool no sangue do paciente era de 0,62g/l quando ele foi internado. Com certeza tinha bebido durante o voo. Talvez tenha sido por causa do álcool que ele quebrou a perna praticando esqui.

– Desculpe, não estou ligando uma coisa a outra.

– Úlceras supuradas são comuns em alcoólatras. O paciente não contou a ninguém que tinha uma úlcera – prosseguiu Calhoun. – Talvez tivesse vergonha de assumir que bebia. É para isso que servem os formulários que os pacientes preenchem na internação.

– Você está sugerindo que ele morreu por omissão?

– Exatamente! Então, estamos conversadas?

– Ainda não – falei.

Nesse instante um rapaz deu entrada na emergência. Deitado numa maca, tinha um ferimento à bala numa das pernas e berrava de dor. Bloqueei o caminho da médica antes que ela pudesse ir atendê-lo.

– O Dr. Garza estava no hospital quando Ruffio foi internado?

– Não lembro. Não faço a menor ideia. Por que não pergunta a ele?

– Vou perguntar. Você ficou sabendo dos botões que uma enfermeira encontrou nos olhos de Ruffio depois de morto?

– Botões? Não sei do que você está falando, tenente. Mas Anthony Ruffio não morreu por causa de botões. Morreu de uma úlcera supurada!

NA MANHÃ SEGUINTE, SENTEI-ME AO volante do meu velho Explorer pensando na noite em claro que acabara de passar ao lado de Jacobi e dos peritos, especulando sobre a morte de Anthony Ruffio.

Agora eu observava a chuva leve que caía diante do carro enquanto o sol despontava no horizonte.

Ao sair do estacionamento do hospital, segui pela Pine ainda me perguntando se Ruffio realmente havia morrido conforme a Dra. Calhoun dissera: um incidente médico do qual o hospital não havia tido nenhuma culpa.

“O sangue dele estava ralo demais”, ela havia dito, o que imediatamente trouxe à minha mente o desespero no semblante do morto. Aquelas palavras, assim como a expressão nos olhos da médica, não saíam da minha cabeça.

Uma coisa era certa: 60 funcionários do hospital tiveram acesso a Ruffio enquanto ele estava na UTI. Alguém poderia ter injetado uma superdose de heparina no soro dele, antes ou depois da cirurgia.

Garza poderia ter feito isso antes de deixar o hospital. Mas uma peça do quebra-cabeça não se encaixava. Como o médico poderia ter colocado os botões sobre as pálpebras do morto?

CINDY ESTAVA NA REDAÇÃO DO Chronicle escrevendo sua matéria. Tinha um prazo a cumprir, mas ainda assim ficou feliz quando o telefone tocou e ela viu o nome no visor. Atendeu com o seguinte pensamento: Ótimo, podemos almoçar juntas.

– Cindy, o que deu em você? – rugiu Lindsay do outro lado da linha, quase gritando. – Pedi que não publicasse nada sobre Garza e você concordou!

– Lindsay, não tive outro jeito – respondeu a jornalista, falando baixinho para que seus colegas não a escutassem. – Minha fonte no Municipal disse que Garza está sendo questionado pelo conselho...

– Mas isso não prova nada, Cindy!

– Você leu a matéria? “Chefe da emergência do Hospital Municipal é o principal suspeito pelas mortes”, foi isso que escrevi. “Suspeito” significa especulação com algum fundamento. Poxa, Lindsay. Semana passada o cara foi massacrado naquele tribunal. Não dava para deixar passar em branco!

– E se ele for culpado por algo mais grave do que negligência médica? E se ele sumir depois da sua matéria, desaparecer de São Francisco?

– Como assim, “mais grave do que negligência médica”?

– Não sei exatamente – respondeu Lindsay, ríspida. – Ainda estou investigando.

– Eu também – retrucou Cindy. – Olhe, não publiquei nada do que você me disse. Eu sou a única autora da matéria, da primeira à última linha. Não acho certo você soltar os cachorros em cima de mim só porque estou fazendo meu trabalho!

Seguiu-se um silêncio constrangedor, com Cindy remoendo algumas verdades que preferia não dizer: Lindsay esperava favores em razão da amizade entre elas, mas sua atitude não estava nem um pouco certa.

– Há vários repórteres cobrindo o caso, Lindsay! Não importa o autor da matéria: Garza vai estar na mídia!

Lindsay suspirou e disse:

– Achei que fosse ter um pouco mais de tempo.

– Então pare de sonhar.

Em seguida as duas se despediram com frieza.

Cindy desligou e passou os olhos pelas suas anotações. Leu o que tinha acabado de escrever: “culpado por algo mais grave do que negligência.”

MINHA NOITE EM CLARO NO hospital tinha resultado num cansaço e num sentimento de frustração inéditos. Joguei o jornal na cesta sob minha mesa, com a certeza de que a próxima matéria de Cindy seria sobre os crimes no Municipal – e sobre a demora da polícia para resolvê-los.

Estava na hora de oficializar o “caso dos botões”, antes que um novo terremoto abalasse as estruturas do nosso departamento. Liguei para Tracchio.

– Chefe, preciso falar com você. É urgente.

A lanchonete escolhida ficava na esquina da Brennan Street com a Sexta Avenida, a apenas algumas quadras da delegacia. O piso de cerâmica trabalhada e as paredes cobertas com lambris de madeira estavam em perfeita combinação com as mesas, que tinham vista para as barracas de flores na rua. Em qualquer outro dia, eu adoraria passar horas naquele lugar.

Mas não hoje.

Anthony Tracchio e eu nos sentamos a uma das mesinhas redondas e pedimos sanduíches.

– Pode falar, Boxer – disse ele.

Senti um grande alívio ao contar toda a história: a morte da mãe de Yuki, os botões encontrados em 33 pacientes mortos, o processo de negligência médica contra o Municipal.

Também falei sobre a passagem de Garza por outros hospitais do país, concluindo com um relato sobre a investigação informal que Jacobi e eu fizéramos na véspera, após a morte de mais um paciente.

– O corpo de Ruffio estava na UTI, à espera de ser levado para o necrotério – falei –, quando alguém colocou os botões sobre os olhos dele.

– Humm... – grunhiu Tracchio.

– Garza deixou o hospital às seis da tarde. O paciente morreu pouco depois das oito, mas não sei dizer se o médico teve alguma coisa a ver com isso.

– Se não estava presente, como teria?

– Garza tem acesso a qualquer área daquele lugar. Talvez tenha aplicado a superdose antes de ir embora e a medicação tenha levado algumas horas para fazer efeito. É possível que tenha um cúmplice. Ou talvez ele não seja quem estamos procurando – admiti. – Mas, poxa, chefe, esse cara pode ser um monstro! Sinceramente, acho que é.

Tracchio afastou o prato e pediu mais uma xícara de café.

– Yuki registrou queixa?

– Sim, mas o resultado da autópsia feita por Claire mostrou apenas que a mãe de Yuki foi supermedicada. Não há prova de que ela tenha sido assassinada. Aposto que vai ser a mesma coisa com Ruffio.

– Em resumo, você tem nas mãos uma salada de fatos e suposições que não levam a

lugar nenhum.

– Levam a um palpite terrível, chefe. Um palpite que não consigo tirar da cabeça.

– Então, o que pretende fazer?

Graças à solução do caso das três garotas encontradas nos carros, meu prestígio estava relativamente alto.

– Minha ideia é encher aquele hospital de policiais. Pedir emprestada uma equipe do Departamento de Narcóticos para trabalhar à paisana. Além disso, gostaria de infiltrar alguém na farmácia do Municipal. Garza já está sendo vigiado 24 horas por dia.

Tracchio bebeu o restante do café, imaginando como conseguiria mobilizar tantos homens tendo por justificativa um “palpite terrível”.

– Por quanto tempo? – perguntou.

– Sinceramente? Não sei.

Ele pediu a conta à garçonete e depois disse:

– Vou lhe dar quatro pessoas por uma semana. Depois disso reavaliemos. Mas tem uma coisa: quero ser informado de tudo o que acontecer. Não me esconda nada, ouviu bem?

Estendi o braço e apertei sua mão rechonchuda, dizendo:

– Eu jamais esconderia alguma coisa de você. Nem que pudesse.

JACOBI ESTAVA SENTADO NO BANCO do carona, com os olhos atentos à casa de fachada amarela na Filbert, pensando que fazia meia hora que o Dr. Garza chegara do hospital: ele agora devia estar assistindo aos jornais da noite, antes de ir se deitar. Inesperadamente, a porta da garagem se abriu e o Mercedes preto saiu de ré, manobrou e partiu cantando pneu.

Rich Conklin se endireitou ao volante. Jacobi chamou a Central e informou suas coordenadas.

Ao lado dele, Conklin esperou cinco segundos e arrancou com o carro pela ladeira íngreme da Filbert, perseguindo o Mercedes a uma distância de uns 30 metros.

– Vá com calma – preveniu Jacobi. – Não se esqueça de que temos reforço.

– Cacete, a gente nem sabe se o cara está mesmo nesse carro – disse Conklin.

– Você quer o quê? Voltar e vigiar a casa?

– Não. Quero um clone de mim mesmo.

Jacobi riu e disse:

– Acha que o mundo está preparado para dois Conklin?

Em seguida lembrou-se de seu tempo de novato, da adrenalina a cada perseguição. Pois era essa mesma adrenalina que agora corria em suas veias, apesar dos vários anos de polícia.

Conklin dobrou à esquerda na Jones, atravessou com cuidado o cruzamento da Greenwich e já ia passando diante de uma escola municipal quando Jacobi novamente entrou em contato com a Central:

– Mercedes preto, duas portas, placa Wagner Delta Foxtrot Três Nove Zero, indo na direção norte pela Jones.

Ignorando a sinalização, cruzaram a Lombard, a Francisco, e pararam na Columbus. Àquela altura, o policial no outro carro que também seguia o Mercedes informou pelo rádio:

– Acho que ele está indo na direção da Cannery.

Conklin ligou as luzes de emergência do teto, dobrou à direita e seguiu em disparada por uma avenida paralela à Columbus, um atalho para o provável destino de Garza: a Ghirardelli Square.

Jacobi pediu ao parceiro que estacionasse na Beach Street, próximo à esquina com a Hyde.

– Ele deve passar por aqui a qualquer momento.

O trânsito era lento em razão do horário e as calçadas estavam apinhadas de pedestres que frequentavam os quiosques entre a rua e a praia.

– Lá está ele – disse Conklin.

Jacobi viu o Mercedes se aproximar mais adiante e estacionar. Em seguida, vestido com

um elegante sobretudo Armani, o médico saiu do veículo e, para surpresa de Jacobi, veio caminhando na direção deles.

Garza bateu de leve na janela do carro e Jacobi baixou o vidro, encarando-o com um olhar de tédio.

– Só um minuto, inspetor – disse o médico –, eu já volto. – Então atravessou a rua e entrou num prédio de fachada amarela. O letreiro de neon sobre a porta dizia: Restaurante Buena Vista.

Jacobi podia vê-lo do outro lado da vitrine, fazendo algum pedido para um atendente ao balcão.

– Que diabos está acontecendo? – perguntou Conklin, confuso. – O cara não só descobriu a gente como está preparando alguma! Assim é de mais!

Jacobi já imaginava a dor de cabeça que vinha pela frente. A esperteza de Garza não estava em seus planos. O que dizer ao jovem Conklin?

– Bem... foi apenas um tropeço, Richie. Mas o jogo mal começou.

Ele não tirou os olhos do restaurante até o médico sair pela porta, esperar pelo sinal verde dos pedestres e atravessar a rua, vindo a seu encontro. Garza mais uma vez bateu no vidro, entregando a Jacobi dois copos de café numa embalagem de papelão.

– Esse é bem forte – falou. – Vocês têm uma longa noite pela frente.

– Obrigado. Muito gentil da sua parte – agradeceu Jacobi. – Espero retribuir o favor em breve.

Jacobi observou o médico voltar ao Mercedes, ligar a seta e sumir rua afora. Em seguida chamou a Central.

– Precisamos de um carro para dar sequência a uma operação de vigilância. Suspeito descendo a Hyde, na direção sul, obedecendo a todas as placas de trânsito. – Recolocando o microfone no suporte, falou um tanto incrédulo para Conklin: – Ele ainda vai fazer alguma besteira. Esses espertalhões sempre fazem.

Então abriu um dos copos, despejou nele um saquinho de açúcar e bebeu o café com cuidado.

FALTAVAM 15 MINUTOS PARA AS nove da noite e eu ainda caminhava pelos corredores bem iluminados do hospital. Garza tinha ido embora havia muito, acenando para mim como se fôssemos velhos amigos, com um sorriso nos lábios ao sair à rua.

Àquela altura eu já levantava outras hipóteses. Talvez Garza não fosse um assassino. Possivelmente ele tinha as características de um criminoso. Mas, se não era o médico bonito, quem seria?

Fazia tempo que eu circulava por aqueles corredores e certamente as pessoas já sabiam quem eu era. À procura de novos ares, tomei as escadas para o terceiro andar e me dirigi até o setor de oncologia.

Ao dobrar o corredor, avistei algo que fez os pelos da minha nuca se arrepiarem.

Um sujeito de aproximadamente 30 anos, branco, um metro e setenta, com uns 75 quilos, cabelos claros sob um boné azul, blusa cinza de capuz e calças cargo pretas conversava com uma enfermeira de aspecto cansado.

Havia algo de errado na postura dele: um ar dissimulado enquanto ele trocava olhares suspeitos com a enfermeira. Aquilo chamou minha atenção. Meus instintos gritavam: havia alguma coisa estranha ali.

Cappy McNeil era um experiente policial do Departamento de Homicídios. Tinha trabalhado com Jacobi durante anos e agora estava fazendo a ronda no segundo andar.

Chamei-o pelo rádio e em um minuto nos encontramos à porta do quarto 386, onde pouco antes o sujeito de cabelos claros havia entrado. Contei até três e abri a porta, dizendo:

– Parado aí!

Mostrei meu distintivo e, imobilizando o suspeito pelo braço, joguei-o contra a parede, de costas para mim. Cappy bloqueou a porta com seus mais de 100 quilos.

– Qual é seu nome? – gritei.

– Alan Feirstein. Que diabos está acontecendo?

– Mantenha as mãos na parede, Sr. Feirstein. Tem alguma coisa suspeita nos bolsos? Drogas? Uma seringa? Uma arma?

– Uma escova de dentes – berrou ele de volta. – Além das chaves do meu carro e de uma barra de chocolate!

Apalpei as pernas dele e revistei os 10 bolsos da calça.

– Vou tirar sua carteira.

– Meu bem? – Virando o rosto para trás, Feirstein lançou um olhar de súplica para a mulher pálida deitada no leito. – Está acordada?

Um emaranhado de tubos e fios saía dos braços dela, passando pelo suporte de soro até se conectar a um monitor cardíaco.

– Ele é meu marido – sussurrou a mulher, com uma voz sedada. – Alan é meu marido.

Examinei os documentos de Feirstein e mal acreditei. O sujeito não estava armado, tampouco carregava algum botão com o relevo de um caduceu. Ainda por cima era doador de órgãos, segundo informava sua carteira de motorista.

– O que está fazendo aqui? – perguntei, constrangida.

– Vou passar a noite – respondeu ele. – Carol tem um linfoma. Estágio terminal.

Engoli em seco e disse:

– Sinto muito. Foi um terrível engano, nem sei como me desculpar.

O homem apenas meneou a cabeça. Não levaria aquilo adiante, para meu alívio.

– Tudo de bom – foi o que consegui dizer à mulher dele.

Em seguida voltei com Cappy ao corredor.

– Caramba. Minha vontade é cavar um buraco no chão e enfiar a cabeça dentro, Cappy.

Tive a impressão de que Feirstein estava aprontando alguma com aquela enfermeira. Mas ele só queria convencê-la a deixar que ele dormisse no chão do quarto! Que mancada, que mancada!

– Acontece, chefe – disse Cappy, dando de ombros. – De volta à estaca zero.

Ele voltou a seu posto e eu, à sala de espera da emergência.

Estava desapontada, decepcionada, mas, pior que isso, sentia que estava andando em círculos. Havia sentido aquilo antes, mas nunca com tamanha intensidade.

Carl Whiteley, o arrogante diretor do hospital, repetira diversas vezes que o índice de óbitos do Municipal não era diferente do de outros hospitais de mesmo porte, e que os botões não passavam de uma piada de mau gosto. Eu havia conseguido o apoio de Tracchio me valendo apenas de uma intuição.

Arriscado para ele. Arriscado para mim.

As máquinas de doces zumbiam num canto da sala de espera, prontas para cuspir embalagens coloridas e alegres num ambiente tão sombrio e triste.

Coloquei quatro moedas de 25 centavos na fenda de uma delas, apertei alguns botões e vi o pacote alaranjado de jujubas cair na bandeja metálica.

Eu passaria a noite ali. Queria acreditar que íamos desmascarar um assassino e salvar vidas. Mas havia a possibilidade de que tudo aquilo resultasse apenas num tremendo tiro no pé.

PARTE 6

O VEREDICTO

DROGA, ESTOU ATRASADA LOGO HOJE!

Atrapalhando-se com a bolsa enorme, Cindy passou a maleta do computador para o ombro esquerdo e apertou o passo na direção do Tribunal de Justiça, lembrando que não havia perdido uma única sessão desde que o julgamento começara, quatro semanas antes.

A cansativa fase de testemunhos e interpelações havia chegado ao fim. Agora, acusação e defesa fariam as considerações finais, estivesse ela ou não dentro da sala 4A.

Meu Deus!

Se o lugar dela fosse ocupado por outro repórter... era uma hipótese em que nem valia a pena pensar!

Alheia ao sinal de pedestres, Cindy atravessou correndo a McAllister e alcançou o imponente prédio de fachada clara e arquitetura moderna que fazia esquina com a Polk. Ficou aliviada ao constatar que as portas ainda estavam fechadas.

Avistou Yuki em meio à multidão no topo da escada, segurando sua pasta com as duas mãos. Ela olhava vagamente para longe. Cindy andava preocupada com a amiga, que desde a morte da mãe parecia frágil e havia emagrecido, além de não ter trabalhado um dia sequer. A advogada mergulhara de cabeça naquele julgamento e os efeitos eram visíveis.

Cindy foi cortando a multidão enquanto subia as escadas, chamando por Yuki. A advogada por fim a avistou.

– Que foi que houve? Eu estava preocupada com você.

– Problemas no metrô – explicou Cindy. – Fiquei parada entre duas estações durante meia hora. Quase enlouqueci.

Assim que os seguranças abriram as pesadas portas de metal, Cindy e Yuki foram arrastadas para dentro do prédio. Um elevador lotado as levou até o quarto andar, onde elas se separaram a caminho da sala.

Cindy foi direto para a área reservada à imprensa. Correu os olhos pela sala, que rapidamente se enchia, depois ligou o laptop. E digitou:

Maureen O'Mara usava um terninho Oscar de la Renta vermelho-escuro. Essa é sua roupa de batalha, a cor predileta para os dias de luta, sua maneira de deixar uma marca na lembrança dos jurados.

OJUIZ CARTER BEVINS AJEITOU O relógio no pulso e olhou por sobre os óculos para Maureen O'Mara, perguntando se ela estava pronta.

– Estou, meritíssimo – disse a advogada, levantando-se e tomando sua posição atrás do pequeno púlpito de carvalho.

Colocou as anotações sobre a bancada, ainda que não precisasse delas. Fizera um ensaio com seus sócios na véspera, memorizara os pontos principais, sabia exatamente o que deveria dizer e o tom adequado para fazê-lo. Tinha apostado todas as fichas naquele processo e seu futuro profissional dependia do resultado dele.

Saíra-se muito bem até então e sabia disso. Bastava agora dar o golpe de misericórdia. Respirou fundo, sorriu para os jurados e começou.

– Senhoras e senhores, o Hospital Municipal de São Francisco foi privatizado há três anos, vendido para uma empresa com fins lucrativos, e desde então viu triplicar o número de óbitos resultantes de erros de medicação. Por quê? Sustento que os erros se devem à incompetência de uns e à sobrecarga de trabalho de outros. Nos últimos três anos, aproximadamente 75% dos funcionários foram substituídos por profissionais menos experientes, dispostos a trabalhar mais por um salário menor.

O'Mara fez uma breve pausa, passando os dedos pelos lábios, e prosseguiu:

– Com isso os lucros aumentaram, claro, mas a um custo inaceitável. Nos últimos dias os senhores ouviram diversos testemunhos sobre as mortes absurdas que ocorreram no Municipal. Uma situação triste, escandalosa e inteiramente imputável aos administradores do hospital. Administradores que não dão a mínima importância aos pacientes sob sua responsabilidade. Administradores que pensam apenas em lucro.

A advogada vinha andando junto à bancada dos jurados, mas de repente parou diante deles, plantou as mãos no parapeito e olhou para cada um, como se lhes falasse individualmente.

– Semana passada, ouvimos o Dr. Dennis Garza, que há três anos é o chefe da emergência do Hospital Municipal. Ele próprio não nega que durante esse tempo o índice de óbitos de pacientes internados pela emergência chegou às alturas. E ele nos deu a seguinte justificativa: “Às vezes sopra um mau vento.”

O'Mara fez uma pausa de efeito.

– Senhoras e senhores, não há maus ventos num hospital. Há, sim, maus médicos e má-fé. Chamamos isso de “trabalhar abaixo dos padrões estabelecidos”. Chamamos isso de “negligência médica”. Ao ser perguntado se tinha alguma relação com a morte daqueles pacientes, o Dr. Garza recorreu à empáfia, lançando mão da velha “A senhora sabe com quem está falando? Eu conheço muita gente nesta cidade”. Ora, isto em si já é uma resposta, não é?... Claro que é!

Ninguém tossia ou sequer parecia respirar. A advogada prosseguiu, encarando cada um

dos jurados:

– Não se trata aqui de um processo criminal. Ninguém está querendo processar o Dr. Garza por um crime que ele tenha cometido. O que estamos querendo, senhores jurados, é responsabilizar o Hospital Municipal pelos “maus ventos” que ali sopraram. Punir o estabelecimento pela prática sistemática de colocar os lucros acima do bem-estar de seus pacientes.

O’Mara ajeitou a franja que caía sobre seus olhos e prosseguiu:

– Nesse sentido, pedimos aos senhores que nossos clientes sejam agraciados com uma indenização de 50 milhões de dólares, valor que certamente pesará nas contas do hospital, mas que nem de longe irá compensar a perda dessas 20 vidas tão preciosas. Senhoras e senhores, precisamos dar um basta a essa roleta-russa que o Municipal chama de medicina. E os senhores têm este poder. Façam a si mesmos a seguinte pergunta: na eventualidade de uma emergência, os senhores teriam coragem de procurar o Hospital Municipal? Ou de internar um ente querido lá? Depois de tudo o que ouviram aqui?

Ela então concluiu:

– Peço que os senhores pensem nesta pergunta quando forem para a sala dos jurados e que deliberem a favor dos meus clientes, acordando-lhes o limite máximo da indenização por danos irreparáveis. Em nome deles, muito obrigada.

YUKI ESPERAVA NA LONGA FILA que se formara diante do banheiro feminino. De braços cruzados e cabeça baixa, pensava no impacto das considerações finais de O'Mara, perguntando-se pela enésima vez por que não havia tirado a mãe do Municipal antes que Dennis Garza pudesse matá-la.

A fila andava tão devagar que faltavam poucos minutos para o reinício da sessão quando Yuki enfim conseguiu entrar.

Rapidamente foi até a pia, lavou o rosto e, ainda de olhos fechados, puxou uma toalha de papel. Ao reabri-los, levou um susto: a seu lado, Maureen O'Mara retocava a maquiagem diante do espelho. Feliz com o encontro inesperado, parabenizou-a pelo desempenho e se apresentou:

– Sou advogada também, mas estou aqui porque minha mãe morreu há pouco tempo no Municipal.

– Meus sentimentos – retrucou O'Mara, logo voltando os olhos para o espelho.

Yuki se espantou com a resposta seca, mas se deu conta de que a advogada devia estar concentrada no trabalho, preparando-se para as considerações finais de Kramer.

Pensando na decisão do júri.

Yuki amassou a toalha de papel, jogou-a no lixo e olhou rapidamente para a figura de O'Mara, tanto a real quanto a refletida no espelho.

O terninho dela era lindo. Os dentes eram clareados e os cabelos tinham o brilho perfeito dos comerciais de xampu. Uma mulher que sabe se cuidar, pensou Yuki, e por algum motivo se irritou com aquilo.

Percebeu que ela própria nem sequer lembrava a última vez em que cortara os cabelos e que tinha apenas dois terninhos escuros para trabalhar. Na verdade, deixara as aparências de lado desde que perdera a mãe.

A seu lado, Maureen O'Mara tirou o excesso de batom dos lábios, soprou um fio de cabelo do colarinho e, sem olhar para Yuki, saiu do banheiro.

Uma senhora mais pesada, vestindo um terno de risca de giz, pediu licença para alcançar o compartimento do sabão líquido.

– Claro – disse Yuki mais para si mesma, afastando-se da pia. – Que diferença faz Maureen O'Mara ser uma pedante endinheirada?

O importante era que ela ganhasse aquela causa.

E o resto era resto.

LAWRENCE KRAMER ORGANIZOU SUAS ANOTAÇÕES assim que o juiz tomou seu lugar à mesa e o oficial de justiça pediu silêncio na sala. Sentia-se bem-disposto e ansioso pelo início dos trabalhos, contente por ter usado sua corrida matinal de 10 quilômetros para repassar seus argumentos finais.

Estava pronto.

Não fosse a estupidez de Dennis Garza, aquele caso estaria ganho. Com certeza o médico seria colocado na rua. O que não serviria de consolo na hipótese de derrota.

Kramer ficou de pé assim que o juiz chamou seu nome. Abotoou o paletó azul-marinho e cumprimentou os jurados de modo educado, como se os conhecesse há muito tempo.

– Existe uma grande diferença entre erro humano e negligência – falou, dando o tom do discurso. – Imaginem o cotidiano de uma emergência. As pessoas chegam sem parar, acidentadas, feridas e doentes. Muitas vezes, em estado de choque, incapazes de explicar o que aconteceu. Pensem na rapidez com que as decisões devem ser tomadas para que essas vidas sejam salvas, sobretudo levando-se em conta que os médicos não conhecem os pacientes, não dispõem do histórico de cada um, tampouco de tempo para realizar os exames necessários. Nessas circunstâncias, muitas vezes eles são obrigados a bater o martelo e assumir certos riscos. É disso que estou falando.

Ele ilustrou sua tese com um exemplo:

– Uma mulher sexagenária, como minha mãe ou a de qualquer um dos senhores, chega à emergência com uma crise de isquemia, uma arritmia do coração e uma pequena embolia ao mesmo tempo. Se não for socorrida, poderá morrer. Um médico decide tratar o problema com um anticoagulante para desobstruir a artéria. Outro decide que o mais indicado é implantar de imediato um marca-passo. É esse o martelo que eles terão de bater. E, independentemente da decisão que tomarem, há um risco a correr: a paciente poderá morrer em decorrência da cirurgia ou então da medicação que...

– Kramer, seu canalha! Como ousa fazer pouco-caso da morte do meu filho?

A algumas fileiras da mesa da defesa, um homem estava de pé, berrando sem parar. Era Stephen Friedlander, pai do garoto que havia morrido após uma aplicação de insulina destinada ao colega de quarto que já tinha recebido alta.

Seu rosto estava vermelho e os cabelos, desgrenhados. Com os músculos do corpo rígidos, ele apontava repetidamente para Kramer, gritando:

– Patife! Desgraçado!

Em seguida se virou para a mesa da defesa, ocupada pelos jovens assistentes de Kramer, dois homens e uma mulher, e disparou:

– Patife! Patife! Desgraçada!

O juiz berrou para o oficial de justiça:

– Contenha esse senhor. Ele está desacatando a corte.

À sua frente, Kramer argumentava:

– Meritíssimo! Isso é uma tática da acusação! Foi a Dra. O'Mara quem orquestrou tudo!

– Eu? – A advogada se revoltou. – Orquestração minha? Você só pode estar louco!

– Vocês dois – grunhiu Bevins. – Na minha sala, já!

Foi quando uma mulher gritou da tribuna. Kramer virou-se a tempo de ver o rosto pálido e transtornado de Stephen Friedlander. Ele estava passando mal: respirava com dificuldade, ofegante, e estendia os braços à sua frente. Segundos depois se apoiou na mulher que havia gritado, despençou sobre o colo dela e rolou para o chão.

– Chamem os médicos! – ordenou Bevins aos seguranças. – A sessão será retomada às duas da tarde. Oficial, acompanhe os jurados até a sala de deliberações.

O caos tomou conta do lugar.

Kramer viu um homem de óculos, um repórter do Chicago Tribune, destravar a porta de incêndio com um empurrão, fazendo disparar um alarme ensurdecedor.

Em poucos segundos os paramédicos entravam na sala.

CINDY ESTAVA NERVOSA QUANDO A sessão foi retomada, assustada com o episódio envolvendo Stephen Friedlander, a gritaria, o desmaio do homem, o barulho do alarme que havia sido disparado por seu novo amigo, Whit Ewing, do Chicago Tribune.

O juiz bateu o martelo e o ruído das conversas desapareceu.

– Só para constar – disse o magistrado –, conversei individualmente com cada jurado e estou convencido de que a decisão deles não será influenciada pelo incidente desta manhã.

– Olhando para a mesa da defesa, emendou: – Sr. Kramer, está pronto para continuar?

– Estou, meritíssimo.

O advogado se dirigiu ao púlpito com um sorriso visivelmente forçado.

Inclinando-se para a frente, Cindy pousou a mão no ombro de Yuki e sussurrou:

– Lá vamos nós.

– Senhoras e senhores – disse Kramer –, fui informado de que o Sr. Friedlander já foi atendido e logo, logo ficará bem. Meus clientes e eu sentimos muito pelo que aconteceu. O Sr. Friedlander perdeu um filho há pouco e está passando por um momento difícil. No entanto, por maior que seja nosso pesar, cumpre aos senhores jurados basear-se nos fatos, e não na emoção, para chegar a um veredicto justo.

O advogado fez uma pausa, pigarreou e prosseguiu:

– Mais cedo chamei a sua atenção para a diferença entre erros humanos e negligência médica. Um exemplo de erro humano é quando uma enfermeira se confunde com os remédios de uma bandeja ou quando um médico se esquece de anotar uma informação no prontuário. Negligência é algo bem diferente e mais grave. A título de ilustração, posso citar diversos casos que de fato ocorreram. Um médico é negligente quando abandona seu paciente na mesa de cirurgia para atender o celular. Quando esquece uma gaze dentro do corpo do paciente. Quando socorre alguém sob o efeito de álcool ou de outra droga qualquer. Quando se recusa a atender alguém por conta de preconceito étnico ou social. Ou quando, de caso pensado, prescreve medicamentos dos quais o paciente não precisa. Isso, sim, é negligência.

Kramer deixou o púlpito e se aproximou dos jurados, caminhando junto ao parapeito enquanto falava com eles.

– É terrível tudo o que aconteceu às pessoas citadas neste processo. Nem seria preciso dizê-lo, porque os senhores já sabem. Mas, em todas as situações aqui expostas, médicos, enfermeiras e até mesmo alguns pacientes cometeram erros que acontecem todos os dias em todos os hospitais deste país. Erros humanos. Erros dignos de perdão. Por mais que seja este nosso desejo, médicos não são infalíveis. Médicos e enfermeiras são seres humanos que querem ajudar outras pessoas e dão o melhor de si para isso.

O advogado parou e deu um giro de 180 graus no piso encerado, continuando sua argumentação:

– Ano passado, 150 mil pacientes passaram pelo Hospital Municipal com todo tipo de enfermidade. E foram recebidos com serviços médicos de excelente nível, tão bons quanto os de qualquer outro hospital desta cidade. Portanto, o que peço aos senhores é que ignorem a retórica incendiária da acusação, que atentem para a diferença entre erro e negligência e que deliberem a favor do Hospital Municipal. A cidade de São Francisco, nossa cidade, precisa dele.

YUKI E CINDY CONVERSAVAM NO corredor, encostadas ao friso da parede de mármore, observando as pessoas que deixavam a sala 4A.

Cindy estava agitada, com o sangue de repórter correndo pelas veias, querendo saber da amiga:

– Então, Yuki, o que você achou?

Um grupo de advogados da defesa e diretores do hospital passou por elas. Um senhor grisalho, de terno de tweed cinza, dizia:

– Ainda bem que temos o Kramer. Ele virou o jogo de modo espetacular. É um craque.

Logo atrás deles, O'Mara vinha confiante com sua equipe. Tinha um semblante imperativo e as portas do elevador se abriram como se estivessem à espera dela.

– Yuki? – perguntou Cindy novamente. – O que você acha que os jurados vão fazer? Quero sua opinião profissional.

Yuki percebeu a ansiedade na voz da amiga e viu que ela seguia os advogados com os olhos, ansiosa por ouvir suas conversas na escadaria.

– As duas partes se saíram muito bem, fizeram uma ótima argumentação – disse Yuki.

– Sabe, no direito civil, muitas vezes as provas não precisam ser categóricas, irrefutáveis. Basta que sejam preponderantes. Portanto, cada jurado terá sua própria definição do que é prep...

– Não vai arriscar nem um palpite?

– Tudo é possível, Cindy. Inclusive um impasse.

Cindy agradeceu, disse que a encontraria mais tarde e correu em direção às escadas. Yuki esperou pelo elevador, desceu até o saguão e saiu à rua, sentindo o frio daquela manhã de outubro.

Na calçada se viam duas grandes rodas de repórteres, uma em torno de Larry Kramer e outra ao redor de Maureen O'Mara. A despeito do veredicto, tanto a defesa quanto a acusação recebiam uma grande atenção da imprensa, algo que dinheiro algum poderia comprar.

Ao passar por eles, Yuki se lembrou do último caso de que havia participado, meses antes. Saía-se muito bem. E fora em torno dela, naquela mesma calçada, que os repórteres tinham se juntado.

Como ela gostava de tudo aquilo! E como havia mudado ao longo das últimas semanas!

Seu carro estava estacionado a três quarteirões do tribunal. Ela tirou a multa que encontrou no para-brisa, guardou-a na bolsa, pegou as chaves do veículo e se acomodou ao volante.

Deu partida no motor, mas não arrancou. Ficou ali, observando os carros que passavam a seu lado, os pedestres que seguiam sérios pela calçada, concentrados em suas rotinas.

Percebeu que não pertencia mais àquele mundo. Não tinha para onde ir. Subitamente foi

tomada por uma enorme tristeza, cuja razão desconhecia. Então abraçou o volante, deixou a cabeça cair sobre ele e começou a chorar.

CLAIRE E EU JÁ HAVÍAMOS chegado ao Susie's para jantar e esperávamos pelas outras. O cheirinho das costeletas assadas na brasa era de dar água na boca. Minha amiga falava de um caso recente que a deixara intrigada e no qual vinha trabalhando desde as primeiras horas do dia.

– Tudo indica que foi suicídio. Uma garota de 19 anos foi encontrada com um fio de telefone ao redor do pescoço e enrolado na porta do banheiro.

– Enrolado na porta?

– É. Uma das pontas estava amarrada na maçaneta. O fio passava debaixo da porta, dava a volta por cima, e a outra ponta se enrolava no pescoço dela.

– Caramba. Ela fez isso mesmo?

– Ainda é um mistério – respondeu Claire, servindo a cerveja em nossos copos. – O namorado dela, um vagabundo de 28 anos com antecedentes de violência doméstica, era a única testemunha. Ligou para a polícia e disse que a moça havia se matado depois de uma briga entre o casal. Disse que tinha cortado o fio e tentado ressuscitá-la por meio de massagem cardíaca. Ah, e que ela estava grávida.

– Essa não!

– Pois é. Os bombeiros foram os primeiros a chegar. O importante era manter a moça viva para salvar o bebê, então eles tentaram ressuscitá-la. Depois chegaram os paramédicos, e eles também tentaram ressuscitá-la. Mais tarde, no hospital, os médicos fizeram mais uma tentativa antes da cesariana. Portanto, quando chegou às minhas mãos, ela havia passado por quatro tentativas de ressuscitação. Toda cortada, com hematomas pelo corpo inteiro e traumatismos nas costas e no pescoço. Difícil dizer o que de fato aconteceu. Será que o namorado a matou e depois encenou um suicídio só para livrar a própria cara? Ou será que foi suicídio mesmo e as lesões são consequência das tentativas de ressuscitação?

– E o bebê?

– Ah, o feto. Pequeno demais, apenas 26 semanas. Sobreviveu alguns minutos no hospital.

Loretta chegou com os cardápios e uma cesta de nachos. Disse que Claire estava linda de azul-marinho e que eu estava com o aspecto de quem precisava de férias urgentemente.

Agradei com um sorriso, disse que iríamos esperar por Cindy e Yuki e pedi mais uma cerveja. Em seguida me virei para Claire, que suspirou e disse:

– Duplo homicídio ou suicídio? Ainda é cedo para dizer. Preciso refazer todo o caminho, entrevistar todo mundo, perguntar o que eles realmente viram e...

Claire se calou de repente. Cindy acabara de chegar, usando um suéter cinza que realçava o rosa das bochechas e o dourado dos cabelos. No entanto, parecia preocupada.

Talvez imaginasse como seria nosso encontro após a discussão que tivemos pelo telefone.

Imediatamente me levantei e fui ao encontro dela, apertando-a num abraço.

– Desculpe, Cindy. Você tinha todo o direito de escrever aquela matéria sobre Dennis Garza. Estava fazendo seu trabalho. Pisei na bola.

DALI A POUCO, CINDY ESTAVA elétrica, agitada, mas um pouco assustada também. Ela nos contava as últimas novidades sobre o processo contra o Municipal quando Yuki chegou ao restaurante, atrasada e com um aspecto horrível, bem pior que o meu. Ela se acomodou ao lado de Cindy, que apertou sua mão num gesto de carinho.

– Você chegou bem a tempo – disse Cindy.

– A tempo de quê?

– Estou prestes a soltar uma bomba.

A empolgação de Cindy era proporcional ao desânimo de Yuki, que estava com os cabelos opacos, os olhos tristes e a blusa rosa carente de um botão.

Enquanto Cindy colocava as pilhas no seu gravador, perguntei baixinho para Yuki:

– Você está bem?

– Melhor, impossível – respondeu ela com um sorriso murcho.

– Você guardou sua bomba nessa coisinha aí? – Claire perguntou a Cindy.

Ela riu e respondeu:

– Não posso revelar o nome dela. Mas é uma enfermeira do Municipal com quem falei ao telefone. Esperem até ouvir. – Ela voltou a fita para o ponto exato.

Àquela altura eu estava com um mau pressentimento.

Pedia a Deus para que estivesse enganada.

Cindy apertou a tecla “play” do gravador e dele veio a voz distante de uma mulher.

Mais uma vez Noddie Wilkins abria o bico, só que agora para o Chronicle.

“Vi com meus próprios olhos”, dizia ela. “Sempre durante a madrugada. Eu entrava no quarto e o paciente estava morto, com os botões em cima dos olhos.”

“Deixe-me ver se entendi direito”, falava a voz metálica de Cindy, em tom de ceticismo.

“Quando um paciente morre, alguém vai lá e coloca os botões, é isso?”

“Sim, mas não é todo paciente. Apenas alguns. Vi acontecer três vezes e outras pessoas viram também.”

“Tenho milhares de perguntas a fazer, mas vamos começar pelo básico. Esses botões, como eles são?”

“São de metal, como uma moeda, e têm um caduceu gravado em relevo. Ninguém nunca viu quem está fazendo isso.”

“Quantos pacientes foram encontrados com esses botões nos olhos?”

“Sei lá, mas foram muitos.”

“Você identificou algum padrão nessas pessoas? Algo como cor da pele, faixa etária, um tipo de doença...”

“Só vi três, e elas eram diferentes. Olha, eu agora preciso ir...”

“Só mais uma pergunta, por favor. Você falou sobre isso com mais alguém?”

“Com meu supervisor. Ele acha que é apenas uma brincadeira de mau gosto. Mas... não

sei. É muito sinistro, você não acha?”

A voz de Noddie se tornou subitamente abafada, como se ela cobrisse o bocal do telefone com a mão. Falava com alguém. E parecia menos educada quando voltou à linha.

“Preciso ir. Estou no horário de trabalho e a coisa aqui anda difícil. Todo mundo está sobrecarregado.”

“Você me liga de volta se...”

Cindy desligou o gravador e olhou para nós, que estávamos espantadas. Concentrou-se em mim, perguntando:

– Lindsay, me diga, por acaso o hospital está encobrindo um caso de homicídios múltiplos?

Não respondi. Apenas dei um suspiro profundo.

Minha cabeça estava a mil.

Eu tinha acabado de me desculpar com Cindy por ter pedido que ela não escrevesse uma matéria que tinha o direito de escrever.

Como poderia pedir a mesma coisa novamente?

– Lindsay, você sabia – disse Yuki. – Você já sabia sobre esses botões? Claro que sabia!

– Humm, não posso falar sobre isso.

– Lindsay? – pressionou Cindy, surpresa. – Você sabia dessa história? Então me diga, pelo amor de Deus! Que diabos significa isso?

– Sei muito bem o que isso significa! – disse Yuki, ríspida. – Alguém está matando esses pacientes. Alguém muito arrogante. Um psicopata. E quem se encaixa feito uma luva nessa descrição, Lindsay?

Suspirei de novo, chamei Loretta e pedi mais duas cervejas. De repente, Yuki fechou a mão sobre meu braço, dizendo:

– Por favor, Lindsay, não deixe Garza se safar dessa!

Olhei para os olhos escuros e tristes dela. Yuki salvara minha vida uma vez. Além disso, era uma grande amiga.

– Estamos trabalhando para isso – falei. – Se Garza for culpado de alguma coisa, qualquer coisa, prometo que vamos colocá-lo atrás das grades.

OBILHETE DEIXADO POR BRENDA COLADO a meu telefone dizia: “Tracchio quer falar com você AGORA!” Ela havia desenhado um rosto zangado no interior da letra O.

O que seria?

Subi os dois andares de escada e atravessei o labirinto de corredores até a sala de Tracchio, que ficava num canto, com vista para a paisagem cinza da Bryant Street. Assim que me viu, desligou o telefone e abanou uma folha de papel na minha cara.

– Isto aqui é uma petição, tenente Boxer. O Dr. Dennis Garza está acusando você de intimidação. Disse que vai processar a Polícia de São Francisco e pedir uma fortuna de indenização. Algum comentário?

– Que processe, então. O cara é cheio de marra.

– Não enrole, Lindsay. Que história é essa de intimidação?

Do ponto de vista legal, intimidar uma pessoa significa importuná-la com atos ou palavras, ou causar-lhe danos emocionais sérios, sem nenhuma justificativa legítima.

Mas no meu caso havia uma justificativa bastante legítima. Além disso, eu dormira apenas quatro horas durante a noite e estava com os nervos à flor da pele. Minha paciência tinha chegado ao fim.

– A gente está apertando o cara, e ele agora resolveu chiar! – rosnei. – É muito atrevimento da parte dele nos ameaçar! O cara é um psicopata! Você tem de me apoiar, chefe, e deixar que eu siga meus instintos.

– Quantos milhões você tem na conta bancária, tenente? Passamos por um aperto semelhante há pouco tempo, esqueceu?

Preferi ficar quieta, encarando os olhos miúdos e escuros do meu chefe, tentando recobrar a calma.

– Já descobriu alguma coisa sobre ele? – perguntou Tracchio. – Vamos lá, tenente, me dê uma luz!

– Nada. Nem um fiapo de cabelo.

– Vou ligar para o homem. Preciso saber o que ele vai jogar na minha cara.

– Jacobi e eu vigiamos a casa dele durante a noite. Seguimos o carro dele.

Tracchio balançou a cabeça.

Fui até a porta da sala, mas, antes de sair, me virei para dizer:

– Antes que eu me esqueça: o Chronicle já sabe daqueles botões sobre os quais lhe falei.

– Essa não!

– A repórter vai segurar a matéria por um tempo, mas pode apostar que essa bomba vai explodir logo, logo.

Tracchio tirou o telefone do gancho.

– Vai ligar para o Garza?

– Não, para o prefeito de San Diego. Perguntar se o emprego que ele me ofereceu ainda está de pé – ironizou meu chefe. – Agora suma daqui, vá!

Tudo bem, senhor. Já estou indo, senhor.

Ainda no corredor, ouvi-o pedir à secretária que ligasse para o Dr. Garza.

YUKI ESTAVA DEITADA QUANDO O telefone na mesinha de cabeceira tocou. Era Cindy, que berrava do outro lado da linha:

– O júri está voltando com o veredicto! Você ainda está dormindo, Yuki? São onze e quinze!

– Já acordei, já acordei!

– Então voe para cá! Ande, depressa!

Vinte minutos depois, Yuki atravessava a porta da sala 4A, ciente dos olhares de reprovação enquanto ela se espremia entre as cadeiras para achar um lugar vago. Assim que se sentou, com as pernas e os braços cruzados, o juiz Bevin levantou a voz:

– Quero adverti-los desde já. Não vou tolerar tumulto neste tribunal quando o veredicto for anunciado. Os perturbadores da ordem serão detidos. A quem não se sentir capaz de controlar as próprias emoções, recomendo que se retire desta sala. Muito bem, então. O primeiro jurado pode entregar a decisão ao oficial de justiça.

O primeiro jurado era um cinquentão forte de rosto corado e óculos grandes de aro preto. Usava uma jaqueta esportiva sobre a camisa de colarinho branco, além de calça clara e sapatos de camurça.

Aos olhos de Yuki, parecia um homem conservador, o tipo de pessoa que não aprovava desordem ou “equivocos”. Pelo menos assim ela esperava. O juiz levou um tempo examinando as folhas, depois ergueu os olhos para o primeiro jurado e perguntou:

– A decisão do júri é unânime?

– Sim, meritíssimo.

– No caso de Jessica Falk contra o Hospital Municipal de São Francisco, os senhores concluíram que o hospital agiu com negligência?

– Sim, meritíssimo.

– Julgaram que o querelante faz jus a uma indenização por danos morais?

– Sim, julgamos.

– E qual foi o valor estipulado para essa indenização?

– Duzentos e cinquenta mil dólares, meritíssimo.

– Os agravos do réu neste caso foram suficientemente atestados para que o querelante faça jus a uma indenização por danos punitivos?

– Sim, meritíssimo.

– E qual foi o valor estipulado para essa segunda indenização?

– Cinco milhões de dólares, meritíssimo.

Um burburinho tomou conta da sala. O juiz imediatamente bateu o martelo e fechou a cara, esperando que o público se acalmasse. Em seguida leu o nome dos outros 19 querelantes, um a um, fazendo ao presidente do júri as mesmas perguntas e recebendo sempre as mesmas respostas. Cada um recebeu uma indenização de 250 mil dólares por

danos morais e mais cinco milhões por danos punitivos.

Yuki sentia-se tonta, sem acreditar no que acabara de ouvir. O hospital havia agido comprovadamente com negligência. Em todos os 20 casos.

Apesar da advertência do juiz, parentes e autores da queixa ficaram de pé, comemorando a decisão. Bevins batia freneticamente o martelo, mas os clientes de Maureen O'Mara se levantaram para cercá-la, apertando a mão da advogada, abraçando-a, beijando-a, muitos deles aos prantos.

Yuki sentia exatamente a mesma emoção. O juiz agradecia aos jurados quando ela ouviu Cindy chamar seu nome à porta da sala, acenando para que ela fosse a seu encontro.

– Minha obrigação é ser imparcial – falou Cindy enquanto as duas amigas atravessavam o corredor em meio à multidão –, mas o veredicto foi maravilhoso. O'Mara está rindo de orelha a orelha. Qual é mesmo o valor dos honorários dela? Dezoito milhões? Puxa, Yuki...

Yuki tentou conter as lágrimas com um falso acesso de tosse, mas não teve sucesso. Ela agora tremia e soluçava, molhando os ombros de sua amiga.

– Não sou assim – falou, chorando. – Esta não é a Yuki que você conhece.

JAMES SWEET CHORAVA SEM PARAR, comovendo seus pais, Melissa e Martin Sweet, que, debruçados sobre a pequena cama de hospital, mimavam o filho de cinco anos durante os últimos minutos do horário de visitas.

– Não quero ficar aqui – choramingava. – Quero ir para casa, por favor! – O menino estava com o queixo arranhado, o lábio inferior inchado e um dos dentes da frente quebrado.

Para agravar ainda mais o quadro, James tinha fraturado o braço.

– Posso ir para casa? Quero ir para casa. Agora!

– Meu amor, meu amor... – disse Melissa, levantando-o do colchão para apertá-lo num abraço.

– James – disse o pai –, os médicos querem que você durma aqui esta noite. É para o seu bem. Amanhã cedinho a gente volta para pegar você. Bem cedinho, eu prometo. Olhe só o que a mamãe trouxe para você!

Melissa secou as lágrimas com as costas da mão e ergueu uma sacola azul, sacudindo-a no ar. Havia algo pesado dentro dela.

– Quer ver o que é?

Os soluços de James foram diminuindo à medida que a mãe desembrulhava o brinquedo, um macaco de pelúcia com bolas estampadas na calça e camiseta listrada.

– O nome dele é Coruja – disse Melissa, com um sorriso nos lábios.

– Coruja? Mas ele não é um macaco?

– É um macaco-coruja. Aperte a barriguinha dele que você vai ver.

O menino agora estava curioso. Estendeu o braço esquerdo, minúsculo em comparação com o direito engessado, pegou o brinquedo e apertou a barriga dele.

“Uh-uh-uh”, piou o macaco feito uma coruja. “Já abraçou seu macaquinho hoje?”

James riu, com os lábios e as pálpebras começando a pesar por causa dos analgésicos. Uma enfermeira surgiu à porta.

– Sinto muito – disse ela, com a voz adocicada por um leve sotaque caribenho. – O horário de visitas acabou, vocês precisam ir.

– Nããã – resmungou James. – Eles vão ficar! Eles vão ficar!

– James, escute – disse o pai. – Você vai ficar bem. Tente dormir e descansar um pouco, está bem? Você já é um homenzinho. O melhor filho do mundo.

Martin teve a impressão de que seu peito iria explodir, tamanha era a dor de deixar o filho ali. Arrependia-se de ter tirado as rodinhas laterais da bicicleta dele. Sabia que James ainda não tinha o equilíbrio perfeito, mas queria vê-lo ter a felicidade da primeira vitória como um “homenzinho”. Ele se lembrava do rosto do menino, virando a cabeça para trás para conferir se o pai estava lá, em seguida batendo contra a caixa de correio. Caindo e quebrando o braço.

– É só esta noite, meu amor – repetiu Melissa, curvando-se e beijando o rosto molhado do filho.

“Conheço 20 tipos de macacadas”, disse o Coruja.

James riu em meio aos soluços e abraçou o brinquedo novo.

Martin também se abaixou para beijá-lo.

– Você é um bom menino – disse.

“Uh-uh-uh. Quer ser meu amigo?”, falou o macaco.

Mas James apagou o sorriso do rosto quando viu os pais se dirigirem à porta, acenando e falando baixinho:

– Boa noite, filho. A gente se vê daqui a pouco.

ONOTÍVAGO APERTAVA O PASSO PELO corredor, incomodado com a presença de policiais por todo o hospital, inclusive nas salas de espera. Mesmo assim, sentia um desejo incontrolável de seguir adiante.

Um desejo maior que tudo.

Maior que a prudência, maior que o medo de ser pego.

A porta do quarto 268 estava fechada, mas o Notívago sabia que a criança estava sozinha e dormia profundamente sob o efeito dos remédios.

Empurrou-a lentamente e viu o garoto na cama, iluminado pela claridade que vinha da rua, a pele bronzeada contrastando com a brancura dos lençóis. A cama parecia flutuar na penumbra.

O Notívago pegou o macaco de pelúcia que havia caído no chão, colocou-o sobre a cama e se debruçou sobre ela, sentindo o perfume de alfazema do menino.

James Sweet.

Com os cílios compridos, a boca arqueada e inchada, o braço engessado, o garoto lembrava um anjinho com a asa quebrada.

Era uma pena.

Não haveria mais jogos de beisebol. Nem tombos de bicicleta.

Nada mudaria o que estava para acontecer.

James Sweet iria morrer. Era esse seu destino no mundo.

O Notívago encheu a seringa, guardou no bolso o frasco vazio e se aproximou da cama, injetando rapidamente a morfina na bolsa de soro ligada ao braço esquerdo do menino. Aquele medicamento era para o bombeiro de 100 quilos do quarto 286 – um homem com queimaduras de segundo grau e fraturas pelo corpo, cujas dores não receberiam alívio naquela noite.

Os minutos foram passando. No recinto se ouvia apenas o barulho dos carros que passavam na rua, além da respiração tranquila de James.

Com o polegar e o indicador, o Notívago abriu as pálpebras do garoto. As pupilas estavam do tamanho de duas cabeças de alfinete e a respiração era mais curta e irregular. Ele suava muito, fazendo com que os cachos do cabelo se grudassem ao crânio.

Como se pudesse perceber a intenção do invasor, James agora se retorcia na cama, arqueando as costas e falando coisas sem sentido. Em menos de 30 segundos sua cabeça caiu para o lado e um fio de saliva escorreu dos seus lábios.

O menino já não respirava.

O Notívago tocou uma das carótidas dele, verificando a pulsação, e depois tirou do bolso um par de botões. Colocou-os sobre as pálpebras de James e sussurrou:

– Boa noite, meu pequeno príncipe. Durma bem.

BRENDA CHAMOU PELO INTERFONE:

– Tenente, linha três. Uma mulher que não quis se identificar. Disse que você a conhece e que o assunto é urgente.

Atendi a ligação e logo reconheci a voz de Noddie Wilkins, embora ela estivesse chorando.

– Ele era tão novinho, tenente... estava apenas com o braço quebrado e morreu. Sem o menor motivo. Na cozinha aqui do hospital, estava todo mundo comentando: os botões sobre os olhinhos dele...

Liguei para Tracchio imediatamente. Disse a ele quais eram as minhas necessidades e o que pretendia fazer.

Em seguida fui obrigada a ouvir um sermão:

– Você sabe mesmo o que está fazendo? Sabe das consequências se estiver enganada?

– Eu sei, eu sei – respondi.

E sabia mesmo.

Uma batida no hospital poderia gerar pânico. Não tínhamos prova de nenhum crime, não havia um único suspeito e tampouco pistas sobre qualquer coisa. Não demoraria muito e os telefones da delegacia começariam a tocar, com reclamações sobre minha imprudência, minha inépcia como líder e, acima de tudo, sobre a incapacidade da polícia de proteger os cidadãos.

Mas não havia tempo para elaborar um plano melhor.

Outra pessoa tinha morrido.

Um garoto de cinco anos.

Tracchio me deu carta branca e eu convoquei os homens.

Eles se reuniram à minha volta: Jacobi e Conklin, Chi e Rodriguez, Lemke, Samuels, McNeil e todos os bons policiais com os quais eu tinha trabalhado durante anos e dos quais agora dependia.

Disfarçando meu nervosismo, contei a eles sobre o menino que havia morrido em circunstâncias suspeitas no Municipal. Disse que precisávamos preservar as pistas enquanto era possível e encontrar um assassino sem termos a menor ideia da sua identidade.

Apesar de preocupados, eles ainda confiavam em mim.

– Alguma pergunta? – falei.

– Não, senhora.

– Vamos lá, tenente.

Ao ouvir aquele incentivo, encontrei coragem para correr atrás do que não passava de um simples palpite.

QUARENTA E CINCO MINUTOS APÓS minha conversa com Tracchio, eu já tinha todos os mandados necessários e seguia para o Municipal com uma caravana de inspetores e policiais, alguns cedidos por outros departamentos. Com sirenes e luzes ligadas, atravessávamos São Francisco num enorme comboio.

Assim que entramos na recepção do hospital, cada grupo foi para um lado, conforme nosso plano. Jacobi e eu tomamos o elevador para a diretoria. Mostrei meu distintivo à secretária de Carl Whiteley, entrando sem maiores satisfações na sala, onde vários membros da diretoria estavam reunidos, com Jacobi à minha frente.

Whiteley ocupava a cabeceira da mesa, com o aspecto de quem vivia um pesadelo. Estava pálido, com a barba por fazer e os olhos vidrados. Os diretores à sua volta tinham a mesma expressão.

– Fomos informados de uma morte suspeita na ala ortopédica. Estes mandados nos autorizam a fazer uma busca no hospital – falei, jogando a papelada na mesa de madeira clara.

– Mas o que é isso? – esbravejou o diretor. Ele ia se levantando quando derrubou a xícara à sua frente. Tirou um lenço do bolso para enxugar o café derramado. – Faça o que bem entender, tenente. O problema não é mais meu!

– Nesse caso, quem está no comando aqui? – perguntei.

Whiteley ergueu os olhos e disse:

– Ao que parece, é a senhora.

NUM ELEVADOR BARULHENTO E INSTÁVEL, Jacobi e eu descemos ao porão, um labirinto de concreto que se estendia pela área de um quarteirão inteiro. Seguimos as setas que indicavam o necrotério, acompanhados por um enfermeiro que logo à frente empurrava uma maca na mesma direção.

Esperamos enquanto o homem e a maca entravam naquele cômodo gelado. Um senhor, que apesar de muito alto exibia sob o jaleco uma pança enorme, nos avistou através da porta, largou sua prancheta sobre o cadáver mais próximo e veio ao nosso encontro.

Fizemos as devidas apresentações.

O Dr. Raymond Paul, chefe da Patologia, estava à nossa espera.

– O quarto de James Sweet já havia sido limpo e o menino estava aqui quando fui avisado de que vocês estavam a caminho.

Dei um suspiro de decepção. Minha esperança era de que a cena do crime – se crime havia – não tivesse sido corrompida.

Seguimos atrás do médico até a câmara mortuária, onde ele, após consultar uma lista, abriu uma das gavetas metálicas, fazendo-a deslizar ruidosamente sobre os trilhos. Ao erguer o lençol, vi com meus próprios olhos o que Noddie Wilkins havia dito pelo telefone.

O corpo pequeno e nu tinha um aspecto vulnerável, ainda mais comovente em razão do braço engessado.

Do que exatamente ele havia morrido?

Como era possível que uma fratura no braço resultasse na morte do pequeno paciente?

Jacobi perguntou ao patologista:

– Que diabos aconteceu com esse menino?

– Segundo o prontuário, ele tinha uma fratura simples no úmero direito e uma fratura capilar na ulna do mesmo braço – respondeu o médico. – Parece que caiu da bicicleta.

– E o que mais, doutor? – disse Jacobi. – Pelo que sei, um tombo de bicicleta não mata ninguém. Ou talvez mate neste hospital!

– Recebi ordens para não tocar neste garoto. Portanto... não posso nem arriscar um palpite.

– Tudo bem, Dr. Paul – falei. – A médica-legista está a caminho. O menino será levado para o Instituto Médico-Legal.

ERAM APENAS NOVE DA MANHÃ, cerca de nove horas após a morte de James Sweet num leito de hospital, onde supostamente haveria profissionais para cuidar dele e restabelecer sua saúde.

Jacobi parecia abalado quando o deixei no segundo andar com Charlie Clapper e sua equipe de peritos. Eles ainda trabalhavam na cena do crime: recuperando da lavanderia os lençóis e a camisola hospitalar do menino, colhendo as impressões digitais, ensacando o par de botões deixado na mesa de cabeceira do quarto.

Passsei por meus detetives enquanto atravessava os corredores e vi que eles interrogavam os médicos e enfermeiras da ala ortopédica, tentando estabelecer a ordem cronológica dos fatos. Quem tinha visto o garoto vivo e quando? Que medicamentos ele havia recebido? Quem estava de plantão na noite anterior? Quem o encontrara morto?

Fui em direção à movimentada sala de espera do segundo andar, onde os pais de James me aguardavam. O jovem casal, que não tinha mais do que 30 anos, estava abraçado num canto do cômodo.

– Isto é um absurdo! – berrou Martin ao ver que eu me aproximava, o rosto inchado de tanto chorar. – James tinha uma fratura no braço, ouviu? Uma fratura no braço! Minha vontade é matar alguém, tenente.

– Eu entendo – falei, baixando a cabeça.

– Será? Pois fique sabendo que a senhora é a responsável por descobrir quem fez isso com meu filho!

Ao lado dele, Melissa gemia enquanto balançava o corpo para a frente e para trás.

– Quero morrer – ela chorava contra o peito do marido. – Meu Deus, por favor, me deixe morrer...

– A médica-legista vai examinar o corpo de James – falei com cuidado. – Ligo assim que souber o que aconteceu com ele. – E, com os olhos subitamente marejados, emendei: – Meus sentimentos.

ÀS VEZES SOPRA UM MAU VENTO.

Um segurança me acompanhou até o consultório do Dr. Dennis Garza no primeiro andar, onde também ficava a emergência.

Na antessala, uma mulher excessivamente magra, de sobranceiras desenhadas a lápis e unhas enormes pintadas de roxo, calmamente passava um fax em sua mesa.

Tentando controlar minha raiva, mostrei a ela meu distintivo e pedi para falar com o médico.

– O Dr. Garza passou aqui mais cedo, mas já faz um tempo que saiu – disse a mulher, baixando os olhos para a arma que eu carregava no coldre. – Ele deve estar em casa. Quer que eu ligue?

– Tenho um mandado judicial para fazer uma busca no consultório – falei, já entregando o documento. – Preciso das chaves.

Arregalando os olhos, a secretária destrancou a sala de Garza, acendeu a luz e caminhou até o aparador na parede dos fundos, sobre o qual havia uma antiga cigarreira.

Ela abriu o pequeno estojo e constatou que estava vazio.

– Ele sempre deixa aqui as chaves dos arquivos – falou. – Mas não desta vez. Estranho.

Pedi ao segurança que arrombasse o móvel com um pé de cabra e em seguida comecei a vasculhar os arquivos, que abrigavam fichas de pacientes e publicações de medicina.

Examinei centenas de fichas, gráficos e documentos à procura de qualquer coisa que chamasse minha atenção, que me desse uma pista.

Mas não havia nada.

Abri a gaveta superior da mesa de Garza com um gesto brusco, derrubando canetas e cliques no chão acarpetado. Tateei o interior do compartimento à procura de botões, joias ou alguma pulseira de identificação hospitalar, qualquer objeto que um assassino pudesse guardar como lembrança de suas vítimas.

Mas encontrei apenas material de escritório.

Uma mala de viagem estava pendurada atrás da porta.

Abri o zíper e retirei o que tinha dentro: um blazer azul-marinho tamanho 42, uma calça cinza, um cinto preto, duas camisas sociais, duas cuecas e uma gravata. Achei também um estojo preto e, ao abrir a trava, encontrei um kit de diabetes com seringa e frascos de insulina.

Garza era diabético.

Não havia nenhum artigo diferente dentro do nécessaire: pasta de dentes, aparelho de barbear, enxaguante bucal, amostras grátis de remédios, antiácido e comprimidos para disfunção erétil.

Por que aquela mala estaria ali? Roupas para usar no depoimento no tribunal? Uma noite na casa da namorada?

De qualquer maneira, nada daquilo era prova de um crime.

Eu vasculhava os cantos e os bolsos interiores da mala, já me dando por vencida, quando meu celular tocou.

– Estou no vestiário das enfermeiras – disse Jacobi, parando para tossir e dizendo algo que me paralisou: – Corra para cá, Boxer. Acabamos de prender uma suspeita de homicídio.

UMA SUSPEITA PRESA? TIVE A sensação de que todos os riscos corridos tinham valido a pena. Mas quem seria a criminosa afinal?

Dezenas de enfermeiras e assistentes se agrupavam nos fundos do vestiário. Algumas gritavam por seus direitos, outras olhavam torto para os policiais que arrombavam os escaninhos.

Com seu olhar de poucos amigos, Jacobi parecia mais um capanga do que um policial. Ele estava diante de uma negra de jaleco azul, sentada num dos bancos entre as fileiras de armários, algemada com os braços para trás. Eu não me lembrava de tê-la visto antes.

A mulher aparentava uns 40 e poucos anos. Tinha um rosto comum e redondo, sem rugas, e os cabelos eram alisados. Trazia no pescoço uma correntinha de ouro, da qual pendia um anjo de joelhos, com as duas mãos unidas em oração.

Cabisbaixa, ela choramingava baixinho quando me aproximei. Seria mesmo a assassina? A mulher sabia quem eu era?

– Perguntei a esta senhorita se ela me acompanharia até a delegacia para responder a algumas perguntas – disse Jacobi. – E ela tentou fugir porta afora.

Em seguida me mostrou uma caixinha de plástico repleta de botões com o relevo do caduceu. Dei um sorriso discreto porém esperançoso quando ergui os olhos para Jacobi.

– Os botões estavam no escaninho desta senhorita, tenente – disse ele. – Pedi a Conklin e Samuels que fossem à delegacia e providenciassem um mandado para que possamos fazer uma busca no apartamento dela.

– Como você se chama? – perguntei à mulher.

– Marie St. Germaine.

Ela tinha um leve sotaque. Um sotaque caribenho, pensei.

Seu crachá a identificava como assistente de enfermagem. Isso significava que Marie podia circular por todos os andares e tinha acesso a todos os quartos. Assim como podia medicar os pacientes.

– O inspetor Jacobi já leu para você os seus direitos?

– Li, sim – disse Jacobi. – Mas, agora que você está aqui, vou ler de novo. – Com seu rosto envelhecido a poucos centímetros de Marie, ele continuou: – Você tem o direito de permanecer calada. Se abrir mão desse direito, tudo o que disser poderá ser usado contra você num tribunal de justiça. Você tem direito a um advogado. Caso não tenha condições financeiras para pagar um, poderá recorrer a um defensor público. Entendido?

– Deixem a moça em paz! – gritou alguém no fundo do vestiário. – Ela não fez nada! Soltem ela!

Um grupo de enfermeiras logo se uniu ao protesto:

– Soltem ela! Soltem ela!

– Basta! – berrei de volta, esmurrando a porta de um escaninho.

O coro rapidamente se reduziu a alguns resmungos.

– Você entendeu seus direitos? – insistiu Jacobi.

– Entendi.

– Por que tentou fugir, Marie?

– Fiquei com medo.

– Medo do quê?

– Da polícia – respondeu.

Àquela altura eu pensava nos milhares de casos da Promotoria. Era bem possível que eles nos obrigassem a soltar a suspeita, uma vez que não tínhamos provas suficientes para condená-la.

– Além dos botões, encontrou mais alguma coisa? – perguntei a Jacobi.

– Tudo isso é dela – respondeu ele, apontando para roupas e artigos de toalete sobre o banco. O objeto mais perigoso que vi era um romance água com açúcar. Ao esvaziar a bolsa de Marie, encontrei uma carteira velha, uma bolsinha plástica com cosméticos, um pente roxo, uma conta de telefone vencida e uma bonequinha minúscula, do tamanho de um polegar.

A boneca era feita de lã preta e contas de plástico coloridas.

– O que é isto? – perguntei.

– Um amuleto.

Suspirei e joguei a bonequinha de volta na bolsa.

– Então, Srta. St. Germaine, está pronta?

– Para quê? Ir para casa?

Enquanto levávamos a mulher para a delegacia, fiquei pensando nas 48 horas seguintes, imaginando o resultado da autópsia que Claire vinha fazendo no pequeno James Sweet, perguntando-me se Marie tinha algum vínculo com Dennis Garza.

Antes de tudo, torcia por uma confissão.

Finalmente havia uma luz no fim do túnel.

Uma suspeita estava sob nossa custódia.

AMATÉRIA DE CINDY SOBRE OS misteriosos botões da morte já estava em destaque na primeira página do site do Chronicle quando chegamos ao prédio da delegacia com Marie St. Germaine.

Tracchio agora tinha motivo para convocar a imprensa, mas ao longo do dia fui ficando incomodada. Fazia quatro horas que Jacobi e eu interrogávamos Marie. O cubículo do outro lado do espelho estava repleto de inspetores, sem falar em Tracchio e no promotor público.

O prefeito em pessoa também havia passado por lá, numa visita de pelo menos uma hora.

Marie disse que nascera no Haiti, que não tinha cidadania americana, mas que morava nos Estados Unidos havia quase 20 anos.

Fora isso, tinha pouco a dizer. Desanimada, ela resmungava sem parar:

– Não matei ninguém. Não fiz nada de errado. Sou uma pessoa correta.

– Pare com essa choradeira! – berrou Jacobi a certa altura, esmurrando a mesa. – Quero saber sobre aqueles botões. Se não colaborar, a Imigração vai despachar você no primeiro voo para Porto Príncipe!

A situação não se resolveria daquela maneira, mas achei melhor não interromper meu ex-parceiro. Marie começou a sacudir os ombros, chorando. Cobriu o rosto com as mãos e disse:

– Não vou falar mais nada. Vocês não acreditam em mim...

Se aquela mulher dissesse “Quero um advogado”, estaríamos perdidos.

– Está bem, está bem – falei. – O inspetor Jacobi não queria assustar você. Mas precisamos saber a verdade, entende? Basta que você nos conte tudo.

Ela assentiu, pegou um lenço de papel e assoou o nariz.

– Por que aqueles botões estavam no seu escaninho, Marie? Vamos começar por aí.

Ela finalmente parecia disposta a falar. Virou as costas para Jacobi e fixou os olhos nos meus. Ela não parecia uma assassina, tampouco se comportava como uma criminosa, mas a experiência havia me ensinado a não confiar nas aparências.

– A gente fazia isso na escola de enfermagem – contou. – Na minha terra a gente coloca moedas ou conchas nos olhos dos mortos para que eles façam a passagem. Se quiser, ligue para minha escola e pergunte. Você vai telefonar, não vai? – Com mais confiança, ela emendou: – Encontrei o menino morto hoje de manhã, então coloquei os botões e pedi a Deus que desse a ele uma atenção especial.

Arrastei a cadeira para me aproximar de Marie. Com certa dificuldade, coloquei minha mão sobre a dela.

– Mas você o ajudou a fazer a passagem, Marie? Achou que o pobrezinho estava sofrendo? E por isso deu a ele alguma coisa para abreviar o sofrimento?

Ela imediatamente recolheu a mão e se afastou. Meu medo era ter perdido a confiança dela.

– Eu daria um tiro na minha cabeça antes de fazer qualquer coisa com aquele menino!

Olhando de relance para o espelho, vi minha expressão de desânimo. Uma coisa era certa: a maioria das pessoas que estavam do outro lado não hesitaria em usar a força para arrancar a verdade de Marie.

Do bolso da jaqueta, tirei a lista que havia recebido de Carl Whiteley e a desdobrei sobre a mesa, virando-a de modo que Marie pudesse ler o nome das 32 pessoas.

– Dê uma olhada nesta lista, Marie. Foi você quem colocou os botões nos olhos dessas pessoas?

Seguiu-se um demorado silêncio enquanto ela corria o indicador sobre a folha, lendo os nomes em voz baixa.

– Sim, fui eu quem colocou os botões – disse ela enfim, endireitando-se na cadeira e cravando os olhos nos meus. – Mas juro por tudo quanto é sagrado: não matei ninguém. Acho que alguém matou e eu só queria que Deus ficasse sabendo disso. Deus e mais alguém aqui embaixo.

Às minhas costas, Jacobi chutou uma cadeira para o outro lado da sala. O móvel bateu contra a parede e se espatifou no chão.

– Inspetor! – falei com rispidez, mas fazendo o jogo dele. Virei-me novamente para a enfermeira. – Está tudo bem, Marie. Mas preste atenção: por que você não chamou a polícia?

– Porque preciso do meu emprego – cuspiu ela de volta. – Além do mais, de que adiantaria? Ninguém dá ouvidos a uma pessoa como eu. Você mesma não acredita em mim. Dá para ver nos seus olhos.

– Então me faça acreditar – devolvi. – É o que eu mais quero neste momento.

Marie St. Germaine se inclinou na minha direção e, falando baixinho, confidenciou:

– Então escute bem o que vou dizer. Procure a médica responsável pela farmácia do hospital. A Dra. Engstrom. É com ela que você tem de falar, não comigo. Sou uma pessoa boa. Ela, não.

DE ALGUM MODO SONJA ENGSTROM conseguia fazer com que um simples jaleco branco parecesse uma peça de alta-costura. Os cabelos estavam penteados para trás. O rosto, impecavelmente maquiado com um pó e um batom rosa muito discreto. Como acessório, a médica usava apenas uma correntinha de ouro branco, da qual pendia uma gota de diamante.

Sonja se levantou e apertou nossas mãos enquanto fazíamos as devidas apresentações.

Jacobi e eu nos sentamos nas cadeiras diante da mesa. Percebi os papéis organizados em pilhas simétricas, as canetas e os lápis virados na mesma direção sobre uma bandeja esmaltada. Como arremate, os diplomas estavam pendurados na parede a intervalos milimetricamente iguais.

Apenas a inquietação daquele par de olhos verdes, que pulava de mim para Jacobi, dava algum indício de que a vida de Sonja Engstrom não se resumia à disciplina.

Eu olhava para Jacobi quando o rosto dele se fechou. Já havia trabalhado com ele por tempo suficiente para saber o que aquilo significava. Ele tinha reconhecido a médica. Mas ela não percebeu. Com os dedos finos cruzados sob o queixo, Sonja começou a falar antes que fizéssemos qualquer pergunta.

Contou que os funcionários do hospital estavam agitados desde o pronunciamento da sentença na véspera, e que ela própria ficara muito abalada.

– Não sabemos o que vai acontecer com nossos empregos. Nem se o hospital sairá dessa. Tudo é possível.

– Acha que será demitida? – perguntei.

– Há anos que me preocupo com isso. E essas mortes têm me tirado o sono – disse ela, passando os dedos pelos cabelos brilhantes. – Várias vezes levei o assunto até Carl Whiteley. Cheguei a preparar um relatório sobre aquilo que a meu ver constituía erros de medicação. Mas Carl e os advogados do hospital me asseguravam que a culpa não era da minha farmácia. Diziam que tudo não passava de uma brincadeira de mau gosto e que logo os responsáveis seriam pegos. Até certo ponto, isso me deixava aliviada. Nosso sistema informatizado é infalível, disso eu tenho certeza. Portanto, não havia como...

Ela virou o rosto para a janela, não terminando a frase.

– Dra. Engstrom – disse Jacobi. – Sou um homem das antigas. Basta olhar para mim e perceber. Não entendo muito dessas coisas de informática.

– É simples, inspetor. Nosso computador é programado para liberar o remédio quando o diagnóstico é informado ao sistema. É impossível prescrever uma medicação errada, porque a máquina simplesmente não libera o pedido se ele não estiver de acordo com o diagnóstico.

– Esse programa não pode ser adulterado? – perguntou Jacobi. – Quero dizer, algumas pessoas possuem senhas, não possuem?

– Toda a minha equipe pode entrar com o diagnóstico no sistema, mas ninguém pode alterar o programa. Só eu posso fazer isso, e tenho uma senha biométrica.

– Tem o quê? – perguntou Jacobi.

– Minha senha é minha impressão digital.

– Mas um médico não pode entrar com um diagnóstico errado? – perguntei. – Isso é possível, não é?

– Teoricamente, sim, mas na prática, não. Os próprios médicos são a primeira barreira de controle. Minha equipe é a segunda. O computador está preparado contra qualquer tentativa de adulteração. E vocês nem fazem ideia de como sou metódica. Passo o dia comparando prescrições e prontuários. Conferindo não só meu próprio trabalho, mas o de todos os funcionários do departamento. As pessoas brincam comigo, dizendo que sou praticamente um computador.

– Mesmo assim – falei –, tudo depende do diagnóstico, não é?

– Sim, depende.

– Então a senhora pode pessoalmente alterar o diagnóstico de um médico? É isso que está dizendo?

Sonja me encarou por alguns segundos, impassível, e então explodiu:

– Isso é um absurdo! Pior, é uma ofensa pessoal! Podem me colocar num detector de mentiras quando quiserem. É só marcar!

– Talvez numa outra ocasião – retruquei. – Agora estamos apenas conversando. Por acaso a senhora conhece Marie. St. Germaine?

– Não. Quem é ela?

– E o Dr. Garza? – emendou Jacobi. – Conhece-o bem?

– Dennis Garza é o diretor da emergência – respondeu Sonja. – Ele e eu somos do escalão sup...

Jacobi ficou de pé e esmurrou a mesa à sua frente, fazendo saltarem as canetas e os lápis da bandeja.

– Chega de papo-furado, doutora! – gritou. – Você e Garza são muito mais do que colegas de trabalho. São amigos íntimos, eu diria.

Sonja ficou transparente.

Meu susto foi tamanho que por pouco não mordi a língua. De que diabos ele estava falando?

Então me lembrei da ligação que eu recebera naquela noite chuvosa em que Jacobi havia seguido Garza até o restaurante italiano e depois até em casa. Ele havia mencionado uma loura, uma bela mulher de aproximadamente 40 anos. “Se o cara é culpado de alguma coisa”, dissera, “é de ter uma namorada.”

Do outro lado da mesa, com os olhos marejados, Sonja Engstrom balbuciava:

– Meu Deus... Meu Deus...

AMÉDICA FOI DESMASCARADA E UM alarme disparou na minha cabeça. Garza e Engstrom! A parceria perfeita para os crimes que vinham acontecendo. Agiam com a mesma organização e o mesmo cuidado com que os objetos estavam dispostos naquela mesa.

Eu não podia perder aquela mulher. Não queria que ela se calasse.

– Dra. Engstrom, procure se acalmar. Se nos contar toda a verdade, prometemos cooperar. Talvez Garza estivesse usando a senhora. Por acaso ele tem acesso ao sistema de distribuição de remédios?

Vi o medo surgir nos olhos da médica. Lentamente ela fez que sim com a cabeça. Senti os pelos dos meus braços e da minha nuca se arrepiarem quando Sonja disse:

– Deixei que ele entrasse no sistema algumas vezes.

– Algumas vezes?

– Não muitas. Mas não é o que você está pensando! Dennis Garza é um excelente médico. Tão responsável quanto eu. Estávamos ficando loucos com a morte inesperada de tantos pacientes. Dennis só estava procurando alguma inconsistência entre os diagnósticos e as prescrições. Assim como eu.

– Chegaram a encontrar alguma coisa?

– Não, nada. Então concluímos que só havia uma explicação para tudo aquilo: erros banais do dia a dia. Enfermeiras se confundindo, aplicando nos pacientes errados os remédios distribuídos pela farmácia, coisas desse tipo. Só pode ser isso!

– Você estava com Garza todas as vezes em que ele... como é que vocês dizem? Todas as vezes em que ele acessou o sistema? – perguntou Jacobi.

– Claro. Sem minha digital ele não poderia ter acesso. Mas não fiquei vigiando atrás dele, se é isso que o senhor quer saber. – Sonja ficou visivelmente transtornada quando percebeu aonde Jacobi queria chegar. As veias saltavam do pescoço da médica. Espalmando as mãos sobre a mesa, ela gritou: – Dennis jamais atentaria contra a vida de alguém! É um ótimo médico!

– Sei – resmungou Jacobi. – Parece que a senhora está mesmo apaixonada. Dra. Engstrom, a senhora está apaixonada pelo Dr. Garza?

– Estava – respondeu ela de modo patético. – Não há mais nada entre nós, pode acreditar. Descobri que ele estava tendo um caso com outra mulher. Maureen O'Mara. Sabem quem ela é, não sabem?

Apenas fiz que sim com a cabeça, apesar de ter sentido um murro na boca do estômago. Maureen O'Mara acabara de provocar um terremoto no Hospital Municipal. Como era possível que ela e Garza fossem amantes?

Minha vontade era olhar para Jacobi, mas não queria perder Sonja de vista por nem um segundo sequer.

– Ficou surpresa, tenente? – perguntou ela. – Você não sabia, não é? Também demorei

para descobrir. Uma dupla inusitada, não acha? – Dando um risinho irônico, arrematou: – Dennis Garza e Maureen O'Mara. Imaginem só as possibilidades!

ENQUANTO EU DEIXAVA O HOSPITAL com Jacobi, minha cabeça tentava processar as palavras da médica, entender o significado do envolvimento daquelas três pessoas – Garza, Engstrom e O’Mara –, além da frase enigmática: Imaginem só as possibilidades!

Entramos no carro com Jacobi ao volante. Eu sentia a adrenalina voando pelas minhas veias, sabia que estávamos a um passo de uma reviravolta.

– Cindy estava no julgamento quando Garza depôs – contei a Jacobi. – O’Mara perguntou se ele tinha alguma coisa a ver com as mortes em questão. Sabe o que ele fez? Disse que conhecia muita gente na cidade, perguntou se a advogada sabia quem ele era.

– Isso não faz sentido – disse Jacobi, saindo com o carro pela Leavenworth. – Garza não estava no banco dos réus.

– Exatamente. Cindy ficou boquiaberta. O sujeito estava se protegendo de alguma coisa. Cindy disse também que essa reação de Garza foi o ponto decisivo de todo o processo. Ele acabou com a defesa do hospital.

– Você acha que ele tinha sido instruído por O’Mara? Que os dois estavam juntos nisso? Ou será que ele agiu por iniciativa própria?

– Boa pergunta, Jacobi. Mas fico pensando: quem será que estava instruindo quem? As duas namoradas de Garza estavam envolvidas no processo do Municipal. – Precisei me apoiar no painel quando Jacobi fez uma curva fechada para a direita na Filbert. – As peças do quebra-cabeça estão na mesa, mas ainda não consigo ver a figura completa. Se Garza matou aquelas pessoas todas, qual é a conexão?

Jacobi parou diante da casa amarela e desligou o motor.

– Vamos perguntar ao médico – disse.

JACOBI DESCEU DO CARRO COM grande esforço e ficamos lado a lado na calçada, ambos protegendo os olhos do sol forte enquanto observávamos a casa de Garza, uma mansão de três andares com um belo gramado na frente.

Eu pensava em Garza, perguntando-me se ele teria algum tipo de relacionamento com uma enfermeira haitiana chamada Marie St. Germaine, quando Jacobi se agachou, dizendo:

– Dê uma olhada nisto aqui, Boxer.

Ele apontava para gotas de sangue no piso de pedras que ia até a varanda da casa. Na porta principal, a maçaneta dourada também estava manchada.

– Ainda está fresco – observou Jacobi.

Àquela altura o interrogatório que eu pretendia fazer não tinha a menor importância.

Que diabos teria acontecido ali?

Toquei a campainha. Simultaneamente saquei minha arma e Jacobi fez o mesmo.

Os segundos se passaram sem que ninguém viesse atender.

Então esmurrei a porta.

– Abram! Polícia! – berrei, falando a Jacobi: – Vou apelar para as “circunstâncias especiais”.

Era uma decisão arriscada. Na ausência de um mandado judicial, a polícia só pode invadir uma casa quando há uma vida em perigo.

O sangue no piso e na maçaneta não indicava nada muito grave: talvez alguém tivesse cortado um dedo. Mas eu tinha a nítida impressão de que algo terrível havia acontecido naquela casa. Não tínhamos tempo a perder. Peguei meu celular e entrei em contato com a Central, pedindo apoio.

Jacobi fez que sim com a cabeça e correu os olhos pela varanda até encontrar um vaso de cimento com o tamanho de um cesto de lixo. Despejou a terra sobre o gramado e arremessou o objeto contra a porta, abrindo um talho na madeira.

Ao passar o braço pelo buraco, encontrei a fechadura e abri a porta por dentro. A mansão de Dennis Garza agora estava aberta.

AO ENTRAR NO VESTÍBULO, BERREI:

– Polícia! Estamos entrando!

Nenhuma resposta. Era possível sentir que não havia ninguém na casa.

Jacobi e eu avançamos até a sala de estar, que já não prestava para ser fotografada por uma revista de decoração. Os móveis estavam revirados e havia sangue por toda parte.

– Uma coisa é certa – disse Jacobi, passando os olhos pela bagunça. – Seja lá o que aconteceu, não foi trabalho de um profissional.

Minha boca foi ficando seca enquanto eu analisava a cena.

As paredes estavam cobertas de sangue, que escorria até o chão. Nem mesmo o teto havia sido poupado. Pegadas de sangue se espalhavam pela casa e havia marcas de mãos gravadas no console da lareira.

Fiquei enjoada ao imaginar o que poderia ter acontecido ali. Quem estaria envolvido naquilo? Era nisso que eu pensava, totalmente concentrada, quando Jacobi me chamou:

– Boxer, vamos lá!

Vasculhamos todos os cômodos do primeiro andar, sempre nos preocupando em dar cobertura um ao outro. Ao seguir o sangue nas paredes da sala de jantar, chegamos até a pia da cozinha, onde uma faca de carne com 20 centímetros de lâmina jazia na água avermelhada em torno do ralo.

Em seguida subimos aos outros dois andares, revirando os aposentos, abrindo armários, conferindo os boxes dos banheiros, olhando embaixo das camas.

– Nada e ninguém – resmungou Jacobi.

Na suíte principal, os móveis eram de mogno pesado. O azul-marinho das cortinas e do carpete fazia um interessante contraste com o azul-claro dos lençóis. Mas, curiosamente, a colcha da cama havia sido retirada.

Guardamos nossas armas e voltamos ao primeiro andar.

Foi quando avistei o pesado vaso de cristal de cabeça para baixo no nicho da lareira.

– Jacobi, venha dar uma olhada nisto aqui.

Ele arrastou seu corpo enorme através da sala, colocou as mãos nos joelhos e se abaixou para examinar o objeto. Depois disse:

– Não seria difícil derrubar alguém com isto aqui. Além de abrir um belo buraco na cabeça.

– Veja isso – falei, sentindo um frio na espinha ao apontar para os fios de cabelo grudados ao sangue seco na borda do vaso. Os fios eram pretos e com cerca de 10 centímetros de comprimento. Nosso laboratório levaria três dias para confirmar o que eu já sabia.

– Jacobi, este cabelo é de Dennis Garza.

AS SIRENES, QUE BERRAVAM PELA Leavenworth, se tornaram ainda mais estridentes quando as viaturas dobraram na Filbert.

– Vou esperar lá fora – disse Jacobi.

Havia alguns minutos que estávamos ali, mas parecia uma eternidade. Dirigi-me a uma área do primeiro andar de onde era possível ter uma ampla visão da sala. Tentei dar algum sentido àquela cena que aparentemente não fazia sentido algum.

Nada apontava para um assalto que terminara em homicídio. As portas estavam todas trancadas e o único sinal de arrombamento era o buraco que Jacobi havia feito na porta.

Imaginei alguém tocando a campainha e Garza deixando entrar uma pessoa que ele conhecia.

A poltrona virada, o abajur quebrado, os objetos espalhados pelo chão, tudo levava a crer que uma discussão acabara em agressão física, e a partir daí a situação fugira do controle.

Imaginei também o agressor golpeando a cabeça do médico com o vaso de cristal, rachando o crânio dele, o sangue espirrando em jorros.

Eu podia ver Garza caindo ao lado da lareira e apoiando-se na moldura do console para se reerguer. O agressor deve ter se apavorado ao ver o médico ainda vivo. Embora não pretendesse chegar àquele ponto, não havia outra saída senão terminar o serviço: o desgraçado tinha de morrer.

Na porta da cozinha havia manchas de sangue em forma de mão. O agressor tinha ido até lá para buscar uma faca. Os respingos no teto significavam uma única coisa: Garza levava diversas facadas antes de morrer. Em seguida o agressor tentara degolá-lo pelas costas, motivo das manchas na parede.

O rastro no tapete indicava que ele não havia perdido os sentidos de imediato. O médico tentara chegar à porta da frente, mas não resistiu aos ferimentos e desabou diante do sofá, sangrando até morrer.

Alguém detestava Garza a ponto de atacá-lo com tamanha violência. Alguém conhecido o bastante para ser recebido na casa do médico. A mesma pessoa que havia levado o corpo e trancado a porta.

Quem?

As sirenes se calaram quando as viaturas estacionaram junto à calçada. Eu saía à varanda quando Charlie Clapper surgiu à minha frente.

– E aí, Lindsay? – foram suas únicas palavras, acompanhadas por um rápido aceno de mão. Segundos depois, já no interior da casa, gritou: – Meu Deus!

Naquele mesmo instante, Jacobi saiu da garagem e veio em minha direção.

– Garza tem dois carros. A picape está na garagem, mas o Mercedes não. Há outro carro lá dentro. Um BMW preto com uma placa que forma a palavra RUIVA.

SETE VIATURAS ALÉM DA VAN da perícia formavam uma barreira diante da casa de Garza. A fita amarela da polícia tremulava ao vento, presa à balaustrada da varanda e a uma árvore no gramado.

Protegendo os olhos contra a claridade, ao lado de Jacobi, eu já descartava minha hipótese de homicídio. Por que o carro de O'Mara estava ali?

Ela teria matado Garza e arrastado o corpo dele até o Mercedes? Ou teria sido o contrário?

Também era possível que ela tivesse golpeado o médico com o vaso de cristal e na sequência ele houvesse reagido com brutalidade, matando-a. De um jeito ou de outro, não tínhamos um corpo, um dos carros havia sumido e o BMW de O'Mara estava na garagem.

– Então – falei para Jacobi –, cadê a advogada? Onde a “Ruiva” se meteu?

Enquanto inspetores e policiais interrogavam os vizinhos, Jacobi e eu usávamos nosso carro como escritório. Ele já havia emitido um alerta sobre o Mercedes de Garza e eu agora ligava para o escritório de O'Mara, imaginando o rosto dela e sua bela cabeça vermelha. Foi a secretária, Kathy, quem atendeu. Falando ao mesmo tempo que comia seu almoço, ela disse:

– Maureen vai ficar uma semana fora. Estava precisando de férias. Aliás, fez por merecer.

– Claro. Para onde ela foi? – perguntei, contendo minha ansiedade.

– Algum problema, tenente?

– Coisas da polícia, Kathy.

– Maureen não disse para onde ia, mas posso lhe passar os números dela.

– Seria ótimo.

Liguei para o celular de O'Mara, mas caí na caixa postal. Telefonei para a casa dela várias vezes, mas só deu ocupado.

No laptop do carro, Jacobi digitou o nome da advogada na base de dados do Departamento de Trânsito e leu as informações em voz alta:

– Maureen Siobhan O'Mara, branca e solteira. Data de nascimento: 15 de agosto de 1973. Altura: 1,79m. Peso: 69 quilos. A mulher é alta – ele observou, virando a tela para que eu pudesse ver a foto e o endereço. Depois disse: – Em 15 minutos a gente chega lá.

– Melhor se for em 10!

Jacobi deu ré no carro e contornou a van da perícia. Em seguida pisou fundo no acelerador e se misturou ao trânsito da rua.

Com a sirene e as luzes ligadas, disparamos pela Leavenworth rumo à casa de O'Mara no elegante bairro de Sea Cliff.

ONÚMERO 68 DA SEAVIEW AVENUE era uma casa em estilo mediterrâneo com vista total para a baía, a ponte, Sausalito e, se duvidasse, para o Havaí.

Passarinhos cantavam nas árvores.

Jacobi e eu subimos à varanda, minha cabeça a mil com as terríveis imagens da casa de Garza, além dos milhares de perguntas a serem feitas.

Vamos lá, Maureen. Abra esta porta.

Toquei o pequeno botão e ouvi uma campainha escandalosa. Mas não houve resposta ou som de passos do outro lado.

– Polícia! – berrei, insistindo na campainha.

Nada.

Jacobi tomou meu lugar e esmurrou a porta com vontade.

Vamos, Ruiva, atenda!

O'Mara havia desaparecido e tampouco sua secretária sabia onde ela estava. Já tínhamos brincado com o perigo naquele dia ao nos valermos das "circunstâncias especiais" para invadir uma casa. Eu estava disposta a correr o risco novamente.

– Estou sentindo cheiro de gás – menti.

– Segure sua onda, Boxer. Estou velho demais para voltar a fazer rondas noturnas.

– Aquela casa parecia um açougue, Warren, e o carro de O'Mara estava lá. E é o meu que está na reta se a gente pisar na bola!

Tentei a maçaneta, que girou sob meus dedos. Deixei a porta se abrir lentamente, como se o vento a empurrasse. Sacamos mais uma vez nossas armas.

– Polícia! Estamos entrando!

O vestibulo levava a uma sala enorme com muitas janelas e grandes quadros coloridos. Talvez eu estivesse cavando minha própria cova, pois não havia nada de errado com aquele lugar.

Vasculhamos o primeiro andar, cômodo por cômodo. Todos muito iluminados, limpíssimos e, sobretudo, vazios.

Tomamos a escada que subia até os quartos.

Um cheiro cada vez mais forte de incenso, ou algo parecido, nos levou à suíte principal. O cômodo era inteiramente decorado em tons de pêssego. Na parede oposta à enorme cama, uma grande pintura a óleo mostrava um casal em plena atividade amorosa. Não consigo entender muito bem esse tipo de "arte" entre as quatro paredes de um quarto, mas sei que tem gente que gosta. Ao que parecia, Maureen O'Mara era uma delas.

À esquerda da cama ficava uma sequência de janelas com uma vista cinematográfica. As oito portas espelhadas dos armários estavam abertas, e as roupas de O'Mara, jogadas por todos os lados. O que teria acontecido? E quando?

Sapatos estavam amontoados junto aos rodapés, com manchas pretas marcando os

pontos em que eles haviam atingido a parede.

Havia frascos de cosméticos ao pé da cômoda e um vidro de perfume se achava quebrado no chão de tábuas corridas. No banheiro, um telefone sem fio tinha sido jogado contra a bancada de mármore verde, rachando-se em lascas de plástico.

Aquilo explicava o sinal de ocupado.

Talvez Maureen tivesse recebido um telefonema do qual não gostara.

Meu celular começou a tocar. A Central me avisava que uma viatura localizara o Mercedes de Garza na contramão da Autoestrada 101. Os policiais fizeram o retorno, mas acabaram perdendo o carro de vista.

Pelo menos tínhamos algo mais concreto em mãos: o Mercedes de Garza havia sido visto seguindo em direção ao aeroporto.

COM AS MÃOS GRUDADAS AO volante, Dennis Garza olhava fixamente para a faixa central na monótona paisagem da autoestrada. O médico sabia que não podia confiar nos próprios reflexos, ainda em choque, mas tinha plena consciência da raiva que o corroía por dentro, que se misturava à tonteira e à incredulidade.

Ainda não conseguia compreender o que havia acontecido.

Ele acordara bem. Mas depois o dia dera uma guinada radical rumo ao inferno.

Tudo por causa dela. A desgraçada da Maureen O'Mara.

Desde o início a advogada sabia que após o julgamento ele pegaria sua parte e fugiria do país.

Ela ficaria em São Francisco, com seus milhões de dólares, e iria se tornar a advogada mais badalada da cidade.

Era esse seu grande sonho, não era?

Por que diabos teria mudado de ideia?

Eles haviam tido um caso memorável. Tinham dado o golpe perfeito e enchido os bolsos de dinheiro. Não era suficiente?

Por que a Ruiva não se dava por satisfeita?

"Não foi por dinheiro que fiz tudo isso", ela dissera pela manhã, em lágrimas. "Dinheiro não é nada. Foi por você, Dennis."

Agora ele balançava a cabeça num gesto de reprovação, porém a vertigem era mais forte. Apertou as mãos no volante e sentiu a cabeça latejar.

As lembranças mais uma vez vinham à sua mente. Difícil acreditar que tudo aquilo havia acontecido.

Primeiro, a discussão com Maureen. Depois, a sequência absurda dos fatos. Ele ainda podia ouvir a gritaria, ver sangue por toda parte. Até que por fim os gritos pararam.

Com muito esforço, Garza voltou a atenção para a estrada à sua frente. Precisava manter o sangue-frio. Esquecer tudo aquilo e dar o fora de São Francisco.

Tomou a saída para o aeroporto e foi seguindo as placas verdes até o estacionamento.

A mão estava trêmula quando ele recolheu o tíquete da máquina. Nos fundos daquele local feio e sujo, rente ao alambrado, encontrou uma vaga entre dois carros igualmente feios e sujos.

Adeus para aquilo tudo. Adeus, Estados Unidos.

Ele já imaginava o avião aterrissando no Rio. A Cidade Maravilhosa, cravada entre o verde das montanhas e o azul do mar. A imponente estátua do Cristo acima de tudo e todos.

Quando chegasse ao Brasil ele decidiria o que fazer.

O médico desligou o motor e depois sacudiu a mulher a seu lado. Não havia mais tempo de fazer charme.

– Acorda, vai. Anda! Você mesma vai carregar suas malas.

Ele então saiu do Mercedes, abriu o porta-malas e retirou sua própria bagagem. Berrou novamente:

– Ei, Maureen, está me ouvindo? O ônibus para o terminal já está aí. Se perdermos o voo, estamos ferrados.

INSISTI EM IR DIRIGINDO ATÉ o aeroporto e Jacobi, de má vontade, deixou que eu assumisse o volante.

– Que foi que aconteceu, Boxer? O que está pegando?

– Quero dirigir, está bem? Os superiores têm lá seus privilégios.

– Como quiser, tenente.

Era um trajeto de 20 minutos e eu corria tanto quanto o trânsito da autoestrada permitia, em meio aos carros que iam desviando conforme ouviam os gritos da sirene. Aumentei o volume do rádio na esperança de obter mais informações, preocupada, já que após aquela última e única chamada ninguém tinha visto o carro de Garza novamente.

Ao longo do percurso, duas perguntas não saíam da minha cabeça.

Quem estava dirigindo o Mercedes de Garza?

Quem havia sido morto na casa do médico?

Assim que entrei no aeroporto, subi a rampa de embarque e dali a pouco Jacobi avistou o sargento Wayne Murray, da Administração Aeroportuária, acenando à porta do Terminal A.

Murray se juntou a nós, acomodando-se no banco de trás.

Indicou o caminho para uma das entradas de serviço do terminal e de lá seguimos a pé, atravessando várias portas até tomar a escada que nos levou à delegacia do aeroporto e ao gabinete do tenente Frank Mendez.

Magro e alto, aparentando minha idade, Mendez nos recebeu com cortesia, apesar de muito atarefado. Levantou-se para apertar nossas mãos e apontou as cadeiras diante de sua mesa.

Em seguida nos contou sobre o Boeing 777 da American Airlines que há uma hora esperava autorização para decolar no portão 12, já com todos os passageiros a bordo e as portas trancadas.

– O nome do Dr. Garza está na lista de passageiros – informou. – E o da Dra. O'Mara também. Eles estão num voo para o Rio, com escala em Miami. Não sei por quanto tempo vamos conseguir manter esse pássaro no chão.

Mendez apontou para a máquina de café sobre o armário de arquivos e depois nos deixou a sós na sala.

Os telefones sobre a mesa tocavam sem parar. Junto à porta, monitores mostravam imagens dos passageiros que entravam nas salas de embarque, dos pátios e das esteiras de bagagens.

Policiais e militares andavam de um lado para outro nos corredores enquanto Jacobi e eu vigiávamos o fax, esperando que ele cuspsse a autorização de que precisávamos.

Eu me perguntava se Garza e O'Mara estariam acreditando que o atraso na decolagem se devesse mesmo a um pequeno problema mecânico na aeronave.

Talvez estivessem tomando um champanhe enquanto liam tranquilamente o Financial Times.

Bebi o que restava do meu café e joguei o copinho de isopor na cesta de lixo.

Jacobi tossiu e enterrou o rosto entre as mãos.

– Droga – resmungou, e continuou tossindo.

Já passava das seis da tarde quando o fax deu sinal de vida e o papel timbrado da Promotoria saiu pela fenda, com o mandado judicial pelo qual vínhamos esperando. Enquanto a última página cumpria sua trajetória, Mendez voltou à sala, recolheu todas as folhas da bandeja e as leu rapidamente.

– Ótimo – disse ele com um sorriso. – Está tudo pronto. O show pode começar.

ÉRAMOS 16 AO TODO E meu coração batia forte enquanto vestíamos os coletes pretos com a palavra POLÍCIA estampada na frente e nas costas. Verificamos nossas armas e em seguida descemos os quatro andares de escada até a garagem.

Juntei-me a Mendez na viatura de comando, já prevendo o que iria acontecer à medida que avançávamos no campo do aeroporto. Mendez chamou a torre de controle pelo rádio:

– Interditem a pista! Agora!

Apesar da ansiedade, eu sentia um enorme prazer por estar à frente daquela operação. Não via a hora de botar as mãos em Garza.

Holofotes iluminavam toda a área e um gigantesco jumbo da United rugiu sobre nossas cabeças, desafiando a gravidade ao vento forte do anoitecer.

Olhei para o 777 da American, parado junto à passarela do terminal. Uma escada já estava sendo engatada à porta da aeronave.

As viaturas da polícia começaram a fazer um cerco em torno dela.

Descemos rapidamente e corremos até o avião.

A adrenalina tomava minhas veias enquanto Mendez, Jacobi e uma equipe de jovens policiais escalavam a escada atrás de mim, com os passos ecoando nos degraus.

Bati na porta do jato com a coronha da minha arma e ela se abriu.

Gesticulei para que a comissária de bordo não fizesse nenhum alarde e abrisse caminho.

Entramos na cabine da primeira classe por trás.

Imediatamente avistei a cabeça de Dennis Garza. Ele estava na terceira fila do lado direito, junto ao corredor.

Uma ruiva sentava a seu lado, à janela.

Maureen O'Mara.

E havia um problema. Um volumoso problema.

O corredor se achava inteiramente bloqueado por um carrinho de bebidas que devia pesar uns 100 quilos. O carrinho e as duas comissárias que o operavam estavam entre nós e Garza.

Ao perceber nossa chegada, o médico virou o rosto e me encarou, dizendo:

– Você!

O'Mara procurou acalmá-lo.

– Fique tranquilo, Dennis. Está tudo bem!

– Dennis Garza e Maureen O'Mara! – gritei. – Tenho um mandado judicial para mantê-los sob custódia da polícia!

– Isso é o que você pensa – Garza cuspiu de volta, levando a mão ao bolso do paletó.

Em seguida ficou de pé e saiu para o corredor.

O'Mara berrou:

– Dennis, não!

Movendo-se com rapidez, Garza imobilizou a comissária mais próxima e a puxou pelos cabelos até que os rostos de ambos ficassem a poucos centímetros de distância.

Vi algo brilhando em sua mão.

Uma seringa.

Com o polegar sobre o êmbolo, ele estava a um milímetro de enfiar a agulha no pescoço da comissária, que berrou aterrorizada.

O grito reverberou pela cabine.

– Quero um salvo-conduto para sair daqui. Caso contrário, injeto esta dose de insulina na moça e ela vai morrer antes de cair no chão – ameaçou Garza.

O rosto dele estava irreconhecível. As feições apresentavam arranhões, com os lábios crispados, as pupilas enormes e o olhar inquieto.

Tinha o aspecto do psicopata que ele de fato era.

– A decisão é de vocês – continuou. – Para mim, pouco importa se ela vai morrer ou não.

Finalmente consegui dizer algo:

– O que não é nenhuma novidade.

MEU ESTÔMAGO PARECIA SE RETORCER enquanto eu encarava os olhos vidrados de Garza. Maureen O'Mara estava ajoelhada no assento, olhando estupefata para o médico, como se não soubesse ao certo quem ele era.

O suor brotava sobre meus lábios. Apavorados, os passageiros da parte de trás da cabine atropelavam os policiais para fugir da aeronave. Já os da frente curvavam o tronco protegendo a cabeça, pois àquela altura os atiradores de elite formavam uma parede às minhas costas, usando o encosto dos bancos como apoio.

Garza estava de costas para a cabine dos pilotos. Ele não tinha como se mover, mas poderia colocar a vida de todos em risco, além de matar a comissária, antes de ser preso.

O médico novamente puxou os cabelos da moça, dessa vez com mais força. Uma gota de sangue escorreu do pescoço dela até o colarinho da blusa branca. Gemendo de dor e com o rosto encharcado de lágrimas, ela espichava o corpo, equilibrando-se na ponta dos pés.

Li seu nome no broche de asinhas douradas que ela trazia no colete.

– Não se preocupe, Krista. Vai ficar tudo bem – falei. E para Garza, com firmeza: – Solte a moça, Dennis. Você não vai matar ninguém! Vamos todos sair daqui vivos!

Foi então que a porta da cabine dos pilotos se abriu atrás do médico e um jovem tripulante saiu ao corredor.

Ao se virar para trás, Garza relaxou os dedos que seguravam os cabelos da comissária e a mulher retorceu o tronco numa tentativa de se soltar.

A oportunidade que eu esperava finalmente surgia. Mirei minha pistola de eletrochoque em Garza e puxei o gatilho, disparando 50 mil volts sobre o corpo dele.

Garza deu um grito abafado e desabou no chão, curvando-se em posição fetal. Eu agora estava diante dele, apontando a pistola para sua cabeça, enquanto Jacobi o algemava.

– Você está preso por conduta imprudente – falei. O médico gemia e se contorcia a meus pés. – Você tem o direito de permanecer calado, seu pilantra. Qualquer coisa que disser poderá ser usada contra você num tribunal.

E certamente será.

JÁ PASSAVA DAS NOVE DA noite quando Jacobi e eu chegamos à delegacia com Dennis Garza e Maureen O'Mara, ambos algemados.

– Queda de titãs! – ironizou Jacobi.

Eu estava exausta, consumindo minhas últimas reservas de energia, mas a sensação de felicidade me dava o fôlego de que precisava. Dennis Garza estava preso, indiciado por conduta imprudente, posse de arma letal, obstrução da justiça e suspeita de homicídio.

Não estava matando pacientes no Hospital Municipal.

Muito menos se bronzendo numa praia carioca.

O'Mara havia sido indiciada como cúmplice, mas na verdade estávamos blefando, e ela sabia disso.

Não tínhamos nenhuma prova de que a advogada havia testemunhado um crime ou que vira o sangue na casa de Garza.

Vinte minutos depois de nossa chegada, O'Mara lia um livro tranquilamente em sua cela, muda, esperando que um de seus sócios no escritório viesse buscá-la com os documentos de fiança.

Eu ainda me sentia abalada, com os joelhos trêmulos. Fui até o banheiro, lavei as mãos e o rosto na pia e passei os dedos molhados pelos cabelos.

Lembrei-me da última vez em que havia comido: uma barrinha de cereal que engolira às pressas após o telefonema de Noddie Wilkins avisando que James Sweet tinha morrido.

Tudo parecia ter acontecido uma semana antes.

Juntei-me a Jacobi na minha sala e, pouco depois de pedir uma pizza gigante de calabresa, o telefone tocou. Era Sonja Engstrom, retornando minha ligação.

Ela também estava fazendo hora extra no hospital.

– Estamos examinando o histórico do programa de distribuição de medicamentos – falou, naquele seu tom seco e imperativo. – O hospital está totalmente comprometido a descobrir a verdade.

– Ótimo.

– Se Dennis Garza estava adulterando nosso sistema, agia por conta própria, e por isso é um assassino. Ele que apodreça na cadeia! – disse ela. – Teremos o maior prazer em cooperar.

Ainda não tínhamos nenhuma prova de que Garza havia matado os pacientes no Municipal. Seria ótimo se nós mesmos pudéssemos examinar aquele sistema, mas eu já sabia a decisão da Promotoria: Você quer que a gente verifique três anos de histórico nos computadores do Municipal? Com que equipe, tenente? Não temos tempo, dinheiro nem pessoal para fazer um trabalho desses.

Mas, com o apoio do hospital, talvez Sonja conseguisse encontrar algo que confirmasse nossas suspeitas. Então falei a ela:

– Sonja, pelo amor de Deus, não altere nem apague absolutamente nada. Ligue se detectar algum padrão ou encontrar qualquer coisa que possamos levar à Promotoria. Por favor!

Eu tinha acabado de lhe desejar boa sorte quando recebi outra ligação. Era Conklin, que parecia feliz, quase em êxtase.

– Tenente – disse ele –, estou diante do carro de Garza!

DEBRUCEI-ME SOBRE A MESA, ESTALEI os dedos para chamar a atenção de Jacobi e coloquei Conklin no viva-voz.

– O Mercedes de Garza está no estacionamento do aeroporto – disse o inspetor. – Ainda não tocamos nele.

– Excelente. Olhando por fora, como ele está?

– Limpo e vazio. A não ser por um jornal no chão diante do banco do carona. Mas o veículo está trancado.

– Fique onde está e não toque em nada – falei. – Vamos agir exatamente como manda a cartilha.

Eu ainda tinha amigos na Promotoria e consegui localizar um deles, que era jovem e corajoso a ponto de ligar para um juiz àquela hora da noite. Em 45 minutos eu tinha nas mãos um mandado de busca.

Liguei para Conklin.

– Abra o porta-malas – disse eu. – Vou ficar esperando na linha.

Ouvi Conklin falando com McNeil ao longe, os ruídos metálicos de um pé de cabra arrombando o porta-malas e os gritos de McNeil:

– Cacete! O que é isso?

– Conklin? Conklin? – Eu apertava a borda da mesa, quase cravando minhas unhas nela, quando Rich voltou à linha. Ofegante, ele disse:

– Tem um cadáver no porta-malas, tenente! Enrolado numa colcha.

Olhei para Jacobi, mas nem sequer precisei dizer o que eu estava pensando: ele seguia a mesma linha de raciocínio. O corpo desaparecido havia aparecido. O corpo de quem?

– Você verificou o pulso?

– Sim, Lindsay. O homem está morto. Branco, cabelos escuros, mais ou menos 30 anos. Todo ensanguentado, tenente. Encharcado!

– Isole o carro. Fique aí até os peritos e a legista chegarem – falei. – Quero esse Mercedes no nosso laboratório! Mas com o máximo de cuidado, Richie. Como se fosse um recém-nascido!

SEM DÚVIDA AQUELE ERA UM dos dias mais longos de minha vida. Passava das 11 da noite, mas Jacobi e eu ainda estávamos na sala de interrogatório com Garza, os três fedendo a suor. A luz fluorescente fazia nossas sombras dançarem nos azulejos cinza.

O aspecto de Garza era o de um animal selvagem. E, para piorar, ele não dizia nada.

Minha vontade era apertar os dedos em seu queixo machucado, para fazê-lo gritar. O sujeito me dava nojo.

Em vez disso, dei a ele um Tylenol, um copo d'água e um lenço com uma pedra de gelo para que ele fizesse uma compressa no queixo.

Mas não recebi nada em troca.

A arrogância do médico não tinha limites. Ele continuava mudo mesmo depois de um cadáver ter sido encontrado em seu carro.

– Você devia cuidar desse queixo, Dennis – falei, chamando-o pelo primeiro nome só porque sabia que aquilo o irritava.

– Preciso de uma radiografia.

– Negativo.

– Tenho certeza que meu queixo está fraturado. Também é possível que eu tenha sofrido uma concussão.

– Como foi que isso aconteceu? – perguntou Jacobi, tamborilando com um lápis sobre a mesa, num barulho incessante e intimidador. Minha impressão era a de que, se ficasse sozinho com Garza, ele jogaria o médico contra a parede e talvez o matasse.

Puxei uma cadeira e me sentei. Jacobi prosseguiu:

– Suponho que o sujeito tenha aparecido para trocar umas palavrinhas com você. Que foi que ele disse? “Você matou meu filho”? “Meu filhinho está morto por sua causa”? Talvez tenha acertado você com aquele vaso. Foi essa a gota d'água?

– Preciso de um médico – disse Garza, arrastando a língua. – Estou sentindo muita dor. Exijo que um médico venha me ver imediatamente!

– Claro, sem problemas – falei. – Mas antes quero que você saiba que encontramos sangue nos sapatos de Maureen – menti deslavadamente. – Assim que o promotor chegar aqui, sua amiga vai contar tudo o que viu na sua casa hoje de manhã. Vai dizer que flagrou você cometendo um assassinato. Alegar que chegou após o crime e testemunhar para a acusação, Dennis. Ela vai pegar um ano ou dois de prisão, e você, a pena de morte! É isso que você quer? Ou prefere dizer agora mesmo que agiu em legítima defesa? Porque, se você abrir o bico já, as coisas vão ficar mais fáceis. E essa é a única chance de você salvar sua vida miserável.

– É mesmo? – retrucou Garza, irônico.

– É, sim, seu verme!

Eu me lembrei de Martin Sweet, daquele pai que dissera aos prantos no hospital: “Isto é

um absurdo! Minha vontade é matar alguém, tenente.”

Só que Dennis Garza matara o homem antes.

– Sinto muito – balbuciou e ficou de pé, olhando a seu redor.

Eu estava prestes a agarrá-lo pelo colarinho para fazê-lo sentar novamente quando ele se ajoelhou diante da cesta de lixo e vomitou.

Depois de longos espasmos, ergueu a cabeça enorme para dizer:

– Quero meu advogado.

Jacobi e eu trocamos um olhar de desânimo.

O interrogatório havia chegado ao fim.

Tentei ficar de pé, mas, ao me levantar, a cadeira se prendeu à perna da mesa e precisei dar uns solavancos para soltá-la, derrubando-a ao final. Tinha a noção de que estava com raiva, contudo não me preocupava com quem me via do outro lado do espelho.

Curvei o tronco, apoiei as mãos nos joelhos e aproximei o rosto do mau hálito de Garza, pronta para soltar minha fúria sobre ele.

– Eu conhecia aquele homem que você esfaqueou até a morte, seu assassino miserável! Falei com ele pouco depois que James Sweet morreu por causa de um braço quebrado! Foi você quem atendeu o menino na emergência, não foi? Um menino lindo. Foi encontrado morto com um par de botões sobre as pálpebras!

– Não sei do que você está falando! – retrucou Garza.

– Ele não sabe nada! – falei para Jacobi. Garza se levantou, cambaleando, com as mãos algemadas à frente. – Não sabe nada sobre aquelas mortes e aqueles botões. Nada sobre o corpo de Martin Sweet encontrado no porta-malas do carro dele. Com certeza também não sabe até onde vai nossa persistência. Não sabe inclusive com quem está lidando!

– Vou chamar uma ambulância – disse Jacobi, desanimado.

Joguei meu celular sobre a mesa, bem diante do médico.

– Aí está. Ligue para seu advogado. Diga que você está preso pelo assassinato de Martin Sweet. Diga que o cliente dele vai ser levado para o Hospital Municipal, algemado a uma maca e sob a vigilância de um tira. Que temos provas suficientes para que Dennis Garza passe o resto dos dias numa cela imunda!

Eu vestia minha jaqueta quando Garza começou a digitar as teclas minúsculas do meu celular, errando o número sistematicamente. Deixei-o sozinho com Jacobi.

Mas, antes que a porta da sala se fechasse às minhas costas, pude ouvir que ele chorava sem parar.

COM A IMAGEM DO ROSTO de Garza na memória, eu voltava para casa, lamentando que Yuki não estivesse do outro lado daquele espelho para ver o médico chorar feito um bebê.

Ele estaria com medo ou com pena de si mesmo?

Para mim, pouco importava.

Quanto mais sofresse, melhor. O canalha era comprovadamente perigoso e fora indiciado por homicídio. A fiança seria estipulada em alguns milhões de dólares, mas ainda era grande a chance de que ele fosse solto na manhã de segunda-feira.

Mesmo assim, teria pela frente um longo fim de semana de humilhação, algemado a um leito de hospital, dando aos ex-colegas a oportunidade de conhecer o lado obscuro do Dr. Dennis Garza.

O fim de semana dele se arrastaria.

O meu passaria num piscar de olhos.

Segui pela Rua 16, virei na Missouri e em poucos minutos estava diante dos belos sobrados vitorianos de Potrero Hill. Já pensava na refrescante ducha que me esperava em casa, bem como nas seis abençoadas horas de sono que me deixariam em forma para o fim de semana com Joe.

Sorri ao pensar na felicidade que seria estar com ele, deitar minha cabeça naquele ombro, ficar de mãos dadas, trocar beijos rápidos e outros bem mais demorados que seriam uma amostra do que viria pela frente.

Mal podia esperar para contar a ele sobre os acontecimentos daquele dia, sobre as 18 horas ininterruptas de adrenalina que haviam resultado na prisão de um assassino.

Estacionei o Explorer a uns 20 metros de casa, subi a colina com passos cansados e venci as escadas até meu lar doce lar, com seu pedacinho de vista para a baía.

Ao conversar com Martha através da porta do chuveiro, disse a ela quanto era difícil não ser dona da própria vida, e ela respondeu com meia dúzia de latidos, que, se eu fosse obrigada a arriscar um palpite, traduziria como: "Minha passeadora gosta mais de mim do que você." Retruquei que aquilo era um grande absurdo.

Cerca de 20 minutos depois, já sob as cobertas e prestes a desligar o abajur a meu lado, notei a luzinha vermelha que piscava freneticamente na secretária eletrônica.

Embora minha vontade fosse ignorá-la, decidi apertar o "play". Senão, o maldito aviso perturbaria meu sono a noite inteira.

"Lindsay, sou eu", disse a voz metálica de Joe. Ao perceber o tom de decepção naquelas palavras, dei um triste suspiro ao prever minha frustração dali a alguns segundos. "Meu amor, eu sinto muito, mas a notícia não é boa. Cheguei a antecipar meu voo porque queria chegar mais cedo e fazer uma surpresa. Mas houve algum problema no aeroporto e as pistas ficaram fechadas por mais de duas horas. Nossa rota foi desviada e nesse meio-tempo recebi uma convocação urgente. Daqui a pouco estou indo para Hong Kong."

Ouvi a voz do piloto ao fundo, pedindo aos passageiros que desligassem seus aparelhos eletrônicos.

“Ligo de novo assim que chegar”, prosseguiu Joe. “Então a gente combina outra coisa. Algo maior e melhor. Tenha paciência comigo, meu amor. Te amo.”

Seguiu-se um clique e a gravação ficou muda.

Voltei a fita e escutei o recado novamente, apenas para ouvir a voz de Joe. Seria engraçado se não fosse triste: o problema no aeroporto havia sido a prisão de Garza que eu mesma tinha comandado.

NA NOITE DAQUELE SÁBADO, CLAIRE, Cindy e eu nos encontramos no Bix, um restaurante escondido na Gold Street, famoso não só pela comida deliciosa, mas também pela decoração art déco, que lembrava os dias de glória dos bares da Lei Seca, bem como os glamourosos navios a vapor das décadas de 1920 e 1930. Ocupávamos nossa mesa favorita no mezanino, de onde podíamos ver o agito em torno do balcão no andar de baixo.

Eu tinha desligado o celular e agora bebia um dry martíni absolutamente perfeito. Apesar das 20 horas transcorridas desde a prisão de Garza e O'Mara, ainda me sentia exausta.

E também me preocupava com Yuki, que devia ter chegado meia hora atrás.

Minha cabeça estava encostada no ombro de Claire e ela brincava comigo, dizendo:

– Há quanto tempo você não recebe um trato legal, meu amor?

– Nem lembro direito. Isso significa que faz muito tempo.

– E seu namorado bonitão? Quando vai aparecer para dar um jeito nisso?

Rindo, respondi:

– Temos um encontro marcado no próximo fim de semana. Só um terremoto vai impedir que a gente se veja. Espere aí! Você não é vidente, é?!

– Por acaso, sou – disse Claire. – Mas por algum motivo não estou conseguindo ler sua mente para saber o que aconteceu com o Dr. Garza. A gente está se coçando para saber, Lindsay! Você não vai esperar a Yuki chegar para apresentar seu relatório, vai?

Logo vi que não teria escapatória.

Cindy e Claire me encaravam. Dei um belo gole no martíni e contei a elas todos os detalhes do episódio no aeroporto de São Francisco. Disse que Garza havia sido preso e indiciado por tudo o que havia feito.

– O'Mara optou por um acordo – continuei. – Vocês nem imaginam. Ela e Garza estavam de conluio naquele processo contra o Municipal. Foi tudo planejado. Uma armação.

– Foi tudo planejado? – perguntou Cindy.

– Pode acreditar que sim, amiga. Uma jogada de mestre daqueles dois. O'Mara embolsou o percentual das indenizações a que tinha direito e depois dividiu a grana com Garza. Além disso, estava apaixonada pelo sujeito.

– Mas isso não faz nenhum sentido – observou Claire.

– Também acho que não. Mas, nos sonhos delirantes dela, Garza ia levá-la para fora do país e os dois viveriam felizes para sempre.

– Quer dizer que ele deu um pé na bunda dela? – deduziu Cindy.

– Tentou. Já estava com as malas prontas para sumir no mundo quando Martin Sweet apareceu na casa dele, totalmente transtornado. Ao que parece, Sweet agrediu Garza com um vaso de cristal e por pouco não rachou o crânio dele.

– Ai! – disse Cindy.

– Pois é. Então Garza perdeu o juízo e revidou, partindo para cima de Martin Sweet até

matar o pobre coitado. Foram quantas facadas, Borboleta? – perguntei a Claire.

– Quarenta e duas. Perfuraram o pescoço dele até a medula.

– Maureen contou que, depois de receber o passa-fora de Garza, foi até a casa dele com a esperança de convencê-lo a mudar de ideia. E chegou lá justamente na hora em que o médico colocava o cadáver de Martin no porta-malas do carro. O que rendeu a O'Mara uma passagem aérea para o Brasil.

– Com certeza ia ser assassinada também – disse Cindy. – Assim que eles pisassem em solo brasileiro.

– Também acho. Provavelmente salvamos a vida da advogada ao tirar os dois daquele avião.

– E os mortos que foram encontrados com botões nos olhos? – quis saber Cindy. – Você ainda está trabalhando no caso deles?

– Oficialmente, não – respondi. – Tenho algumas hipóteses sobre o assunto. Talvez até uma pista concreta. – Expliquei que Sonja Engstrom havia decidido cooperar. – Ela contratou uma equipe de especialistas em informática e eles estão investigando os registros do sistema de distribuição de medicamentos. As coisas só vão piorar para o lado de Garza. Quanto a Maureen, ela deve perder o registro de advogada. Conspiração, manipulação de testemunhas, o diabo a quatro.

– Você prendeu o bandido, minha querida – disse Claire. – Fez um excelente trabalho!

– É inacreditável – prosseguiu Cindy, balançando a cabeça e fazendo os cachos dourados irem de um lado a outro. – Estamos muito orgulhosas de você, amiga.

– Poxa, meninas, também não precisam exagerar, né? Tive a ajuda de um monte de gente. Claro que não agi sozinha.

– Não quero nem saber – rebateu Claire, erguendo sua taça para um brinde. – Você é uma estrela!

Estávamos comemorando quando Yuki apareceu e se acomodou a meu lado na mesa. Quase não a reconheci.

ELA ESTAVA LINDA.

Com os cabelos mais reluzentes do que nunca, sua pele ganhava um brilho especial. Além disso, vestia um tomara que caia preto que lhe dava uma sensualidade até então desconhecida – pelo menos para mim.

Pedi desculpas pelo atraso, explicou que tivera um imprevisto e não pudera ligar.

Assim que os garçons recolheram os pratos e serviram a sobremesa, meu cansaço já tinha dado lugar a uma agradável sensação de alegria e segurança na companhia das minhas melhores amigas.

Eu espetava o garfo na torta de chocolate à minha frente quando Yuki, quase timidamente, disse:

– Tenho uma grande novidade.

– Não enrola, vai – disse Cindy. – O povo quer saber.

Yuki abriu um sorriso, mas ficou calada por uns segundos, fazendo suspense até não aguentar mais.

– Pedi demissão do escritório de advocacia. Mas já tenho um novo emprego!

As perguntas vieram de todos os lados e Yuki agora gargalhava com os olhinhos fechados, um presente que nossos ouvidos não recebiam desde muito.

– Vou passar para o outro lado do balcão – disse ela sorrindo. – Agora quero processar criminosos. Tirar os bandidos das ruas. A partir de segunda-feira começo a trabalhar na Promotoria Pública. É oficial: sou assistente de promotoria. Querem ver meu crachá?

Seguiram-se aplausos, assobios e muitos abraços de parabéns.

Eu não poderia estar mais feliz por minha amiga. Era uma ótima mudança na vida de Yuki e eu a conhecia bem para saber que o salário menor seria compensado pela satisfação em dobro. Ela faria um ótimo trabalho na Promotoria. Logo, logo seria uma estrela, quanto a isso não havia dúvida.

– A Yuki! – falei, erguendo a xícara de café para um brinde. – E às ruas sem bandidos!

Àquela altura o pianista começou a tocar e dali a alguns minutos nós quatro cantávamos em coro. Relaxando o corpo no sofá e ainda sob o efeito de tantos sentimentos bons, perdi as rédeas da minha mente e logo me vi pensando em Dennis Garza.

Na complexa natureza daquele homem.

Seria possível que ele tivesse uma personalidade tão transtornada a ponto de matar alguém com tamanha selvageria como havia feito com Martin Sweet? E também de matar tão discretamente que nem sequer tínhamos certeza de que aquelas pessoas no Municipal haviam sido assassinadas?

Fiquei me perguntando se teríamos uma resposta. Mas havia uma pista. Que talvez nos levasse a algum lugar.

– Ei, Lindsay, tem alguém em casa? – brincou Claire.

– Bem aqui, Borboleta.

Ela apertou minha mão, dizendo:

– Sério.

– Eu estava pensando em Garza e naqueles olhos de louco – falei. – O cara não tem nem 50 anos. Vai morrer na cadeia. Pelo menos nunca mais vai aprontar.

Yuki colocou o braço em meus ombros e me puxou para um abraço.

– Nem sei como lhe agradecer – falou. – Obrigada por toda a consideração que você sempre teve com minha mãe, Lindsay. Sou grata por você ter prendido Garza. – Em seguida ela encheu os pulmões e lentamente os esvaziou, para dizer: – Quando papai voltou da guerra, ele havia mudado em muitos aspectos. Contou a mamãe sobre os Quatro Cavaleiros do Apocalipse: Fome, Morte, Peste e Guerra. Mas ele dizia que o quinto cavaleiro era o Homem, e que esse era o mais perigoso de todos. Você prendeu Garza, Lindsay. Você prendeu o Quinto Cavaleiro!

EPÍLOGO

CONTAS A ACERTAR

COMEÇAVA O TURNO DA MADRUGADA no Peachtree General, o maior hospital da região metropolitana de Atlanta.

A enfermeira Luz entrou num dos quartos da movimentada ala de cardiologia e se aproximou da paciente que estava no escuro, inquieta. Acendeu a luminária e disse:

– Então, meu amor, como estamos hoje?

– Do mesmo jeito que ontem. Uma depressão horrível – disse a Sra. Melinda Cane, uma mulher de meia-idade com apliques nos cabelos louros e o rosto enrijecido pelo botox ou por um lifting recente. – Depois que o Frankie se foi, e com meus filhos morando só Deus sabe onde, não tenho nada que me prenda a esta vida. – Ela revirava a pesada aliança de ouro como se aquele gesto pudesse trazer o marido de volta. – Olhe só para este quarto. Está vendo alguma flor? Alguma caixa de bombons? As pessoas nem lembram que eu existo.

– Olhe – disse a enfermeira –, não quero ver você assim, tão para baixo. Tenho um remedinho aqui que vai ajudá-la a dormir.

– Luz, fica comigo até eu apagar, fica? – pediu a Sra. Cane.

– Vamos fazer o seguinte – disse Luz. – Tome os remédios. Vou dar uma olhada nos meus outros pacientes e volto logo.

Melinda Cane sorriu, recebeu o copinho de comprimidos e, como uma garotinha obediente, os engoliu com um copo d'água.

Luz Santiago, a verdadeira identidade do Notívago, cobriu a paciente até a altura do pescoço, pensando em quanto estava gostando de sua nova identidade, ainda surpresa por ter conseguido os novos documentos por apenas 175 dólares. Como tinha sido fácil... Não que houvesse um controle rígido para a documentação das enfermeiras.

Saiu ao corredor empurrando seu carrinho, parando em cada um dos quartos, conferindo leitoss, distribuindo remédios, dizendo boa-noite. Em seguida voltou para o quarto de Melinda Cane.

Fechou a porta e caminhou até a cama, onde a paciente começava a arfar.

Melinda Cane estendeu os braços na direção dela, abanando as mãos freneticamente.

– Alguma coisa está errada, Luz – sussurrava a paciente. – Me ajude. Não consigo respirar. Por favor, me ajude!

A enfermeira segurou a mão da paciente e a apertou com delicadeza.

– Está tudo bem, meu amor. A Luz está aqui com você.

Melinda Cane tentava puxar o ar, esticando o pescoço, agarrando o cobertor azul, enquanto o sedativo paralisava seu sistema nervoso.

Dali a pouco, olhou assustada para a enfermeira, desvencilhou-se das mãos dela e tentou alcançar a campainha a seu lado.

Mas Luz afastou o dispositivo e o colocou sobre a mesinha lateral, ao mesmo tempo

que acariciava a cabeça da paciente. Já aguardava os espasmos que começariam em breve. Melinda Cane começou a tremer, mas em poucos minutos ficou imóvel.

Luz Santiago também havia sido Marie St. Germaine e, antes disso, Yamilde Ruiz e, muito antes, nascera em Orlando, na Flórida, com o nome de LaRaine Johnson.

Era uma dádiva ter poder sobre a vida e a morte, e ainda por cima ficar invisível aos olhos de todos.

Dali a alguns minutos ela endireitou o corpo da mulher sobre a cama e arrumou as cobertas.

Em seguida tirou do bolso uma bonequinha preta. Havia escondido os botões ali, no interior dos fios grossos de lã.

Retirou-os com cuidado e os colocou sobre as pálpebras da morta. Os caduceus, as serpentes enroscadas no bastão alado, o símbolo da medicina.

– Boa noite, princesa. Durma bem.

Depois disso, voltou ao corredor, onde deu de cara com a polícia, que já esperava por ela. Cinco oficiais, no mínimo.

Reconheceu um dos rostos: a tenente de São Francisco.

No entanto, ficou ainda mais assustada quando alguém se aproximou por trás e bateu em seu ombro. Era Melinda Cane. Vivinha da silva. E empunhando uma arma.

– Mãos para o alto, Luz. Ou seja lá qual for seu nome. Você está presa por tentativa de homicídio. Sou a detetive Cane, da Polícia de Atlanta. – Ela abriu um sorriso e emendou: – Você deve se lembrar da tenente Lindsay Boxer, de São Francisco. Foi ela quem acabou com sua farsa.

LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO LIVRO DA SÉRIE
CLUBE DAS MULHERES CONTRA O CRIME

6º alvo

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO DO MUNDO

JAMES PATTERSON

E MAXINE PAETRO

PRÓLOGO

AS VOZES DO MARUJO

capítulo 1

FRED BRINKLEY ESTÁ SENTADO NUM dos banquinhos do deque superior. O sol de novembro o encara do alto como um enorme olho claro e ele o encara de volta enquanto a balsa atravessa a baía de São Francisco.

Uma sombra o encobre, um garotinho que se aproxima para pedir:

– O senhor poderia tirar uma foto nossa?

Fred balança a cabeça com veemência. Não, não, não. A fúria parece tensionar seus músculos, como se um arame apertasse seu crânio.

Sua vontade é esmagar o menino como um inseto.

Fred desvia o olhar e mentalmente canta Ai, ai, ai, ai, meu Sau-sa-lito-lindo... para silenciar as vozes interiores. A fim de se consolar, afaga Bucky sob a jaqueta de náilon azul. Mas o gesto é em vão, já que as vozes continuam martelando em sua cabeça.

Seu panaca. Seu idiota.

Gaivotas grasnam no céu como crianças barulhentas. O sol brilha através das nuvens, deixando-o tão transparente quanto vidro. Elas sabem o que eu fiz.

Turistas de bermuda e boné se espalham ao longo da amurada, fotografando Alcatraz, Angel Island e a Golden Gate Bridge.

Um veleiro passa perto da embarcação, com a vela enfunada, espirrando água na borda da balsa. Fred deixa o tronco cair com o peso dos pensamentos. Vê a retranca girar. Ouve o estalo forte. Meu Deus! O veleiro!

Alguém tem que pagar!

Com um barulho que assusta Fred, os motores da balsa engatam marcha a ré e o deque vibra durante a atracação.

Ele se levanta e abre caminho através da multidão, atropelando mesas e cadeiras, provocando olhares de censura dos passageiros.

Vai até o deque aberto da popa e se depara com uma mãe que repreende o filho, um garoto de nove ou 10 anos de cabelos castanhos.

– Você está me deixando maluca! – grita a mulher.

Fred sente o arame se partir. Alguém tem que pagar!

Leva a mão ao bolso da jaqueta e encontra Bucky.

Encaixa o dedo no gatilho.

A balsa dá um solavanco ao atracar. As pessoas buscam apoio umas nas outras, rindo, e depois vão saindo da embarcação em fila.

Fred encara a mãe, que ainda humilha o filho. Uma mulher miúda com calça clara na altura das canelas e uma blusa branca de tecido fino que deixa entrever o contorno dos seios, acentuando o contorno dos mamilos.

– Que foi que deu em você hoje, hein? – ela ruge por cima dos motores. – Está enchendo meu saco, sabia?

Bucky está na mão de Fred, uma pistola Smith & Wesson, pulsando como se tivesse vida própria.

A voz aumenta: Mate essa mulher. Mate essa mulher. Ela passou dos limites.

Bucky está apontada para o centro do peito dela.

BUUM!

Fred sente o coice da arma, vê a mulher voar para trás com um grito de dor e a blusa manchada de sangue.

Ótimo!

O menino arregala os olhos ao ver a mãe estirada no deque, deixa cair o sorvete de morango e molha as calças de xixi.

O garoto também está merecendo.

BUUM!

capítulo 2

IMAGENS DE VELAS BRANCAS povoam a mente de Fred enquanto o sangue se espalha pelo deque. A sempre confiável Bucky ainda está quente em sua mão. Ele corre os olhos pelo convés.

A voz em sua cabeça agora grita: Corra. Fuja. Você não queria fazer nada disso.

Fred vê de relance um homem grande correr em sua direção, o rosto crispado de fúria, os olhos soltando faíscas. Fred estica o braço.

BUUM!

Um asiático de olhos negros e sérios, com um risco branco no lugar da boca, tenta roubar Bucky da sua mão.

BUUM!

Uma mulher negra observa a cena de perto, paralisada pelo tumulto dos turistas. Ela se vira na direção dele, com as bochechas vermelhas e os olhos arregalados. Encara-o com firmeza e... lê a mente de Fred.

– Agora chega, filho – diz, estendendo a mão trêmula. – Me dê essa arma.

Ela sabe o que eu fiz. Mas como?

BUUM!

Fred sente um grande alívio quando a mulher que lera sua mente desaba no chão. Naquele espaço mínimo, as pessoas se movem em ondas, protegendo-se, umas se jogando para a direita, outras para a esquerda. Fred as acompanha com os olhos.

Vê que estão com medo. Com medo dele.

A seus pés, a mulher negra segura um celular entre os dedos ensanguentados. Com a respiração arfante, ela digita os números com o polegar. Tarde demais. Fred pisa na mão da mulher e se agacha.

– Você devia ter me impedido! – diz ele, com os dentes trincados. – Era sua obrigação!

Bucky a espeta na testa.

– Não! – ela implora. – Por favor!

Alguém grita:

– Mamãe!

Um rapaz magricela, de aproximadamente 18 anos, corre na direção dele segurando uma barra de ferro.

A balsa balança e Fred aperta o gatilho.

BUUM!

O tiro acerta na barra de ferro, que rodopia no ar até cair no chão. O jovem corre até a mulher e se joga sobre ela. Você quer protegê-la?

As pessoas se escondem sob os bancos e os gritos parecem envolvê-lo como línguas de fogo.

O ronco dos motores se mistura ao ruído metálico da prancha de desembarque que se

encaixa ao deque. Bucky continua apontada contra a multidão enquanto Fred olha por sobre a amurada.

Ele calcula a distância.

Um metro e meio até a base da prancha e depois um salto grande até o cais.

Fred guarda Bucky no bolso, coloca as duas mãos na amurada e salta por cima dela, a queda amortecida pelo solado dos tênis. Uma nuvem cobre o sol, tornando-o imperceptível.

Rápido, marujo. Pule!

E assim ele faz. Salta para o cais e corre na direção do mercado de peixes, onde se mistura à agitação do estacionamento. Começa então a caminhar displicentemente e, uma quadra mais adiante, chega ao centro comercial.

Já está assobiando quando desce a escada para a estação de metrô. E continua assobiando quando toma o trem de volta para casa.

Você conseguiu, marujo.

PARTE 1

VOCÊ CONHECE ESTE HOMEM?

capítulo 3

EU ESTAVA DE FOLGA NAQUELA manhã de sábado, na primeira semana de novembro, quando fui chamada até a cena de um crime porque meu cartão de visita havia sido encontrado no bolso da vítima.

E agora me achava na sala escura de um sobrado na Rua 17, diante de um delinquente chamado José Alonzo. Sem camisa e com a barriga de fora, ele estava jogado num sofá velho com os punhos algemados atrás. A cabeça pendia sobre o peito e as lágrimas escorriam pelo queixo.

Eu não estava nem um pouco comovida.

– Já leu os direitos dele? – perguntei ao inspetor Jacobi, ex-parceiro e atualmente meu subordinado. Com 51 anos recém-completados, Jacobi já vira mais vítimas de homicídio em seus 25 anos de polícia do que muito tira veria em toda a vida.

– Li, sim, tenente. Antes de ele confessar. – O inspetor estava com as mãos fechadas ao longo do tronco, com uma expressão de repulsa no rosto.

– Entendeu seus direitos? – perguntei a Alonzo.

Ele assentiu e voltou a chorar, resmungando:

– Eu não queria fazer isso, mas ela me deixou maluco!

Uma menininha de três anos, com um laço branco encardido nos cabelos e uma fralda molhada que ia até os joelhos, agarrava-se à perna do pai, aos prantos. Aquilo, sim, me deixava comovida.

– O que foi que a Rosa fez para deixar você tão “maluco”? – perguntei. – Estou muito interessada em saber.

Rosa Alonzo jazia morta no chão, o belo rosto virado para a parede mofada, a cabeça rachada pelo ferro de passar que o marido havia usado para agredi-la.

A tábua estava caída a seu lado e lembrava um cavalo morto. O ar ainda tinha o perfume do spray de passar roupa.

Na última vez em que havíamos conversado, Rosa dissera que não abandonava o marido porque temia que ele a matasse. Por mim, ela teria ido para bem longe com a filha.

O inspetor Richard Conklin, parceiro de Jacobi e mais novo integrante do Departamento de Homicídios, foi até a cozinha e despejou num pote um pouco de ração para o gato que miava sobre a mesa de fórmica.

– É possível que ele fique aqui por um bom tempo – explicou ele sem se virar para nós.

– Ligue para a Secretaria de Proteção aos Animais – falei.

– Já liguei. Disseram que estão ocupados. – Conklin abriu a torneira da pia e encheu outro pote de água.

Alonzo novamente se manifestou:

– Sabe o que foi que ela disse para mim, tenente? “Vai trabalhar!” Caramba, isso me tirou do sério!

Eu o encarei até que ele desviasse o olhar, dizendo à mulher morta:

– Eu não queria ter feito isso, Rosa. Por favor. Me dê mais uma chance!

Jacobi o segurou pelo braço, fazendo com que ele se levantasse.

– Ela perdoa você, companheiro, ela perdoa... – falou. – Agora vamos dar um pequeno passeio.

A menina voltou a chorar quando Patty Whelk, do Juizado de Menores, entrou na sala.

– Oi, Lindsay – disse ela, contornando a vítima no chão. – E esta princesinha aqui, qual é o nome?

Peguei a criança no colo, retirei o laço dos cabelos encaracolados dela e entreguei-a para a assistente social.

– Esta é a Anita Alonzo – falei. – Anita, esta é a Patty.

Patty e eu trocamos um olhar de tristeza enquanto ela acomodava a menina no colo.

Enquanto Patty procurava por uma fralda limpa no quarto, pedi a Conklin que esperasse pelo médico-legista e depois voltei à rua na cola de Jacobi e Alonzo.

– Até mais – falei para Jacobi e fui até meu carro, estacionado junto ao lixo na calçada. Eu virava a chave na ignição quando meu celular tocou. Hoje é sábado, caramba. Quero um pouco de paz!

Atendi no segundo toque.

Era Anthony Tracchio, meu chefe. Ainda que as sirenes berrassem ao fundo, era possível perceber a tensão em sua voz:

– Boxer, houve um atentado numa das balsas. Na Del Norte. Três pessoas mortas. Há alguns feridos. Preciso de você aqui imediatamente.

EU ESTAVA COM UM MAU pressentimento ao imaginar o que poderia ter tirado Tracchio do conforto de sua casa em Oakland num sábado. E esses sentimentos pioraram quando avistei cinco viaturas estacionadas à entrada do píer e duas sobre a calçada nas extremidades da estação das balsas.

Um policial veio em minha direção:

– Por aqui, tenente. – E apontou para a rua que levava à parte sul do píer.

Passsei pelas viaturas, ambulâncias e caminhões dos bombeiros e estacionei próximo ao terminal. Ao sair do carro, senti o frio de 15 graus daquele dia nublado. Um vento agitava as águas da baía, fazendo com que a Del Norte batesse seguidamente contra o píer.

A presença policial havia chamado a atenção das pessoas, que perambulavam entre a estação e o mercado, algumas tirando fotos, outras perguntando o que tinha acontecido. Era como se pudessem farejar pólvora e sangue no ar.

Passsei por baixo da fita amarela que isolava o píer, cumprimentei os policiais conhecidos e ergui o rosto ao ouvir Tracchio chamar meu nome.

Ele estava na prancha da balsa.

Tracchio usava um blazer de camurça e sapatos de couro e, como sempre, o cabelo havia sido penteado de modo a esconder sua calvície. Ele acenou para que eu entrasse na balsa.

Caminhei até ele, mas, logo no início da prancha, precisei dar passagem a dois paramédicos que desciam carregando uma maca. Não pude deixar de olhar para a vítima: uma mulher negra com o rosto inteiramente coberto por uma máscara de oxigênio e o braço espetado por uma cânula de soro. O lençol que cobria seu corpo estava empapado de sangue.

Senti uma repentina dor no peito. Meu coração se manifestava antes que o cérebro pudesse concatenar os fatos.

A vítima era Claire Washburn!

Minha melhor amiga tinha sido ferida na balsa!

Imediatamente me agarrei à maca, interrompendo sua descida e fazendo com que um dos paramédicos berrasse comigo:

– Saia do caminho!

– Sou policial – falei, abrindo a jaqueta para mostrar meu distintivo.

– Você podia ser Deus – rebateu o homem. – Ela está sendo levada para a emergência.

Eu não conseguia me acalmar e meu coração estava prestes a sair pela boca.

– Claire! – chamei, acompanhando a maca pelo píer. – Claire, sou eu, Lindsay! Está me ouvindo?

Nenhuma resposta.

– Como ela está? – perguntei ao paramédico.

– Você ainda não entendeu que precisamos levá-la para o hospital?

– Responda, droga!

– Eu não sei, caramba!

Impotente, observei os dois homens abrirem as portas da ambulância.

Quinze minutos haviam se passado desde o telefonema de Tracchio. Claire esperara no deque durante esse tempo, perdendo sangue, tentando respirar com uma bala dentro do peito.

Segurei a mão da minha amiga enquanto as lágrimas brotavam nos meus olhos. Claire virou o rosto para mim e suas pálpebras tremeram.

– Lindsay... – balbuciou. Retirei a máscara para que ela pudesse falar. – Onde está o Willie? – Logo me lembrei: Willie, filho caçula de Claire, trabalhava nas balsas nos fins de semana, o que talvez explicasse a presença dela ali. – Nós nos separamos. Acho que ele foi atrás do atirador.

capítulo 5

CLAIRE REVIROU OS OLHOS E recolheu a mão. Os paramédicos colocaram a maca na ambulância, fecharam as portas e ligaram a sirene escandalosa.

Minha melhor amiga seguia de ambulância para o Hospital Geral de São Francisco. Era uma corrida contra o tempo.

O atirador havia fugido e Willie tinha corrido atrás dele.

Tracchio pousou a mão no meu ombro e disse:

– Logo vamos ter o retrato falado do homem, Boxer...

Sorri para ele e segui na direção do mercado de peixes, examinando cada rosto enquanto abria caminho através da lenta multidão. Era como andar no meio de um rebanho de gado.

Eu olhava para cada uma das malditas barracas, bem como para o espaço entre elas, passava os olhos pelos corredores, procurando desesperadamente por Willie. Mas foi ele quem me encontrou.

Veio correndo em minha direção, berrando:

– Lindsay! Lindsay!

Sua camiseta estava encharcada de sangue. Ele ofegava sem parar, com o rosto enrijecido pelo medo.

Coloquei as mãos nos ombros dele e, chorando mais uma vez, disse:

– Willie, você está ferido?

Ele fez que não com a cabeça.

– Este sangue não é meu. Mamãe levou um tiro!

Então o puxei para um abraço, um pouco mais aliviada. Ao menos Willie estava bem.

– Sua mãe está a caminho do hospital – falei, sem coragem para dizer que ela ficaria bem. – Você viu o atirador? Como ele é?

– Um cara branco e magricela – respondeu Willie, caminhando a meu lado em meio à multidão. – Tem barba e cabelo comprido, escuro. Ele ficou o tempo todo de cabeça baixa, Lindsay. Não consegui ver os olhos dele.

– Quanto anos ele parecia ter?

– Tipo... alguns anos a menos que você.

– Trinta e poucos?

– Isso. E é mais alto do que eu. Mais de um metro e oitenta. Estava com uma calça cargo e uma jaqueta de náilon azul. Lindsay, ouvi-o dizer que era obrigação da mamãe evitar que ele atirasse em mais alguém. Que diabos ele queria dizer com aquilo?

Claire é a legista-chefe de São Francisco. Uma patologista forense, não uma policial.

– Acha que foi algo pessoal? Que o alvo dele era sua mãe? Ele talvez a conhecesse?

Willie balançou a cabeça de forma negativa.

– Eu estava ajudando a amarrar a balsa quando a gritaria começou – disse ele. – O homem atirou em outras pessoas primeiro. Mamãe foi a última. Ele estava com a arma

apontada para a cabeça dela. Peguei uma barra de ferro para acertá-lo, mas o sujeito atirou em mim também. Depois pulou para fora da balsa. Fui atrás dele, mas acabei perdendo-o de vista.

Eu então me dei conta do que Willie havia feito. Agarrando-o pelos ombros e falando alto, disse:

– E se você tivesse alcançado o sujeito, Willie? Você parou para pensar nisso? Aquele “cara branco e magricela” estava armado. Teria matado você!

Lágrimas brotaram nos olhos e escorreram pelo rosto de Willie. Comovida, puxei-o para outro abraço, falando:

– Mas você foi corajoso. Foi muita coragem sua proteger Claire. Acho que salvou a vida dela.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DA SÉRIE
CLUBE DAS MULHERES CONTRA O CRIME

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO DO MUNDO

JAMES PATTERSON

E MAXINE PAETRO

4 DE JULHO

Ela não teve escolha e agora está no banco dos réus. Um novo desafio para o **Clube das Mulheres contra o Crime.**



4 de Julho James Patterson

Lindsay Boxer é uma policial exemplar. Chefe do Departamento de Homicídios da Polícia de São Francisco, a tenente recebeu várias medalhas e menções honrosas durante seus 10 anos de serviço.

Ao fim de um cansativo dia de trabalho, Lindsay se encontra com Claire Washburn e Cindy Thomas num bar. As três amigas compõem o Clube das Mulheres contra o Crime,

grupo que tenta solucionar os casos ocorridos na cidade.

Após alguns drinques, a tenente recebe uma ligação do inspetor Warren Jacobi. Ele acaba de localizar um veículo suspeito, visto na cena de um crime. Em poucos minutos Lindsay está no carro de Jacobi, cruzando a cidade na cola de um Mercedes preto.

Depois de uma longa perseguição, a abordagem policial acaba fugindo do controle. Os dois adolescentes que estavam no carro reagem, descarregando suas armas contra a dupla de policiais. A tenente atira em legítima defesa, mas o resultado é uma menina morta e um garoto tetraplégico.

Lindsay é acusada, entre outras coisas, de má conduta profissional e se vê num lugar que nunca imaginaria ocupar: o banco dos réus. Será o fim do Clube das Mulheres contra o Crime? A jovem advogada Yuki Castellano conseguirá provar a inocência da tenente?

Enquanto aguarda o julgamento, Lindsay decide passar uma temporada em Half Moon Bay. Mas a pacata cidade vem sendo palco de crimes brutais e a polícia parece não fazer nada. Mesmo de licença e fora de sua jurisdição, a tenente resolve investigar os assassinatos, com a ajuda de Claire e Cindy. Para sua surpresa, ela encontra ligações entre aquelas mortes e um caso ocorrido 10 anos antes, que ainda é uma mancha em sua carreira.

O Clube das Mulheres contra o Crime é uma das melhores séries de suspense de todos os tempos. Escrito de maneira ágil e envolvente, 4 de Julho comprova por que os livros de James Patterson sempre chegam ao topo das listas de mais vendidos nos países onde são publicados.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga-nos no Twitter @editoraarqueiro.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para o Twitter @editoraarqueiro.

E

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br